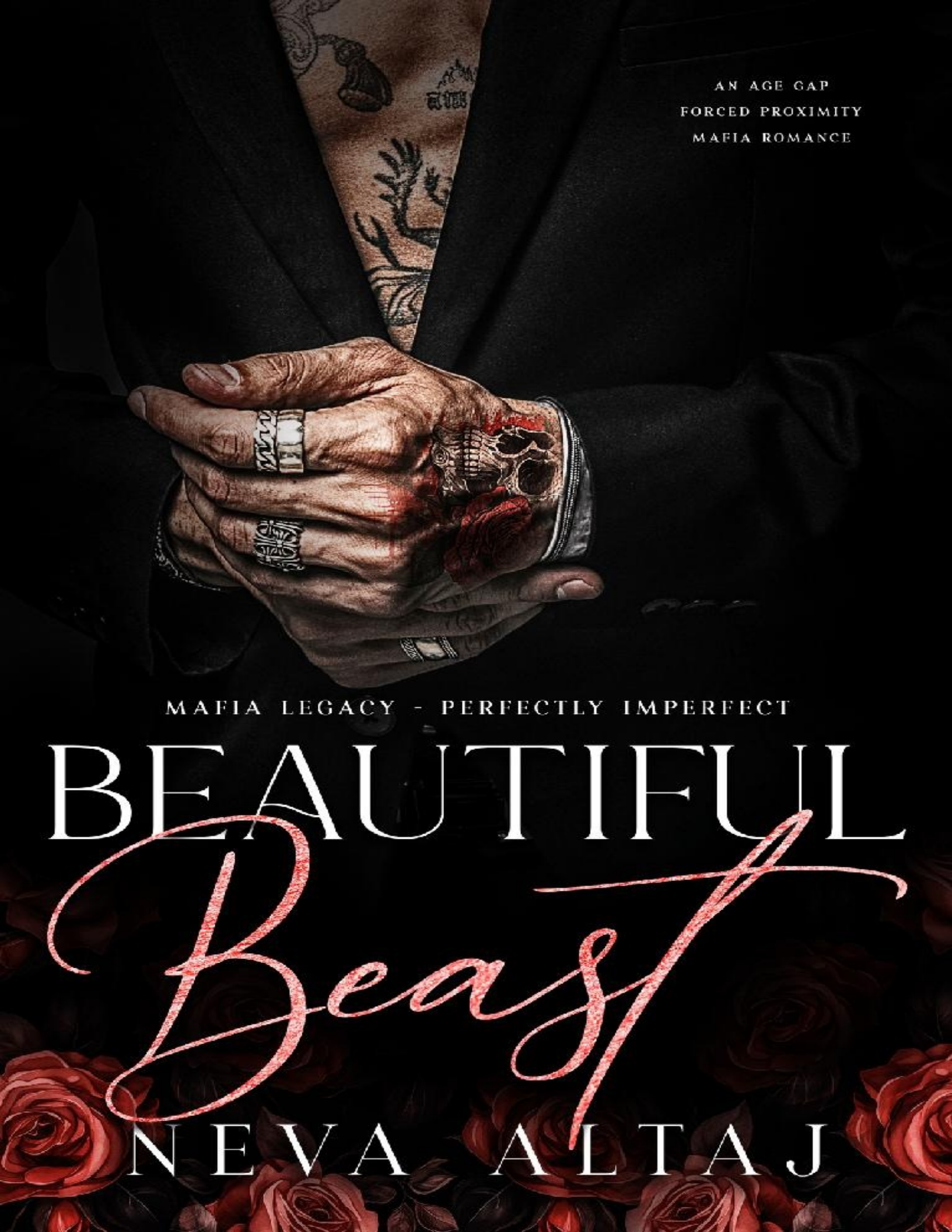


MAFIA LEGACY - PERFECTLY IMPERFECT

BEAUTIFUL Beast

NEVA ALTAJ

Índice

Notas de licença
Dedicação
Índice
Nota do autor
Glossário
Aviso de gatilho
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Epílogo
Caro leitor,
Agradecimentos
Sobre o autor
Ordem de leitura e tropos perfeitamente imperfeitos

Ordem de leitura e tropos do legado da máfia

MAFIA LEGACY - PERFECTLY IMPERFECT

BEAUTIFUL Beast

NEVA ALTAJ

Notas de licença

Direitos autorais © 2024 Neva Altaj

www.neva-altaj.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma sem permissão do editor, exceto conforme permitido pela lei de direitos autorais dos EUA.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Edição de Andie Edwards de Beyond The Proof (www.beyondtheproof.ca)

Revisão por Yvette Rebello (https://yreditor.com/)

Crítica do manuscrito por Anka Lesko (www.amlediting.com)

Consulta de língua italiana por Chiara (Instagram @another.librarian)

Edição estilística de Anna Corbeaux (www.corbeauxeditorialservices.com)

Design da capa por Deranged Doctor (www.derangeddoctordesign.com)

Dedicação

Para todos que amam A Bela e a Fera.
Espero que você goste de Vasilisa e Rafael.
*
E para meus seguidores do IG: ***Sim*** *, o ponto de vista de Roman está incluído.*

Índice

Notas de licença
Dedicação
Índice
Nota do autor
Glossário
Aviso de gatilho
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Epílogo
Caro leitor,
Agradecimentos
Sobre o autor
Ordem de leitura e tropos perfeitamente imperfeitos
Ordem de leitura e tropos do legado da máfia

Nota do autor

Nosso mundo é um lugar maravilhoso, repleto de uma infinidade de pessoas, culturas e tradições. Não importa quais sejam as nossas diferenças, existe um fio comum que nos une – somos todos parte dele. Ser escritor me dá a oportunidade de ampliar meus horizontes, mesmo que isso signifique não me aventurar muito longe de minha mesa e laptop.

Para o benefício dos meus leitores mais difundidos que talvez não estejam cientes, incluí algumas notas culturais que surgem ao longo deste livro e da série.

Sicília: localização e idioma

A Sicília é uma das cinco regiões autônomas da Itália. O governo local tem poderes administrativos que permitem a proteção das diferenças culturais e das minorias linguísticas. No entanto, a Sicília faz parte da Itália e não é um país independente.

A região é a maior e mais populosa ilha do Mar Mediterrâneo e está localizada ao sul da península italiana. Embora a Sicília tenha seu próprio dialeto distinto (ou seja, o siciliano) e muitas pessoas sejam bilíngues, a língua oficial é o italiano, o mesmo que na Itália continental.

Assim, os personagens deste livro falam italiano.

Nomes russos: patronímico, familiar e diminutivo

Os nomes russos consistem em três partes: nome, nome do meio (patronímico) e sobrenome (nome de família). O patronímico é derivado do nome do pai (ou de outro ancestral paterno, em certos casos), com adição de um sufixo. Alguns leitores podem estar mais familiarizados com uma prática cultural semelhante de usar uma referência “filho de” para nomes de família (por exemplo, Tomson = “filho de Tom”).

No patronímico russo, a terminação do nome é alterada para indicar o sexo do portador do nome. Para um homem, são usados os sufixos “evich” ou “ovich”. Para uma mulher, são “evna” ou “ovna”. Por exemplo, Vasilisa Romanovna Petrova (Vasilisa “filha de Roman” Petrova).

Deve-se notar, também, que os russos prevalecem no uso de formas curtas (“íntimas”) de nomes (por exemplo, Vasilisa seria abreviado para Vasya).

Glossário

Nota: Quando se trata de insultos que não sejam em inglês (tanto em italiano quanto em russo), a frase literal costuma ser extremamente vulgar, mas perde o significado na tradução direta. Assim, uma redação equivalente é usada para representar o contexto.

Palavras e frases em italiano

Vespetta – pequena vespa (diminutivo)

Cumpari – padrinho

Signore/Signor – senhor. O "e" no final é sempre omitido quando usado em conjunto com um nome (por exemplo, *Signor De Santi* ; mas, *Sim, signore* .)

Você quer provar o presunto? – Gostaria de provar o presunto?

Che cazzo! – Que porra é essa?

Vamos lá! - Cale-se; fique quieto!

O que é isso ? - Quem é essa mulher)?

Obrigado, idiota. Ho bisogno di quella vernice. – Depressa, idiota. Eu preciso dessa tinta.

Você conhece a garota do Raffaello? – Você é namorada do Rafael?

Pronto – Pronto

O que foi feito com sucesso? - O que aconteceu?

Merda. Venti minutos. - Merda. Vinte minutos.

Boa sorte, signorina. – Boa noite, senhorita.

Não toccarla. Leiè mia. Capitão? - Não toque nela. Ela é minha. Entender?

SI. Olá, capitão. Mi dispiace muito. - SIM. Eu entendo. Eu sinto muito.

Você pode cometer erros por causa disso. – Eu poderia te matar por isso.

Digo que é urgente. – Ele diz que é urgente.

Ma che fai, forte?! – O que você está fazendo, idiota?!

Vafanculo! Você sabe? Madona Papai Noel! – Vá se foder! Você é cego? Querida Mãe de Deus!

Coglione! Mangia merda e morte, porca puttana! - Idiota! Coma merda e morra, sua porca puta!

Testa di cazzo. – Seu idiota.

Tudo bem? - Tudo certo?

A minha princesa russa. – Minha princesa russa.

Não você lascerò mai andare. - Eu nunca vou deixar você ir.

Já está? - Você está pronto?

Si. Iniciamos. - Sim. Vamos começar.

Vi dichiaro marito e moglie. – Agora eu os declaro marido e mulher.

Farei qualsiasi cosa per te. Perfino lasciarti andare. - Eu faria qualquer coisa por você. Até mesmo deixar você ir.

Palavras e frases em russo

Сволочь – Escória

Придурок – Idiota, idiota

Какой ужасный беспорядок. – Que bagunça horrível.

Minha vida é nova, Sergei. Político? – Preciso dele vivo, Sergei. Você entende?

Aviso de gatilho

Esteja ciente de que este livro contém conteúdo que alguns leitores podem achar perturbador, como menções à morte de um membro imediato da família, bem como descrições gráficas de violência, tortura e sangue coagulado.

Prólogo



20 anos atras

(Rafael, 19 anos)

“Limpo”, eu digo ao telefone.

Um momento depois, um homem vestido como trabalhador de manutenção sai da exclusiva loja de antiguidades e joias no outro extremo do longo corredor, correndo em direção a uma porta com uma placa de saída de emergência no alto. Mesmo com o boné de beisebol abaixado, Jemin mantém a cabeça baixa e o telefone pressionado no ouvido, tentando esconder o rosto da multidão de câmeras de vigilância. O cara está sendo cauteloso apesar de Endri Dushku, o líder da máfia albanesa, ter desembolsado uma bela moeda para um cara no escritório de segurança do shopping para estragar o vídeo por dez minutos.

No momento em que Jemin desaparece de vista, entro na escada exclusiva para funcionários. "Estou descendo."

“Não”, ordena a voz do outro lado. “Endri quer um vídeo da explosão. Ajustei o cronômetro para cinco minutos, então prepare sua câmera. Estarei esperando na saída da garagem quando você terminar.”

Levanto a manga para dar uma olhada no meu relógio de pulso. É velho, o vidro está arranhado e a pulseira de couro está desgastada. Além das roupas que vestia, era o único item pessoal que tinha comigo quando meu irmão e eu fugimos da Sicília.

“Tudo bem”, resmungo ao telefone e desligo.

Me irrita muito seguir ordens de um idiota pretensioso como Jemin, mas essa merda acaba hoje. O acordo que fiz com o chefe da máfia albanesa expira esta noite.

Ontem, para minha total surpresa, Dushku me ofereceu um cargo regular no clã albanês, que inclui todos os benefícios padrão. Fiquei tentado a concordar. Isso significaria segurança e não falta de dinheiro. Mas não respeito. Eu continuaria sendo nada mais do que a escória siciliana que eles haviam acolhido. Então, respeitosamente, recusei a oferta.

No mundo caótico e violento do crime organizado, poucos valores são defendidos. A única exceção: manter a palavra. E Endri Dushku cumpre suas promessas. A partir desta noite, sou um homem livre. Com a experiência e as ligações clandestinas que promovi enquanto trabalhava para os albaneses, posso facilmente ganhar a vida e alcançar os meus objetivos. Prometi ao meu irmão

que um dia voltaríamos para casa. E eu também cumpro minhas promessas.

Eu só tenho que terminar este trabalho.

Abrindo a porta da escada, fico de olho no ponteiro dos segundos enquanto ele gira em torno do meu relógio de pulso. O tique-taque fraco é o único som que quebra o silêncio, ricocheteando nas paredes de concreto como um maldito sussurro dentro de uma capela de teto alto. O shopping só abrirá daqui a algumas horas, então não há quase ninguém por perto. Os funcionários da maioria das lojas não chegarão tão cedo e todos os demais tendem a se reunir em áreas mais públicas, como a praça de alimentação. Esta extremidade do complexo está deserta, condição perfeita para instalar os explosivos dentro da loja cheia de bugigangas velhas e porcarias delicadas e brilhantes com as quais ninguém nascido neste século se importa. O dono da loja é da velha escola e deveria ter pensado melhor antes de recusar a “proteção” do clã albanês. Se ele não tivesse se recusado a pagar, Dushku não teria decidido dar uma lição no cara, começando esta semana com força. A bomba dentro da loja destruirá a porra da coisa e destruirá os itens colecionáveis que estão guardados em um zilhão de caixas de vidro.

Estou configurando meu telefone para começar a gravar quando a risada feliz de uma criança ecoa pelo corredor do shopping. Meu corpo fica totalmente imóvel. Não deveria haver ninguém aqui agora. Muito menos crianças.

“Não entendo por que você teve que incomodar a pobre mulher para nos ajudar antes mesmo de o lugar abrir.” Uma voz feminina vem em minha direção. “Poderíamos ter pegado o vestido mais tarde.”

“Eu não estava com vontade de lidar com multidões”, responde um homem enquanto o barulho dos pezinhos se aproxima. "Bebê! Volte aqui!"

"Oh, apenas deixe-a em paz." A mulher novamente. “Você sabe que ela gosta daquelas rosas de cristal na vitrine da loja de antiguidades. De qualquer maneira, não há ninguém por perto e você ainda pode vê-la daqui.”

Minha mão aperta a borda da porta com tanta força que a madeira racha. Um baque ensurdecedor reverbera pela minha cabeça – meu coração batendo tão alto que poderia rivalizar com um trovão ensurdecedor enquanto meu cérebro processa a situação. Não há tempo suficiente para ligar para Jemin e fazê-lo desligar o cronômetro. Mesmo se eu fizer isso, é duvidoso que ele me escute. Ele nunca se importou com danos colaterais.

Risadas alegres ecoam pelo espaço enquanto uma garotinha, de não mais de três anos, passa correndo pela escada, direto para a vitrine iluminada do antiquário. A loja que vai explodir em pedacinhos quando o dispositivo incendiário explodir.

Eu não acho – eu corro.

A adrenalina corre em minhas veias enquanto corro atrás da criança que está quase na metade do caminho para a loja neste momento, gritando de alegria. Seus braços se erguem à sua frente, alcançando as brilhantes flores de cristal expostas sob as luzes da vitrine. Dez pés nos separam.

Duas vozes – os pais – estão gritando em algum lugar atrás de mim. Eles devem estar pirando com um estranho perseguindo sua filha, mas não há tempo para explicar. Esses explosivos explodirão a qualquer momento.

"Parar!" Eu rugo a plenos pulmões.

A garota para.

Cinco pés.

Ela se vira, seus olhos encontrando os meus. Tarde demais. Vou chegar tarde demais para tirá-la do perigo.

Um pé.

Pego a garota em meus braços no momento em que a forte detonação corta o ar.

A dor queima meu rosto e minhas mãos enquanto cacos de vidro atingem minha carne, a sensação é tão avassaladora que não consigo puxar ar para os pulmões. Uma nuvem de fumaça e poeira gira ao meu redor, como se eu estivesse preso em um redemoinho feroz em algum lugar nas profundezas do inferno. Meus braços estão tremendo, mas mantenho a menina pressionada contra meu peito, a cabeça enfiada sob meu queixo e meus membros protegendo suas costas.

Por favor, Deus, deixe-a ficar bem.

Tudo aconteceu tão rápido que eu nem tive a chance de me virar, muito menos de levá-la para algum lugar seguro, mas ela é tão pequena que meu corpo a envolve quase completamente. Entre o zumbido na minha cabeça e o barulho dos alarmes de incêndio e de segurança, não consigo ouvi-la – nenhum lamento aterrorizado, nem mesmo um respiração estremecedora. Mas ouço o barulho de pés correndo e os gritos dolorosos da mulher.

Um tremor percorre minha espinha e minha perna direita dobra sob mim, meu joelho batendo no chão. A dor é tão intensa que puxar ar suficiente para os pulmões fica mais difícil a cada respiração. Não tenho mais força suficiente para me manter em pé. A única coisa em que consigo me concentrar é em manter a garota grudada no meu peito. Deslizo minha mão até sua bochecha e me deixo cair de lado no chão. Imediatamente, outro ataque de agonia arde em meu rosto ao atingir a superfície coberta de vidro. Fragmentos irregulares perfuram as costas da minha mão, que ainda segura a bochecha da garota, mantendo-a afastada do piso perigoso.

Não devem ter passado mais do que alguns segundos desde a explosão, mas parece que horas se passaram. Minha visão está ficando embaçada, tudo ao meu redor está se dissolvendo em uma névoa disforme. Tudo, exceto um par de grandes olhos escuros, brilhando como ônix polido entre os fios de cabelo preto. Sangue e manchas mancham as bochechas e a testa da menina, mas ela não está chorando. Apenas segurando minha camisa e... . . olhando para mim. Como se ela estivesse irritada comigo por atrapalhar sua hora de brincar. Eu riria, mas não tenho energia.

O garoto está ileso.

Não me tornei um assassino de crianças.

Ainda é apenas um assassino.

Tudo ao meu redor continua a desaparecer. Alguém está mexendo nas luzes? A única coisa que consigo ver são os olhos ônix da garota.

Mas então, eles também se foram.

Capítulo 1



20 anos depois
Dias de hoje

Ser sequestrado é uma merda.

Ser sequestrado com a bexiga cheia é uma droga significativamente maior.

“Eu preciso fazer xixi”, murmuro.

O idiota na minha frente levanta os olhos do telefone e me envia um sorriso sinistro. Na verdade, não tem o impacto que ele pretendia porque se transforma instantaneamente em uma careta de dor. Ele pressiona a palma da mão carnuda no queixo, dando tapinhas no grande hematoma vermelho que se espalha por sua cara feia.

“Não,” ele late e volta a mexer em seu dispositivo, me dispensando completamente. Parece que ele ainda está pensando que eu bati nele com minha mochila.

O ronco baixo dos motores do avião compete com os sons de um jogo de futebol vindo do alto-falante do seu telefone. Eu fecho minhas mãos para evitar que tremam. Entrar na histeria não resultaria em absolutamente nada e provavelmente diminuiria ainda mais minhas chances de escapar. Eu preciso ficar calmo. Ou, o mais calmo possível, considerando a minha situação atual.

Mais fácil falar do que fazer.

Meus olhos deslizam pelo interior chique da aeronave. Em cada lado do corredor central, quatro grandes poltronas reclináveis dominam o espaço. Na frente da cabine, dois sofás macios ficam de frente um para o outro. O interior é todo em couro bege imaculado e ricos detalhes em madeira. Já estive em aviões particulares diversas vezes, mas este é outro nível de extravagância.

No que diz respeito às condições para ser detido contra a sua vontade, estas poderiam ser muito piores, mas um ambiente agradável não diminui o meu pânico crescente. O idiota número dois está esparramado no sofá do lado esquerdo, assistindo — entre todas as coisas — a um comercial de viagens na TV de tela grande montada no anteparo.

Meu coração continua batendo em staccato dentro da minha caixa torácica, assim como aconteceu quando esses dois idiotas me pegaram na rua e me enfiaram na van deles. Os bastardos nunca me disseram por que me atacaram ou para onde estavam me levando. Dirigimos por algum tempo para chegar a um

pequeno aeroporto particular nos arredores de Chicago. O avião já estava esperando na pista quando paramos.

Há quanto tempo estamos voando? Uma hora? Dois? Dez? Não tenho certeza porque eles colocaram um pano com cheiro de ácido na minha boca e nariz no momento em que pisamos neste avião. Acho que não deveria ter dado uma joelhada nas bolas do idiota amante do infomercial enquanto subia as escadas. Não posso dizer que ele gostou.

Volto-me para o canalha sentado à minha frente. Ele ainda está fingindo estar absorto no jogo em seu telefone, mas está olhando para mim quando pensa que eu não estou olhando. Maldito idiota.

“Escute, se você não me levar ao banheiro, vou fazer xixi aqui mesmo.” Alargo minhas pernas tanto quanto meus tornozelos amarrados permitem. “Mas não tenho certeza se o couro sofisticado vai ficar bem.”

"Cristo!" Ele salta da cadeira e agarra meu braço, me puxando para ficar de pé. “Hank, estou levando o maluco ao banheiro.”

“Mantenha os olhos nas mãos dela desta vez ou você vai acabar com outro hematoma”, Hank geme do sofá, movendo a mão para mover o pau como se estivesse preocupado em perdê-lo.

“Não consigo andar com as pernas amarradas, idiota!” — pergunto enquanto o homem me arrasta pelo corredor estreito entre os assentos. “E eu preciso que você remova as algemas.”

“Então pule. E não estou liberando suas mãos.” Ele agarra os elos entre meus pulsos e puxa.

Eu grito de dor. A pele dos meus pulsos já está em carne viva desde quando ele me puxou pelas últimas escadas enquanto estávamos embarcando. Isso aconteceu depois que cheguei perto das joias de seu amigo. Meus olhos ardem com lágrimas não derramadas, mas pisco rapidamente, mantendo o sistema hidráulico sob controle por pura vontade. Eu meio que me arrasto, meio pulo entre os assentos antes que a brutalidade do idiota me faça cair de cara no chão. Quando chegamos à parte de trás do avião, ele abre a porta do banheiro e me empurra para dentro.

“Você tem cinco minutos,” ele rosna e bate a porta.

Assim como o resto do jato, o banheiro é luxuoso. Não há pia de aço inoxidável e tal aqui; são todos armários de madeira marrom escuro e estofados de couro bege. Há até um pequeno banco almofadado no canto. A penteadeira de aparência elegante e o banheiro ficam do lado oposto. Levo quatro saltos para alcançá-los.

Cuido dos meus negócios tão rápido quanto minhas mãos algemadas permitem, depois olho em volta enquanto tento acalmar meus nervos. Realmente não funciona. Sinto uma sensação doentia na garganta, como se eu fosse vomitar a qualquer momento, e o interior desta sala luxuosa parece estar girando ao meu redor. Minhas mãos ainda tremem, em parte por causa da dor, mas principalmente por medo. Já passei por algumas situações estressantes em minha

vida. Um tiroteio, quando eu tinha quatro anos. Dois pequenos incêndios quando nosso cozinheiro acidentalmente incendiou a cozinha enquanto experimentava receitas francesas. Até mesmo uma tentativa de invasão à nossa casa, quando meu pai estava em guerra com uma organização criminosa rival, alguns anos atrás. Mas nada de sequestros. Talvez eu devesse ter esperado isso, visto que meu pai é o líder do Chicago Bratva.

Quando fui agarrado na rua, em plena luz do dia, tive certeza de que tinha algo a ver com meu pai. Resgatar a filha do pakhan pode potencialmente render muito dinheiro a alguém - isto é, se o idiota viver o suficiente para ver isso. Mas agora, não creio que se trate de ganhar dinheiro com sequestros. Considerando o que vi até agora, quem quer que tenha me sequestrado deve estar muito carregado. Isso é por causa de alguma rivalidade entre a máfia? Retaliação por algo que meu pai fez?

Bang!

"Você já terminou?" uma voz irritada ferve do outro lado da porta.

“Preciso de mais alguns minutos!” — grito de volta enquanto me agacho para abrir o armário embaixo da pia. “Não é exatamente fácil desabotoar jeans com as mãos algemadas.”

Ele late alguma coisa em resposta, mas não ouço, muito concentrado em vasculhar o conteúdo do armário. Papel higiênico. Toalhas. Sabonete extra. E . . . uma escova de dentes descartável.

“Eu posso trabalhar com isso,” eu sussurro.

Rasgo o filme plástico com os dentes e, de alguma forma, consigo enfiar a escova na manga. Então, continuo examinando o resto dos suprimentos.

Esponja. Mais toalhas. Preservativos. *Realmente?* Quem diabos fode em um avião? Balanço a cabeça e continuo. Fio dental. Hum-hmm. . . Eu arranco o comprimento de um braço, enrolando as duas pontas meus dedos para deixá-lo esticado e, em seguida, separe-os o máximo que puder, testando o quão resistente é. Certa vez, meu tio me mostrou como estrangular alguém usando um garrote e... O fio de merda se rompe na segunda puxada. Sim . . . isso não vai funcionar. Mudo minha atenção para a prateleira inferior.

Material de limpeza, mas as garrafas são grandes demais para serem escondidas. Luvas de plástico. E . . . um desodorante em spray. Masculino. Tamanho da viagem. Perfeito.

Pego o recipiente, endireito-me e empurro o pequeno tubo no cós da minha calça jeans. A porta se abre no momento em que estou ajustando minha camisa enorme para cobrir meu estoque escondido.

"Você fez?" o idiota pergunta. Acredito que Hank se referiu a esse cara como Vinny antes.

"Sim." Aperto o botão para dar descarga e lavo as mãos enquanto o idiota impaciente me encara da porta. Bunda. Buraco.

Sem outra opção, saio do banheiro. O tempo todo, o desodorante escondido

penetra em meu quadril. Não tenho certeza de que tipo de dano posso causar com desodorante e escova de dente, mas veremos. Preciso tentar escapar no momento em que pousarmos e depois encontrar um telefone, ou talvez nunca mais tenha outra chance.

Meu pai tem conexões em todos os EUA. Ele virá atrás de mim imediatamente. Ou, se não estivermos perto de Chicago, papai providenciará alguém para me buscar e me levar para algum lugar seguro até que ele chegue. *E ele vai matar esses bastardos. . .*

Saltar.

. . . Em um . . .

Saltar.

. . . muito . . .

Saltar.

. . . maneira dolorosa.

*** * ***

“Chegamos”, diz Vinny cerca de uma hora depois. “Vou liberar suas pernas agora, mas se você tentar puxar alguma coisa de novo, vai se arrepender.”

"Onde estamos?" — pergunto humildemente, decidindo que uma mudança de tática é necessária. Talvez se eles acharem que parei de resistir, baixem a guarda?

O bastardo ignora minha pergunta. Ele corta os zíperes dos meus tornozelos, depois agarra meu braço e me levanta para ficar de pé. "Mover."

Ando entre os assentos e desço as escadas estreitas do avião até a pista, com o idiota número um atrás de mim e o idiota dois liderando o caminho. O ar está fresco e o cheiro de salmoura é transportado pela leve brisa. Estamos perto da costa. Flórida talvez? É muito mais quente aqui do que em Chicago.

O bastardo cujas bolas coloquei no joelho – Hank – para ao pé da escada, olhando para a estrada de terra que se estende para longe da pista. Olho em volta, observando o que me rodeia. Não há vivalma à vista e, além de um pequeno prédio ao lado, não há outras estruturas. Este não é um aeroporto de verdade. Apenas um campo de aviação. Uma pista pavimentada. Grama. E colinas onduladas. Nunca estive na Flórida, mas não acho que seja assim.

O grito estridente de um pássaro soa em algum lugar acima de mim, e inclino a cabeça para cima, concentrando-me na fonte. É uma gaivota. Eu aperto meus olhos porque o sol está alto no céu. Meio-dia. Não pode ser meio-dia. Fui sequestrado no final da tarde.

“Guido está atrasado”, Vinny diz enquanto fica ao lado de Hank, seu aperto forte em meu braço implacável.

“Ele estará aqui em breve.” Hank encolhe os ombros e enfia a mão no bolso

para tirar um maço de cigarros.

Deixo de lado os pensamentos sobre a hora do dia e fixo os olhos no isqueiro aceso na mão de Hank. Minha frequência cardíaca dispara, a adrenalina correndo em minhas veias enquanto olho para a pequena chama. Esta é minha chance. Mas preciso que meu braço esteja livre.

"Posso pegar um?" Eu pergunto. "Por favor?"

Hank estreita os olhos para mim. "Quantos anos você tem? Treze?"

Suprimo a vontade de dar uma joelhada nele novamente e, em vez disso, sorrio. Assim como minha mãe, posso ser mais baixa que a maioria das mulheres, mas tenho certeza de que o idiota pode ver o volume dos seios sob minha camisa larga.

"Vinte e três."

“Sim, claro”, Hank bufa, tirando um cigarro do maço e oferecendo-o para mim.

"Você se importa?" Afasto meu braço dos dedos apertados e parecidos com salsichas de Vinny.

Vinny grunhe, mas me solta.

Pego o cigarro oferecido e coloco-o entre os lábios, afastando alguns fios de cabelo que o vento leve joga em meu rosto. Mais do inconfundível ar marinho invade minhas narinas enquanto movo lentamente minhas mãos até o cós da minha calça jeans. Hank sacode seu Zippo novamente e o estende para mim.

Meus lábios se alargam em um sorriso açucarado. "Obrigado."

Eu me inclino para trás e levanto a lata de desodorante na minha frente, pressionando o bocal. Por um instante, um aroma masculino e nítido me envolve, mas no instante seguinte, o spray atinge a chama e a deliciosa fragrância masculina se transforma no fedor de tecido queimado e pele carbonizada quando meu lança-chamas improvisado atinge seu alvo.

Hank ruge e cambaleia para trás, para longe do fluxo de fogo. Nunca esperei ter a oportunidade de experimentar esse truque específico que o tio Sergei me mostrou, mas a vida é cheia de surpresas.

O triunfo não dura muito, entretanto. A dor atinge o topo da minha cabeça quando Vinny agarra um punhado do meu cabelo. Eu grito. Lágrimas brotam em meus olhos e, por um breve momento, a vontade de simplesmente me render me domina. *Não. Não está acontecendo.* Deslizo a escova de dentes da manga para a palma da mão. Agarrando a ponta eriçada com as mãos algemadas, eu balanço, mirando no olho esquerdo do filho da puta.

O capanga é tão grande que meu golpe apenas roça sua pálpebra, deixando um arranhão em sua bochecha. Ainda assim, Vinny grita e seu domínio sobre mim escorrega. No momento em que estou livre, viro-me e corro pela pista em direção à estrada de terra. É uma trilha estreita, em vez de um caminho normal para veículos, ladeada por oliveiras de ambos os lados. Ainda tonto por causa de

qualquer merda que eles me aplicaram, e com as pernas bambas por ter ficado amarrado por um longo tempo, correr é um desafio. Tropeço duas vezes, mas a adrenalina que flui pela minha corrente sanguínea me mantém em movimento. Esta é provavelmente a única chance que terei de escapar.

Estou a meio caminho da estrada de terra quando o ronco profundo de um motor ecoa nas colinas ao redor. Uma nuvem de poeira se eleva entre as árvores e um carro surge na curva. O elegante veículo esportivo branco, parecendo completamente deslocado neste ambiente rural, se aproxima. Por uma fração de segundo, hesito, sem saber se a pessoa que está no carro é amiga ou inimiga, mas não tenho outra opção. Continuo correndo em direção a ele.

Eu só dou alguns passos antes que todo o ar deixe meus pulmões quando duas mãos me agarram por trás e me levantam.

"Sua vadia!" Vinny rosna perto do meu ouvido.

"Ajuda!" Eu grito enquanto chuto minhas pernas.

“Porra, pare!”

"Nunca!" Eu me contorço para a esquerda e para a direita, tentando me libertar, mas seu domínio não vacila.

O carro branco para a poucos metros de nós. A porta do motorista se abre e um homem loiro de quase vinte e poucos anos sai. Ele está vestindo jeans desbotados e uma camiseta branca lisa.

“Por favor, me ajude,” eu sufoco, olhando para o recém-chegado.

Ele me dá uma rápida olhada e depois olha para Vinny. "O que é isso?"

Sua voz é rouca e carrega um leve sotaque, indicativo de um falante não nativo de inglês.

"O hacker." A resposta rosnada vem logo atrás de mim.

Que diabos? Eu tinha certeza de que tinha sido sequestrado por causa de quem meu pai é, e não por causa do meu pequeno hobby. Talvez esses caras nem saibam quem eu sou.

As sobrancelhas do cara Jean atingiram a linha do cabelo. Seus olhos verdes se voltam para mim, examinando da cabeça aos pés, e depois voltam para cima para parar no meu cabelo emaranhado.

“Uma reviravolta tão interessante.” Ele encontra meu olhar. “Bem-vindo à Sicília, senhorita.”

Capítulo 2

Duas semanas antes



Propriedade De Santi, perto de Taormina, Sicília

“Sinto muito por ligar tão cedo, chefe”, diz meu especialista em TI do outro lado da linha. “Mas aconteceu de novo.”

Eu recuo, meu pau escorregando da minha última conexão. Ela está esparramada na minha frente na mesa, seu cabelo ruivo espalhado pela borda. Aperto o telefone na orelha. "O que?"

“Não entendo como”, continua Mitch em um tom ligeiramente histérico. “Reinstalamos todos os firewalls e quatro caras passaram a noite inteira tentando violá-los. Tudo parecia sólido.”

“Não seria sólido se alguém entrasse em nosso sistema novamente,” eu rosno.

"Rafael? O que está acontecendo, amor? Constanza ofega, olhando para mim por entre suas pernas alargadas. Seus lábios estão abertos em um sorriso sedutor. No entanto, em vez do meu rosto, os olhos dela estão fixos no local logo acima da minha clavícula.

"Vestir-se." Eu me viro e atravesso meu escritório até as portas abertas da varanda. “O que eles fizeram desta vez, Mitch?”

“Criamos uma ordem de pagamento que iniciou uma transferência eletrônica de nossa conta de marketing para um coral infantil de uma igreja em Seattle. Mas foram apenas vinte dólares, o que não chega a ser um inconveniente, certo?

Minha mão aperta o batente da porta da varanda. “Somos a maior empresa de segurança pessoal nesta parte do mundo, e alguém vem invadindo nossos sistemas há meses, fazendo-nos parecer idiotas. Você considera *isso* um pequeno inconveniente?

"Sim . . . Eu quero dizer não. Claro que não."

Meu olhar passa pelas copas das árvores e pela vegetação exuberante do jardim abaixo, até o horizonte, onde a luz do sol da manhã reflete na extensão infinita do mar. Mais abaixo, na costa, meus dois iates estão ancorados em uma pequena marina, balançando nas ondas suaves.

Quando Guido e eu fugimos da Sicília, há vinte e cinco anos, não tínhamos

documentação para estar nos EUA, por isso não havia meios de conseguir um emprego legal, especialmente sendo menor de idade. Batendo carteiras nas ruas, eu mal conseguia alimentar meu irmão. Minha única opção era entrar em contato com o clã albanês local. Eles concordaram em acolher a mim e ao meu irmão. Mas estabeleceram termos muito claros. Eles forneceriam as identificações necessárias, um teto sobre nossas cabeças e comida para que não tivéssemos que procurar restos e, em troca, eu teria que cumprir suas ordens pelos próximos cinco anos, sem fazer perguntas. Quando aceitei a oferta de Dushku, eu não comia há quase dois dias. Tudo o que "ganhei" foi para o aluguel do quarto na garagem precária que servia de nossa casa. Diante da fome ou de aceitar um acordo com o diabo, escolhi a última opção.

No início, recebi tarefas de recados – transmitir mensagens importantes demais para correr o risco de serem enviadas eletronicamente, negociar cocaína ou fazer desaparecer cadáveres. Então, fui designado para Jemin, para ser seu reserva. Como um dos executores de Dushku, Jemin ficou mais do que feliz em ficar em segundo plano e me deixar fazer todo o trabalho sujo. para ele. Espancamentos. Tortura. E, claro, eliminar quem quer que Dushku considerasse dispensável, quer estivessem dentro de sua própria organização ou alguém de fora que simplesmente estivesse em seu caminho. Troquei cinco anos da minha vida e grande parte da minha alma para garantir que Guido nunca mais fosse para a cama com fome. E então, passei os próximos quinze anos construindo meu império.

Levei duas décadas para chegar onde estou agora. De uma escória lamentável vivendo nas ruas, sobrevivendo de migalhas e de tudo que eu pudesse tirar de um bolso desavisado, a um homem cujo nome exige respeito. E inflige medo. Fiz tudo com minhas próprias mãos – arranhando e pegando – literalmente passando por cima de cadáveres. Posso ter deixado meu país natal como mendigo, mas voltei como governante. Não vou deixar algum maldito cyberpunk me fazer de bobo.

"Você conseguiu localizar o bastardo?" Eu pergunto.

"Não. Ele tem usado VPN e codificadores de endereços IP, fixando sua posição em todo o mundo."

"E é sempre um local diferente?"

"Sim. Tóquio. Manila. Chicago. Panamá. Haia. Uma vez, conseguimos um distintivo na Patagônia. Houve nove incidentes separados, sempre em locais diferentes. Exceto . . . só um segundo." Os sons de cliques de dedos trabalhando rapidamente em um teclado atravessam a linha. "A primeira incursão há seis meses e esta última mostram um endereço IP na área de Chicago. Parece" — mais digitação — "que esses hacks foram feitos em um cibercafé. Mas não o mesmo.

O bater dos saltos no chão de madeira ressoa atrás de mim. Olho por cima do ombro e encontro Constanza parada ao lado do sofá. Ela está usando o mesmo vestido vermelho curto que tirei dela há uma hora. Um que mal cobre sua bunda e revela suas pernas longas. O cabelo dela está solto, cada mecha em

seu lugar, emoldurando seu rosto classicamente lindo. Lindo de morrer. Minhas merdas sempre são. Estou acostumado a ter mulheres bonitas ao meu lado. O dinheiro pode comprar o que por si só a aparência não pode. Essa é a realidade.

“Estou sendo entrevistado na TV na quinta à tarde.” Os lábios de Constanza se alargam em um sorriso radiante. “Tem um vestido preto incrível que vi na casa de Albini. . . Seria perfeito para a ocasião.”

Tenho certeza que sim. Albini's é a boutique de roupas mais cara desta parte da Europa. Mas antes de deixá-la gastar milhares de meu dinheiro num vestido, ela terá que aprender a olhar para meu rosto enquanto conversamos. E foda-se.

"Não. Você pode comprar um vestido em uma das lojas regulares. Diga a eles para colocarem na minha conta.

O sorriso no rosto de Constanza vacila, mas ela rapidamente esconde o deslize. Ela diminui a distância entre nós com alguns passos e fica na ponta dos pés para me beijar. "Obrigado amor."

Há um estremecimento quase imperceptível quando seus lábios roçam os meus, e tenho que reconhecer isso, ela é provavelmente a melhor atriz de todas as mulheres com quem comi. Todos eles tentam ao máximo esconder seu desgosto. Alguns administram melhor que outros. Por melhor que seja, como todos eles, Constanza não tem estômago para olhar para meu rosto, mesmo com pouca luz.

Não me importo com o fato de que a única razão pela qual meus encontros permanecem comigo por qualquer período de tempo são as viagens extravagantes e os presentes luxuosos que lhes dou. Luxo incomparável – compensação por estar sujeito a ter uma fera ao seu lado. É um compromisso justo. Alguns pintinhos podem tolerar isso por mais tempo. A maioria não consegue.

Há alguns anos, peguei uma mulher em um clube. Ou melhor, ela me pegou. Uma socialite conhecida do continente, ela estava na Sicília de férias com seus amigos. Um deles provavelmente disse a ela quem eu era. Ela estava voando alto com a vida - ou talvez fosse algo mais e eu não percebi na época - e estava claramente comemorando algo que fez o champanhe fluir livremente na mesa deles. Quando chegamos à suíte do meu hotel, ela estava cantando os últimos sucessos das paradas e mal conseguia tirar as mãos de mim. Nós fodemos. Várias vezes. Ela implorou por mais. Eu sei como agradar uma mulher na cama. A coitada até me pediu em casamento. Mas na manhã seguinte, quando ela acordou sóbria, mas definitivamente de ressaca, e viu meu rosto, ela gritou. Dois minutos depois, ela saiu correndo da sala e foi direto para um táxi que chamei por ela.

“Quando vamos nos ver de novo?” Constança gorjeia.

— Eu ligo para você — digo, e depois aponto para o paletó que ela colocou sobre os ombros. “Tire minha jaqueta.”

“Mas está frio lá fora.”

“Agora mesmo, Constança. Um dos meus homens lá embaixo pode lhe dar

o deles.

Ela faz beicinho, mas deixa a jaqueta no encosto do sofá e corre pelo escritório, fechando a grande porta de carvalho atrás dela. Viro-me para a vista lá fora e coloco meu telefone de volta no ouvido.

“Ouça-me com atenção, Mitch. Você encontrará esse hacker e fará isso rapidamente. Eu não dou a mínima se você precisar colocar um de nossos homens em cada cybercafé de merda na área metropolitana de Chicago. Quero que o filho da puta seja encontrado e trazido para mim.”

"Mas . . . Existem centenas de cibercafés lá, chefe.”

"Eu não me importo!" Rosno ao telefone. "Encontre-o. Ou vou separar a porra da sua cabeça da sua coluna!

"Sim chefe. Claro. Eu vou fazer isso.”

Cortei a linha e apertei o ícone de contato do meu irmão.

“Raff,” Guido boceja pelo alto-falante.

“Temos algo importante acontecendo esta semana?” Pergunto enquanto me dirijo para a porta que liga meu escritório ao meu quarto.

“Meu Deus, Rafael. São seis da manhã.”

"Responda-me!"

“Até onde eu sei, não. A maioria dos contratos disponíveis eram de baixo valor, então decidi repassá-los. Preciso verificar as postagens, mas acho que vi um pedido duplo adicionado ontem à noite. A quantia, porém, era inferior a um milhão.”

“Pegue,” eu lati enquanto entro no closet.

"OK. Quem estamos enviando? Os alvos estão na Alemanha e acho que a equipe de Allard já está lá.”

"Não." Aperto o botão escondido atrás da fileira de ternos e vejo a parte de trás do armário deslizar para o lado. Um momento depois, as luzes do teto se acendem, iluminando o interior da sala escondida e as paredes cobertas por uma série de armas.

“Então quem você quer enviar?”

“Não vamos enviar nenhuma das equipes. Eu cuidarei disso.

"Por que?"

“Tive um péssimo começo de dia, Guido, apesar de ter chegado em casa há menos de uma hora. Preciso de uma distração. Meus olhos passam pela seleção de rifles de longo alcance diante de mim. “Alguma instrução especial para matar?”

“Hum. . . Deixe-me ver. Não. Não há preferências quanto ao método de descarte.”

"Perfeito. Envie-me o arquivo e diga ao piloto para ter o avião pronto às

sete.” Cortei a linha e tirei uma M40 da parede.

A última vez que lidei pessoalmente com um contrato foi há mais de uma década, pouco antes de regressar à Sicília. Com toda a porcaria que precisei fazer para assumir e depois manter o controle da costa leste da ilha, tive que “aposentar” meu papel de mercenário. Agora, tenho onze equipes de assassinos espalhados pelo mundo, usando como bases as filiais estrategicamente localizadas da Delta Security. Meu irmão supervisiona essa parte de nossas operações clandestinas hoje em dia, enquanto eu estou focado em lavar e investir o dinheiro sangrento através do lado legítimo do nosso negócio.

O negócio que algum filho da puta decidiu foder.

Mal posso esperar para colocar minhas mãos naquele bastardo.



Casa de Roman Petrov (pakhan da Bratva russa), Chicago

A porta do meu quarto se abre.

"Jesus, porra, pai!" Eu pulo na minha cadeira. “Você não sabe bater?”

Com os olhos semicerrados para mim e a raiva gravada em suas feições, o todo-poderoso Roman Petrov entra. Sua bengala faz um leve tique-taque no chão de madeira enquanto ele se aproxima com passos rápidos e se inclina perto do meu rosto.

“Você está de castigo”, ele diz entre dentes.

"Eu não sou uma criança. Você não pode gr— O que você está fazendo? Não! Deixe meu laptop em paz! Pai!"

“NASA?” Ele coloca meu laptop debaixo do braço e puxa o cabo de alimentação da parede. “Porra da NASA!?”

Ah Merda. "Como você descobriu?"

“Eu encurralei Felix e ele contou tudo.”

Eu fico boquiaberto. Felix é amigo do tio Sergei desde quando o irmão do papai trabalhava para o exército, mas o velho ganso é mais como um membro adotivo da família. Não existe um sistema que ele não consiga decifrar, e tudo o que sei sobre investigação cibernética aprendi com ele. Ele também tem mais de noventa anos, mas nunca admitiria isso. Na última década, ele tem dito a todo mundo que ainda não completou oitenta anos. Não acredito que o vovô Felix iria me delatar!

“Eu estava apenas brincando, pai. Eu não fiz nada. Juro. Eu simplesmente entrava e saía.”

"Oh? Então você apenas. . . fez uma pequena visita digital à Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço?”

"Tipo de?" Ofereço-lhe um sorriso de remorso.

Um grunhido ameaçador sai de sua garganta. “Eu te disse, Vasilisa. Eu já lhe disse mil vezes: você *não pode* invadir sistemas governamentais! Isso é ilegal!

Levanto uma sobrancelha. “Você se lembra que é o líder de uma das maiores organizações criminosas nesta parte do mundo, não é?”

"Sim. E não quero que minha filha tenha nada a ver com qualquer merda ilegal.”

“Bem, se você me deixasse ajudar nos negócios da família, eu não teria que desperdiçar minhas habilidades procurando diversão em outro lugar”, respondo.

“Nenhuma parte dos negócios da Bratva é legítima, Vasilisa. E não quero você nem perto disso.

“Você nem me deixa ajudar Ivan com os documentos alfandegários. Ele levou duas noites no escritório do térreo para finalmente resolver tudo.”

“Não permitirei que minha filha falsifique manifestos de importação para contrabando!”

Contrabando. Reviro os olhos. Como se eu não soubesse que a Bratva lida principalmente com drogas. Estou farto de ser tratado como um garoto ignorante.

“Você leva Alexei para reuniões com seus parceiros!”

“Seu irmão vai assumir a liderança da Bratva quando eu deixar o cargo. Ele precisa estar preparado.”

Eu balanço minha cabeça. “Você é um hipócrita, pai.”

“O submundo do crime não é lugar para mulheres, Vasilisa. Você vai terminar seus estudos. Arranje um emprego regular. Encontre um cara legal para namorar. Um contador, talvez.

Eu suspiro. *Superprotetor* não chega nem perto de descrever meu pai. Uma vez, ele quase estrangulou alguém com quem eu estava namorando quando nos viu nos beijando em frente ao portão do perímetro, só porque o cara tinha a cabeça raspada e um piercing na sobrancelha.

“Eu me formei na sexta-feira passada, caso você tenha esquecido.”

“E você vai fazer seu mestrado em seguida.”

“Não quero fazer mestrado, pai! Eu quero trabalhar. Para você."

“Não está acontecendo.” Ele aponta um dedo acusador para mim. “E essa merda de hacking acaba agora, Vasilisa. Você não vai fazer isso de novo. Promete-me!"

"Multar."

"Promete-me."

"Eu prometo. Não invadirei nenhum tipo de banco de dados do governo, nunca mais.”

"E?"

Reviro os olhos. “Ou em qualquer outro lugar.”

"Bom." Ele se inclina e dá um beijo no topo da minha cabeça. “Você sabe o quanto eu te amo, não é?”

"Sim. Eu também te amo. Posso ter meu laptop de volta agora? Preciso começar a me candidatar para aquele emprego ‘normal’ que você quer que eu consiga.”

"Não."

“Pai, não é justo...” Eu cheiro o ar. "Que cheiro é esse?"

Minha porta se abre novamente e o cheiro de algo queimando permeia a sala.

"Pai!" Yulia, minha irmã mais nova corre para dentro. “Igor colocou fogo no novo micro-ondas.”

"De novo?" Papai grita. “Eu disse àquele idiota que ele está aposentado! Quem o deixou entrar? Vou matá-lo, junto com todos os outros que trabalham naquela cozinha.”

Ele sai correndo do meu quarto e leva meu laptop com ele. A porta do quarto se fecha, fazendo eu e minha irmã gritarmos.

“O que foi isso?” Yulia pergunta enquanto se espalha na minha cama.

“Ele confiscou meu laptop.”

“Eu pude ver isso. Ele descobriu que você hackeou aquela empresa ontem? O que você fez desta vez?

“Enviou uma doação para um coro de igreja.” Meus ombros caem. “Do cibercafé perto da biblioteca, mas parece que Felix contou ao papai sobre eu bisbilhotando os firewalls da NASA.”

“Deus, Vasilisa. Por que você continua fazendo essa porcaria?

"Não sei. Talvez seja a minha maneira de me vingar do papai por não me deixar ajudá-lo em nada. Eu me mexo no meu lugar. “Ou porque não sei o que fazer com meu tempo livre agora.”

“Você deveria sair mais. O que aconteceu com aquele cara que você estava saindo?

“Oliver?”

"Sim. O modelo de roupa íntima. Ele é tão gostoso." Yulia rola na cama, abanando-se.

Inclino a cabeça para cima, olhando para o teto, e giro de um lado para o outro na cadeira. Sim, Oliver é incrivelmente bonito. Nos conhecemos em uma cafeteria no centro da cidade quando ele se sentou à mesa ao lado da minha. A

princípio não prestei atenção nele, muito absorto nos exercícios de codificação que vovô Felix criou para mim, mas então Oliver se sentou ao meu lado e começou a fazer perguntas sobre o que eu estava fazendo.

“Eu terminei com ele na semana passada”, murmuro. “Ele acabou sendo igual a qualquer outro cara que quer namorar comigo.”

"Você quer dizer que ele caiu de joelhos, implorando por permissão para adorar você?" Yulia ri. “ *Vasilisa, a Bela* . Fazendo os homens tropeçarem desde que você completou quinze anos.

“Não é engraçado. E eu odeio quando você me chama assim. Isso me fez desprezar aquele conto de fadas.”

“Você, minha querida irmã, pode ser a única mulher no mundo que odeia ser bonita.”

“Eu não odeio isso. Mas, pelo menos uma vez, gostaria que um cara se sentisse atraído por mim por algo mais. Não simplesmente porque sou bonita.

“Você é mais que bonita, Vasya. Mesmo com os trapos horríveis que você usa.

“Não há nada de errado com minhas roupas.”

“Esse top é horrível. E como diabos você chama essa cor? Vômito amarelo? Ela acena para mim. “E não me fale sobre jeans dois tamanhos maiores.”

“Eles são confortáveis.” Eu dou de ombros.

"Sim claro." Yulia coloca as mãos sob o queixo e revira os olhos. “Então, o que 'Oliver the Hot' fez de errado?”

“Ele insistiu em reiniciar meu telefone para mim. Aparentemente, não pareço uma garota que poderia fazer isso sozinha. E passo a citar: ' *Por que você se incomodaria com uma coisa dessas, linda? Você me tem agora, e eu cuidarei da parte de tecnologia pesada para você* .'” Eu mal consigo evitar o rosnado da minha voz enquanto tento imitar o tom do imbecil. “Aí ele tirou meu celular da minha mão e fez isso por mim. Eu me formei em ciência da computação e me formei summa cum laude, e o idiota realmente reiniciou meu telefone para mim.

“Isso é tão rico.” Júlia ri. “Ele se ofereceu para ligar os interruptores de luz para você também? Caso você tenha ficado confuso sobre como eles funcionam?

“Não é engraçado!” Eu resmungo.

“Desculpe, mas sim. É sim. Ele só queria ser seu cavaleiro de armadura brilhante.”

Eu bufo. “Estávamos no parque quando isso aconteceu. Eu ainda estava boquiaberta com Oliver mexendo no meu telefone quando um cachorro se soltou da coleira e correu em nossa direção, latindo. Meu *cavaleiro de armadura* de merda guinchou como uma menina de quatro anos e saiu correndo de lá sem sequer olhar por cima do ombro para me ver.

“Que bastardo! E o cachorro?

“Ele só queria brincar. Lambi minhas mãos e meu rosto e depois fugi.” Balanço a cabeça e giro um círculo completo na minha cadeira de jogo. “Papai mencionou querer um cara normal para mim. Algum contador, ele disse. Bem, provavelmente quando eu completar cinquenta anos, mas... . . Não acho que consigo fazer isso funcionar com qualquer cara normal, Yulia.”

"Por que não?"

Arqueio uma sobrancelha para minha irmãzinha. “Porque um cara normal iria se irritar no momento em que conhecesse nossa família. Você consegue imaginar um contador descansando em nossa sala e falando besteira com papai, Alexei e tio Sergei?

“Acho o tio Sergei incrível. Ele não faria nada ao seu contador.

“Ele trouxe um lançador de granadas para jantar na semana passada.”

"Bem, é isso." Ela dá de ombros. “Talvez você devesse tentar namorar alguém da Bratva. Quem quer que seja, ele saberá no que está se metendo.”

"Sim claro. Quanto tempo você acha que o pobre rapaz viverá depois que papai descobrir que estamos saindo?

"Uma semana?"

“Quarenta e oito horas, no máximo. Papai nunca deixaria nenhum de nós namorar um de seus homens. Ou qualquer pessoa do nosso círculo *social* .”

Eu entendo a necessidade de nosso pai de manter suas filhas longe da parte decadente do mundo de Roman Petrov – não me fale sobre a merda patriarcal que meu irmão *mais novo* nem precisa pensar – mas o que papai não entende totalmente é que já fazemos parte disso. Segurança armada 24 horas por dia. Homens feridos e sangrando foram trazidos para nossa casa para serem consertados na ilha da cozinha. Vigilância constante contra conflitos aleatórios com outras organizações criminosas. Guarda-costas a não mais do que um braço de distância até que uma ameaça potencial seja resolvida. Reuniões de negócios e até reuniões familiares geralmente terminam com armas em punho. Minha irmã e eu nascemos nessa loucura. Esse é o nosso “normal”. Qualquer outra coisa nunca parecerá remotamente como tal.

“Você acha que papai vai me obrigar a casar com um contador também?” Yulia canta da cama.

“Não. Ele provavelmente encontrará um dentista para você. Ou um curador de museu.” Eu sorrio, olhando para ela e imaginando um cara de óculos e gravata borboleta vindo buscá-la para o encontro. “Papai nunca deixaria o bebê da família chegar perto de um péssimo contador. Esses caras podem se envolver em fraudes.”

"Sim." Ela mastiga a unha do polegar. “Hum. . . Vou pedir ao papai que me deixe sair antes do próximo semestre.”

Fico boquiaberta para minha irmã. "Por que?"

“Eu não sou como você, Vasya. Toda essa comoção, pessoas indo e vindo

constantemente, a porra do barulho o tempo todo. . . Acho que não posso mais viver neste hospício.”

“Duvido que ele deixasse você.”

"Por que não? Não houve nenhum conflito com outras Famílias recentemente. Todo mundo está cuidando da própria vida.”

"Sim mas . . .” Eu fico olhando para ela. Nas famílias russas, é comum que as crianças continuem morando em casa até terminarem a faculdade e conseguirem um emprego. Especialmente em famílias como a nossa – onde muitas vezes é necessária segurança extra. “Mas não é tão ruim aqui.”

O bater de portas em algum lugar no corredor reverbera pela casa como se contradissesse propositalmente minha afirmação. Gritos e o som de pés correndo se misturam ao zumbido do cortador de grama entrando pela janela aberta. Risadas masculinas e insultos russos bem-humorados clamam por atenção no quintal – Alexei e nosso primo Sasha estão competindo novamente no lançamento de facas. Eu me pergunto qual deles vai acabar sendo costurado na cozinha hoje. O cheiro de fumaça parece estar se dissipando, mas ainda paira no ar. Mamãe vai perder o controle se ele se instalar em suas novas cortinas. Vozes femininas estridentes estão soando em algum lugar dentro da mansão, vomitando maldições russas de um lado para outro. O escritório do meu pai fica logo abaixo do meu quarto, e posso ouvi-lo gritando com alguém ao telefone. Provavelmente tio Sergei; ele é o único que pode fazer meu pai perder a cabeça em menos de um minuto.

Apenas mais um dia normal na casa dos Petrov.

“Estou corrigido. Nossa casa é o oásis de paz e tranquilidade.” Yulia ri de seu lugar na cama. “Então, você realmente vai encerrar suas aventuras cibernéticas?”

“Sim,” murmuro e mordo meu lábio inferior. Eu deveria ter mandado mais moola para aquele coral infantil enquanto tive chance.

Quando comecei a invadir empresas aleatórias, rapidamente descobri que a maioria de suas proteções digitais eram uma piada. Para mim, os firewalls corporativos não representavam nenhum desafio. Então, fiz algumas pesquisas e escolhi as dez principais empresas de segurança privada. Tenho trabalhado exclusivamente com os sistemas deles desde então, criando backdoors nas redes deles, assim como o vovô Felix me mostrou. Não se trata de espionagem ou fraude financeira, apenas uma questão de exercitar meus músculos computacionais e violar os ambientes virtuais mais rigorosos do planeta. Eu entraria e depois recuaria, apagando todos os vestígios de que estive lá. Exceto por pequenas coisas. Não consigo superar a necessidade estúpida de deixar para trás uma pequena pista. Um código alterado para o elevador de serviço. Marcadores reformatados no site de pontos básicos para pequenas estrelas. Aumentar em um dólar os contracheques dos funcionários com salários mais baixos. Ou, no caso do grande conglomerado de segurança com escritórios em todo o mundo, manipulando os seus sistemas de contabilidade para enviar pequenas doações para instituições de caridade obscuras e locais desfavorecidos.

Talvez eu pudesse acertar a “besta grande e musculosa” uma última vez. Um beijo de adeus à minha carreira de hacker.

Sim. Vou esperar algumas semanas, só para garantir. Se papai não devolver meu laptop até lá, vou encontrar outro cibercafé e partir daí.

Serão menos de trinta minutos de trabalho, agora que conheço o sistema deles como a palma da minha mão.

Nada pode dar errado.

Capítulo 3

Dias de hoje

Sicília



Eu olho para o cara loiro atrás do volante. Ele está recostado em seu assento, um cotovelo casualmente pendurado na janela aberta enquanto ele dirige seu carro aprimorado por estradas onde há mais travessias de ovelhas do que tráfego de veículos. Enquanto isso, o idiota um está me flanqueando no banco de trás, as vibrações de raiva saindo dele em massa, e o idiota número dois está detestavelmente regozijando-se depois de gritar espingarda. Não acredito que esses desgraçados me arrastaram para a maldita Sicília!

Quanto tempo dura o vôo para a Itália? Mamãe e papai provavelmente já sabem que algo aconteceu e estão me procurando. Deus, espero que eles me encontrem logo.

“Preciso do seu nome”, diz o loirinho – meus sequestradores o chamavam de Guido.

Sim, eles não têm ideia de quem eu sou. Não tenho certeza se isso é bom ou ruim.

“E eu preciso que você me deixe ir”, murmuro. "O que você quer de mim?"

“Eu, pessoalmente? Nada. Você terá que discutir o resto com meu irmão.”

“E onde está o dito irmão?”

Ele me ignora por um momento enquanto para o carro. Então, ele se vira para trás e levanta o telefone, tirando uma foto do meu rosto antes que eu possa protestar.

“Ele deve chegar em casa em algumas horas”, Guido finalmente responde. Seus olhos saltam entre os dois capangas com meio cérebro entre eles. “Leve-a para o porão. Dê-lhe comida e água.”

Vinny sai do carro, me puxando atrás dele. Eu grito, tentando ignorá-lo, sem muita sorte. Hank agarra meu outro braço e ambos me rebocam em direção à entrada da enorme vila de arenito. A única coisa que consigo perceber antes de ser puxado para dentro é que a casa fica numa encosta, com vista para o mar.

O interior grita opulência, mas é esse luxo discreto que é difícil de perder. Não espalhafatoso e chamativo, mas acolhedor - conforto gravado em cada quarto e comodidade por onde passamos. Os tetos são altos, entrecruzados por grossas vigas de madeira. Os detalhes de estuque nas paredes me lembram fotos

da *Architectural Digest* ou de outras revistas de design de interiores. A luz do sol entra pelas enormes janelas francesas que se abrem para as águas cintilantes, banhando os móveis de madeira clara. Meus passos vacilam por um momento e não consigo evitar respirar fundo, admirando a vista.

"Mover!" Vinny late, me puxando para longe da bela vista e para a esquerda das portas principais, em direção às escadas que devem levar ao nível inferior.

Cravo os calcanhares no chão, tentando resistir ou pelo menos desacelerar o bruto. A dor percorre meus pulsos quando ele puxa a corrente das algemas novamente, me fazendo gritar enquanto ele quase me arrasta escada abaixo até a porta de madeira de aparência robusta na parte inferior.

"Pare de choramingar." Ele abre a porta e me empurra para dentro do quarto espaçoso, mas escuro e fresco. Um leve cheiro de terra paira no ar.

Caio de joelhos e consigo apoiar as palmas das mãos no chão gelado de azulejos, evitando por pouco bater o rosto na superfície.

“E porque você era uma vadia – sem comida nem água!”

Eu me levanto e corro em direção à porta, mas ela se fecha pouco antes de eu alcançá-la. O pânico que venho tentando manter sob controle abre caminho através da minha restrição, varrendo-me como uma tempestade. Agarro a maçaneta e a encontro trancada.

“Deixe-me sair!” Eu bato na barreira com os punhos. “Seus filhos da puta desprezíveis! Você vai pagar por isso! Deixe-me sair! Minhas mãos doíam com os golpes contínuos na madeira maciça, e mesmo sabendo que é em vão, continuo fazendo isso.

Não tenho certeza de quanto tempo continuarei atacando aquela maldita porta do porão. Quando cedi, a pouca luz que vinha das estreitas janelas horizontais cortadas no alto das paredes mudou para um laranja escuro. Pressiono minhas costas contra a porta e deixo meu corpo deslizar para o chão.

Apesar de ser quase todo subterrâneo, a temperatura é relativamente confortável no quarto, mas minhas pernas tremem como se eu tivesse mergulhado no auge do inverno. Meus braços também. Respiro fundo, tentando me acalmar, mas não funciona. Logo, todo o meu corpo é sacudido por tremores, como se eu estivesse com febre. Minha bravata se foi, e tudo que quero fazer é me enrolar e chorar.

O que diabos essas pessoas querem de mim? Para me punir por invadir a maldita empresa deles? Eu nem sei qual é. Por que não me mata imediatamente? Por que me arrastar até aqui, através do oceano, só para me jogar em algum porão? A menos que “o irmão” queira me matar ele mesmo?

Outro arrepio passa por mim. Estes não são empresários normais, disso tenho certeza. CEOs corporativos não sequestram pessoas. Somente as pessoas no mundo do meu pai sabem. E, pelo que eu sei, a Sicília é administrada pela Cosa Nostra. A Bratva não tem rixa com nenhuma das facções da máfia italiana. Talvez eu devesse ter contado a eles quem eu sou, quem é meu pai. Agora, posso muito bem acabar morto antes mesmo de ter a chance de fazê-lo.

Eu olho em volta, procurando por algo. . . Não tenho certeza do quê. Qualquer coisa. Há algumas caixas vazias em um canto. Na outra, uma cadeira velha, com manchas escuras na madeira desgastada e no chão logo abaixo. Não quero pensar no que causou essas manchas. Outra cadeira por perto, que está um pouco melhor.

Meu foco muda para as janelas. Talvez eles sejam minha saída? Essa esperança é frustrada assim que vejo barras ornamentadas na parte externa do vidro. Embora haja luminárias no teto, não vejo interruptor em lugar nenhum. Deve estar do outro lado da porta.

Levanto-me para me aproximar de uma pequena pia perto da entrada e bebo direto da torneira. Os dois idiotas me deram água e alguns biscoitos no avião, mas isso foi há horas. Meu estômago escolhe esse momento para se contorcer em cólica. Quando foi minha última refeição completa? Almoço, antes de me raptarem? Tenho me sentido tonto há uma hora por causa da falta de comida e do cansaço. Toda a minha energia está esgotada e todos os músculos doem como da última vez que estive gripado. Parece que meu corpo está desligando lentamente e estou ficando sonolento. Mas não há como me deixar desmaiar. Afasto-me da parede e atravesso a sala.

A única outra coisa neste espaço é uma enorme prateleira que cobre uma parede inteira. Centenas de garrafas de vinho estão escondidas nas laterais dentro de seus cubículos. Fiquei trancado em um maldito porão. Que rústico e, de alguma forma, totalmente condizente com a decoração em estilo campestre que vi no andar de cima. Aproximando-me do sortimento, pego uma das garrafas. O rótulo preto com letras prateadas proclama que se trata de um vinho tinto com trinta anos. Deve ser uma merda cara. Que vergonha.

Meus dedos podem estar tremendo enquanto enrolo uma ponta da minha camisa no gargalo da garrafa, mas a seguro com força. Dou um passo para o lado e bato o vintage premium contra a parede. Os últimos resquícios da luz solar carmesim caem sobre o vaso meio quebrado deixado em minha mão, refletindo magnificamente nas bordas cristalinas. Meus lábios se curvam nos cantos. Tio Sergei ficaria orgulhoso. Apoiando meu ombro na parede para suportar meu peso, vou até o canto mais distante da sala.

Tenho quase certeza de que esses canalhas pretendem me matar.

Mas não vou cair sem lutar.

Rafael

O portão de ferro forjado se abre lentamente, revelando uma estrada sinuosa de cascalho por entre as oliveiras. Aceno para o guarda estacionado à direita da barreira, depois empurro meu SUV pelo caminho claro iluminado pelos faróis, apreciando o ruído sutil das pedrinhas sob os pneus enormes. Guido sempre

reclama que o cascalho danifica os veículos, insistindo que devemos pavimentar a longa pista que atravessa a propriedade. A juventude de hoje parece inclinada a atualizar tudo, mesmo quando não há necessidade real disso. Eu tinha asfalto e concreto mais do que suficientes para durar a vida inteira durante aqueles quinze anos que moramos nos Estados Unidos.

A estrada se alarga gradualmente, transformando-se em uma entrada de automóveis em frente à minha casa. Dois caras da minha divisão de Chicago – Vinny e Hank – estão parados na porta da frente, com as costas retas enquanto seus olhos seguem meu carro enquanto estaciono. Eu me pergunto há quanto tempo eles estão esperando ali, fazendo boas imitações de postagens idiotas. Eu teria preferido enviar um dos meus melhores caras para capturar o maldito hacker que tem sido a fonte do meu aborrecimento há meses, mas o tempo e a logística estavam contra mim. Como a maioria das nossas operações mercantis se concentrou na Europa nos últimos anos, os melhores dos meus homens estão espalhados pelo velho continente. Hank e Vinny estão na minha folha de pagamento como guarda-costas do lado legítimo — minha empresa de fachada — que fornece segurança privada. Eles são capazes, mas nenhum deles é excessivamente brilhante. Na verdade, fiquei agradavelmente surpreso por eles terem conseguido pegar o culpado.

“Você está com meu hacker?” — pergunto enquanto saio do banco do motorista.

"Sim." Hank assente. “São e salvo na adega.”

Observo seu paletó carbonizado, seu rosto vermelho e sem sobrancelha, depois me viro para Vinny, que tem um hematoma no queixo e um arranhão furioso sob o olho esquerdo.

“Vejo que ele resistiu”, digo enquanto enfio a mão na jaqueta para tirar minha arma.

Hank cruza as mãos atrás das costas, inquieto. "Ela."

Minha mão ainda está no cabo da arma. "O que?"

“Ela resistiu. Isso é . . . é uma mulher, chefe.”

“Uma mulher? Deve ser formidável. Ela também cospe fogo? Balanço a cabeça e entro na casa, indo em direção às escadas que levam ao porão.

A porta do porão se abre com um leve rangido. Lá dentro, está frio e escuro, com apenas raios de luar e o leve brilho ambiente do jardim passando pelos dois estreitos janelas situadas no alto da parede oposta. Por um momento, acho que não há ninguém aqui. O espaço parece vazio. Estou prestes a fazer barulho por causa de um prisioneiro desaparecido quando meus olhos caem sobre uma pequena figura feminina encolhida em um canto. Minha convidada cuspidora de fogo está sentada no chão com o rosto pressionado contra os joelhos.

Eu não tinha ideia de que meu hacker era uma mulher. Se eu soubesse, teria levado ela para um dos quartos de hóspedes no andar de cima. Não há razão para negar seu conforto enquanto ela espera para me enfrentar e sua eventual morte.

Com meus dedos pairando sobre o interruptor de luz do lado de fora da sala, me impedi de acendê-lo. Essa mulher deve estar com medo. Ver-me a aterrorizaria ainda mais. Isso levaria a gritos e histeria, que se transformariam em choro e pedidos por sua vida. E não estou com disposição. Eu só preciso que ela me diga quem a mandou foder com o meu negócio antes que eu quebre seu pescoço de forma rápida e indolor.

Deixando a iluminação do teto apagada, me aproximo e me agacho na frente da garota. De costas para a porta escancarada do porão e para a escada iluminada além, sei que meu rosto permanece na sombra enquanto o brilho suave se estende à minha frente para iluminar vagamente o quarto. Minha estrutura maciça bloqueia parte dessa luz, lançando sua própria mortalha parcial sobre a pequena pilha aos meus pés.

"Ei." Estendo minha mão em direção a ela.

A cabeça da garota se levanta e a luz do corredor incide direto sobre seu rosto. Seu rosto lindo, muito zangado e sobrenatural. Por um momento, tudo que posso fazer é olhar para ela, minhas células cerebrais atordoadas lutando para processar que ela é real. Mas o que mais me impressiona são seus olhos escuros como a noite, olhando para mim por baixo de cílios incrivelmente longos. Não consigo nomear a expressão neles, não com minha massa cinzenta se transformando em uma massa inútil de gelatina, mas tenho certeza de que estarei imaginando aqueles olhos muito depois de o olhar dela ter mudado.

Uma leve sensação de déjà vu toma conta de mim, como se uma memória há muito esquecida estivesse abrindo caminho para a frente da minha mente. Aquele olhar furioso e exasperado. . . Não, tenho cem por cento de certeza de que nunca conheci essa mulher antes.

Muito atordoado com sua beleza, um segundo tarde percebo a garrafa quebrada em sua mão. Ela me ataca e eu recuo, mas não rápido o suficiente. A dor explode em meu antebraço quando uma ponta irregular rasga o tecido da minha camisa e a pele do meu braço direito.

“ *Che cazzo!* — eu estalo e agarro seus pulsos.

A garota grita, um lamento cheio de dor. Olho para suas mãos algemadas e a raiva explode em meu peito. Os malditos idiotas chupadores de pau nem tiraram as algemas dela!

Eu não tenho nenhum problema em matar qualquer um que se atreva a me contrariar, seja um homem ou uma mulher, mas eu estabeleço o limite de maltratar mulheres indefesas. Não que esta esteja faltando o ferrão. Se ela deixou suas marcas de burra e burra lá em cima, e com meu próprio sangue escorrendo pelo meu braço como prova, essa fogueira está muito longe de ser indefesa. Aposto que ela está se preparando para desferir seu próximo ataque.

Com cuidado, pego o pedaço da garrafa quebrada que ela ainda está segurando e foco em seu rosto novamente. Suas pálpebras estão semicerradas e sua respiração parece superficial.

"Você comeu?"

“Foda-se”, ela murmura, sua voz quase inaudível.

Seguro seu queixo entre meus dedos e inclino sua cabeça para cima. "Eu lhe fiz uma pergunta. Ter. Você. Comido?"

Parece exigir algum esforço, mas os olhos desfocados da garota se erguem lentamente. "Biscoitos. Quando acordei no avião”, ela diz com voz rouca.

Jesus. Isso foi há horas e no final de um vôo de dez horas.

Um pequeno gemido sai de seus lábios e, na próxima respiração, sua cabeça pende para o lado.

Silêncio total.

"Ei." Bato levemente meus dedos em sua bochecha manchada de sujeira, mas seu corpo simplesmente afunda contra a parede.

Maldita merda.

Hank e Vinny provavelmente usaram drogas para nocauteá-la durante o caminho e, sem comida, ela obviamente ainda está sentindo os efeitos colaterais. Com cuidado, deslizo minha cabeça no laço criado por suas mãos algemadas e deslizo as palmas das mãos sob suas coxas. Levantando-me, seguro a garota inconsciente em meus braços enquanto ela, sem saber, se agarra a mim como um coala abraçado.

“Vamos levar você para algum lugar mais confortável, vespetta.”

Posso sentir o peito da garota subindo e descendo enquanto a carrego escada acima até o térreo. Ela não pesa quase nada. Sua cabeça rola para a esquerda e para a direita em meu ombro, depois cai para o lado. Eu rapidamente levanto minha mão e seguro sua bochecha, mantendo sua cabeça no lugar, com seu nariz aconchegado na curva do meu pescoço. Sua respiração é lenta, abanando a pele na parte inferior do meu queixo. As exalações quentes são tão suaves, como o bater de asas de uma borboleta.

"Chefe?" Vinny vem correndo quando viro a esquina.

“Tire as algemas dela,” eu digo com os dentes cerrados. "Suavemente."

Ele tira a chave do bolso e corre ao meu redor para trabalhar nas algemas. A garota fica tensa e eu mal reprimo a vontade de sacar minha arma e atirar na cabeça do idiota ali mesmo.

“Silêncio, está tudo bem”, sussurro no ouvido da garota, depois olho para meus homens. “Vá lá fora e espere por mim na garagem. Vocês dois. Agora."

A mulher em meus braços nem se mexe enquanto subo as escadas para o andar superior. Se não fosse por sua respiração de gatinho, eu pensaria que ela estava morta. Como alguém tão pequeno e de aparência frágil poderia lutar contra dois homens adultos, causando danos óbvios? Ela não pode ter mais de um metro e meio, e aposto que ela pesa menos de cinquenta quilos, encharcada. Sem dúvida eles a subestimaram. Eu não vou. Ela pode ser do tamanho de uma ninfa, mas as aparências muitas vezes enganam.

Uso o cotovelo para abrir a porta branca do lado direito do corredor e levo a

garota para dentro. Só quando estou de frente para a grande cama de dossel perto da janela é que percebo onde estou. Meu quarto. Acho que o cansaço mexeu completamente com meu cérebro, porque eu pretendia levá-la para o quarto de hóspedes do outro lado do caminho. Agora que estou aqui, no entanto. . . Não consigo imaginá-la em nenhum outro lugar.

Mais brincadeiras da minha massa cinzenta cansada, é meu palpite.

Ninguém além de mim jamais dormiu naquela cama. Sempre. Nem mesmo minhas conexões. Sempre fodi no meu escritório ou os levei para uma suíte de um dos meus hotéis. Ter *esta* mulher *aqui* é estranho.

No momento em que sua bochecha toca meu travesseiro, ela solta um suspiro e se enrola em posição fetal. Inclino a cabeça para o lado, observando meu pequeno hacker. Dormindo. Na minha cama. Mechas emaranhadas de cabelo preto cobrem parcialmente seu rosto doce, então eu as alcanço e as empurro para o lado, e então apenas fico olhando. Como um tolo hipnotizado.

Ela é jovem, provavelmente com vinte e poucos anos. Sua constituição leve, no entanto, a faz parecer ainda mais jovem. A cabeceira a lâmpada lança uma luz suave em seu corpo delicado e apenas realça suas características perfeitas. Mesmo com sujeira no rosto e cabelo bagunçado, ela é tão linda - quase mítica. Eu gostaria de poder ver os olhos dela novamente. Eles eram hipnotizantes.

Meu olhar vagueia por sua forma adormecida, parando em seus pulsos. Imediatamente, a raiva reacende dentro de mim.

Uma morte rápida e indolor era o que eu tinha em mente para ela até o momento em que ela me roubou aquela garrafa quebrada no porão. Magoada, assustada e quase inconsciente, mas ela ainda lutou. Ainda atacou, mesmo quando seus captores conseguiram esmagá-la com um só golpe.

Achei que já tinha visto de tudo durante meus anos como membro ativo da minha equipe de assassinato. Cada alvo tenta revidar. Inicialmente, pelo menos. Mas então, há uma mudança para o choro. Ou implorando. Alguns oferecem dinheiro para deixá-los ir. Para deixá-los viver. Homens, com o dobro do tamanho dessa menina, mijariam de medo. Eventualmente, todos eles chegam a esse ponto – aquele momento comum a todos eles. No momento em que eles percebem que não há saída. É quando a luta os abandona. A vontade deles cede. O choro e as súplicas continuam, é claro, mas eles param de reagir.

Mas, não ela. Ela tentou me matar, embora devesse saber que não tinha chance. Sua arma era inadequada demais para causar qualquer dano sério. Talvez se ela realmente conseguisse atingir minha artéria carótida por alguma sorte louca. Ainda assim, quando ela encontrou meu olhar, pouco antes de me roubar aquela garrafa quebrada, havia muita coragem e determinação em seus lindos, mas delirantes olhos escuros.

Puxo o cobertor sobre a garota e vou até o banheiro para pegar um pouco de gaze e uma pomada antibiótica para seus ferimentos. Seus pulsos estão em carne viva e vermelhos, e há sangue seco onde sua epiderme rompeu. Coloquei uma boa quantidade de creme sua pele e, em seguida, prenda uma fina camada de

curativo ao redor das finas articulações do carpo. Essa mulher pode ter sido uma grande fonte de minha agitação recentemente, mas por alguma razão, não suporto a ideia de ela suportar nem que seja um pouquinho de dor.

Dando mais uma olhada na minha linda e corajosa hacker, saio da sala.

Hank e Vinny estão perto do carro de Guido, estacionado em frente à garagem. Eu me aproximo e lanço um olhar pesado para os dois. “Você gostou de maltratar uma mulher que tem um terço do seu tamanho?”

“Ela incendiou meu rosto, chefe”, responde Hank, evitando meu olhar. “A porra da vadia é louca. Ela deve ter pegado uma lata de desodorante no banheiro do jato e depois transformou-a em um maldito lança-chamas quando tudo que fiz foi oferecer a ela a fumaça que ela pediu. Então, ela quase arrancou o olho de Vinny com uma escova de dentes. Ela é seriamente maluca. Quando a pegamos pela primeira vez, ela bateu nele com a mochila, balançando-a como se estivesse rebatendo no Wrigley Field, pelo amor de Deus.

“Quem colocou as algemas nela? Seus pulsos estão em carne viva.

“Hum, eu fiz.” Vinny mexe-se de um pé para o outro. “Ela não cooperaria. Era mais fácil arrastá-la com isso.”

Arraste-a . Concordo com a cabeça, em seguida, enfio a mão dentro da minha jaqueta e tiro minha arma. “Você se lembra do seu treinamento e da lição sobre boas maneiras?”

"Sim", ele engasga, com os olhos frenéticos e focados no silenciador que estou colocando no lugar. "Mas . . . você ia matá-la. Por que isso importa se...

Ele nunca termina sua desculpa idiota porque eu pressiono a arma em sua testa e aperto o gatilho. O sangue espirra no carro do meu irmão, manchando as janelas e as linhas elegantes da carroceria. seu bem precioso. Hank me olha boquiaberto ao lado de seu amigo morto, o rosto perdendo a cor conforme a realidade de seu futuro inútil se instala. Há sangue e massa cerebral em sua bochecha e em seu cabelo.

“Dê-me sua mão,” eu ordeno.

“Chefe, eu. . .”

Enfio a arma na ponta do nariz dele. "Agora."

Lentamente, ele estende a mão esquerda em minha direção, com a palma para cima, e os dedos tremem. Antes que ele tenha a chance de começar a defender sua causa, coloco o cano até seu dedo médio e aperto o gatilho. Um uivo agonizante explode na noite.

“Toque nela de novo, e o próximo será o seu crânio,” eu lato e volto para dentro, ainda furiosa. Não entendo por que, mas não consigo tirar da cabeça a visão dos pulsos feridos da garota.

O apartamento do Guido fica no térreo, na ala leste da propriedade. Encontro meu irmão esparramado no sofá, assistindo TV.

“Deu uma olhada no seu hacker?” ele pergunta, ainda focado em seu filme.

"Você já a matou?"

Dou a volta no sofá, agarro a frente de sua camisa e o puxo para cima. Então, eu dou um soco no rosto dele com a mão livre.

“Porra, Raff!” Ele pressiona as mãos sobre o maldito schnoz. “Por que diabos foi isso?”

“Da próxima vez que você vir uma mulher sendo maltratada e não fizer nada, farei muito mais do que quebrar seu nariz.”

“Eu não achei que você se importaria. Você queria o hacker morto.”

“Eu não sabia que ele é na verdade uma *ela* !”

“Isso nunca importou antes.”

Ele tem razão. Isso nunca aconteceu. Homem, mulher, um maldito unicórnio brotando arco-íris e brilhos na bunda – isso nunca importou. Você mexe com meus negócios, eu destruo você. Então, por que diabos estou parado aqui, depois de bater na caneca do meu irmão, pensando na mulher no meu quarto lá em cima e me perguntando se deveria me levantar e jogar outro cobertor sobre ela para afastar o frio?

“Se você quiser, eu acabo com ela”, acrescenta.

“Você não vai tocar nela,” eu rosno e bato nele novamente.

Guido tropeça para trás e cai no sofá. "O que diabos há de errado com você?" ele murmura na almofada que está pressionando contra o rosto. “E você está sangrando no meu tapete. O que diabos aconteceu?"

Sim. O que diabos há *de errado comigo?* Pego uma camiseta descartada na parte de trás da poltrona reclinável, sento-me e começo a enrolar a roupa no meu antebraço. “A garota me cortou com uma garrafa de vinho quebrada.”

Guido pisca para mim, confusão estampada em seu rosto. “Ela é uma agente treinada ou algo assim?”

"Eu não acho. Ela simplesmente me pegou desprevenido.

“Rafael De Santi. Pego de surpresa."

"Sim." Concordo com a cabeça enquanto prendo a bandagem improvisada em meu braço. “Nós sabemos o nome dela? Ela desmaiou, então não tive oportunidade de perguntar.”

"Não. Mas tirei uma foto dela. Estou analisando o reconhecimento facial e cruzando registros do DMV de Illinois e alguns bancos de dados do governo local em Chicago. Vou ver se temos uma partida.

Guido se levanta do sofá e vai em direção à sua mesa que está empurrada para o lado e transbordando de lixo. “E parece que temos uma partida. Ela é... ah, merda.

"O que é?"

Ele olha para mim por cima da tela de seu laptop, com um olhar ligeiramente frenético. “Vasilisa Romanovna Petrova. Ela é filha de Roman

Petrov.” Ele engole em seco. “Sequestramos a princesa da Bratva Russa.”

"Você não diz." Eu me inclino para trás e jogo meu braço por cima da poltrona reclinável. "Mundo pequeno."

“Temos que levá-la de volta. Agora mesmo! Vou ligar para o piloto para preparar o avião.”

Sim, mandá-la para casa seria a atitude mais sábia. Já se passaram quase vinte e quatro horas desde que Hank e Vinny a agarraram na rua. Conhecendo Petrov, ele já reuniu seus homens e está pronto para aniquilar o responsável pelo desaparecimento de sua filha.

Minha mente se volta para a mulher que deixei dormindo na minha cama. “Desligue o telefone.”

"O que?"

“Agora, Guido.”

“Foder com a Bratva é uma péssima ideia. E não estou falando sobre dar adeus a possíveis futuros empregos com eles. Mesmo que tenha sido um erro, não se pode argumentar com Petrov se isso afeta alguém de seu povo, muito menos membros da família. Ela está voando de volta para Chicago esta noite.”

“Eu não vou mandá-la de volta. Ainda não, de qualquer maneira.

Guido abaixa a cela enquanto me olha incrédulo. “Você está maluco? O que você vai fazer com ela?

“Ainda não decidi.”

Capítulo 4



O sol está no meu rosto. Posso sentir seu calor. Um leve aroma de salmoura está no ar, misturado com uma fragrância masculina. Um zumbido estranho não muito longe. Grilos? Não, não pode ser. Não há grilos em Chicago.

O som de passos. Recuando.

"Mãe?" Murmuro no travesseiro. “Feche as malditas cortinas.”

Mais passos, mas agora mais distantes. O clique inconfundível de uma porta se fechando.

Aperto os olhos. Então, salte na cama, olhando loucamente ao redor do quarto desconhecido.

As paredes são da cor terracota clara, adornadas com detalhes em estuque e pinturas a óleo representando paisagens mediterrâneas. Uma estante de madeira branca envelhecida, repleta de dezenas de tomos encadernados em couro, ocupa o espaço entre dois conjuntos de portas de varanda abertas. Longas cortinas transparentes balançam com a brisa da manhã.

Desço da cama e faço uma rápida avaliação de mim mesmo.

Meus pés estão descalços. Alguém tirou meus tênis e meias, mas ainda estou vestida com a mesma roupa de ontem – jeans cinza e uma camisa grande demais – enrugada demais por ter dormido com ela. E então, há meus pulsos. Ambos estão envoltos em gaze, bem sobre meus ferimentos causados pelas algemas.

Perplexa, concentro-me nas duas portas na parede oposta, imaginando aonde elas levam. Enquanto atravesso a sala e passo pelo sofá de frente para a lareira, o tapete macio e felpudo faz cócegas nas solas dos meus pés. Aquela essência masculina no ar é mais forte neste local, mas há outro cheiro aqui também. Café. Olho para a mesa baixa em frente ao sofá. Uma única xícara de café expresso fica em cima dela. A pequena xícara está meio vazia, como se quem estivesse bebendo o rico néctar marrom tivesse saído com pressa. Por mais celestial que seja esse aroma, o perfume masculino permanece. Cipreste e laranja.

O pânico toma conta de mim. Alguém esteve aqui enquanto eu dormia.

“Vejo que você está de pé. Espero que você goste de suas acomodações.

Minha cabeça se levanta, os olhos se concentrando no cara loiro de ontem. Ele está de jeans novamente e uma camiseta verde-clara. Apoiado no batente da porta, ele segura um prato cheio de comida. Minha boca fica com água só de olhar.

Engolindo em seco e desejando que meu estômago não roncasse, dou um passo para trás. "Você esteve aqui a noite toda, idiota?"

"Com licença?"

“Você deixou seu café.”

Seu olhar desliza para a xícara de café expresso, franzindo as sobrancelhas, depois entra casualmente, colocando o prato na mesa de centro ao lado da bebida abandonada.

“Você é livre para passear pela casa e sair para o pátio, mas por favor não tente fugir. A propriedade é cercada por cerca elétrica e câmeras monitoram o terreno. A equipe de segurança está autorizada a atirar se encontrar você tentando escapar. Rafael virá vê-lo hoje mais tarde para discutir sua situação.”

"Minha *situação* ?" Com os olhos arregalados, não posso acreditar que ele tenha a ousadia de fazer esse comentário.

"Exatamente. Seria benéfico para você se comportar até que meu irmão retorne.

"Seu irmão? Então ele está no comando por aqui? Presumo que foi ele quem ordenou que eu fosse sequestrado?

"Sim. Sim. E sim, de novo.

“Então, por favor, transmita isso ao seu irmão.” Eu cerro as mãos e marcho pela sala até estar bem na frente desse irritante arrogante. “Quando meu pai descobrir sobre isso, ele vai cortar vocês dois em pedacinhos. E então, ele vai jogar isso para nossos cachorros. Vou gostar de vê-los festejando com sua carne enquanto bebo margaritas e aprecio o som de seus intestinos sendo mastigados em pedaços. Depois, ficarei feliz em esperar até que os cachorros caguem seus restos digeridos.”

Os lábios de Guido se arregalaram em um sorriso torto. “Obrigado por uma explicação tão detalhada, senhorita Petrova. Estarei lá embaixo se você precisar de alguma coisa.

Fico boquiaberta quando ele sai da sala e fecha a enorme porta atrás de si.

Os bastardos descobriram quem eu sou. Ou, mais importante, quem é meu pai. Bem, não é de admirar que eu tenha passado do porão para este quarto luxuoso. Tenho certeza de que o “alto e poderoso Rafael” está tremendo, tentando encontrar uma maneira de consertar sua merda. Mal posso esperar para ver todos esses idiotas de joelhos, implorando por suas vidas – em vão.

Estendo a mão e pego um doce do prato, deixando a doçura da massa amanteigada e escamosa e do creme se dissolver na minha língua. Enquanto mastigo, me aproximo da primeira das duas portas do lado esquerdo da sala. Abre para um enorme espaço de escritório. A decoração é todo em cores escuras, com mais estantes ao longo das paredes. Do outro lado, uma poltrona reclinável enorme e uma mesa ocasional estão colocadas em outro tapete grosso. Mas na frente, uma enorme mesa fica de frente para as portas francesas abertas que levam a uma varanda.

Mastigando apressadamente o croissant, corro em direção à mesa, na esperança de encontrar um telefone ou um laptop, qualquer coisa, na verdade, que me permita entrar em contato com minha família. Eu chego vazio. O loiro... *qual era o nome dele? Guido?* — disse que estou livre para passear pela casa e pretendo fazer exatamente isso. Assim que vou ao banheiro, porque minha bexiga está prestes a estourar. Volto para o quarto e vou direto para a porta que ainda não explorei.

Enquanto enxugo as mãos e planejo voltar ao escritório para revistá-lo novamente, meus olhos caem sobre a enorme banheira. É uma daquelas banheiras vintage com pés, grande o suficiente para acomodar pelo menos três pessoas.

Dou uma olhada no espelho, observando meu reflexo. Terrível não chega nem perto de descrever minha aparência atual. Meu cabelo está emaranhado, minha camisa e calças estão imundas e tenho sujeira espalhada por todo o rosto.

Amável.

Aposto que o mandão do Rafael provavelmente já ligou para meu pai, o que significa que ele e minha mãe estão vindo aqui para me buscar. Se eles me virem tão maltrapilho, Deus sabe o que eles vão pensar que aconteceu comigo. Mamãe vai chorar. Papai vai perder sua merda de sempre amoroso. Provavelmente antes de eu ter a chance de dizer a eles que estou bem.

Seria melhor me limpar antes que cheguem os aluguéis.

Encho a banheira, tiro a roupa e mergulho na água morna, deixando as imagens dos meus sequestradores se contorcendo de dor no chão ocuparem minha mente. Embora ainda não tenha conhecido Rafael, imagino-o parecido com o irmão. Cabelo loiro corte rente ao couro cabeludo, olhos verdes, constituição atlética, mas mais magro do que musculoso.

Oh, mal posso esperar para ver todos pagarem.

Eu volto e procuro um gel de banho. Só há uma opção e um frasco de shampoo ao lado. Ambos com aquele perfume masculino distinto. Acho que vou ficar no quarto do Guido, usando os produtos de higiene dele. Espremo uma boa quantidade de sabonete líquido na palma da mão e continuo me limpando enquanto o chilrear dos grilos entra pela janela aberta com vista para o jardim.

Só depois de tomar banho e me secar é que percebo que não tenho uma muda de roupa. Segurando a toalha marrom fofa firmemente em volta de mim, saio do banheiro na ponta dos pés e vou direto para o closet que avistei enquanto bisbilhotava. Tem que haver camisetas e shorts lá. Não posso dizer que acho atraente a ideia de usar as roupas do Guido, mas é isso ou a roupa suja.

A porta do walk-in se abre silenciosamente. Várias pequenas luzes se acendem, revelando o enorme interior e seu conteúdo.

Se adequa. Dezenas deles se alinham na prateleira à minha direita. Preto. Cinza metalizado. Carvão. Deslizo levemente meus dedos sobre os tecidos requintados. Sempre achei homens de terno gostosos. Talvez pelo ar sério que parece envolver um homem vestido com um belo terno. Sempre há algo de

imponente em sua presença. Potente. Sedutor.

Há alguns meses houve uma festa na casa de Don Rossi, com dress code específico para a noite. Vestidos longos e elegantes para mulheres. E claro, ternos para homens. Meus ovários quase implodiram só de ver. Infelizmente, minha empolgação durou pouco. Por insistência de Yulia, usei seu vestido preto justo, com uma fenda alta na lateral. Minha irmã também fez minha maquiagem. Todo homem que se aproximava de mim acabava olhando para meu rosto ou para meus seios e murmurava bobagens. Alguns que conseguiram usar palavras inteligentes rapidamente transformaram qualquer conversa significativa que estávamos tendo em algo que pensaram que me faria cair na cama deles.

Um roteiro quase idêntico, com poucas variações menores. *Você sabe que é a mulher mais bonita da sala?* Ou *você parece um anjo que desceu dos céus* . E meu favorito absoluto: *case comigo. Faremos bebês lindos.* Sério cara? E minha irmã se pergunta por que não vou a festas com mais frequência.

Não há sensação pior do que conversar com um cara de quem você está começando a gostar e perceber que ele não dá a mínima para quem você é, quais são seus interesses ou mesmo sobre o que você está falando. Isso me faz sentir assim. . . oco. Como se eu não fosse nada além da minha aparência.

Eu sou uma pessoa, droga! Não apenas uma bugiganga brilhante para brincar.

Tenho pensamentos e sentimentos, e se algum deles se preocupar em perguntar, sou realmente capaz de fazer as coisas. Coisas onde ser mulher não tem importância.

Talvez, um dia, eu encontre um homem que goste de mim pelo que sou por dentro, e não fique simplesmente apaixonado pelo meu exterior. E quem não vai fugir quando conhecer meu pai.

Talvez ele seja um cara de terno.

Solto a lapela da jaqueta cinza clara que estava acariciando e passo para as camisas. Guido, com sua atitude descontraída e jeans desbotados, não me parece alguém que gosta de usar terno, mas deve, considerando o óbvio. Tenho apenas uma vaga lembrança da noite passada. A queda pós-adrenalina e a sonolência me atingiram fortemente, mas lembro-me de tentar cortar a garganta de Guido com uma pistola calibre . . . garrafa quebrada. Acho que isso não funcionou para mim. Então, eu estava flutuando. Provavelmente, sendo carregado escada acima. E havia uma palma áspera contra minha bochecha. A loira tinha por ter me levado ao quarto dele. Aquele leve cheiro que senti quando acordei, lembro-me de inalá-lo enquanto estava enrolado em seu pescoço. É uma pena que uma ferramenta como ele tenha um gosto tão bom para roupas e fragrâncias. Só posso esperar que ele use um de seus ternos personalizados quando papai o matar.

Branco. Preto. Cinza. Suas camisas de botão são ainda mais bonitas. Escolho um preto (menos chance de meus seios aparecerem através do material, já que não tenho sutiã) e deslizo-o do cabide. Minha testa se enruga quando eu o seguro na minha frente. Qual diabos é o tamanho dessa coisa? Parece gigantesco.

Olhando para o rótulo, eu bufo. O número não faz absolutamente nenhum sentido para mim. Tudo o que posso pensar é que deve ser a forma siciliana de indicar “tamanho de tenda”. Guido não me parecia tão grande. Verifico mais algumas camisas, mas todas têm a mesma medida. Talvez a loira tenha perdido muito peso? Não admira que ele não use mais isso.

Enfiando os braços na camisa, olho para mim mesma. Eu pareço com a mamãe quando ela usa uma das camisas de botão do papai. A bainha literalmente ultrapassa meus joelhos e as mangas têm quase o dobro do comprimento dos meus braços. Pelo menos ninguém será capaz de dizer que não estou usando calcinha. Dobro as mangas sobre os antebraços (meia dúzia de vezes), depois pego uma das gravatas de uma gaveta e enrolo na cintura como um cinto.

Próximo passo: encontrar uma maneira de entrar em contato com minha família e saber quando eles chegarão.

*** * ***

Dez mil metros quadrados de área útil e nenhum telefone. Até pensei em tentar usar um aplicativo de navegador em uma TV, mas não encontrei em nenhuma das áreas comuns. Nenhuma outra pessoa também, exceto os guardas que vi fazendo rondas a formidável barricada de grossos postes de metal estreitamente espaçados, conectados por fileiras e mais fileiras de cabos lisos. Deve ser a cerca elétrica mencionada pelo Guido, que parece circundar a propriedade. Acho que um dos guardas também estava me seguindo, porque de vez em quando sentia olhares sobre mim, mas nunca vi ninguém.

Encontrei Guido trabalhando em seu laptop no terraço próximo à sala principal. Quando perguntei sobre os planos do “senhor da mansão” para me agraciar com sua presença, ele apenas encolheu os ombros. O chefe provavelmente está escondido em algum buraco, roendo as unhas enquanto pensa em que tipo de caixão encomendar para seu próprio funeral.

Depois disso, desci até uma pequena praia que só pode ser alcançada por meio de estreitos degraus de pedra escavados na lateral da falésia. Ninguém tentou me impedir. Talvez porque seja um beco sem saída, com altas falésias nos três lados e um mar sem fim no quarto. Zero opções de fuga. Descansei na areia quente por quase uma hora, depois voltei para a vila e verifiquei todos os quartos novamente. Um conjunto parecia o alojamento particular de alguém, com uma decoração muito diferente do resto da casa – mais moderna –, mas algumas das portas internas estavam trancadas. Deve ser a morada pertencente ao irmão “poderoso”.

Puta merda, há mais vida nas catacumbas do que neste lugar lindo, mas vazio. Depois de horas explorando, encontrei uma empregada enquanto ela limpava o balcão da cozinha e novamente quando ela carregava toalhas dobradas escada acima. Mas nas duas vezes, assim que me viu, ela correu para Deus sabe onde.

Continuando a vagar sem rumo de cômodo em cômodo, vou até a cozinha e

abro a geladeira. Várias entradas embaladas prontas para consumo estão empilhadas nas prateleiras. Eu mudo a massa de cogumelos para o lado (experimentei um pouco no início do dia) e retire uma salada de frango.

Eu esfaqueio um pedaço de carne, mas depois de um momento, coloco tudo de volta na geladeira. Eu não estou com fome. Eu só quero ir para casa, droga. O relógio redondo branco na parede mostra que são quase onze da noite. Por que ainda estou aqui?

Há uma garrafa de vinho tinto aberta na porta da geladeira. Não me lembro de ter visto isso aqui antes. O rótulo é o mesmo da garrafa que quebrei no porão, e essa lembrança surge instantaneamente na minha mente. Sirvo-me de um copo e saio da cozinha.

Uma brisa quente sopra em meus cabelos quando saio para o amplo terraço com vista para o mar e apoio os cotovelos na grade. Se eu não fosse um prisioneiro aqui, estaria apreciando a vista deslumbrante e o som das ondas quebrando na praia. Ao longe, ao longo da costa, várias pequenas luzes cintilantes estão acesas. Forçando meus olhos na escuridão, me inclino para frente, tentando decifrar o que são.

“Barcos de pesca”, uma voz masculina profunda ressoa atrás de mim.

Eu me viro, assustada, e o vinho espirra por toda parte, inclusive por toda a minha roupa emprestada. Sem lâmpadas no terraço, a única iluminação é a luz ambiente que sai de dentro da casa através das enormes janelas e portas francesas. Porém, não há o suficiente para afugentar as sombras lá fora. A figura de um homem — um homem muito corpulento e musculoso — está sentado na poltrona reclinável de vime do outro lado do pátio. Seu rosto está escondido pela escuridão, mas posso ver que ele está vestindo calça social e camisa de botão, com um colete por cima. Suas mangas estão enroladas até os cotovelos. Um pedaço de bandagem branca está enrolado em seu antebraço direito.

“Recebi sua mensagem.” Ele levanta a taça de vinho na mão e toma um gole. “Muito eloquente, senhorita Petrova. Gostei especialmente da parte sobre defecar cães.”

Arrepios percorrem meus braços por causa do rico timbre de sua voz. É rouco e áspero, mas o forte sotaque italiano faz com que soe menos grave. Não há uma única nota suave nele. Com seu corpo poderoso e relaxado tão casualmente, sinto como se estivesse diante de um grande felino indomável. Aquele que está de olho na próxima refeição. Meu.

“Rafael, eu presumo?” Eu engulo enquanto o observo. Ele não parece estar tremendo, preocupado com sua vida. “Quando meu pai chega?”

“Eu não sabia que Pakhan Petrov pretendia visitar a Sicília.”

“Ele está vindo me levar para casa.” Recuo um passo enquanto o pânico começa a surgir na boca do meu estômago. "Você disse a ele que estou aqui."

"Eu tenho? Porque eu faria isso?"

“Porque você sabe quem eu sou. E porque meu pai vai te matar se você não

me deixar ir.”

Ele toma outro gole de vinho. “Quem é seu pai não tem influência em meus planos.”

"O que . . . planos?” — consigo perguntar enquanto o pânico se transforma em terror.

“Você estará consertando a bagunça que criou quando invadiu o sistema de rede da minha empresa, para começar.”

"EU . . . Não tenho ideia do que você está falando. Qual sistema?”

“Por favor, senhorita Petrova, não vamos nos fazer de bobos. Pedi ao meu irmão que completasse uma extensa verificação de antecedentes sobre você. Você estudou ciência da computação. Graduado com bacharelado anteriormente este mês e foram aceitos em um programa de mestrado avançado em engenharia de software.” Uma aura de destruição iminente desce com cada palavra sua. “Foi seu pai quem te fez fazer isso? Fiz você violar os firewalls da minha empresa e criar backdoors para a rede? Qual era o seu objetivo? Encontrar o caminho para minha lista de clientes?

"O que?" Eu engasgo. "Não. Meu pai não teve nada a ver com isso.”

“Então *foi* você, afinal.”

Merda. Eu desvio o olhar. "Sim."

“Qual foi o propósito de suas ações?”

“Sua segurança de TI é boa. Foi um desafio quebrá-lo. E eu era . . . entediado."

"Você estava entediado?" Sua voz está baixa, mas há um tom perigoso nisso agora. “Tenho quatro pessoas trabalhando na identificação de qualquer malware ou merda que você baixou em meus sistemas. O que você fez deixou uma confusão que eles ainda não conseguiram desvendar.”

Essa conversa não está indo como eu esperava. Eu tinha certeza de que ele pediria desculpas e depois tropeçaria para me mandar para casa o mais rápido possível. Isso é o que está mais longe disso.

Com o vento soprando em meu rosto, jogando meu cabelo nos olhos, dou mais um passo para trás.

“Escute, me desculpe. Não farei isso de novo, ok? É apenas um pouquinho de código. Posso consertar isso assim que chegar em casa. Você pode, por favor, me deixar ir?

“As ações de alguém trazem consequências, Srta. Petrova. É assim que o mundo real funciona. Seu joguinho deixou minha empresa vulnerável a mais ataques cibernéticos. Então, não, não vou deixar você ir. Ele levanta o tornozelo sobre o joelho oposto e se inclina para trás. “Quero lhe oferecer um emprego.”

"Um trabalho?" Sai um som estridente enquanto olho para esse lunático. “Você me sequestrou, me drogou, me levou para outro continente, me jogou em um maldito porão e agora espera que eu trabalhe para você?”

“Sim, acho que isso resume muito bem a situação. Estou oferecendo três milhões pelos seus serviços.”

Uma risada histérica me escapa. Ele é louco! “Você pode pegar seus milhões e enfiá-los na sua bunda! Exijo ser mandado para casa. Agora mesmo, porra.

“Receio que isso não seja uma opção.” Rafael pega seu telefone e joga para mim. “Reproduza o vídeo.”

Quase não percebo a coisa.

A imagem estática mostra telhados altos. O familiar controle *de jogo* me provoca no centro da tela. Pressiono o triângulo, iniciando o vídeo.

Céu. Telhados. A câmera gira, focando em um homem com roupa tática toda preta, deitado perto da borda do prédio. Ele está segurando um rifle de precisão apontado para algo no chão, seu olho está voltado para a mira.

A vista muda para a esquerda, ampliando uma janela do último andar do prédio do outro lado da rua. Outro homem com uma arma de longo alcance.

Engulo o nó na garganta e aperto o telefone com mais força.

A câmera se move novamente, para a calçada cerca de trinta andares abaixo. Então, o ângulo muda repentinamente – a mesma calçada, mas agora o vídeo está sendo feito no nível da rua. A foto é de um casal em pé, de costas para a lente. A mulher tem longos cabelos negros e ela está segurando o antebraço do homem com força enquanto ele segura um telefone no ouvido. Ele olha para a mulher e balança a cabeça, depois abaixa o telefone. Eles se viram e correm pela rua.

A taça de vinho escorrega da minha mão e bate nos ladrilhos de pedra sob meus pés descalços, cacos ricocheteando por toda parte ao meu redor.

Mamãe e papai.

“Seu bastardo,” eu sussurro. Meus lábios tremem enquanto olho para a tela.

“Todo mundo tem um preço.” A voz profunda de Rafael rompe meu estupor, parecendo mais próxima do que antes.

Virando-me na direção daquele barítono, chego ao lado do amplo peito masculino. Eu inclino minha cabeça para cima. Para cima. A luz de dentro da casa transformou a enorme forma de Rafael em uma silhueta, e seu rosto permanece escondido pelas sombras.

"O que voce precisa que eu faca?" Quase soluço.

Suas mãos seguram minha cintura, me levantando. Deixo cair o telefone, agarrando seus antebraços e chutando minhas pernas.

"Solte-me!"

Rafael ignora meus protestos, me erguendo até que nossos rostos fiquem quase alinhados. Sua respiração ventila minha pele enquanto o aroma amadeirado de cipreste e notas cítricas de laranja formigam em minhas narinas. É o cheiro que senti no quarto de cima. *Seu* quarto. Um pequeno arrepio percorre

minha espinha, mas desta vez não é de medo. Sua presença é tão profunda que estou achando difícil puxar ar suficiente para os pulmões. Ele parece absolutamente imperturbável com as possíveis consequências de suas ações, e não acho que esteja fingindo. Na verdade, ele não dá a mínima, completamente despreocupado com a ira do meu pai.

"O que você quer de mim?" Eu pergunto novamente.

Ele me puxa um pouco mais para perto. A maneira como ele me segura casualmente, a um pé do chão, é angustiante. Mas de uma forma ridiculamente sensual.

“Quero que você revise meus sistemas de segurança digital, Srta. Petrova.”



Mal contendo minha risada, vejo a expressão no rosto de Vasilisa mudar de confusão para choque absoluto. Você pensaria que acabei de pedir a ela para matar alguém por mim.

“Você me sequestrou para que eu pudesse atualizar seus firewalls?”

Eu fiz? Não tenho certeza. Quando ordenei aos meus homens que entregassem o maldito hacker, eu pretendia torturar um pouco o idiota idiota como punição por mexer com meu negócio e depois me livrar dele. Eu nunca esperei uma garota escorregadia. Alguém que deu uma surra nos meus homens e depois tentou abrir minha garganta. Acho que é a primeira vez que uma mulher tenta me matar. E eu acho isso quente como o inferno.

“Não apenas os firewalls. Quero que você analise o ambiente digital usado pela minha empresa e depois reescreva os protocolos de segurança de cada sistema de TI.”

Os olhos de Vasilisa se arregalaram de puro espanto. Com a luz nas minhas costas refletindo em suas íris escuras como a noite, aqueles orbes expressivos parecem brilhar. Entre a fúria e a determinação, esta mulher imprevisível tem fogo nos olhos de corça. Linda nem chega perto de descrevê-la.

Uma tez macia e cremosa. Sobrancelhas finas e arqueadas que emolduram aqueles olhos hipnotizantes de ônix. Maçãs do rosto proeminentes afinando suavemente até um queixo estreito. Nariz pequeno e reto. E então, há sua deliciosa boca rosada, com lábios rosados e beijáveis. O inferior é ligeiramente mais cheio que o superior, convidando o homem a puxá-lo entre os dentes. Cada parte de seus traços faciais é perfeita, tanto que tudo desafia a realidade. A visão é simplesmente sobrenatural e é impossível desviar o olhar dela.

“Isso pode levar dias”, ela deixa escapar.

Sim, em teoria. Na realidade, porém, levará o tempo que eu quiser. Vasilisa

Petrova pode ser a criatura mais linda que já cruzou meu caminho, mas pela primeira vez na minha vida, sinto-me atraído por uma mulher por causa de mais do que apenas sua aparência.

Ela é ousada. Corajoso. Mal-humorado. Mas também meio mal-humorado, de um jeito adorável.

E não pretendo deixá-la escapar de mim.

Inclino a cabeça e vejo os fios de seu cabelo sedoso que caíram sobre seu rosto em formato de diamante. Preto como o céu noturno. As gavinhas tremulam com a brisa, obscurecendo parcialmente minha visão de seus olhos ligeiramente frenéticos. Eu gostaria de poder varrer as mechas atrás de suas orelhas delicadas, mas minhas mãos estão ocupadas, enroladas em sua cintura esbelta.

“Você ficará o tempo que for preciso. Até você terminar,” eu digo e sopro em seu rosto, afastando os fios brilhantes.

Vasilisa pisca e franze as sobrancelhas. Ela ainda segura meus antebraços, mas seu aperto felizmente afrouxou, e estou grato, já que suas unhas estavam cravadas no corte que ela fez na noite passada.

"Porque você fez isso?" ela murmura.

“Gosto de olhar as pessoas nos olhos quando falo com elas.”

O vidro estala sob meus sapatos quando carrego meu prisioneiro sobre as taças quebradas e, em seguida, baixo lentamente Vasilisa até o chão, próximo ao guarda-corpo que margeia o terraço. Ela tenta se afastar, mas coloco as palmas das mãos na grade em suas costas, prendendo-a com os braços.

“Um conselho, senhorita Petrova. Não me teste. Se você tentar escapar ou entrar em contato com alguém para avisar onde você está, darei a ordem para que sua família seja executada. Não apenas seus pais. Seu irmão e sua irmã serão incluídos nisso. Mas, se você seguir as regras, quando seu trabalho aqui estiver concluído, você estará livre para partir. Estamos entendidos?"

Seu corpo estremece e espero que o choro não fique muito atrás. Em vez disso, ela projeta o queixo e me encara com aquele olhar teimoso. Bravata, e não lágrimas, jorra dela. Mas por mais que ela tente esconder seu medo, posso ver o alarme contido em suas profundezas escuras e brilhantes.

“Por que eu deveria acreditar em você? Que garantia há de que você me deixará ir depois que eu consertar seus sistemas?”

“Objetivo final. É por isso que estou confiando em você para não fugir e deixar você ficar em um bom quarto, em vez de mantê-lo amarrado no porão durante o nosso acordo. Eu me inclino para frente. “Você quer voltar para o porão?”

Aqueles olhos escuros se estreitam para mim com desdém. “Espero que você tenha uma morte muito lenta e extremamente dolorosa.”

“Vou considerar isso um *não* . Bom. A confiança mútua é a base para todos os empreendimentos bem-sucedidos. Começaremos amanhã à noite, depois que

eu voltar do trabalho.” Deixei meu olhar deslizar até seu peito, observando o decote aparecendo entre as lapelas da camisa masculina que ela usa. "Por que você está vestindo minha camisa?"

"O que? Eu pensei que fosse do seu irmão,” ela morde, os olhos brilhando de exasperação. “Se eu soubesse... quer saber. . . deixa para lá. Vou procurá-lo e perguntar se ele tem algo que eu possa pegar emprestado, se isso te incomoda tanto.”

A raiva surge dentro de mim. Só de pensar nela vestida com qualquer coisa que pertença a outro homem, até mesmo do meu irmão, sinto arrepios. "Não. Você não vai usar a merda do Guido.”

“Se estou preso aqui, preciso de roupas!”

Eu acho que ela quer. Mas gosto bastante de como ela fica na minha camisa. “Sinta-se à vontade para se servir do que quiser do meu armário.”

Vasilisa se recosta. “Não está acontecendo.”

Ela vai cair do maldito terraço. Minha mão desliza para suas costas, mantendo-a firme. “Então você vai andar nu.”

“Foda-se”, ela diz entre dentes. “Tire sua mão de mim.”

Relutantemente, eu me afasto, mas deixo meus dedos roçarem seu braço no processo. “Estou ansioso para fazer negócios com você, Srta. Petrova.”

“Bem, o sentimento definitivamente não é mútuo.” Ela passa por mim e entra furiosamente na casa.

Sigo-a com os olhos enquanto ela atravessa a sala e sobe as escadas, depois volta para o meu lugar de descanso. Meu quarto fica logo acima do terraço, então tenho uma visão clara da figura que pisa na varanda superior cinco minutos depois.

A brisa faz seu cabelo flutuar em volta do rosto enquanto ela se inclina sobre a grade, com o olhar focado nos barcos de pesca balançando na água. distância, e os dedos dos pés descalços aparecem através dos postes do guarda-corpo. Pegando minha taça de vinho na mesa do pátio, me aprofundo nas sombras, apoiando-me na parede de pedra às minhas costas, e mantenho meus olhos ansiosos em minha mal-humorada princesa russa.

*** * ***

“O que você quer dizer com 'ela vai ficar aqui'?” Guido fica boquiaberto para mim. “Achei que você pediu que nossa equipe gravasse aquele vídeo para pressioná-la a não revelar nossas identidades a Petrov depois de mandá-la de volta.”

“Esse vídeo é um seguro. Mas com outro propósito. Eu me recosto no sofá. “Eu ofereci um emprego a ela.”

“Você ofereceu um emprego para uma mulher que você sequestrou?”

"Sim. Ofereci-lhe três milhões de dólares pelos seus serviços. Ela recusou. Suas palavras exatas foram: ‘Pegue seus milhões e enfie-os na sua bunda’".

Guido suspira e se senta na poltrona à minha frente. “Porra, Cristo. Que tipo de serviços?

“Parece que nossa rede travou inesperadamente. Eu quero que ela conserte isso.

“Além da porta dos fundos que ela de alguma forma criou, não há nada de errado com nossos sistemas.”

"Existe agora. Liguei para Mitch e ordenei a seu pessoal que embaralhasse nossos diretórios raiz e aplicativos até que eles quase não funcionassem. A senhorita Petrova foi persuadida a permanecer como nossa convidada até que todos os problemas sejam resolvidos. Como ela não foi receptiva ao meu dinheiro, fui forçado a encontrar uma moeda que ela não pudesse rejeitar. Parece que ela gosta da família e está disposta a consertar nossos sistemas de TI para impedir a ameaça às suas vidas.”

“Então, quanto tempo essa ‘consertação’ vai levar?”

“Eu instruí Mitch a continuar com a sabotagem, secretamente, é claro, até que eu diga o contrário.” Olho para meu antebraço enfaixado e sorrio.

"Tu gostas dela."

"Sim."

“Jesus, porra, Raff. Eu sei que você está acostumado a conseguir tudo o que deseja, inclusive mulheres, mas isso? Chantageando essa garota para ficar aqui, ameaçando matar seus pais? Existem centenas de mulheres – mulheres bonitas – que correriam para o seu lado. Tudo que você precisa fazer é estalar os dedos.”

“Você quer dizer, acenar com meu cartão de crédito.”

"Rafael-"

“O assunto está encerrado”, interrompo. “Vou visitar Calogero amanhã. Um de seus capangas foi visto no porto de Catânia. Nosso padrinho ficará em Palermo, como combinamos, ou não vai gostar do lembrete que lhe darei. Não permitirei que ele infrinja o que é meu.”

Quando regressei à Sicília, Mancuzo – o Cosa Nostra Don na altura – já tinha perdido o domínio sobre a maior parte da parte oriental da ilha. O território de Catânia a Ragusa era governado por gangues. Levei dois anos para corrigir essa situação e assumir o controle da área. Depois que Calogero assumiu seu papel na Família, concordei com seu domínio sobre o oeste da Sicília, mas a costa leste está sob meu reinado.

“Calogero está sangrando dinheiro ao usar navios de cruzeiro e balsas de passageiros para transportar seu produto. Ele precisa de acesso às principais companhias marítimas de carga, e todas elas passam pelo Porto de Catânia. Não acho que ele vai desistir, Raff.

"Não é problema meu. Não quero as drogas dele no meu porto.” Pego minha

jaqueta no encosto do sofá e me levanto. “Vou para a cama.”

“E onde será isso, se posso perguntar? Já que, aparentemente, você cedeu seu quarto ao nosso refém.

"Quarto de hóspedes."

“Por que não levá-la para lá?”

Encontro o olhar do meu irmão. “Porque a única cama em que ela dormirá de agora em diante é a minha.”

capítulo 5



A taverna decrépita onde Calogero costuma passar as tardes fica em uma rua sem saída na parte antiga de Palermo. Exceto pela devastação do tempo e pelo sol implacável do Mediterrâneo, o lugar não mudou nem um pouco em todos os anos. A merda de que me lembro da minha juventude ainda parece uma merda, com tinta descascando nas superfícies externas.

Quando abro a porta frágil e entro no interior sombrio, sou atingido pelo fedor de álcool velho e pelo cheiro rançoso de fumaça de charuto. Além disso, passando pela porta traseira aberta e pairando pesadamente no ar, há um cheiro inconfundível de peixe do mercado próximo. Todos os assentos neste lugar pútrido estão vagos. O único cliente do estabelecimento está sentado a uma pequena mesa de jardim montada no pátio. Ele tem setenta e poucos anos e está debruçado sobre um jornal aberto, tomando café. Atrás dele, de costas para a parede, mas a poucos metros de distância, estão dois homens armados. Seus olhos me seguem enquanto atravesso a taverna vazia, em direção ao líder da máfia siciliana.

“Que negócio o traz aqui, Rafael?” Calogero leva a xícara de café à boca; seus olhos nunca saem do jornal.

Sento-me à mesa e o observo. Ele pode agir de forma poderosa e muito importante na frente de seus homens, mas nós dois sabemos que a única razão pela qual ele está nesta posição de liderança agora é porque a Família ficou completamente desarrumada depois que matei o Don anterior.

“Acho que você sabe a resposta para essa pergunta.”

Meu padrinho finalmente olha para cima, mas seu olhar permanece no meu rosto apenas por um breve momento antes de se afastar. “Não tenho ideia do que você está falando.”

Eu balanço minha cabeça. Ver este homem provoca ódio em cada fibra do meu ser.

Na Itália, o padrinho é o mais próximo possível de uma relação familiar. Algumas pessoas até consideram esse vínculo mais forte do que os verdadeiros laços de sangue. Quando eu era criança, esse homem era meu modelo. Depois que meu pai foi morto, Calogero entrou em cena para ocupar seu lugar. Ele tomou minha mãe, meu irmão e eu sob sua proteção. Quando mamãe e Calogero ficaram juntos, nunca usei isso contra nenhum deles. Eu acreditava que meu padrinho era um bom homem. Mas a verdade é que ele era um covarde. Ele pode ser o Don agora, mas ainda é o mesmo velho covarde que não fez nada quando seu antecessor declarou minha mãe uma traidora e a executou.

“Da próxima vez que eu pegar um de seus homens em Catânia tentando subornar os trabalhadores portuários, cortarei sua língua e você encontrará seu cadáver jogado na sua porta.” Bato a mão na superfície da mesa, fazendo a xícara de café e o copo de água chacoalharem. “Não brinque comigo, *cumpari* . Ou você pode acabar com a garganta aberta como Mancuso.”

“Você é uma vergonha para o seu sangue e para a Família, Rafael”, diz ele entre dentes. Seus olhos caem para o meu braço esquerdo. “Jurando fidelidade aos nossos inimigos. Se você tivesse um pingo de decência, já teria removido a marca deles há muito tempo.”

Eu me inclino para frente, ficando na frente dele. “Pode ser uma surpresa para você, mas algumas pessoas são donas de suas escolhas.”

Os lábios de Calogero se contraem em um sorriso de escárnio. “Você tem coragem. Entrando aqui como se você fosse o dono do lugar, me ameaçando. Uma palavra minha e você nunca sairá deste lugar vivo. E daqui a uma semana alguém encontrará sua pele inútil jogada na praia. Ele inclina a cabeça em direção aos guarda-costas atrás dele, que imediatamente enfiam a mão nas jaquetas, pegando as armas.

"Realmente?" Eu levanto minha mão, estalando os dedos.

Um som estridente perfura o ar. Os dois guarda-costas caíram no chão com um baque alto.

Outra bala atinge a xícara do meu tio sobre a mesa e ela explode em minúsculos fragmentos, o café espirrando em seu rosto chocado e encharcando o jornal.

“Palavras são a única coisa em que você foi bom.” Levanto-me e ajeito minha jaqueta. “Mantenha seus homens longe do meu território. Este é meu último aviso.”

Posso sentir os olhos de Calogero nas minhas costas enquanto caminho pela taverna sombria e saio para a rua. Homens com caixas cheias de peixe ou vegetais debaixo do braço correm pela estrada de paralelepípedos, ou sem saber do que aconteceu há poucos momentos ou, mais provavelmente, nem se importando com isso. Nunca vou entender por que meu padrinho continua frequentando esse lixão. Provavelmente porque era onde Don Mancuso conduzia os seus negócios, e Calogero sempre foi um homem de tradição.

Olhando para a janela do segundo andar, onde outro dos meus homens está mantendo posição, aceno para ele e sigo em direção à próxima rua, para o mercado ao ar livre. É um caminho indireto até onde estacionei meu carro, mas sinto nostalgia.

Quando eu era pequeno, meu pai sempre me trazia com ele quando vinha para Palermo. Como soldado de Mancuso, ele se reportava regularmente ao Don, e eu passava horas correndo pelo mercado — brincando e muitas vezes roubando frutas aqui e ali — enquanto papai estava escondido naquela taverna. Muitas vezes eu colocava um figo no bolso quando o vendedor não estava prestando atenção. Uma laranja, se meu moletom fosse largo o suficiente para escondê-lo.

Um cacho de uvas brancas que colhi e comi enquanto passeava entre as barracas. Não é que não pudéssemos comprar as delícias. Sendo responsável por supervisionar a cobrança de dívidas do don, meu pai ganhava bem. Mas eu ainda roubava sempre que podia. Foi um jogo para mim.

Paro na beira do mercado, ao lado de uma barraca com cestos de vime cheios de cerejas vermelhas maduras. Meus olhos vagam pela multidão de moradores locais ocupados – escolhendo produtos, rindo. Se eu quisesse, poderia comprar este lugar inteiro. Cada coisa que está em exibição, junto com as pessoas. Pena que não traria nem um pouquinho da excitação que aquele pequeno figo em meu bolso provocou.

Afastando-me da barraca colorida, coloco meus óculos escuros e atravesso o mercado. Posso sentir os olhares de todos, mas cada contato dura apenas uma fração de momento antes que seus olhos se desloquem rapidamente para outro lugar e cada pessoa no meu caminho saia do meu caminho.

Estou acostumada com a reação deles. Mesmo com as sombras obscurecendo parcialmente meu rosto, a maior parte dos danos é claramente visível.

Algumas das coisas que aconteceram depois da explosão no meu último trabalho para Dushku permanecem obscuras. Lembro-me de ter acordado em uma ambulância. Jemin estava ao meu lado, com a arma apontada para o paramédico. Agarrando-me pelos braços, ele basicamente me arrastou para fora do veículo de emergência e enfiou minha bunda na traseira do carro dele. Então, devo ter desmaiado de novo. Durante a viagem, recuperei a consciência algumas vezes. A dor era insuportável. Quando chegamos à casa degradada no subúrbio, eu já estava quase todo examinado.

Jemin gritou e dois caras me carregaram para dentro de uma garagem e me depositaram em uma bancada onde um 'médico' passou horas me costurando novamente. Eu vivi, apesar das condições nada estéreis, evitando milagrosamente que qualquer uma das minhas feridas infeccionasse. O resultado final, porém, foi uma confusão de músculos mal remendados e pele deformada.

Não é de admirar que as pessoas não consigam olhar para mim agora. Seus murmúrios abafados se misturam aos gritos de vendedores entusiasmados. É uma cacofonia de contradição. Um com o qual estou realmente acostumado.

Pego meu telefone e ligo para Onofredo, o chefe da segurança da minha casa.

"Chefe?"

"Quantas vezes?" Eu pergunto.

"Sinto muito, não entendo."

“Quantas vezes desde esta manhã nosso pequeno convidado tentou escapar?”

“Ela não fez isso.”

Eu paro. "O que ela tem feito então?"

“Bisbilhotando. Ela examinou as gavetas e armários da sua mesa. Até verifiquei embaixo da almofada reclinável. Ah, e ela encontrou seu cofre e passou quase meia hora tentando decifrar a combinação.

Sinto os cantos dos meus lábios se inclinarem para cima. "E então?"

“Ela está reorganizando suas estantes.”

"O que?"

"Sim. Ela retirou todos os livros, alinhou-os no chão e depois começou a colocá-los de volta nas prateleiras em uma ordem diferente. Otto a verificou há quinze minutos. Ela ainda estava nisso.

— E você tem certeza de que ela não tentou fugir?

"Absolutamente."

Franzo as sobrancelhas. "Tudo bem. Mantenha-me informado."

A multidão continua a se separar diante de mim como o Mar Vermelho enquanto eu serpenteio entre as arquibancadas. Como sempre, os vendedores gritam, oferecem seus produtos e acenam para que os transeuntes se aproximem. Uma jovem à minha esquerda segura uma tábua de madeira repleta de pequenos pedaços de queijo cortado e carnes curadas, convidando os clientes a provarem as amostras.

“ *Signore* ?” ela me chama. “ *Vuole provar del presunto?* ”

Paro e olho por cima do ombro. A garota está levantando a bandeja em minha direção, com um sorriso sedutor dançando em seus lábios. Assim que ela olha meu rosto, ela fica tensa. Seu sorriso desaparece e ela rapidamente desvia o olhar. Típica.

Continuando meu passeio pelo mercado, minha mente se volta para minha linda refém e como ela estava linda vestindo minha camisa. Antes de sair esta manhã, ordenei à empregada que jogasse as roupas de Vasilisa no lixo. Eu disse a mim mesmo que era um castigo pela coragem dela de foder com a minha vida, mas na verdade, eu simplesmente gostei da possessividade primitiva que tomou conta de mim quando a vi em minhas roupas. Eu queria que ela fosse implicitamente marcada como minha. Nunca senti nada nem remotamente parecido com outra mulher antes. Com mais de uma dúzia de homens guardando os terrenos da minha propriedade, mesmo que ela não os veja, como ordenado, isso não significa que eles não a verão. E ter minha princesa mal-humorada vestida com minha camisa é um sinal grande o suficiente de que ela está fora dos limites.

Quando me aproximo do fim do mercado, meus olhos caem sobre uma barraca com uma variedade de frutas locais. Pêssegos, *nespole* e morangos enfeitam as cestas de vime na frente do vendedor que atende um cliente. No canto, há uma tigela pequena com alguns figos verdes. Eu não achava que eles ainda estavam na temporada. Apresso meu passo e ajusto minha rota para passar bem ao lado do balcão. E coloque um dos figos no meu bolso.



Coloco o último livro, *Nana , de Émile Zola* , na prateleira mais baixa e dou alguns passos para trás, observando meu trabalho. Esta manhã, removi todos os livros e os classifiquei por cor. Demorou quase quatro horas. Passei a maior parte da tarde vasculhando a vila, sem outra alma viva. Depois voltei ao escritório do Rafael e reorganizei os livros novamente, desta vez em ordem alfabética pelo nome do autor.

Reorganizar as coisas é algo que faço quando estou estressado. Isso me dá uma sensação de controle, mesmo que seja sobre algo mundano e sem sentido. E atualmente, nada na minha vida parece estar sob meu controle.

Ontem à noite, mal dormi. Passei quase todo o tempo sentado na cama enorme, enrolado em um cobertor e segurando uma faca que peguei na cozinha. Só para o caso de o canalha ter tido a ideia de me chantagear para fazer sexo com ele também. Somente quando o amanhecer começou a nascer é que me permiti sucumbir a algumas horas de sono agitado. Acordei me sentindo um desastre e agora estou ainda pior depois de mover todos aqueles tomos de lugar. Duas vezes.

Não havia nenhuma informação útil nos papéis que encontrei na mesa de Rafael. Me deparei com algo que parecia um aluguel de um depósito em nome da empresa que invadi – Delta Security – que presumo ser dele, mas o contrato foi assinado por outra pessoa. Impressões de especificações de algum tipo de equipamentos de vigilância. E alguns recibos aleatórios de coisas que não consegui decifrar porque estavam em italiano.

Mas descobri um cofre que despertou minhas esperanças por trás de uma das pinturas. Eu não consegui abri-lo, no entanto.

Ainda não sei praticamente nada sobre o homem que me mantém como refém. Nada, exceto seu nome. E que ele gosta de ler. Muito, com base no volume de livros aqui. Mais de novecentos no total.

É a coleção mais incomum. Literatura clássica. Filosofia. Finança. Livros didáticos de química. Vários tomos sobre anatomia humana, com um em particular focado exclusivamente no sistema cardiovascular. O conjunto de doze volumes de *A História do Declínio e Queda do Império Romano* . Até vários livros sobre horticultura e botânica. Isso realmente fez minhas sobrancelhas levantarem. Eu nunca teria classificado Rafael como um homem interessado em jardinagem, mas ele obviamente está, já que seções enormes desses textos estão destacadas e os livros de capa dura parecem bem usados.

Existem também algumas dezenas de romances. Eu adoraria me perder em um livro e aliviar um pouco do meu estresse com uma boa história, mas a maioria dos livros do Rafael são em italiano. Os únicos dois que encontrei em inglês são mistérios de assassinato e, considerando minha situação. . . Sim, não,

obrigado.

Hum-hmm. . . Agora que penso nisso, Rafael não me ameaçou diretamente. Minha família, sim. Mas eu não. Não houve nenhuma menção a danos físicos – nada de espancamentos, cortes de dedos ou ameaças de morte se eu não cumprisse sua ordem. Em vez disso, ele me carregou pessoalmente para cima, tratou de meus pulsos e tirou meus sapatos e meias antes de me colocar na cama. Em seu próprio quarto, que ele parece ter cedido para meu uso. Tudo isso depois que tentei abrir sua garganta. EU estremecer, lembrando-se de seu braço enfaixado. Eu o feri em legítima defesa, mas ainda me sinto mal por tê-lo machucado.

Arregaçando as mangas que se desenrolaram mais uma vez, pego o prato vazio do almoço que a empregada me trouxe e saio do escritório de Rafael.

Assim como antes, a casa parece completamente abandonada. Nenhuma criatura se mexe quando passo por salas lindamente decoradas. É estranho pra caralho, mas não consigo deixar de parar de vez em quando para admirar a elegância rústica da decoração. Mesmo sendo alguém com zero conhecimento de design de interiores, posso ver claramente que cada peça de mobiliário e cada detalhe foram escolhidos para complementar a graça discreta da mansão.

Cada quarto tem enormes portas francesas ou janelas que se abrem e deixam entrar o calor e os aromas inebriantes do Mediterrâneo, fazendo com que pareça que a própria casa faz parte da paisagem natural. Ainda assim, é uma sensação estranha estar dentro de um espaço tão gigantesco, completamente sozinho. Cada vez que as tábuas do piso de madeira rangem sob meus pés descalços, eu me assusto.

A vasta cozinha me cumprimenta com um silêncio assustador. Não há sinal da empregada que entregou minha refeição. A garota parecia totalmente apavorada quando entrou no escritório na ponta dos pés e me encontrou de pernas cruzadas no chão, cercado por pilhas de livros grossos de capa dura. Ela ficou boquiaberta para mim por alguns momentos antes de deixar o prato na pilha de livros e sair correndo o mais rápido que seus pés podiam.

Talvez ela pensasse que eu era louco. Não posso culpá-la se ela fez isso. Duvido que seja um comportamento normal uma refém ordenar os livros do seu captor em vez de tentar encontrar uma forma de escapar. Mas correr não é uma opção para mim. Tenho certeza de que Rafael estava falando sério quando ameaçou matar minha família se eu tentasse fugir. Eu podia ouvir isso — cristalino — no tom de sua voz.

Ele também disse que ninguém vai me incomodar aqui, o que tem se mostrado verdade até agora. Com isso, ouso acreditar que ele vai me deixar ir depois que eu consertar a bagunça que fiz. Ainda não tenho certeza de como isso realmente aconteceu, mas tanto faz. Eu só quero continuar com isso e terminar o mais rápido possível para que eu possa ir para casa.

E eu faria isso se “sua bunda tirânica” já aparecesse. São dez da noite! *Droga*.

Estou enfiando abobrinha grelhada fria na boca na ilha da cozinha quando o som de uma porta de carro sendo fechada me tira do meu devaneio. Corro em direção à janela que dá para a entrada e me inclino sobre o parapeito, tendo um vislumbre de uma enorme figura masculina entrando na casa.

Ele finalmente está de volta. Rafael. O todo-poderoso czar desta prisão estranha.

Raiva e irritação giram dentro do meu peito enquanto corro pela cozinha em direção ao hall de entrada. Aquele filho da puta vomitou sua maldade, ameaçou machucar minha família se eu não cumprisse sua ordem, mas depois me deixou preocupada o dia inteiro, apodrecendo no paraíso.

Quando chego ao hall de entrada, Rafael já subiu ao patamar do segundo andar.

“Que bom que você finalmente apareceu!” Eu chamo por ele.

Ele para e lentamente se vira para mim. Mesmo que ele esteja envolto em sombras desde que as luzes do andar superior estão apagadas, sei que ele está olhando diretamente para mim. Eu sei disso instintivamente – como uma presa que pode sentir o foco mortal de um predador, percebendo tarde demais que é impossível escapar de alguns destinos.

“Ansioso para começar a consertar seu trabalho?” Sua voz baixa e gutural preenche o espaço entre nós.

"Extremamente."

“Vá buscar meu laptop com Guido. Estarei esperando por você em meu escritório.

Observo sua forma recuando enquanto ele desaparece na esquina, depois pragueja e segue em direção à ala leste, para o que descobri ser o apartamento de seu irmão.

*** * ***

“Isso é uma bagunça”, murmuro, olhando para a tela do laptop. Livrar-me do código que alterei levou menos de dez minutos, mas a catástrofe de strings perdidas e comandos errados que estou vendo não pode ser o resultado disso. “Não parecia assim da última vez que visitei sua rede.”

"Visitado? Belo eufemismo para infringir a lei ao invadir um sistema não autorizado, Srta. Petrova. Minha empresa não é uma exposição de galeria.”

Olho além da tela, meus olhos focando em seu corpo imponente recostado na poltrona reclinável do outro lado da sala. Além da pequena luminária ao meu lado, todas as luzes do escritório estão apagadas. O leve brilho que chega até ele me permite ver que ele está novamente com um terno de três peças, mas pouco mais do que isso.

“Diz o cara que sequestra mulheres na rua”, comento, depois volto a

inspecionar o código.

Rafael já estava recostado naquela cadeira quando entrei carregando o laptop. Com sua voz rouca, ele me disse para sentar à mesa e começar. Desde então, ele permaneceu nada mais do que uma forma escura. Silencioso, na maior parte.

Ele está pensativo?

Planejando minha morte? Me assistindo?

O que ele está escondendo?

“Você está com raiva, Rafael?”

“Eu não acredito nisso. Por que você pergunta?"

"Tem certeza que?" Olho para ele novamente. “Sem febre, espasmos musculares, alucinações?” Faço uma breve pausa para lhe dar tempo de responder, mas ele permanece mudo. “Porque você parece estar sentindo sensibilidade à luz. Devo me preocupar com a possibilidade de você atacar? Tentar me morder?

Uma risada profunda troveja das sombras, rica e aveludada, preenchendo o espaço. Meus dedos pairam sobre o teclado enquanto aquele som me envolve, como um cobertor grosso e quente.

“Se eu começar a sentir esses sintomas, avisarei você.”

Eca. Ele não apenas usa ternos e tem um cheiro incrível, mas também aceita piadas às suas custas. É como se o universo pegasse minha lista de verificação do “homem perfeito” e começasse a marcar todas as caixas. Pena que Rafael seja um bastardo sequestrador e chantageador.

Mesmo assim, estou curioso para saber como ele é.

“Farei o que puder a partir daqui, mas precisarei verificar seu servidor principal em algum momento. Está em casa?

“Está no meu prédio corporativo, em Taormina.”

“Vou precisar de acesso a ele.” Meus olhos se voltam para ele por cima da borda do laptop. “E eu vou precisar de roupas. Sua equipe de limpeza parece ter levado minhas coisas. Eu os quero de volta.

“Ainda assim, você parece estar lidando muito bem com essa situação. A propósito, essa é minha camisa favorita.” O modo como ele diz isso, com uma pitada de diversão em seu tom, me faz pensar se não há algum significado oculto por trás de suas palavras.

“Isso é alguma vingança distorcida? Tortura psicológica estranha para me fazer sentir mais impotente ou algo assim?

"Talvez. Ou talvez eu apenas goste de ver você vestida com minhas roupas, Srta. Petrova.

Engulo em seco, afastando a excitação boba que cresce dentro de mim devido ao timbre rouco e profundo de sua voz. Como um amante seduzindo seu

parceiro para a cama, cada sílaba acaricia minha pele, prometendo coisas carnais impertinentes.

“Não vou sair por aí usando suas camisas tamanho tenda. Além disso, preciso de roupas íntimas, senhor.”

“Isso pode ser arranjado”, diz Rafael e se inclina para frente, apoiando os antebraços nos joelhos. De repente, está vinte graus mais quente aqui. Posso sentir seus olhos em mim, me libertando da escuridão.

Respirando fundo, arregaço as mangas da camisa emprestada que fica escorregando pelos meus braços. Abrindo o software de diagnóstico, configurei-o para executar uma varredura no sistema, depois peguei um lápis da gaveta da mesa e comecei a mastigá-lo.

“Por que você reorganizou minhas estantes?”

“É terapêutico”, murmuro com o bom e velho HB2 na boca enquanto avisos aparecem na tela. O aplicativo de faturamento no diretório de contabilidade é sinalizado como não responsivo. O sistema de armazenamento de dados possui um aviso sobre a não instalação de atualizações. Até o sistema de manutenção apresenta erros.

“Isso não é possível”, murmuro, boquiaberto com a lista que continua crescendo. “Meu código foi projetado apenas para criar uma porta dos fundos, não para estragar o resto da rede.”

“Talvez alguém tenha tropeçado na sua 'porta dos fundos' e decidido sabotar minha empresa. Minha competição, provavelmente.”

Lanço-lhe um olhar. “Você parece muito calmo sobre esse fato.”

“Por que eu não deveria estar? Você vai consertar tudo.”

O lápis quebra entre meus dentes, então tiro-o e foco novamente na tela do laptop. A verificação ainda está em execução. Meus olhos vagam para o único figo verde que está sobre a mesa, perto do porta-caneta. Estava lá quando entrei na sala, parecendo delicioso como o inferno, me tentando a dar uma mordida. Estendo a mão e pego a fruta. No momento em que meus dentes rompem a pele macia e coriácea, a doçura enche minha boca e eu gemo.

"Você gosta disso?"

Olho para meu sequestrador. "Sim. Eu só experimentei figos uma vez antes, e eles não eram nem metade tão saborosos.”

“Você sabe o que dizem: fruta roubada sempre tem um sabor mais doce.”

"Você roubou isto?" — pergunto, mastigando a iguaria em forma de sino. "Por que? Você obviamente está carregado.

“Velhos hábitos são difíceis de morrer.”

Arqueio uma sobrancelha, esperando que ele explique. Ele não sabe. Dou de ombros e volto a observar o programa de diagnóstico seguir seu curso. Os minutos passam. Uma hora. Rafael permanece em seu lugar, me observando em silêncio.

É perturbador.

Enervante além de qualquer medida.

Eu gosto disso.

Mas sentir seu olhar firme está me deixando inquieta. A vontade de olhar para ele aumenta a cada segundo que passa, e está ficando mais difícil lutar contra a atração.

Me contorcendo na cadeira, pego o pequeno bloco de post-its amarelo e começo a rabiscar nele com o lápis estragado. Ninguém jamais me acusaria de herdar o talento artístico da minha mãe (Yulia é a felizarda que recebeu isso), mas preciso de algo para focar em. Algo que impeça meus olhos de vagarem pela enorme sombra no outro extremo da sala.

Tento desenhar um pássaro, mas fico distraído com a simples presença de Rafael. Mesmo quando consigo não olhar em sua direção nenhuma vez, minha pobre criação acaba parecendo um cavalo.

Neste silêncio ensurdecedor, enquanto o processo de digitalização avança continuamente, juro que posso sentir os olhos do meu captor perfurando minha cabeça. Amassando o bilhete, jogo-o fora e começo outro esboço. Desenho a forma de um homem sentado em uma cadeira. Ok, é um boneco palito, de calça, mas a ideia é a mesma. Coloco uma jaqueta e um colete por baixo, que acaba parecendo um avental. Depois, uma boca grande e larga cheia de dentes afiados. Para finalizar, desenho um balão de fala.

Arrume sua bagunça, senhorita Petrova!

Um sorriso surge em meus lábios enquanto rasgo o post-it do bloco e o coloco no canto superior direito da tela do laptop. É muito ruim, na verdade. Yulia passou horas tentando me ensinar a desenhar. De alguma forma, ela sempre conseguiu transformar formas cilíndricas estranhas em rostos de pessoas, mas nunca entendi direito o conceito.

Quando olho para cima, Rafael ainda está recostado em sua poltrona reclinável, com os braços cruzados sobre o peito. Não o notei tirando o paletó, mas agora ele está no apoio de braço. A combinação da camisa branca com o colete escuro que ele veste faz com que seu peito pareça ainda mais largo.

Um único ding sinaliza o fim da verificação de diagnóstico e a janela de resultados exibe sessenta e sete erros detectados. Mais da metade são sinalizados como críticos.

"Bom. As análises estão feitas. Começarei com o programa de contabilidade logo pela manhã. Fecho o laptop com um estrondo alto e me curvo para desconectar o cabo de alimentação.

“O laptop fica aqui. Continuaremos amanhã à noite. Mesmo tempo."

“E o que devo fazer o dia inteiro até então?”

“Você é livre para fazer o que quiser, desde que mantenha nosso acordo em mente. Boa noite, senhorita Petrova.

Rangendo os dentes, levanto-me e caminho direto para a porta que leva do escritório ao quarto onde tenho dormido. E eu me certifico de fechá-lo no meu rastro.

Vou até o banheiro da suíte para tomar banho e escovar os dentes, depois visto outra camisa chique de Rafael, usando-a como camisola.

Estou um pouco reconfortado porque Rafael não parece querer nada de mim além de consertar seu maldito sistema de computador. Além daqueles poucos comentários sobre minhas roupas, ele não disse ou fez nada que me diga que está interessado em mim.

É estranho. Estou tão acostumada com caras tentando me levar para a cama minutos depois de me conhecerem. A aparente indiferença de Rafael me deixou um pouco confuso.

Talvez eu simplesmente não seja o tipo dele?

Bom!

Certo?

Adormeço com um caleidoscópio de imagens ocupando minha mente. Linhas de código. A grande extensão azul do mar e o sol refletido nas águas cintilantes. E o rosto oculto de um homem que me observa de um canto escuro.

Capítulo 6



Ainda um pouco nervoso pelas horas desconcertantes de empurra-empurra com Rafael em seu escritório na noite passada, saio do quarto, pronto para descer para tomar café da manhã. Mas me cumprimentando do outro lado da porta está uma grande bolsa branca com intrincadas alças douradas. Um elaborado logotipo dourado brilha no painel frontal – *o de Albini* – impresso em uma escrita tradicional. Agachando-me, desamarro cuidadosamente o laço dourado que segura as laterais da bolsa.

Dentro, quase uma dúzia de caixinhas elegantes e, entre elas, um cartão branco de aparência aveludada com o mesmo logotipo dourado na frente. Tirando-o, examino a bela caligrafia masculina.

Você pode continuar usando meu guarda-roupa para o resto do seu traje.

R.

Levanto uma das caixas, espiando por baixo da tampa. Um lindo conjunto de lingerie de renda preta está aninhado dentro. Tenho certeza de que o restante das caixas conterá mais do mesmo.

“Que coragem aquele homem,” eu rosno, mas sou incapaz de impedir que os cantos da minha boca se curvem levemente para cima. Levo a sacola para dentro e deixo o conteúdo em cima das colchas, minha mente tropeçando nas imagens da delicada renda nas mãos de Rafael.

Um tremor percorre meu corpo. Quase posso sentir a aspereza daquelas mãos enquanto elas deslizam pela minha pele aquecida, puxando o tanga preta requintada e enviando aquele pedaço de renda para se juntar ao sutiã combinando em algum lugar por cima do ombro.

Desviando meus pensamentos de um caminho que é melhor não percorrer, desço as escadas, pronta para enfrentar o canalha.

Na cozinha, encontro Guido encostado na bancada e segurando uma tigela de cereal, os olhos fixos no telefone que está ao seu lado no tampo de madeira.

Nenhum sinal de Rafael.

“Espero que nesta casa haja algo além de comida de passarinho para comer no café da manhã”, digo enquanto passo por ele a caminho da geladeira.

"Duvido."

"Onde está seu irmão?"

"No trabalho. Por que?"

“Preciso ligar para minha família.”

Guido levanta uma sobrancelha para mim.

“Com base na verificação do sistema que fiz ontem, ficarei aqui por pelo menos uma semana. Provavelmente mais. Preciso que eles saibam que estou vivo e bem.”

“Vou verificar com o Rafael, mas não tenha muitas esperanças. Ele não vai permitir isso.”

Guido pega o telefone, o polegar trabalhando para tocar em um contato listado – de seu irmão, presumo – e então o leva até o ouvido. Seu tom muda de descontraído para irritado, enchendo-se rapidamente de raiva enquanto argumenta em italiano. Quando ele me passa o telefone, seu rosto é uma máscara de fúria.

“Senhorita Petrova,” Rafael resmunga do outro lado da linha. “Estou ouvindo, mas seja rápido. Estou em uma reunião."

“Quero ligar para minha família.”

“Sim, Guido me contou.” Um som estranho e gorgolejante vem da linha, misturado com gemidos abafados. “Isso não fazia parte do nosso acordo.”

“Eles precisam saber que estou bem. Meus pais provavelmente vão enlouquecer sem uma palavra minha em três dias. Por favor, eu só vou...

Um uivo estridente explode em meu ouvido e eu rapidamente afasto o telefone. Fico boquiaberta enquanto os gritos continuam, altos e claros, apesar do viva-voz estar desligado, até que lentamente se transformam em gemidos.

"Eu interrompi você batendo em alguém?" — pergunto, devolvendo cautelosamente o telefone para o lado da minha cabeça.

“ *Stai zitto!* — Rafael rosna para quem está do outro lado. "Talvez. Gostou do seu presente, vespetta?

“Você está me perguntando isso agora?” Minha sobrancelha se levanta em espanto. “Se eu disser não, você me deixará ligar para casa?”

Outro grito irrompe de onde quer que meu sequestrador esteja no momento, mas desta vez é mais contido. "Não."

“Então, eu simplesmente adorei”, eu digo.

"Fico feliz em ouvir isso. Você pode ligar para sua família. Não há detalhes sobre onde você está, ou como chegou aqui, ou se sabe o que vai acontecer. *Capitão?* ”

"Sim."

"Bom. Coloque o Guido.

Pela expressão azeda de Guido quando passo o telefone para ele, ele não está feliz com a decisão de Rafael. Eles argumentam por quase mais um minuto antes que o irmão de Rafael me devolva o aparelho.

“Vinte segundos”, ele late. “E você faz a ligação ali mesmo.”

Olho para a tela, pensando se devo ligar para mamãe ou papai. Papai sem dúvida perderia a cabeça e começaria a gritar, exigindo saber onde estou. Não poderei dizer uma palavra até que ele termine. Meus vinte segundos serão perdidos. Mãe é então.

Meus dedos tremem enquanto digito os números e, quando a linha finalmente conecta, quase desaba e começo a chorar. Perco cinco segundos preciosos tentando me recompor antes de poder pronunciar uma palavra.

"Ei mãe."

“Vasya?” a voz grogue da minha mãe atravessa a linha. "Oh meu Deus! Onde está você, bebê?! Estamos ficando loucos...”

“Estou bem, mãe. Escute, não posso falar muito. Só queria que você soubesse que estou bem e que voltarei para casa em algumas semanas.”

"O que? Diga-me onde você está! Agora mesmo!"

“Vou ligar novamente em alguns dias, ok? Amo você."

Mal termino, Guido arranca o telefone da minha mão e corta a linha. "Acabou o tempo. Não posso arriscar que eles rastreiem a ligação.

Seu tom contém um traço de presunção, como se tirar aquele telefone de mim fosse a coisa mais gratificante que ele já fez em muito tempo. Meus dentes rangem pela maneira forte como os cerro. É isso ou deixar as lágrimas brotando nos cantos dos meus olhos se libertarem.

Mas não vou dar a esse idiota a satisfação de me ver chorar.

Virando-me, marcho até o armário de parede no lado oposto da cozinha, pegando uma cadeira da mesa de jantar ao longo do caminho. A maldita coisa tem que ser de madeira maciça porque pesa uma tonelada. Quando chego ao destino pretendido, meus braços doem de tanto levantar o objeto volumoso. Coloco a cadeira ao lado dos armários, subo nela e começo a tirar os copos da prateleira de cima e colocá-los no balcão.

"O que você está fazendo?" Guido pergunta atrás de mim.

Eu o ignoro, concentrando-me apenas na minha tarefa de reorganização. É a única maneira de conseguir me distrair das preocupações com minha família.

Às cegas, esvazio os armários de xícaras e copos que foram colocados ao acaso em uma prateleira, e as taças que foram misturadas com copos e outros copos de coquetel.

“ *Какой ужасный беспорядок,* ” murmuro enquanto vou para a prateleira do meio. Eles ainda têm barracas de bolo presas no mesmo lugar!

“Eu perguntei, que porra você está fazendo?” Guido rosna ao meu lado e bate a porta do armário, quase errando meus dedos.

Olhos fixos em sua mão mantendo a porta fechada, respiro fundo e enfrento o idiota. O olhar que ele me lança está carregado de desprezo e malícia estritamente contidos.

“Você tem algum problema comigo, Guido?”

"Sim eu faço."

“E que problema pode ser esse?” Minha voz pode parecer forte, mas, na verdade, mal consigo me controlar. Não tenho escrúpulos em confrontar homens com uma superabundância de testosterona e personalidades idiotas em circunstâncias normais, mas esta situação fodida está a revelar-se um pouco demais. “A última vez que verifiquei, não estou aqui porque quero estar.”

As narinas de Guido se dilatam. Ele se inclina em minha direção, ficando na minha cara. “Se você matar meu irmão, eu mato você, porra.”

Duas lágrimas traiçoeiras escapam, deslizando pelo meu rosto. Retornando seu olhar resoluto, me obrigo a sorrir. “Sinta-se à vontade para tentar.”

Ele bate o punho no armário e sai furioso da cozinha. Só depois que ele sai é que me sento no balcão, entre as fileiras de copos e xícaras, e enxugo o rosto.

Jesus Cristo, no que eu me meti?

E por que diabos a ideia de meu pai matar Rafael não parece tão tentadora quanto antes?



Magnífico.

Não há palavra melhor para descrever a mulher sentada de pernas cruzadas em minha mesa, murmurando para si mesma enquanto seus dedos voam sobre as teclas enquanto ela conserta a bagunça que minha equipe de TI criou propositalmente. Mitch me garantiu que levaria dias para resolver o sistema financeiro, considerando o quanto eles corromperam o software.

Ela levou algumas noites e menos de uma dúzia de horas.

Esta noite ela está trabalhando no sistema de gerenciamento de arquivos, desembaraçando as permissões para as subpastas do nosso repositório de dados. Aparentemente, isso deveria mantê-la ocupada por uma semana. É melhor que os caras de Mitch tenham feito seu trabalho corretamente e tenham mexido muito bem, caso contrário, cabeças vão rolar.

“Aquele lápis fez alguma coisa que ofendeu você?” Eu pergunto, olhando para a coisa em questão.

Vasilisa larga o lápis que está mastigando há uma hora e me lança um olhar irritado. "Não. É apenas uma vítima involuntária.”

"Sobre o que?"

“Meu processo de pensamento. A extensão da confusão que estou tentando resolver aqui é colossal. É frustrante. Quem configurou seu NAS?”

“Não tenho ideia do que é NAS ou quem o configurou. ISSO é como hieróglifos para mim.”

"Oh?" Suas sobrancelhas arqueiam interrogativamente. “Um homem disposto a confessar que não possui conhecimento absoluto sobre um determinado assunto? Essa é a primeira vez.”

“Sou um ser bastante simples, vespetta. Dê-me uma meta e eu a alcançarei, destruindo brutalmente todos os obstáculos no meu caminho. Infelizmente, não tenho a delicadeza necessária para resolver esses problemas cerebrais. Mas tenho você e sua mente brilhante à minha disposição para lidar com isso agora.”

Vasilisa me encara com os olhos arregalados e os lábios entreabertos, parecendo totalmente desnorteada. Mesmo na penumbra, posso ver a cor subindo em suas bochechas. Vou precisar trabalhar para entregar meus elogios, obviamente.

“Hum. . . certo." Ela rapidamente desvia o olhar. “NAS é um dispositivo de armazenamento de dados. Ele deveria fazer backup automaticamente duas vezes por dia, mas em vez disso, os arquivos estão sendo apagados.”

“Mitch seria a pessoa que poderia lhe dar uma dica sobre tudo o que você precisa saber sobre isso.”

“Eu gostaria de ter uma conversa com Mitch, então.”

"OK." Pegando meu telefone, estendo-o para ela. "Aqui."

A cabeça de Vasilisa se levanta. “Eu não quis dizer agora. Cristo! É quase meia-noite.”

“Mitch é pago para estar disponível 24 horas por dia, sete dias por semana. Ele não vai se importar. Aceno em direção à cela. “Ligue para ele e pergunte o que você precisa. Agora."

Suas sobrancelhas se erguem, então ela se levanta lentamente e se aproxima, com passos cautelosos e cautelosos. Ela parece preocupada que eu possa atacá-la. E talvez ela esteja certa, porque a tentação de fazer exatamente isso é uma torrente mal controlada que corre através de mim.

Ela para alguns passos na minha frente e olha para minha mão estendida.

“E você não pode simplesmente deixar o homem dormir e ligar para ele amanhã?” ela fala lentamente, olhando para o telefone. “Você é um empregador de merda.”

"Não, eu não sou. Cada homem que trabalha para mim é amplamente recompensado pelo seu serviço.”

“Então, eles são apenas isso? Funcionários, nada mais?

“Funcionários extremamente bem pagos.” Pressiono o botão de chamada com o polegar. "Pergunta à vontade."

Vasilisa olha para cima, seus olhos encontrando os meus. Nenhum de nós consegue ver claramente o rosto do outro na escuridão, mas posso *sentir* o olhar dela fixando-se no meu enquanto ela tenta penetrar além da escuridão

circundante.

"Chefe?" A voz de Mitch quebra o silêncio.

Lentamente, os dedos de Vasilisa envolvem o telefone na palma da minha mão. No instante em que a pele dela entra em contato com a minha, eu fecho minha mão na dela, segurando-a no lugar. Ela fica tensa imediatamente, mas não tenta se libertar.

“Espero que seus pulsos tenham sarado”, digo enquanto passo o polegar pelos nós dos dedos dela. “Lamento que você tenha sofrido isso.”

“Eles fizeram”, ela sussurra. “E espero que seu antebraço esteja se recuperando. Mas não vou dizer que sinto muito.”

Um sorriso surge em meus lábios.

"Chefe?" Mitch insiste novamente. "Você pode me ouvir?"

Soltei a mão de Vasilisa. Seus dedos deslizam sobre minha palma enquanto ela levanta o telefone e o coloca no ouvido.

“Oi, é o hacker de estimação do seu chefe falando”, ela brinca.

Seus olhos ainda estão fixos nos meus, embora ela realmente não consiga vê-los. Tenho certeza disso, da mesma forma que sei que os dedos dela roçaram minha palma de propósito.

“Preciso de algumas informações sobre o servidor NAS que você configurou.”

Meu olhar segue Vasilisa enquanto ela retorna para a mesa e permanece presa nela pela próxima hora enquanto ela ouve tudo o que Mitch lhe diz e simultaneamente digita no laptop. Nenhuma das bobagens que ela menciona faz qualquer sentido para mim, mas ainda assim absorvo cada palavra. Ela tem a voz mais sedutora – um pouco rouca, mas melosa de um jeito doce que, ao ouvi-la, me faz imaginar como ela soaria enquanto estivesse presa debaixo de mim.

Não é um sonho, mas uma promessa para mim mesmo. Reivindicarei Vasilisa Petrova como minha. De todas as maneiras possíveis.

Tomo um gole do meu vinho e continuo observando-a enquanto ela mais uma vez passa o lápis entre os dentes, segurando o telefone preso entre o queixo e o ombro. Essas noites se tornaram de alguma forma o ponto alto do meu dia. eu poderia com prazer passo horas simplesmente observando-a fazendo seu trabalho ou conversando com ela para tentar descobrir o que há nela que me fascina tanto.

Sim, a sua beleza é incomparável e olhar para ela é como ver a mais sublime obra de arte, mas a sua aparência não é a única razão da minha obsessão. Estou completamente cativado por sua tenacidade e determinação em fazer o que for preciso para manter sua família segura. Ela não tentou fugir nem uma vez, de acordo com os relatórios da minha equipe de segurança sobre seus movimentos. Ela também não tentou passar nenhuma informação para a família quando usou o telefone de Guido para falar com a mãe outro dia. A força de vontade dessa

garota é surpreendente.

Assim como sua ousadia em me responder. As pessoas nunca *fazem* isso. Com muito medo da minha ira.

O medo é bom. Necessário. Isso torna muito mais fácil fazê-los dançar conforme minha música. No entanto, não quero que minha vespetta tenha medo de mim, e é por isso que me esforcei tanto para esconder meu rosto dela. Eu quero o desafio dela. Sua brincadeira. E mais de seus rabiscos ridículos.

Meus lábios se curvam quando me lembro do post-it que encontrei no laptop depois de uma de nossas noites. Levei alguns momentos para perceber que a criatura de formato estranho e avental era uma versão minha. O balão desenhado ao lado dele foi o que eventualmente me deu uma pista.

"Ok, vou tentar isso." Vasilisa coloca o telefone na mesa e afasta alguns fios escuros que caem sobre seus olhos antes de retomar o trabalho.

Esta noite, ela usou outra gravata minha para prender o cabelo no topo da cabeça. Ela tentou encurralar a massa, mas grande parte dela escapou durante a noite e agora está caindo em fios emaranhados ao redor de seu lindo rosto. Meus dedos coçam para tocar o macio gavinhas, e tenho que me lembrar por que não posso ir até ela e fazer exatamente isso.

“Vejo que você decidiu expandir suas roupas”, digo, olhando para a jaqueta do meu terno que ela vestiu por cima de uma das minhas camisas sociais. A roupa parece ridícula para ela – engolindo seu corpo pequeno. Parece que ela está usando uma barraca.

“Eu estava com frio”, ela murmura sem erguer os olhos.

Cada músculo do meu corpo fica rígido. "Frio?"

"Sim. Sua jaqueta funciona, mas eu apreciaria algo do meu tamanho. Sua hospitalidade deixa muito a desejar, Rafael.”

"O que mais você precisa?" Eu rosno. Ela estava com frio. Por minha causa!

Os olhos de Vasilisa se erguem da tela do laptop, focando em meu lugar no canto. Eu imediatamente me inclino mais fundo nas sombras.

“Deixar-me ir para casa não é uma opção, presumo?”

"Não."

"Camisetas. Legging. Um moletom. Meias. Pijamas. E uma escova de cabelo. Ah, e alguns alimentos de verdade para o café da manhã. Eu odeio cereais.”

"Isso é tudo?"

“E desodorante feminino, por favor. Não quero continuar por aí cheirando como você.

Meu pau instantaneamente se transforma em granito com a simples ideia dela carregando meu cheiro. "Multar."

Ela apoia o punho sob o queixo e inclina a cabeça. “Por que você não me

deixa ver seu rosto?”

"Tenho meus motivos."

“É para que eu não consiga identificá-lo mais tarde? Você está preocupado que eu conte ao meu pai o que realmente aconteceu e ele vá atrás de você?

"Talvez."

"Sábio. Você deveria ter muito medo da fúria do pakhan.”

“Estou muito apavorado, senhorita Petrova.” Tomo um longo gole do meu vinho. “Tenho certeza de que Roman ficou ainda mais ranzinza do que da última vez que nos encontramos.”

Vasilisa me olha com a boca aberta, depois pisca rapidamente duas vezes com aqueles longos cílios pretos. "Você conhece meu pai?"

“Colaboramos em algumas ocasiões.” Eu me inclino mais para trás e observo seu rosto. Ela fica ainda mais bonita quando está confusa. “Não há muitas pessoas que precisem dos serviços que minha empresa oferece ou que possam pagá-los. E eu pessoalmente conheço a maioria dos que o fazem.

"Mas . . . mas você dirige uma empresa de segurança privada. Verifiquei o site da sua empresa. O pacote básico oferecido custa alguns milhares por mês, dificilmente uma quantia astronômica.”

“Eu não estava me referindo ao meu negócio de fachada, senhorita Petrova.”

“Então, a que você estava se referindo?”

“Isso é entre Roman e eu”, digo a ela. “É um pouco tarde. Talvez devêssemos continuar com isso amanhã.

"Cara! É isso? Você acabou de lançar esta bomba e agora está me mandando para a cama sem maiores explicações?

Estou muito tentado a contar a verdade a ela. Ela não pode ser tão ingênua a ponto de não saber o que seu querido e velho pai faz. Mas conhecendo Petrov, ele provavelmente tentou protegê-la do pior. Ela ficaria surpresa ao saber que durante a última década e metade das minhas equipes eliminaram vários alvos para o pai dela? Aquele daqueles golpes que eu mesmo executei?

“O respeito e a confiança dos filhos nos pais nunca devem ser comprometidos, vespetta. Não quero manchar sua opinião sobre seu pai.

“Oh, você é um cavalheiro, com padrões morais extremamente elevados.” Ela aponta o lápis mastigado para mim. “Eu sei exatamente quem é meu pai e o que ele faz para viver. Que tipo de serviços você prestou a ele?

“Os mesmos que ofereço a todos os meus clientes. Uma resolução rápida e definitiva de questões muito delicadas, tratadas com a máxima discrição, claro.”

"Que significa?"

“Isso significa que eu mato pessoas.”

Dois olhos escuros se transformam em fendas brilhantes. “Meu pai não terceiriza.”

Por alguns momentos, só consigo olhar para ela. “Ele não. . . terceirizar?”

"Correto. Quando ele precisa que alguém vá embora, meu tio cuida do assunto.

Inclino a cabeça, observando meu pequeno hacker sob uma nova luz. "E você está bem com isso?"

“É claro que não estou bem com isso. É apenas . . . É assim que sempre foi. Como funciona o mundo dele. E por relação, a minha também. Prefiro que meu pai cultive tomates orgânicos para viver, mas esse não é ele. Ele pode ser um vilão para a maioria das pessoas, mas para mim ele é apenas meu pai.”

Interessante.

A maioria das mulheres na sociedade criminosa finge ignorar a forma como os seus pais, maridos ou irmãos ganham a vida. Mesmo que não tenham escrúpulos em gastar o dinheiro sangrento, ainda professam inocência para o mundo exterior.

“Você trabalha para seu pai? Tenho certeza de que Petrov considera suas habilidades muito úteis.”

“Não”, ela murmura.

"Por que não?"

Vasilisa desvia o olhar, decepção e mágoa gravadas em suas feições de boneca. “Roman Petrov nunca permitiria que sua delicada flor de filha mergulhasse o dedo do pé em qualquer coisa relacionada à Bratva.”

“Assim como o intrincado e frágil lírio do vale, talvez?” Eu comento. O olhar que ela me dá é pura ameaça. “O que, se usado corretamente, pode causar parada cardíaca e morte.”

Vasilisa franze a testa em confusão.

Sim, definitivamente preciso de mais sutileza ao elogiar as mulheres. Esta mulher.

"E você sabe disso . . . por experiência pessoal?” ela pergunta.

“Prefiro *Aconitum* em assuntos de negócios. Funciona mais rápido. Alguns contratos têm prazos de entrega muito curtos.”

Com os lábios rosados pressionados firmemente, Vasilisa olha para a tela do laptop. Posso praticamente ver as rodas girando em seu cérebro.

"Qual é o seu sobrenome?" Ela pergunta sem olhar para mim.

Bem bem . . . Ela finalmente conectou os pontos. “É De Santi.”

“Rafael De Santi”, ela diz com voz rouca. “O Siciliano.”

Eu sorrio. “Ao seu serviço, senhorita Petrova.”

Vasilisa balança a cabeça e se contorce nervosamente na cadeira. Seus ombros estão caídos, fazendo-a parecer ainda menor no meu paletó. As mangas se desfizeram e caíram quase meio metro além de suas mãos.

Ela parece tão perdida de repente, e aquela pontada de culpa me atinge novamente.

"Eu não vou machucar você."

“Sim”, ela murmura. "Está tarde. Acho que deveríamos encerrar a noite.

"Claro. Bons sonhos, vespetta.

Mantendo os olhos grudados no chão, Vasilisa desliza da cadeira e se dirige para a porta que liga o escritório ao meu quarto. Ela está tentando parecer indiferente, mas é óbvio que está fugindo.

Quando ela chega à porta, porém, ela para. "O que isso significa? Aquela palavra. É um insulto?

Eu a observo, tão linda e majestosa, mesmo com aquela jaqueta enorme que parece tê-la engolido inteira. Ela realmente parece uma princesa.

“Significa pequena vespa”, eu digo.

"Oh." Ela lança um rápido olhar por cima do ombro em minha direção e depois desaparece na soleira.

Espero até que a porta se feche atrás dela antes de me aproximar da mesa e levantar o bloco amarelo de post-its. Há um rabisco na parte superior. Um stickman horrível segurando a alça de uma placa de protesto na mão.

O pior empregador do mundo.

Não consigo reprimir minha risada.

Retirando o bilhete, tiro minha carteira e deslizo o novo rabisco ao lado do esboço anterior que ela fez.

Capítulo 7



Grilos novamente. A música deles passa pela janela aberta, enchendo a sala com uma melodia que eu achava reconfortante nos dias anteriores, mas agora parece ameaçadora de alguma forma.

Aperto o último botão de uma enorme camisa branca e olho meu reflexo fantasmagórico no espelho do banheiro. Minha falta de sono fica evidente nas sombras sob meus olhos. Ainda não consegui entender o fato de que o homem que me mantém em cativeiro é na verdade *o* notório siciliano.

Bratva não gosta muito de fofoca. Não como a Cosa Nostra - esses caras são a personificação da porra do boato - mas ainda assim, a notícia se espalha rápido e, quer você queira ou não, você ouve coisas. Todos em nossos círculos conhecem Rafael De Santi, também conhecido como O Siciliano.

Existem várias opções para eliminar alguém em nosso mundo. Porém, se você precisa que seja feito de maneira profissional e rápida, e se tem alguns milhões sobrando, contrate a equipe do The Sicilian. Eles são os únicos com garantia de resposta em 24 horas, independentemente da localização ou do alvo. E não é de admirar. Sua empresa de fachada tem filiais em todo o mundo. Que melhor estratégia do que ter os seus homens em posição e com relativa facilidade de acesso porque já se infiltraram na segurança dos membros mais proeminentes da alta sociedade – guarda-costas das suas potenciais marcas futuras? Engenhoso.

Eu olho para trás, meus olhos vagando pelo quarto em que estou hospedado. Meu olhar desliza sobre as duas camisas masculinas jogadas nas costas do sofá, depois para a direita, observando o paletó carvão dobrado no assento. da poltrona reclinável. Tem uma mancha de ketchup em uma das lapelas. Minha ação.

Considerando onde acabei, deveria ter percebido isso antes. Mas nem passou pela minha cabeça que meu Rafael é na verdade Rafael De Santi. Pelo que ouvi sobre o Siciliano, ele deveria simplesmente ter me matado, independentemente de quem seja meu pai. Não me deixe dormir no quarto dele. Ou use as roupas dele. . . Talvez ele veja a “coisa das roupas” como um jogo mental estranho? Uma punição ou algo assim? Ele quase admitiu isso. Certo?

Quando saio da sala, há outra “entrega” esperando por mim na frente da minha porta. Várias sacolas brancas grandes com o mesmo logotipo dourado de antes. Pego as alças de cetim e carrego a carga até o sofá que fica de frente para a lareira, depois começo a abri-las uma por uma.

Um lindo cardigã branco com botões grandes de madrepérola está na

primeira bolsa, cuidadosamente dobrado e embrulhado com uma fita dourada amarrada em um laço. Experimento e deslizo as palmas das mãos sobre o material macio. Tenho muitas coisas bonitas em casa, mas acho que nunca toquei em algo tão fofo. Deve ser caxemira ou algo semelhante. Quase ninguém me dá o tamanho correto quando me compra roupas, e normalmente tudo é pelo menos um ou dois tamanhos maior. Mas isso . . . este é um ajuste perfeito.

A próxima sacola traz um pacote de meias (cem por cento de algodão orgânico, conforme a etiqueta), além de chinelos fofos com bico aberto e forro de pele. Eu os experimento e minhas sobrancelhas atingem a linha do cabelo. Acho que ser um assassino exige uma habilidade sem precedentes de fazer avaliações visuais precisas, porque os lindos chinelos também têm o tamanho perfeito.

No fundo da mesma bolsa encontro uma camisola de seda preta com decote profundo. Mordo meu lábio inferior enquanto tiro a camisola sexy. O tecido parece deslizar como água sobre minhas mãos. O Rafael mandou alguém comprar isso para mim ou foi ele mesmo que fez isso? Algo me diz que ele escolheu este sozinho. Ele estava imaginando como eu ficaria com isso? E todas aquelas calcinhas e sutiãs rendados? Talvez eu devesse vestir a coisa de seda hoje à noite antes de retomar meu trabalho em seu escritório, só para ver se ele ainda estaria tão indiferente.

Uau. O que?

Eu imediatamente forço esse pensamento ultrajante para fora da minha mente e enfio a camisola de volta na bolsa. Não, não estou entusiasmado com a mera ideia do homem mais perigoso desta parte do mundo fantasiando sobre mim usando essa coisinha reveladora.

A última sacola contém uma escova de cabelo, alguns outros produtos de higiene pessoal e duas latas de desodorante. Um desodorante de aparência muito familiar. Eu os tiro. As latas de aerossol têm exatamente o mesmo produto e perfume que encontrei no banheiro. Eu bufo e olho para o fundo da bolsa. Há uma caixa retangular de veludo vermelho com um cartão branco perolado preso a ela.

Peço desculpas por ser um anfitrião tão ruim.

A cor deve combinar bem com minhas camisas.

R.

Tiro a caixa aveludada e abro a tampa. Faz um pequeno rangido. No interior, um lindo colar de ouro está aninhado sobre uma almofada de cetim. Uma infinidade de diamantes cinza claro alinham-se em toda a sua extensão. Com a boca aberta, levanto cuidadosamente o colar do suporte, notando como a luz do sol irrompe das gemas brilhantes. Se este for o verdadeiro negócio, deve ter custado uma fortuna. Os diamantes cinzentos são incrivelmente raros e difíceis de obter. Minha mãe tem um anel com um. Papai teve que dizer a ela que a pedra era falsa porque ela não a usaria de outra forma.

Essa coisa linda deve ser a joia mais linda e extravagante que já tive em

mãos. Pena que não aceito presentes em vez de desculpas. Então coloquei o lindo colar de volta na caixa, deixei-o de lado e desci.

A mansão está vazia, como sempre, com apenas o cheiro da brisa fresca do mar preenchendo o espaço. Mas, ao atravessar o hall de entrada, um aroma novo e doce vem do terraço e invade minhas narinas.

Doces frescos decadentes.

Saio e só consigo olhar.

A mesa do pátio foi deslocada para o meio do terraço e está coberta por uma toalha branca. Sua superfície está repleta de travessas com uma seleção de produtos assados de aparência saborosa. Croissants. Tortas com uma infinidade de recheios coloridos. Depois, há barracas de três níveis repletas de todos os tipos de frutas e bagas. E jarras de suco espremido na hora de diversas variedades.

Há comida suficiente aqui para alimentar um exército.

No meio da mesa, encostado no creme de morango, há um post-it amarelo.

Minha frequência cardíaca acelera quando eu o aproximo, olhando boquiaberto para um desenho. Não é uma obra-prima realista e foi feito com caneta azul, mas tenho certeza de que sou eu, reclinado na cadeira do escritório, o lápis cerrado na boca carrancuda. Linhas ásperas ao redor do rosto provavelmente representam fios de cabelo soltos, enquanto o resto é representado como uma bola no topo da cabeça. Há outra curva ousada com uma ponta mais larga que suponho que seja uma gravata de homem, enrolada em torno da massa de tranças.

Meus olhos percorrem todos os detalhes mais uma vez, então olho para uma nota escrita em forte caligrafia masculina abaixo do esboço.

Quero comida de verdade no café da manhã.

Uma pequena risada me escapa enquanto o calor surge dentro do meu peito.

Rafael De Santi. O homem cujo nome por si só faz as pessoas tremerem de medo, deixou-me um rabisco em um post-it. Coloco o papel no bolso e olho ao redor do terraço, mas não há mais ninguém aqui. Suspirando, sento-me à mesa e pego uma fatia de torta da travessa mais próxima. Por um breve momento, esperei que Rafael se juntasse a mim neste banquete.

Minha mão está parada em uma jarra de suco. Estou atraída por ele. Atraída por um homem que ameaçou matar minha família. Quem está me mantendo prisioneiro. E eu não tenho ideia de como ele é.

Pêssego.

Depois de terminar o café da manhã, levo meu prato e copo para a cozinha. A empregada nervosa está lá, guardando as compras na geladeira, e no momento em que me nota, ela grita.

"Desculpe. Não tive a intenção de assustar você”, murmuro, apontando para o prato em minhas mãos. “Acabei de trazer isso de volta.”

A garota pisca confusa, depois corre em minha direção e basicamente arranca o prato e o copo das minhas mãos e os coloca na máquina de lavar louça.

“Hum. . . Eu poderia ter feito isso. Ok, vou trazer o—”

A empregada passa correndo por mim saindo da cozinha. Olho para ela recuando, vendo-a correr para o terraço, onde começa a recolher as sobras do café da manhã.

Tudo bem. Não tenho ideia do que fiz, mas a mulher parece estar com medo de mim por algum motivo. Decidindo não estressá-la além disso, saio da cozinha pela porta lateral que dá acesso ao jardim.

Enquanto caminho pela calçada, vozes elevadas chegam até mim com uma leve rajada de vento vinda da entrada da propriedade. Um deles é do sexo masculino, parecendo exasperado, mas determinado. E a outra é uma mulher, obviamente angustiada e gritando em tom estridente. Com as mãos cruzadas nas costas, continuo pelo caminho de cascalho, em direção à fonte da comoção. Meter o nariz na vida dos outros não é algo que costumo fazer, mas minha curiosidade foi aguçada. É uma rara ruptura com a monotonia de uma mansão sem vida.

A primeira coisa que noto quando me aproximo é um conversível vermelho brilhante estacionado do outro lado do portão. Uma mulher, usando um vestido branco justo, está parada ao lado do carro e grita com o guarda enquanto aponta o dedo para a casa. O homem parece tentar acalmá-la, sem sucesso. A única coisa que entendo da conversa deles é o nome de Rafael. De repente, a cabeça da mulher vira em minha direção, e seu longo cabelo – quase do mesmo tom do carro – voa no ar no processo. Seus olhos percorrem meu corpo, do topo da minha cabeça, onde a gravata de Rafael mantém meu coque seguro, até a camisa cinza-clara dele que estou usando.

“ *Chi é quella* ?” a ruiva zomba por entre os dentes. Está mais do que claro que ela não está feliz em me ver aqui.

O guarda corre para o lado dela e praticamente a empurra para o banco do motorista. Olhando para mim o tempo todo, a mulher cospe uma série de coisas desagradáveis. Suas palavras e gestos irados não me deixam dúvidas sobre isso, apesar da barreira do idioma. Então, ela dá ré no carro e desaparece em uma nuvem de poeira.

Eu giro e volto para casa, enquanto uma pontada inesperada de decepção perfura meu peito.

Rafael tem namorada.

*** * ***

A brisa quente e salgada joga os fios soltos do meu cabelo em meus olhos. Ajusto o cardigã branco macio ao meu redor e pego a taça de vinho que coloquei entre as suculentas à minha esquerda. Meu olhar é atraído pelo brilho distante das luzes amarelas espalhadas pela extensão escura do Mediterrâneo. Os barcos

de pesca.

Esperei mais de uma hora por Rafael em seu escritório esta noite. Quando cheguei na hora combinada, ele não estava lá e, por fim, concluí que ele não viria e desci as escadas. Vagueei pelos quartos vazios, mas, como sempre, era estranho estar sozinho num espaço tão vasto, mas magnífico. Mesmo Guido não foi encontrado em lugar nenhum. Depois de um tempo, voltei para a cozinha e peguei uma garrafa de vinho tinto e uma taça e saí para o jardim.

Este é um local bonito, com uma infinidade de suculentas e flores silvestres crescendo em fendas e canteiros de cascalho construídos em torno de rochas e pedregulhos ao longo de uma encosta natural. Uma oliveira com seus galhos amplamente espalhados projeta uma sombra sobre a enorme pedra plana em que estou sentado, a poucos passos do tronco grosso da sempre-viva. Encontrei este local esta manhã durante a minha exploração do terreno, e a vista daqui é ainda mais majestosa à noite.

O barulho do cascalho em algum lugar atrás de mim me assusta, e quase derramo o vinho em meu novo cardigã.

“Tive medo de que você tivesse conseguido escapar, Srta. Petrova.”

Meu corpo relaxa. É apenas o meu assassino mais mortal do mundo, sequestrador-barra-hospedeiro-barra. O fato de essa constatação me trazer conforto é altamente preocupante.

“Entre os penhascos, a cerca elétrica e a sua segurança carregando uma Uzi, minhas opções de fuga são bastante limitadas.” Levanto a garrafa para servir mais vinho. Mas está vazio. Besteira. "Você não estava no escritório quando eu passei."

“Eu tinha algumas coisas que precisavam ser cuidadas.”

Olho por cima do ombro e encontro Rafael encostado na oliveira, engolido pelas sombras.

Sempre no escuro.

“Sua namorada apareceu hoje mais cedo.”

“Dificilmente uma *namorada* , mas mesmo assim uma ex. Ela não está lidando muito bem com o rompimento”, diz ele. “Aparentemente, ela ainda está de luto.”

"Você partiu o coração dela?"

"Pior. Cancelei o cartão de crédito que dei a ela.

Eu rio e volto a observar o mar. O som de seus passos sobre as pedras é fraco, mas se aproxima. As roupas farfalham quando ele se senta atrás de mim. Ele estica suas longas pernas de cada lado de mim, e mesmo que não estejamos nos tocando, posso sentir seu calor enquanto seu enorme corpo me envolve, e sua presença parece envolver meu corpo e alma.

“Deixei seu presente extravagante em sua mesa.”

“Você não gostou?” sua voz profunda, bem perto do meu ouvido, sussurra.

Meu batimento cardíaco acelera.

"É adoravel. Mas presentes não substituem um pedido de desculpas aos meus olhos."

"Por que não?"

"Bem, isso pode ser uma surpresa para você, Rafael, mas você não pode comprar pessoas."

"Funcionou bem para mim no passado."

"Isso é muito triste," murmuro em meu copo quase vazio. "A propósito, você não precisa mais se esconder de mim. Eu sei quem você é, então não há necessidade."

"Eu sei." Seu hálito quente acaricia meu lóbulo da orelha. "O que você achou da minha casa?"

"É lindo e assustador."

"Como assim?"

"Não há ninguém por perto, exceto aquela empregada que foge no momento em que me vê. Por que ela faz isso?

"Ela provavelmente não sabe o que pensar de você. Raramente levo mulheres para minha casa."

"Nem mesmo vítimas de sequestro?"

"Não." Sua respiração sopra minha bochecha. "O que há de errado com minha casa?"

"Não há nada de errado com isso. É tão silencioso o tempo todo. Eu não estou acostumado a isso."

"E com o que você está acostumada, senhorita Petrova?"

"Barulho. Empregadas correndo por aí, discutindo umas com as outras. Pessoas sempre entrando e saindo, e portas abrindo e fechando. Em casa sempre tinha alguém gritando. Tipo, nossa governanta gritando com alguém porque deixou um rastro de lama em seu chão imaculado. Ou papai gritando para o jardineiro desligar o cortador de grama porque ele está tentando trabalhar com meu irmão. Nosso cozinheiro, Igor, chorando na cozinha porque Valentina colocou muito sal na panela. Os gritos estridentes da minha irmã quarto dela quando ela descobre que eu peguei sua camiseta favorita e a devolvi manchada. O silêncio aqui me dá arrepios. Termino meu vinho e coloco a taça entre as pernas na pedra. "Por que você não tem pessoal?"

Ele fica em silêncio por um momento a mais e acho que pode não responder.

"Tenho pessoal", ele finalmente diz. "Eu simplesmente os mandei embora porque não queria que você se sentisse desconfortável com tantas pessoas desconhecidas por perto."

Eu comecei a rir. "Oh, que consideração sua. Especialmente depois de ter sido arrancado da rua, enfiado em uma van com as mãos amarradas e a boca

amordaçada, e depois levado para outro continente. Nada disso foi um problema. No entanto, você mandou as empregadas embora para que eu não me sentisse desconfortável?

"Tipo de."

Inclino minha cabeça para o lado, minha visão periférica alinhando-se com sua boca. Pelo menos é o que eu imagino. Com a lua atrás de nós e baixa no céu, ele não passa de um contorno obscuro. "O que você quer de mim?"

"Eu te disse. Conserte meus sistemas e você estará livre para partir."

"E é isso?"

"E é isso, senhorita Petrova."

Concordo com a cabeça e olho para os barcos de pesca no horizonte escuro. "Então me dê o laptop para que eu possa trabalhar mais rápido."

"Receio não poder fazer isso."

"Você realmente é um idiota." Eu suspiro. "Quando você vai me deixar ligar para minha família de novo?"

Eu o sinto se mexer e ouço o farfalhar do tecido, e então ele estende o braço em volta de mim. Seu telefone está na palma da sua mão, a tela iluminada com o nome do meu pai.

"Meu pai não vai saber que é você?"

"Este é o meu número privado. Muito poucas pessoas têm isso, e o pakhan não é uma delas. De qualquer forma, é indetectável. Ele aperta o ícone de discagem e eu levanto cuidadosamente o telefone até o ouvido.

"O que?" O rosnado do meu pai atravessa a linha no momento em que a ligação é completada.

"Ei, pai," eu sufoco. "Sou eu."

"Vasya! Jesus, porra, Cristo, querido! Estamos enlouquecendo. Onde diabos você está?

"Está tudo bem, não se preocupe."

"Não se preocupe? Você está desaparecido há dias! Você está com um daqueles seus amigos punks de novo? Porque se você estiver...

"Eu precisava de uma pausa, pai", murmuro.

"Você precisava de uma porra de uma pausa? Porque eu tirei seu laptop? Esta é a quarta vez que reúno toda a Bratva para procurar por você, com muito medo de que algo terrível tenha acontecido! Pensei que você tivesse superado os acessos de raiva da adolescência. Eu quero você em casa. Agora mesmo!"

"Eu volto em breve. Beije mamãe, Yulia e Alexei por mim."

"Não se atreva a desligar na minha cara! Vasilisa!"

"Amo você", sussurro e desligo, minha visão fica embaçada enquanto examino a vasta escuridão diante de mim.

Os barcos de pesca desapareceram e as águas estão lisas como vidro, refletindo o luar distante. O silêncio é tangível de repente. Nenhum outro som além da minha respiração.

E o de Rafael, tão perto de mim.

“Isso foi interessante.” A voz de Rafael quebra a quietude tranquila.

“Escutar as conversas privadas das pessoas é falta de educação.”

“Eavesdropping é definido como ouvir secretamente sem o conhecimento da outra parte. Tenho certeza de que os gritos do seu pai poderiam ser ouvidos em Catânia.”

“Semântica”, resmungo.

“O que ele quis dizer com ‘esta é a quarta vez’ que a Bratva está procurando por você?”

“Tenho um histórico de fugir periodicamente de casa por alguns dias. A última vez que fiz isso, eu tinha dezessete anos.”

“Sua maneira de tentar chamar a atenção para si mesmo?”

“Eu não estava tentando chamar atenção.” Eu suspiro. “Meu pai é um homem superprotetor, controlador e totalmente paranóico que ama seus filhos mais do que qualquer coisa neste mundo. A maneira como ele demonstra esse amor, entretanto, pode ser um pouco demais para processar. Às vezes, sinto como se estivesse sufocando. Quando eu era mais jovem, não sabia como lidar com isso. Então, algumas vezes, escapei e passei alguns dias com um de meus amigos para descomprimir.”

"Ajudou?"

"De alguma forma. Não é como se eu pudesse confiar em alguém. Você sabe, não tenho ideia de por que contei tudo isso *a você* .

“Porque você está bêbado.”

"Talvez." Pego uma pedrinha do chão e jogo em direção ao mar. Não chega, claro, só rola descendo a colina rochosa, parando enterrado em algum lugar na grama. “Não machuque minha família. Por favor."

“Cumpra sua parte do nosso acordo e eu não o farei.”

“Eles não fizeram nada com você. Por que eles deveriam arcar com as consequências dos meus atos?”

“Porque quando você está envolvido em um jogo de apostas altas, vespetta, você nunca está sozinho naquele campo de jogo.”

Outro suspiro sai dos meus lábios. “Você vai me deixar ligar para eles de novo?”

"Sim. Se eu não estiver aqui, você pode perguntar ao Guido.”

“Prefiro evitar qualquer contato com seu irmão, a menos que não haja outra escolha.”

Nós nem estamos nos tocando, mas sinto instantaneamente o momento em que Rafael fica atrás de mim. "O que ele fez?" As palavras soam tensas.

"Nada. Ele apenas deixou perfeitamente claro que não me quer aqui.” Eu lentamente me levanto, precisando me distanciar desse homem. Sua proximidade é muito mais agradável do que deveria ser. “Temos isso em comum, já que também não quero estar aqui.”

O chão parece estar se movendo sob meus pés, fazendo-me tropeçar enquanto dou um passo à frente. Um braço grosso e masculino envolve minha cintura, esmagando-me contra um peito musculoso.

“Solte”, murmuro, enquanto tudo ao meu redor parece estar girando.

“E ver você despencar?” Sua bochecha roça minha têmpora enquanto ele fala próximo ao meu ouvido. "Eu não acho."

“Eu não vou—”

Um grito me escapa quando Rafael desliza a outra mão sob meus joelhos e me levanta em seus braços. Desde o momento em que ele se sentou atrás de mim, meu coração está batendo acelerado, mas agora parece que vai explodir. Minha consciência dele é tão intensa que minha mente fica vazia de todo o resto. Eu nem tento discutir. Estamos tão perto que posso sentir sua respiração em meus lábios. A essa distância, consigo distinguir um pouco mais de seu rosto — a barba curta ao longo do queixo e as sobrancelhas proeminentes sobre os olhos sombreados —, mas seus traços gerais permanecem ocultos, velados pela noite.

O cheiro de cipreste e laranja faz minhas narinas formigarem enquanto Rafael me carrega pelos degraus irregulares de pedra que levam à mansão. Oliveiras ladeiam a trilha em ambos os lados, criando uma cobertura natural e uma atmosfera de túnel sobre o caminho sinuoso. De vez em quando, o luar atravessa os galhos acima e lança sombras angulares e nítidas que dançam em seu rosto. Com apenas alguns centímetros entre nós, posso sentir cada movimento de seu corpo poderoso. As vibrações enviam uma corrente elétrica através de todas as minhas células diretamente para minha coluna.

E mais baixo.

Não deveria ser tão bom estar aconchegada nele assim. Mas acontece. Talvez seja o vinho. Não me sinto tão bêbada, mas não vejo outra explicação para gostar tanto de ser abraçada por ele.

“Se eu pedir desculpas por ser um anfitrião de merda, você aceitará meu presente?”

Levanto uma sobrancelha. “Eu certamente considerarei isso. Mas você precisaria realmente dizer isso.

Um rugido profundo e estrondoso preenche a escuridão enquanto ele ri.

“Sinto muito pela minha insolência”, diz ele, a diversão ainda persistindo em seu tom. “E pelo tratamento que você recebeu de meu homem. Hank foi mandado de volta para Chicago, então não vai incomodar você de novo. Estas palavras não carregam nada da alegria da declaração anterior.

"Sozinho? E o companheiro dele, Vinny?

“Vinny. . . foi demitido.”

"Você o demitiu?"

“Hum-hmm. Eu acho que você poderia dizer isso." Ele se curva quando passamos por baixo de um dos galhos mais baixos, e seu rosto roça minha testa. “Mandarei alguém levá-lo a Taormina amanhã para que você possa comprar as roupas que precisar.” Sua colônia faz minhas narinas formigarem, mas não daquele jeito irritante que me dá vontade de espirrar. Oh não. Isso me chama, me incentivando a chegar mais perto e cheirar novamente.

"Você não pode me levar?" Eu deixo escapar.

Rafael para. Posso sentir seu peito subir e descer.

“Eu posso”, diz ele, sua voz soando entrecortada enquanto ele retoma seu passo. “Mas se você mudar de ideia, pedirei a Otto que o leve.”

“Por que eu mudaria de ideia?”

Ele não responde.

Saímos do jardim de pedras e nos aproximamos da mansão através do gramado imaculado. Não há mais árvores ao nosso redor, apenas grama com cheiro fresco e canteiros de flores perfumadas, banhados pela luz suave da lua. Aquelas rugas no rosto de Rafael que pensei serem sombras dançantes? Eles permanecem no lugar, apesar da falta de galhos acima de nossas cabeças.



As pedras estalam sob meus pés, os pequenos sons quebram o silêncio ao nosso redor, enquanto carrego Vasilisa. Sinto seus olhos em meu rosto enquanto subo os degraus do terraço. A luz acima das portas francesas que dão para dentro da sala está acesa. O mesmo para o interior da casa. Não há mais sombras para se esconder.

Meu olhar está fixo no caminho à minha frente e continuo me movendo com passos medidos. Ela vai gritar ou simplesmente desmaiar em meus braços? De alguma forma, duvido que minha pequena hacker seja uma gritadora, então me preparo para o corpo dela ficar mole. Dou o passo final e paro diretamente sob a luminária.

Esperando.

Um momento passa.

Respiro fundo.

Olhar para baixo.

Por um segundo, fico surpreso com o quão linda ela é de perto. Dois olhos escuros focam em mim através de longos cílios sedosos, percorrendo minhas feições assim como os meus fizeram com os dela. Alguns batimentos cardíacos geralmente são o tempo que leva para as pessoas desviarem o olhar depois de me verem. Mas Vasilisa não tem pressa, examinando cada linha irregular da bagunça que é meu rosto. Ela nem pisca. Talvez ela esteja em choque.

Finalmente, seu olhar encontra o meu.

“Eu poderia jurar que você era loiro, Rafael.”

Eu estreito meus olhos para ela. "É isso?"

"O que?"

"Sua reação. Você não vai gritar?

“Oh, é preciso muito mais esforço para um cara me fazer gritar.”

Meu pau fica instantaneamente duro. "Bom saber."

Volto a carregá-la pela casa, subo as escadas – tudo com a ereção mais épica que já tive em anos. Quando chego ao meu quarto, paro do lado de fora e a coloco suavemente no chão.

“Otto estará esperando você às dez para levá-lo a Taormina para fazer compras amanhã. Consiga o que quiser, não olhe os preços.”

“Posso pegar minha camiseta e jeans de volta para a ocasião? Tenho certeza de que os vendedores vão me expulsar se eu entrar vestindo sua camisa e nada mais.”

Inclino-me ligeiramente para frente. “Não se preocupe com isso.”

"Se você diz." Ela inclina a cabeça para o lado, simplesmente olhando para mim por alguns momentos, depois acrescenta. “E eu não mudei de ideia.”

Em menos de um segundo, ela desaparece na sala.

Fico olhando para a porta por alguns instantes, depois giro nos calcanhares e desço as escadas, diretamente para a ala leste. Quando entro no apartamento de Guido, ele está saindo do banheiro, enxugando o cabelo.

“Tivemos um problema em Marselha”, diz ele, caminhando em direção ao seu armário. “Tentei ligar para você, mas você não atendeu o telefone.”

Agarro sua nuca e coloco-o de cara na porta do armário. "O que você disse a ela?"

“Acho que não preciso perguntar quem é ‘ela’?” ele murmura na superfície de madeira.

"Responda-me!"

“Ela vai fazer você morrer! Não entendo essa obsessão maluca que você desenvolveu por essa garota, mas quando Petrov descobrir, ele vai fritar você!

“O que eu faço da minha vida não é da sua conta!” Aperto seu pescoço com mais força e me inclino para sussurrar em seu ouvido. “Se você aborrecer ela

novamente, você não vai gostar das consequências.”

“Cristo, Raff.” Guido balança a cabeça. “Por favor, deixe-me providenciar alguém para levá-la de volta para casa antes que ela perceba quem você é. Porque estaremos condenados se ela o fizer.

Eu o libero. “Tarde demais para isso.”

“ *Ohhhhh* , porra.” Guido joga a toalha no sofá e se vira em direção ao bar seco.

Meu irmão raramente bebe bebida alcoólica e só guarda algumas opções alcoólicas para quando Mitch chega. Os dois remontam ao nosso tempo nos EUA, com Mitch nos seguindo de volta à Sicília quando fizemos a mudança. Guido não é do tipo que compartilha detalhes de sua vida amorosa, então só sei a situação de seu relacionamento intermitente com o namorado com base na presença dessas garrafas. O irmãozinho esconde a bebida quando ele e Mitch terminam. Acho que isso significa que eles estão juntos novamente agora.

Guido se joga na poltrona um minuto depois, com três dedos de uísque no copo na mão. “O que acontecerá quando você a deixar ir e ela fofocar com o pai?”

“Atravessaremos aquela ponte quando chegarmos a esse ponto”, digo a ele. “Preciso que você me consiga alguns funcionários da casa.”

“Pessoal da casa?”

"Sim. Já amanhã de manhã. Cinco empregadas adicionais. Dois jardineiros. A mulher do Rigobaldo ainda cozinha naquele restaurante de Messina?”

"Eu acho que sim. Por que-"

“Faça-os demiti-la. Eu a quero aqui. Ela vai cozinhar para nós.

Guido engole a bebida, tendo um ataque de tosse assim que engole. “Você odeia ter gente em casa, Raff. Tenho tentado convencê-lo a contratar uma segunda empregada há muito tempo. Agora, de repente, você quer que eu magicamente consiga oito pessoas para trabalhar aqui durante a noite?

“Faça doze e certifique-se de que eles entendem inglês. E eu quero que eles façam barulho. Ordene-lhes que discutam.

"O que?"

"Você me ouviu. Pelo menos quatro vezes por dia, quero ouvi-los gritar. Ou cantando. Ou resmungando sobre alguma coisa. Eu não dou a mínima para o quê, mas certifique-se de que sejam barulhentos.”

“Eu juro, você perdeu a porra da cabeça. Você pode pelo menos me dizer por quê?

"Não. Apenas faça como eu disse. Se Vasilisa perguntar, todos trabalham aqui há anos.” Viro-me para sair, mas paro na soleira e digo por cima do ombro: “Certifique-se de que eles abram e fechem as portas. Muitas vezes."

Capítulo 8



Clang .

Aperto os olhos e rapidamente os fecho novamente. Minha cabeça esta me matando. É como se alguém estivesse fazendo buracos em minhas têmporas.

Clang. Clang.

“ *Sbrigati, idiota. Ho bisogno di quella vernice.* ”

Mais confusão. Pessoas falando alto em italiano.

O que está acontecendo?

Arrasto-me para fora da cama e vou até a varanda para olhar por cima da grade. Dois homens de macacão branco estão apoiando uma enorme porta contra um dos enormes pilares de pedra no terraço abaixo. O terceiro está se aproximando deles com um balde de tinta em uma mão e um pincel pequeno na outra. Mais à esquerda, em meio aos canteiros, outro homem apara os galhos de um arbusto e canta enquanto trabalha.

Atrás de mim, o som de pés correndo ecoa pelo corredor do lado de fora do meu quarto, seguido por vozes femininas. Vários deles. O que diabos está acontecendo? Eu torço o nariz e caminho até a porta. Abrindo-o, espiei lá fora. Há uma empregada conectando um aspirador de pó na tomada do patamar, dizendo algo que não entendo para outra garota com uma pilha de toalhas dobradas nas mãos. Eu fico olhando para eles com espanto até que a mulher com o aspirador me nota.

"Olá." Eu aceno para ela.

Por uma fração de segundo, ela simplesmente fica boquiaberta, depois olha para a garota das toalhas e late algumas palavras rápidas em italiano. A outra garota grita alguma coisa de volta, joga as toalhas na primeira e desce correndo as escadas.

Tudo bem.

Dou de ombros e fecho a porta. Virando-me, estou pronto para ir ao banheiro quando meus olhos caem sobre a caixa de veludo vermelho sobre a mesa de centro. A tampa está aberta, revelando o lindo colar que Rafael deixou de presente para mim. Ele deve ter trazido aqui enquanto eu dormia. Ao lado do porta-joias há um figo de aparência saborosa. Este também foi roubado?

Aproximo-me da mesa de centro e sento-me no sofá, bem em frente ao camarote. A luz do sol que entra pelas janelas incide diretamente sobre as gemas cinzentas, fazendo-as brilhar como pequenas chamas brilhantes. Aceitar

necessidades como roupas e produtos de higiene pessoal do Rafael é uma coisa. Mas isso? Absolutamente não.

Como posso aceitar um presente de um homem que me mantém prisioneira? Definitivamente enviaria a mensagem errada.

Hesitante, estendo a mão e acaricio o colar de diamantes com a ponta do dedo, incapaz de suprimir o pequeno sorriso que surge em meus lábios. A cor certamente combina bem com suas camisas. Como Rafael reagiria se eu realmente usasse o colar? Sua queda em Y é bastante longa, então a gema proeminente provavelmente alcançaria o vale entre meus seios. A mera ideia de ter os olhos de Rafael em meu decote provoca um frio na barriga.

Mordo o lábio inferior, pego o colar magnífico e coloco no pescoço. Assim como pensei, os diamantes na parte inferior do fio linear em forma de Y acabam aninhados entre minhas meninas. Fechando os olhos, deslizo as pontas dos dedos pela linda pedras, imaginando que é a mão de Rafael. Seu cheiro preenche meus sentidos, e percebo que os mais leves traços dele estão em meu cabelo, provavelmente porque ele me carregou ontem à noite. Ou talvez seja apenas o shampoo dele.

Seja qual for o motivo, eu gosto.

Normalmente, estou preocupado em garantir que as mãos dos homens permaneçam longe de mim. Com Rafael é o contrário. Cada vez que ele estava perto, minha pele formigava com a necessidade de sentir seu toque, mas na maioria das vezes ele manteve distância. Por causa de sua aparente indiferença por mim, inicialmente pensei que ele não estava nem um pouco atraído por mim. Agora, porém, tenho quase certeza de que estava errado sobre isso. Não é indiferença, mas sim cautela. Aposto que ele pensa que eu teria medo dele.

Jamais esquecerei a expressão em seus olhos quando ele entrou sob a luz ontem à noite, permitindo-me vê-lo pela primeira vez. Tão difícil. Feral, até. Tenho certeza de que ele esperava que eu gritasse de terror depois de ver seu rosto. Mas as cicatrizes não me assustam. De onde eu venho, a maioria dos homens carrega algum tipo de ferimento de batalha, tanto do lado de fora quanto onde ninguém pode ver.

Mikhail — o interrogador do meu pai — não só tem o rosto cheio de cicatrizes, como também lhe falta um olho, pelo que eu saiba. Eu ainda o acho quente como o inferno. Mesmo com tapa-olho.

Depois, há meu tio Sergei, que ainda tem episódios psicóticos de vez em quando por causa de seu TEPT. Se sua esposa não estiver por perto quando isso acontecer, os espectadores muitas vezes acabam feridos ou pior.

Cada pessoa que é arrastada para o mundo do crime deve lidar com as consequências. É a realidade e todos nós a vivemos. Ainda assim, eu me pergunto. . . O que aconteceu com o rosto do Rafael?

Isso não o torna menos atraente, no entanto. Se as circunstâncias fossem diferentes, eu não me importaria de sair com ele. Para ser honesto comigo mesmo, gosto bastante do tempo que passamos juntos. Principalmente as brigas.

Estou atraído pela aura de ameaça ele parece estar envolvido. Cativado por isso como uma mariposa seduzida por uma chama. E agora eu anseio por seu toque. A carícia de um homem que me mantém cativa. Que tem o poder da vida e da morte na palma da mão e não hesitará em usá-lo contra minha família. Eu querer ele é além de distorcido.

Rapidamente desabotoo o colar e o coloco de volta na caixa. Depois, pegando o figo da mesa, vou até o escritório de Rafael para devolver o presente, enquanto mastigo a fruta com prazer.

Trinta minutos depois, saio do banheiro, vestida com uma camisa cinza que chega abaixo dos joelhos e uma gravata preta que serve de cinto. Meu cabelo recém-lavado e escovado está trançado nas costas e preso na ponta com um pedaço de fio dental. Chinelos de pele sintética são o toque final no meu traje elegante. Estou pronto para minha viagem de compras.

Este dia pode ser de duas maneiras. Primeiro, volto para a mansão com algumas roupas adequadas. Ou dois, acabo sentado em uma sala acolchoada em frente a um cara de jaleco branco, respondendo a perguntas como: *Você ouve vozes?*

Descendo a ampla escadaria até o térreo, noto várias outras empregadas correndo, limpando as superfícies já bastante limpas. Dois trabalhadores que vi no terraço anteriormente estão removendo uma das janelas à esquerda da porta da frente. Pela fresta, avisto um jardineiro, diferente de antes, ajoelhado junto ao canteiro ao lado da entrada, arrancando ervas daninhas.

As notas de uma música italiana chegam até mim quando me aproximo da cozinha. Paro na soleira e olho para dentro. Uma mulher alta, de cabelos escuros e um vestido preto simples está trabalhando na ilha, enquanto a música toca no minúsculo rádio antigo da ilha. peitoril da janela. O cheiro de pão recém-assado faz minhas narinas formigarem, me fazendo salivar só de sentir o cheiro.

“Hum. . . Bom dia”, eu digo.

A mulher levanta os olhos do trabalho e me examina desde a ponta da trança, que puxei por cima do ombro, até a ponta dos dedos dos pés, aparecendo por baixo da penugem dos chinelos. A expressão em seu rosto varia da surpresa à confusão absoluta.

“ *Sei la ragazza di Raffaello?* — ela pergunta, com os olhos arregalados.

“Não tenho certeza de onde Rafael está. Desculpe."

“Eu, Irma.” Ela aponta um dedo coberto de farinha para si mesma e depois para mim. "Você. A garota de Rafael?

“Hum. . . definitivamente não. Prisioneiro de Rafael seria um termo melhor. Aponto para mim mesmo. “Vasilisa.”

A mulher inclina a cabeça para o lado, dando-me outra olhada, seus olhos parando na gravata que usei como cinto.

“A garota de Rafael.” Ela assente. "Boa partida."

“Eu não sou dele...” Tento esclarecer, mas Irma já me deu as costas e está tirando algo do forno.

Inclinando-me sobre a ilha da cozinha, sou surpreendido pela panela grande do que parece ser uma pizza de massa grossa em suas mãos. E, meu Deus, nem está queimado.

“Vejo que você acordou.” A voz de Guido vem atrás de mim. Ele parece quase amigável.

Pego o prato com uma grande fatia de pizza que Irma me passa e me viro. “Vejo que sua equipe está de volta.”

“Sim”, ele murmura, então encontra meu olhar. “Sinto muito por ir atrás de você outro dia. Quando se trata do meu irmão, tendo a ser excessivamente protetor.”

“Rafael não me parece alguém que precisa da proteção de ninguém.”

“Só quando se trata de protegê-lo de si mesmo”, diz Guido, olhando para meu cinto. “Termine o trabalho que você precisa fazer aqui. O mais rápido que puder.

“Bem, esse é o plano.”

“Planos mudam.” Ele olha para cima, encontrando meu olhar. “Espero que este não aconteça, ou, temo, acabaremos enterrados até a cintura em cadáveres.”

Eu estreito meus olhos para ele. "O que você está falando?"

"Tome cuidado. Quando meu irmão reivindica algo como seu, não há força nesta terra que o faça desistir. Acabe o trabalho. Então vá para casa, senhorita Petrova.”

Observo as costas de Guido enquanto ele se ocupa com a máquina de café, me perguntando o que diabos ele quis dizer com suas palavras enigmáticas. O relógio na parede marca dez e um minuto. Enfio o resto do café da manhã na boca, saio da cozinha e corro pelo hall de entrada, onde duas empregadas estão limpando o chão.

Um incrível SUV Maserati cinza metálico está estacionado do lado de fora das portas da frente, suas janelas pretas refletindo o sol da manhã. Encostado na lateral do veículo, com os braços cruzados sobre o peito, está meu carcereiro. Ele está vestindo calça social preta e um colete, com uma camisa cinza por baixo, tudo imaculadamente ajustado para caber em seu corpo grande. As mangas de sua camisa de botão estão enroladas até os cotovelos, revelando antebraços fortemente tatuados e musculosos. Seu cabelo escuro está penteado para trás, e só agora noto que ele tem uma pequena argola metálica na orelha esquerda.

“Bom dia,” murmuro enquanto sinto um rubor subir pelas minhas bochechas. Deus, não posso acreditar que realmente falei sobre homens me fazendo gritar ontem à noite.

Rafael inclina a cabeça para o lado, me observando. O sol está brilhando diretamente em seu rosto, permitindo-me ver cada imperfeição. Está claro como

o dia que ele devia ser incrivelmente bonito antes de sofrer o que quer que tenha acontecido com ele. Um acidente de carro, talvez? Ele ainda é, no entanto. Maravilhoso. Apesar das cicatrizes. E então, há aquela vibração perigosa que ele tem e que é seriamente atraente. É como se o próprio ar ao seu redor estivesse carregado de energia desenfreada, alertando-me para ficar longe, mas ao mesmo tempo me chamando para mais perto.

“Eu me perguntei onde estava aquela gravata.”

Minhas mãos vão para minha cintura, ajustando meu “cinto”.

“Segunda gaveta à esquerda, com o resto. Hum. . . Eu reorganizei seu walk-in.

"Percebi. Levei dez minutos para encontrar o que precisava esta manhã. A propósito, você dorme como um tronco.

“Você não pode simplesmente se aventurar dentro do meu quarto,” resmungo, me aproximando do carro.

" *Seu* quarto?"

"Multar. Vou levar minhas coisas para outro quarto.”

“Não, você não vai”, diz ele, abrindo a porta do passageiro.

Pego a mão que ele me oferece e entro no SUV. "Por que não?"

“Minha casa, minhas regras.”

A porta se fecha com um baque surdo.

Os passos de Rafael são lentos enquanto ele contorna a frente do enorme veículo e se senta ao volante. Ele pega os óculos de aviador no painel e os coloca.

“Espero que o café da manhã de hoje tenha sido do seu agrado.”

"Sim. Pizza caseira é o sonho molhado de todo prisioneiro.”

"Bom. Se você quiser comer algo em especial, é só avisar a Irma e ela preparará.”

“Você quer dizer que eu posso escolher?” Eu mudo, apoiando as costas na janela lateral e puxando as pernas para cima e para baixo na almofada do assento, a poucos centímetros da alavanca de câmbio. Apesar do meu coração acelerado, espero que a posição faça parecer que não sou uma bola de nervos à flor da pele. Também me permite uma visão direta de seu perfil.

“É assim que os chefs pessoais costumam trabalhar. Você diz a eles o que você quer. Eles fazem acontecer.”

“Talvez em sua casa.” Eu dou de ombros. “Em casa, geralmente temos que escolher entre uma seleção de alimentos ligeiramente queimados, carbonizados e completamente não comestíveis. Nosso cozinheiro é, na verdade, um mecânico de máquinas pesadas sem nenhuma sutileza quando se trata de utensílios de cozinha.”

“Você pode demiti-lo.”

"Demita ele? Igor me ensinou a amarrar os cadarços e deixou que eu e Yulia trançássemos fitas de cetim em sua barba quando éramos crianças. Ele é praticamente um membro da família."

Rafael entra numa estrada mais larga que serpenteia entre a colina à esquerda e um olival à direita. Quando ele muda a marcha, os nós dos dedos roçam levemente meu joelho, enviando uma onda de choque de arrepios por todo o meu corpo. Minha mente vagueia instantaneamente para a noite passada, para ele me carregando do jardim. Eu poderia estar bêbada, mas me lembro de cada detalhe de como foi ser abraçada por ele. O zumbido baixo em cada fibra do meu ser, do topo da minha cabeça até a ponta dos pés. A consciência de cada ponto de contato entre nossos corpos. A sensação de querer não estar em nenhum outro lugar além de seus braços.

Por que estou tão atraída por esse homem? Eu não deveria estar, considerando todas as coisas. Eu deveria desprezá-lo ou, pelo menos, ter cuidado com seus jogos.

Talvez seja porque ele nunca foi paternalista comigo. Ele realmente ouve o que eu digo e não apenas balança a cabeça como um idiota enquanto me olha com os olhos, esperando que fingir que ouve tornará mais fácil me arrastar para sua cama. Ou talvez seja porque, com ele, não preciso fingir ser algo que não sou.

Durante toda a minha vida estive cercada por homens duros e perigosos. Estou acostumada com eles e não consigo me imaginar fazendo uma conexão com um cara legal e despretensioso. Eu tentei. Eu realmente tentei. Nenhum dos caras com quem namorei me fez sentir a emoção que sinto simplesmente sentado no mesmo carro que o enigmático Rafael De Santi.

"Você não consegue encontrar algum outro papel para ele, então?" ele pergunta.

"Quem?" Eu pisco em confusão. Sobre o que estamos falando?

"Seu cozinheiro-mecânico."

"Oh sim. Hum. . . Igor gosta muito de cozinhar. E assar, infelizmente", murmuro. "É sempre o Igor e a minha mãe que fazem os bolos de aniversário. Você não quer saber como isso acaba.

"Por que?"

"Porque é Igor quem dá as instruções. E minha mãe prepara a coisa."

"O que há de errado com isso?"

"Igor não fala inglês. E minha mãe sabe exatamente dez palavras em russo."

"Que família peculiar." Ele olha em minha direção, sua boca arqueada em um sorriso provocador que faz coisas engraçadas com minhas partes femininas.

Quando ele se concentra novamente na estrada, dou uma olhada em sua mão esquerda segurando o topo do volante. Normalmente, não gosto quando os homens usam joias – isso os faz parecer exagerados de alguma forma. Rafael

tem três anéis – ouro branco ou talvez platina. Dois no dedo indicador e um no polegar. Há também várias pulseiras de arame em volta do pulso. Eles não deveriam ficar bem combinados com seu traje estiloso, mas assim como aquela argola em sua orelha, eles realmente funcionam para ele.

As costas dessa mão, assim como seu rosto, estão fortemente marcadas. Olho para sua mão direita apoiada na alavanca de câmbio. Mais anéis. Outra pulseira, desta vez com punho aberto, neste pulso. E cicatrizes ainda piores do que na mão esquerda. Talvez não tenha sido um acidente de carro. Ele obteve essas notas em um de seus “trabalhos”? Uma tentativa fracassada de assassinato que o viu capturado e. . . torturado?

"E sua família?" Olho para cima, concentrando-me na paisagem além do para-brisa. “Eles sabem o que você faz para viver?”

“Nosso pai foi morto quando Guido era apenas um bebê. E desde que nossa mãe morreu, somos apenas Guido e eu. É assim há cerca de vinte e cinco anos.”

Eu franzo minha testa. Achei que o irmão dele tinha quase trinta anos. “Quantos anos tem o Guido?”

“Vinte e nove. Ele é dez anos mais novo que eu. Eu o criei desde que ele tinha quatro anos.”

“Mas isso significaria que você tinha quatorze anos na época.”

"Correto."

Não, isso não é possível. Aos quatorze anos, ele próprio ainda era basicamente uma criança. Olho para Rafael, me perguntando por um breve momento se ele está simplesmente brincando comigo. Mas não acho que ele esteja.

"Como?" Eu engasgo.

“Determinação e tenacidade, com uma grande carga de teimosia na mistura, podem conseguir muitas coisas. Prometi ao Guido que não nos deixaria separar.” Ele olha para mim. “E eu sempre mantenho minha palavra.” Sua voz soa mais áspera. “Você deveria se lembrar disso. Dessa forma, se em algum momento você tiver a ideia de fugir, por favor, não faça isso.”

Eu levanto minhas sobrancelhas. "Por favor?"

"Sim." Ele se vira para mim. “Porque eu *executarei* sua família se você fizer isso.”

Quebro nosso olhar fixo e volto a observar a paisagem pela janela. Eu não me importo como ele conseguiu essas cicatrizes. Eu não dou a mínima para nada que tenha a ver com Rafael De Santi. Assim como o Guido disse, eu faço o trabalho e depois vou para casa.

E nunca mais verei esse homem sem coração.

*** * ***

Pego a mão estendida de Rafael e saio do jipe (o assento é bem alto, senão não teria feito isso). Vários metros à minha frente, um homem de terno mantém aberta a porta de uma boutique. Todo o edifício é de arquitectura de estilo barroco, com elaborados motivos florais e estuques lisos emoldurando o portal e as janelas dos pisos superiores. O rés-do-chão tem muita pedra bruta e está segmentado em troços separados por grossas colunas de pedra branca. Logo acima da entrada há um placa discreta exibindo o mesmo logotipo dourado das sacolas de compras que Rafael deixou do lado de fora do meu quarto.

“Este não parece um lugar que vende jeans e moletons”, comento.

“Tenho certeza de que encontraremos alguns”, diz Rafael e, colocando a mão nas minhas costas, me conduz para frente.

“ *Signor De Santi!* Um homem de sessenta e poucos anos, vestindo terno e óculos escuros de armação metálica, corre em nossa direção assim que entramos. “ *Benvenuti!* ”

“Inglês”, Rafael diz ao meu lado, depois acena com a cabeça em direção a um casal perto de uma exposição de bolsas na parte de trás. “Tire-os daqui.”

"Claro." O homem se curva levemente para Rafael e se vira para o segurança parado na porta, falando com ele em italiano. Após uma breve troca, o segurança acena com a cabeça e caminha até o casal. Quase sem dizer uma palavra, ele praticamente os arrasta para fora e tranca a porta.

“Isso foi excepcionalmente rude,” eu sussurro.

Rafael se inclina, aproximando os lábios da minha orelha para sussurrar de volta: — Eu não dou a mínima.

Inclino a cabeça para o lado, meu nariz batendo no dele. “Achei que os italianos eram pessoas legais.”

"De jeito nenhum." Seus olhos verdes perfuraram os meus como se estivessem queimando através de mim.

“Sim, alguns gostam de sequestrar mulheres indefesas.”

"Exatamente." Ele se endireita para encarar o cara mais velho de óculos. “Este é Baccio Albini, o proprietário. Ele garantirá que você encontre tudo o que precisa.”

"Absolutamente. E as meninas ajudarão com tamanhos, recomendações de pares ou qualquer outra coisa que seja necessária.” O proprietário faz um gesto para três mulheres em vestidos cinza sob medida em frente ao antigo caixa branco brilhante. Eles parecem quase majestosos enquanto posam com as mãos recatadamente cruzadas diante deles, mas não conseguem esconder a expressão em seus olhos. Cada um está olhando para mim como se eu fosse uma espécie de alienígena de três cabeças. Acho que eles não recebem muitos clientes vestindo nada além de uma camisa masculina dez tamanhos maior.

“Hum. . . Obrigado. — Ofereço um sorriso ao homem mais velho e depois vou em direção à arara de blusas.

Quinze minutos depois, entro em um espaço luxuoso que aparentemente serve como camarim. No meio, uma espreguiçadeira branca e duas poltronas combinando que parecem ter vindo direto da era vitoriana foram dispostas em torno de um tapete redondo de pelúcia, criando um elegante recanto para sentar. Em cada extremidade da sala, há um estrado com um espelho de parede de três painéis em uma moldura dourada voltada para a área de estar. Cada uma das duas plataformas é cercada por um trilho suspenso com um conjunto de cortinas de cetim que podem ser fechadas para oferecer privacidade a quem aproveita a visão de 360 graus.

“Tem certeza de que não quer tentar mais nada, senhorita?” — pergunta o vendedor que segura as roupas que escolhi.

"Tenho certeza." Sorrio e pego dela a pilha que consiste em dois pares de jeans, quatro blusas e um par de sapatilhas. "Obrigado."

As outras duas vendedoras estão atrás dela com olhares que oscilam entre confusos e horrorizados. Albini, porém, parece que vai ficar doente a qualquer momento.

“Nossa seleção não é do seu agrado?” ele engasga, gotas de suor brilhando ao longo da linha do cabelo. “Posso garantir que cada peça aqui é de qualidade excepcional. Temos orgulho de oferecer as melhores roupas de toda a Sicília. Por favor, deixe-me mostrar-lhe o nosso vestidos de grife. Apenas a melhor seda amoreira e renda Alençon da França.”

“Sua mercadoria é linda, mas não preciso de mais nada no momento.”

"Mas . . . mas o Sr. De Santi mencionou que você precisa de tudo. Mais de vinte pares de calças. Tops a combinar. Sapatos que complementam cada combinação. Vestidos. Alguns cardigãs, talvez.” Seu tom passa de excessivamente preocupado para totalmente em pânico. “Como posso ir lá e dizer a ele que, além dessas coisas selecionadas, você não conseguiu encontrar nada de que gostou?”

“Realmente, não preciso de mais nada além disso.”

“Por favor, senhorita. . .” Albini implora, torcendo os dedos à sua frente. "Senhor. De Santi ficará muito descontente comigo. Posso, pelo menos, mostrar-lhe nossa seleção de vestidos de noite?

Balanço a cabeça e saio da sala, dando um tapinha no braço do velho ao passar por ele. "Eu volto já."

A área externa da boutique é enorme, repleta de estantes de madeira branca e estantes que combinam com o balcão antigo que exibe o melhor da alta costura. Ao lado há uma elegante área de estar com um grande sofá de couro. Presumo que é aqui que maridos, namorados ou amantes normalmente esperam enquanto suas metades fazem compras. Parece que sequestradores também são bem-vindos aqui, pois é onde encontro Rafael. Ele está encostado nas almofadas com os braços abertos no encosto do sofá e um tornozelo apoiado no joelho oposto.

“Há algo errado, vespetta?”

Meus olhos se transformam em fendas estreitas. Maldito seja. Por que ele não poderia ter escolhido um apelido clichê como “linda” ou “anjo”? Eu odeio isso. "Senhor. Albini está lá quase fazendo xixi nas calças porque, evidentemente, não consegui pegar todos os itens da sua lista de compras. Ele está tão apavorado que estou preocupado que ele tenha um ataque cardíaco.”

“Ele só está com medo de que eu o mate se ele não conseguir o que você precisa.”

Reviro os olhos.

“Quero que você se sinta confortável durante sua estadia aqui, senhorita Petrova. Se minha intenção for frustrada devido à incapacidade de Albini de fornecer um serviço aceitável, irei puni-lo. Portanto” — ele acena na direção das prateleiras de roupas — “é melhor você voltar a escolher as coisas que gosta. Algo diferente de jeans disformes e blusas largas, se possível.”

“Eu gosto de jeans e tops largos.”

"Por que?"

"Porque . . . EU . . . Eu simplesmente gosto deles,” eu digo e desvio o olhar.

Detesto jeans disformes e tops largos.

Vestidos lindos. Tops justos em cores vivas. Jeans skinny combinados com blusas de seda e salto alto. É isso que adoro vestir. Isto me faz feliz. Os saltos, principalmente porque me sinto menos como a Polegarzinha do conto de fadas que mamãe gostava de ler para mim quando eu era criança. Pena que é exatamente isso que faz as pessoas me verem como uma idiota de cabeça vazia toda vez que me emboneco.

“Você não quer que Albini acabe na sala de emergência em um dia tão lindo, não é?”

"Multar." Eu levanto meu quadril e aponto um dedo para ele. “Mas só para você saber: comprar um monte de roupas caras para mim não vai me fazer gostar mais de você.”

Um pequeno sorriso surge nos lábios de Rafael enquanto ele apoia o queixo na palma da mão e me observa com diversão dançando em seus olhos. “Você não tem ideia de como acho esse pequeno fato surpreendente.”

Eca . Eu giro e saio correndo em direção ao cabide com blusas enquanto a risada profunda de Raphael me persegue. Enquanto folheio as seleções mais próximas, com o canto do olho, noto o Sr. Albini e as três vendedoras espiando pela porta entreaberta do camarim, as cabeças empilhadas em uma fileira como emojis de rostos inclinados.



Parece que meu pequeno hacker está tentando se vingar de mim por fazê-la comprar mais roupas. . . pegando na loja tudo que estiver disponível no tamanho dela.

Cruzo as mãos atrás da cabeça e observo o mar de sacolas brancas espalhadas pelo chão ao redor do balcão da frente. Deve haver pelo menos cinquenta. Ela fez de Albini um campista feliz, isso é certo. Não me lembro de tê-lo visto tão animado quanto neste momento enquanto calçava o vigésimo terceiro par de saltos altos.

“Acho que essa é a última, Signor De Santi”, diz ele enquanto uma das vendedoras coloca a caixa em uma sacola.

"Ainda não." Levanto-me do sofá e vou até Vasilisa, que parece um balão vazio em meio ao branco de suas compras. Quando ela começou a empilhar itens no balcão, há mais de duas horas, ela parecia muito presunçosa. Ela me lançou um olhar que dizia *Você pediu* , sorrindo maliciosamente para mim. Aposto que ela esperava que eu a impedisse. Quando não fiz nada para restringir seus esforços, ela continuou trazendo mais e mais coisas para a frente, e seu rosto lentamente mudou daquele sorriso travesso para um semblante exasperado. Agora ela parece cansada. Não é à toa, depois de quase três horas experimentando roupas e sapatos.

“Eu não acho que eles tenham mais nada do meu tamanho”, ela resmunga.

"Você esqueceu um vestido."

“Eu não preciso de um.”

Meus olhos percorrem a loja, parando na exposição de vestidos elegantes. A peça central é um vestido dourado que vai até o chão. O decote quadrado expõe os ombros e traz instantaneamente à mente beleza e elegância atemporais. O corpete transparente e justo e as mangas compridas são de renda bordada, apresentando um intrincado desenho floral, mas a saia plissada é toda de seda fluida de cor sólida. E, na frente do lado direito, uma fenda em toda a extensão que chega até a parte superior da coxa. O vestido é sofisticado e decadente ao mesmo tempo. Ficaria lindo em qualquer mulher. Neste em particular, ficaria sexy pra caralho.

O mesmo aconteceria com um par de sapatos de salto alto pretos com uma tira larga no tornozelo adornada com um fecho dourado. Os sapatos estão no pequeno suporte próximo, mas já posso vê-los nas pernas bem torneadas do meu hóspede relutante.

“Albini”, digo e aceno em direção ao vestido. “Sapatos também.”

“Isso não vai caber,” Vasilisa murmura seguindo meu olhar.

“Albini garantirá que tudo esteja ajustado. Vá experimentar.

Os dentes delicados de Vasilisa afundam em seu lábio inferior, brutalizando aquela carne macia e almofadada enquanto ela observa os atendentes da loja removendo o vestido da vitrine. Com os olhos brilhando e cheios de admiração, ela exala pura inocência e desejo voraz, semelhante a uma criança que anseia por

seu doce favorito, mas sabe que não poderá comê-lo antes de terminar o almoço.

“Tudo bem”, ela sussurra e segue Albini enquanto ele carrega o vestido em direção ao provador.

Espero alguns minutos e depois sigo. O proprietário está parado na porta, com as mãos cruzadas à sua frente.

“É a peça de roupa mais requintada que temos, Signor De Santi. Cada ponto é feito à mão, costurado com linha dourada. Tenho certeza de que a senhora irá...

Viro a maçaneta e entro no provador, fechando a porta na cara de Albini. As cortinas do outro lado estão fechadas, mas há um espaço estreito entre os painéis. Ao me aproximar, vejo Vasilisa de relance. Aqueles sapatos de salto alto pretos sexy estão em seus pés, e ela está com a saia do vestido um pouco levantada e parece estar girando no lugar.

“Hum. . . Acho que vou precisar de ajuda com os botões.”

Dei uma olhada na vendedora que estava prestes a oferecer sua ajuda. "Fora", eu sussurro.

Ela fica tensa e sai correndo da sala, levando os outros dois atendentes com ela.

“Bem, não é tão ruim quanto eu imaginava. Apenas meio pé a mais”, continua Vasilisa por trás da cortina.

Agarrando os dois lados da cortina pesada, eu os separo, revelando Vasilisa enquanto ela levanta a saia e examina a bainha.

“Mas esses botões na parte de trás são difíceis de” – ela olha para cima, arregalando os olhos ao me ver em seu espaço – “alcançar”.

"Inversão de marcha."

Por alguns momentos, Vasilisa permanece imóvel, seus olhos cor de ônix olhando nos meus antes de girar lentamente. Nossos olhares se chocam novamente no espelho, e mantenho seus olhos cativos enquanto encontro o primeiro botão na parte inferior de suas costas. É minúsculo e redondo, e preciso de duas tentativas para prendê-lo.

É por causa dos meus dedos grandes?

Ou é simplesmente ela, atrapalhando minha concentração?

Movo minhas mãos até o próximo botão, escovando levemente a pele sedosa ao longo de sua coluna com as pontas dos dedos. Ela treme ao meu toque.

Está com medo?

Botão número três, pronto.

Outro arrepio.

Ou é pelo desconforto de ter alguém como eu tocando nela? Ela me acha repulsivo?

Eu acaricio suavemente sua pele, desta vez languidamente, e aproveito o

contato prolongado.

A respiração de Vasilisa fica rápida. Talvez o vestido não seja suficiente. É apenas um pedaço de pano, uma compensação pouco adequada pela consideração que ela faz dos meus avanços. Mais joias, talvez? Ela não usou o colar que comprei para ela. Talvez seja muito pesado para todos os dias? Uma pulseira, então. Vou passar no meu joalheiro e ver o que ele tem em sua última coleção.

Só resta um botão, o último entre as omoplatas. Coloco meu polegar na base de seu pescoço e deslizo-o para baixo, sobre os altos e baixos de sua coluna, maravilhado com a sensação de sua pele macia. Depois, aperto o último botão e fico apenas observando minha princesa russa no espelho.

A delicada renda floral envolve a parte superior do corpo como uma segunda pele, o padrão acentuando a cintura fina e os braços elegantes. A saia esvoaçante de seda envolve suas lindas pernas, escondendo-as da minha vista, exceto pelo pé direito, que aparece por entre as dobras.

Ela parece etérea. Como se ela viesse de outro mundo.

Dou um passo mais perto, então minha frente toca suas costas e me inclino até que meu queixo repouse no topo de sua cabeça.

“Diga-me, senhorita Petrova, quantos corações de homens foram pisoteados por seus pezinhos até agora?”

Aqueles olhos escuros se estreitam no espelho. "Nenhum."

"Eu não acredito em você."

“Para poder esmagar o coração de alguém é preciso que isso seja dado primeiro a você, Rafael. Mas, o orgulho masculino, por outro lado. . . Sim, certamente houve algumas vítimas que viram os seus pisoteados.”

“Isso eu não duvido.” Estendo a mão e acaricio levemente a curva de seu pescoço. Seu pescoço nu. “Onde está o colar que comprei para você?”

"Na caixa. De volta ao seu escritório.

"Por que?"

“Você não pode esperar que eu aceite presentes seus, Rafael.”

“Você não pareceu ter problemas em comprar metade da boutique. Por que mais uma pequena bugiganga importaria?

“Isso fui eu me vingando de você por agitar Albini, e você sabe disso. Mas não usarei jóias compradas por um homem que me mantém prisioneira. Você cobre todos os seus reféns com ouro e diamantes?

“Na minha experiência, as pessoas optarão por descartar ou ignorar muitas coisas se o presente compensatório for caro o suficiente.”

“Bem, desculpe ser quem lhe contou isso, mas o dinheiro não pode comprar tudo.”

Suas palavras cortam meu peito como uma faca. Ela está aludindo a mim

segurando-a contra sua vontade ou à minha aparência? Eu estou supondo, o último. A ideia do vestido era estúpida. Qualquer um pode comprar um vestido. Preciso dar a ela algo mais surpreendente. Mais exótico. Algo que a ajudará a ver além da minha cara fodida. Mas e se não houver nada que a leve a fazer isso? Ela algum dia seria capaz?

Rangendo os dentes, dou um passo para trás. Minha mão cai do pescoço de Vasilisa, mas meus dedos continuam formigando por causa daquele contato muito breve. Irritação e fúria agitam meu peito enquanto dou a ela uma última olhada no espelho.

“Hora de ir,” digo em um tom entrecortado e saio do camarim.

Capítulo 9



“Isso não pode estar certo”, murmuro, olhando para a tela do laptop.

“Um problema, vespetta?” A voz profunda vem do canto do escritório onde Rafael está sentado.

Um arrepio agradável percorre minha espinha, como acontece toda vez que ele me chama assim naquele tom específico. Husky. Sedutor. Íntimo. Como veludo suave deslizando sobre meu corpo, provocando minha pele. Minha pele nua.

Cerro os dentes, afastando as imagens mentais de mim nos braços de Rafael enquanto ele passa o dedo pela minha espinha, como havia feito há uma semana no Albini's. Foram apenas alguns toques leves, quase imperceptíveis, mas ainda não consigo tirá-los da cabeça.

“Consertei o repositório de armazenamento de dados anteontem, mas parece que alguém conseguiu estragar o software de novo”, digo, recusando-me a olhar para qualquer lugar que não seja a tela.

Já é bastante difícil manter meu foco com ele apenas na sala, constantemente sentindo sua atenção em mim. Embora eu tenha me acostumado com os homens olhando para mim e aprendido a desconsiderar seus olhos anos atrás, os olhares de Rafael são muito difíceis de ignorar. Ele não olha para mim com olhos imbuídos de luxúria que parecem arrancar minhas roupas, fazendo-me sentir mesquinha e de alguma forma suja, como se não houvesse nada mais para mim do que carne bem torneada. Em vez disso, parece que Rafael está tentando remover minhas camadas externas, ansioso para revelar o que está por baixo.

“Isso é lamentável. Você terá que consertar isso novamente.

“Não posso acreditar que uma isca glorificada de uma empresa possa gerar tantos problemas.”

“Pode servir de fachada para o meu empreendimento clandestino, mas os lucros dele são quase iguais aos da sua irmã sombra.”

“Então, nem todo o pessoal da Delta Security são verdadeiros assassinos?” Pelo que vi enquanto trabalhava nos sistemas, há mais de cem funcionários na sua empresa de segurança privada.

"Claro que não. Apenas uma equipe de quatro homens por filial.”

“Eles sempre vão em equipes? E se houver apenas um único alvo?”

“Você está planejando se tornar minha concorrente, senhorita Petrova?”

"Não. Apenas curioso. Eu dou de ombros. “Você não precisa me contar.”

Mas eu realmente quero saber. Quero saber muito mais sobre ele. As informações aleatórias que peguei não são suficientes. Não que eu espere que ele me conte coisas confidenciais sobre seus negócios.

“A maioria dos contratos acertados são para um único alvo”, diz Rafael, me surpreendendo. “Mas isso não significa que sejam fáceis. Estamos falando de indivíduos de alto escalão, muito públicos, que possuem proteção pessoal rígida e muitas vezes residem em locais fortemente vigiados. Se eles acabarem na minha agenda, muitas vezes significa que meus rivais empresariais optaram por deixar o cargo, e não por falta de valor lucrativo. Como tal, mesmo que seja necessário apenas um agente para executar o alvo, para garantir que a sua infiltração e subsequente extracção decorrem sem problemas, ele precisa de apoio. Dois membros da equipe fornecem vigilância. Outro serve como backup caso as coisas dêem errado.”

“Os trabalhos muitas vezes dão errado?”

"Às vezes." Seu tom muda, a voz cai e sai soando quase selvagem. “Uma vez perdi uma equipe inteira.”

"O que aconteceu?"

“Um detalhe muito importante foi esquecido.” Ele pega a taça de vinho da mesa e, com passos rápidos, atravessa a sala, saindo para a varanda. “Eu não sabia que a mulher que fomos contratados para assassinar era namorada de um assassino rival. O bastardo executou todos os meus quatro homens antes mesmo que eles tivessem a chance de atingir seu alvo. Maldito Mazur.

Ele lança o vidro no corrimão da varanda. A taça se estilhaça, o som da quebra ecoando pelo ar.

“Você matou o cara que massacrou seus homens, eu presumo.”

"Não." Rafael se recosta na grade, cruzando os braços sobre o peito.

Ligeiros arrepios percorrem minha espinha devido à intensidade de seu olhar sombrio.

Ele não diz mais nada, apenas me observa à distância, como se esperasse para ver se pedirei uma explicação. Eu quero. O interesse que este homem desperta dentro de mim é incomparável. Cada vez que penso que *o peguei* , ele faz algo que contradiz minhas conclusões.

"Por que não?" Eu pergunto, com um pouco de cautela. “Por que não retaliar pela morte de seus homens?”

“Existem regras em todos os negócios. No meu caso, não se aceita um contrato de assassinato contra um colega assassino ou sua família, não importa qual seja o preço oferecido.”

“Eu não esperava que houvesse uma etiqueta estabelecida em um negócio que lida com a morte.”

"Há." Sua mandíbula endurece. “Eu quebrei a regra. E meus homens

pagaram com a vida pelo meu erro.

Uma vontade repentina de ir até ele e oferecer algum tipo de conforto me domina. Mesmo com as sombras que obscurecem a maior parte de suas feições, a raiva e a autoculpa estão claramente escritas em seu rosto. Isso não significa que ele veja seus homens apenas como mão de obra contratada. Não se enquadra na imagem do empregador de merda que ele não negou ser. Há mais em Rafael De Santi do que ele quer deixar transparecer.

Olho para o post-it que encontrei preso no canto da tela do laptop. É o desenho de uma cena desta manhã: minha, enquanto tomava café da manhã no terraço. Sozinho. Eu acreditava que ele já tinha ido trabalhar naquele momento.

A prova desse pensamento errôneo está em minhas mãos. Sorrio com sua tentativa de capturar pequenos detalhes, especialmente usando nada mais do que uma simples caneta esferográfica. Ninguém além de mim seria capaz de dizer que as manchas meio borradas nas pontas dos dedos do “rabisque-me” são as manchas de marmelada de quando eu estava enfiando um croissant na boca.

Há mais quatro desenhos como este, escondidos na gaveta da minha mesa de cabeceira. Cada vez que me deparo com um, preciso lutar para não ceder às risadas como uma colegial. Eu me pergunto, o que ele faz com os rabiscos que deixo para ele? Provavelmente joga meus desenhos toscos no lixo.

O telefone de Rafael toca.

“ *Pronto* ”, ele late.

Ainda estou olhando para o post-it quando a cadeira da minha escrivaninha é repentinamente puxada para trás, os rodízios rolando suavemente pelo chão. "O que-"

“Como diabos isso aconteceu?” Rafael se inclina sobre o laptop com o telefone encostado no ouvido.

Com ele tão perto, consigo ouvir a fala abafada de um homem do outro lado da linha, mas seu inglês tem um sotaque forte, o que torna difícil entender o que o cara está falando. Rafael pega o mouse sem fio com a mão livre e apenas acena com a cabeça para o que o homem está dizendo, minimizando a infinidade de janelas na tela.

“Espere um segundo, Hans.” Ele coloca o telefone na mesa e olha para mim.

“Você quer a cadeira?” Eu pergunto.

"Sim."

Concordo com a cabeça e começo a desembaraçar as pernas debaixo da minha bunda enquanto me levanto, mas Rafael passa o braço em volta da minha cintura e me levanta.

“Calma, cara!” Eu protesto. “Eu estava me levantando.”

“Eu posso precisar de você. Você vai ficar. Ele cai na cadeira e me coloca em seu colo.

Olho para o perfil de Rafael enquanto ele aproxima a cadeira da mesa e pega

o telefone novamente, mantendo o outro braço firmemente em volta da minha cintura. Ele acessa a opção de videochamada e encosta o telefone no porta-caneta da mesa. Um vídeo de um homem vestindo uma máscara preta, de modo que apenas seus olhos ficam visíveis, preenche a tela. Sua localização parece ser uma sala chique, com móveis luxuosos e pinturas ao fundo.

“Continue”, Rafael diz ao cara enquanto mais uma vez pega o mouse.

“O alvo pressionou algum tipo de controle oculto, pouco antes de Allard executá-lo, e isso selou os dois dentro da sala do pânico.”

“Você não pode chegar até Allard pelo lado de fora?”

"Negativo. A porta é de aço reforçado e não temos nada para arrombar. Não há outra maneira de entrar. Tentamos ignorar o sistema do painel de controle principal dentro da casa, mas o quarto do pânico é uma rede isolada. Seus circuitos não estão integrados à segurança primária da casa.”

Na tela, duas janelas se abrem lado a lado. A primeira mostra um cara vestido com equipamento tático, completo com várias armas amarradas ao peito, recostado em uma cadeira de aparência antiga com um copo de líquido âmbar na mão. Suponho que seja ele quem está preso no quarto do pânico. O outro vídeo mostra Mitch, chefe de TI de Rafael, que finalmente conheci pessoalmente na sede da Delta Security enquanto fazia uma atualização de firmware no servidor principal ontem. Ele está sentado na cama, vestindo uma camiseta verde brilhante de aparência familiar. Tenho certeza que é do Guido.

“Que tal substituí-lo por dentro? Allard?

"Não é possivel." O cara com a bebida diz. “O mecanismo de fechadura requer um código de treze dígitos para abrir a porta. Apenas uma única tentativa é permitida, caso contrário, um alarme será enviado diretamente para a força de guarda.”

Rafael aperta a ponta do nariz. “Mitch?”

“Estou dentro do sistema da empresa de segurança, tentando encontrar o código de acesso da porta, mas todos os dados dos clientes estão criptografados. As ferramentas de descriptografia que tentei até agora falharam.”

"Continue tentando. Quanto tempo nós temos?"

Mitch dá uma olhada em seu relógio de pulso. “Um pouco mais de uma hora. Precisamos tirar Allard de lá antes que o pessoal chegue, às sete. A pontualidade é como uma maldita religião no Japão.”

A pressão do braço em volta da minha cintura aumenta. Rafael inclina a cabeça, me prendendo com o olhar. “Quanto tempo você levaria para quebrar um código de treze dígitos?”

“Cerca de quatro horas”, eu digo.

"Porra."

“Foi uma honra trabalhar para você, chefe.” O homem — Allard — toma um gole de sua bebida e a coloca na mesa próxima. “Diga aos caras para

recuarem”, ele diz e engatilha a arma.

“Alard!” Rafael rosna e bate com o punho no topo da mesa com tanta força que pulo em seu colo. “Coloque a porra da sua arma no coldre!”

“Todos nós sabemos como os Yakuzas lidam com aqueles que matam um dos seus. Eles levam a tortura a outro nível. Não podemos arriscar que eles me encontrem vivo.”

Mordo meu lábio inferior, meu olhar saltando entre Rafael e o homem preso na tela de vídeo. Nenhum funcionário comum estaria disposto a se matar para proteger seu empregador. Não importa o que Rafael tenha me contado, seus homens obviamente se preocupam com ele. E ele por eles.

“Existe um computador em algum lugar da casa?” Eu pergunto.

Três pares de olhos se voltam para mim imediatamente através das telas. Não percebi que a câmera do nosso lado da conversa também estava transmitindo.

"Por que?" A voz de Rafael ressoa perto do meu ouvido.

Viro-me para encará-lo e bato seu nariz no meu. “Tudo hoje em dia exige credenciais de login. Aplicativos de entrega de comida. Serviços de streaming. Até o maldito aplicativo para executar um aspirador robô. Ninguém consegue manter toda essa porcaria na cabeça.”

“Tenho quase certeza de que o *kumichō* da organização Yakuza não se preocupa com aspiradores de pó, vespetta.”

“ *Entãão*, não é o ponto aqui.” Eu reviraria os olhos, mas a situação parece precária. “O que quero dizer é que todo mundo tem um arquivo secreto em seu PC onde guarda uma lista de suas senhas e códigos. Não é?

"Sim."

"Ai está." Olho diretamente para a câmera e dirijo minha pergunta ao cara de balaclava. “Você viu um laptop ou computador desktop em algum lugar?”

"Um. No escritório”, ele responde em um inglês com forte sotaque. Ele parece alemão. Presumi que os homens que trabalham para Rafael seriam todos italianos, mas com base no fato de esta conversa estar acontecendo em inglês e na variedade de sotaques na linha, parece que a tripulação do Sicilian foi reunida em todo o mundo.

"Bom. Vou acessá-lo daqui. Vá lá e me dê o endereço IP.

“E se estiver trancado?”

“As pessoas são preguiçosas”, eu digo. “As senhas de computadores pessoais normalmente têm menos de oito caracteres. Conecte seu telefone ao laptop e execute o programa. Vou pedir ao Rafael para lhe enviar o link. Não deve demorar mais do que dez minutos para entrar.”

O cara da balaclava acena com a cabeça e, no instante seguinte, está correndo pela casa.

Acontece que o dono do luxuoso quarto do pânico deve ter sido um dos humanos mais preguiçosos. A senha do laptop dele tinha apenas seis dígitos, nada mais. Meu decifrador de código encaminhado o decifra quase instantaneamente, permitindo-me conectar o laptop de Rafael ao do cara morto em menos de um minuto.

Encontrar o arquivo que precisamos, entretanto, leva quase uma hora. Geralmente, as pessoas tendem a usar a mesma palavra da senha em múltiplas aplicações. Eles variam ligeiramente com caracteres especiais, mas a raiz permanece inalterada. Primeiro, executo uma varredura em busca da mesma palavra-chave do login do laptop e, em seguida, configuro filtros para pesquisar todos os arquivos em busca de documentos que contenham várias sequências repetidas de letras. Com opções restritas, examino cada resultado sinalizado manualmente, esperando que o próximo que eu abra seja a lista de senhas. O facto de utilizar simultaneamente a aplicação tradutor para ler cada documento, só para saber se é o que procuro ou uma receita de sopa de missô caseira, torna tudo mais difícil. Meus olhos ardem e minha cabeça está me matando devido ao esforço constante quando finalmente encontro o que procuro.

"Lá." Aponto para a combinação de números no meio do documento, que está logo abaixo das credenciais de login de um site de streaming pornográfico. “O código de acesso ao quarto do pânico.”

Um leve arrepio percorre minha espinha quando Rafael pega meu queixo e inclina minha cabeça para encará-lo. Seus olhos fixaram-se nos meus e, por um momento, esqueço como respirar.

“Se você estiver errado, você acabou de assinar a sentença de morte do meu homem.” Sua voz é baixa e ligeiramente ameaçadora, mas a expressão em seus olhos não representa nenhuma ameaça. Apenas admiração. "Tem certeza?"

“Tenho certeza”, digo, exalando o ar reprimido.

Rafael balança a cabeça e solta meu queixo, depois se vira e dita o código para Allard. Desnorteada, fico olhando para o perfil severo de Rafael. Não há mais perguntas. Ele não me pede para confirmar mais uma vez. Não exige uma explicação de por que estou confiante de que minha conclusão está correta, nem pede a Mitch que a verifique novamente. Ele está simplesmente pronto para arriscar a vida de seu homem apenas com a minha palavra. Ele está confiando em mim e em minhas habilidades ao fazer isso. Acredita em mim.

Uma sensação de satisfação e orgulho cresce dentro de mim, invadindo cada célula do meu ser. Todas aquelas vezes que passei em testes na faculdade não se comparam a esse sentimento.

Olho de volta para a tela onde Allard está agora de frente para o painel de controle na porta, sua câmera ampliando a pequena tela acima do teclado. Sugo o ar para meus pulmões e o seguro, observando-o inserir os números. Quando ele digita o último dígito, ouve-se um clique quase inaudível, mas que ecoa como um trovão pela linha.

Funcionou.

Rafael estende a mão para o telefone e desliga-o, depois fecha a tampa do laptop. Naquele instante, sentado em seu colo completamente imóvel, fico hiperconsciente de cada ponto de contato entre nossos corpos e de cada sensação que cada conexão evoca. Seu braço grosso e musculoso envolveu minha cintura. O calor que emana de seu peito quando ele o pressiona nas minhas costas doloridas. O leve formigamento em minha bochecha onde sua barba roça minha pele.

"Eu nunca teria pensado nisso." Voz profunda e esfumaçada bem perto do meu ouvido. “Você também encontrou uma lista das minhas senhas?”

“Sim,” eu digo. “Você realmente precisa de algo mais criativo do que *desanti1234* para seu aplicativo de banco online.”

Um estrondo abafado de risada vibra através de mim. “Você ficou tentado a enviar outra doação para um coral de igreja, talvez?”

Não consigo reprimir o sorriso que surge em meus lábios. "Muito."

Rafael roça levemente meu queixo com o polegar. “Obrigado por ajudar a salvar a vida do meu amigo.”

"Um amigo?" Levanto uma sobrancelha. “E aqui eu pensei que seus funcionários são apenas isso – funcionários. Ele teria realmente se matado para evitar ser capturado?”

"Sem dúvida. Quando conheci Allard, ele estava apodrecendo numa cela de uma prisão chinesa, condenado por espionagem política em nome da França. Os seus anfitriões pouco gentis vinham “trabalhando” com ele há semanas, e ele continuava insistindo em sua inocência e que veio para a China como estudante em um programa de intercâmbio estrangeiro. Eu o tirei daquele buraco infernal.

“Então você salvou um homem inocente. Isso é nobre. Mas o que você estava fazendo numa prisão chinesa?”

“Seguindo o contrato de sucesso para o governo francês – eliminando o seu ativo mais elogiado, mas recentemente comprometido.” Um sorriso malicioso surge nos lábios de Rafael. “Zacharia Allard.”

Eu bufo. “Então, afinal, não é inocente?”

"Não."

“Você largou o emprego, então?”

“Liguei para meu contato no governo francês e disse que estava com o filho. Também contei a eles que o homem deles não havia quebrado o disfarce. Eles ainda insistiram que eu continuasse neutralizando-o de qualquer maneira.” A mandíbula de Rafael endurece. “Allard resistiu a dias de intensa tortura física e mental, tudo sem revelar um único segredo. E seus superiores ainda decidiram recompensar sua lealdade com uma sentença de morte. Então, sim, desisti do contrato.”

“E recrutou Allard para trabalhar para você.”

"Claro. Ofereci-lhe o triplo do salário que recebia da sua agência traiçoeira.

Foi um dos melhores negócios que já fiz.”

“Você não acha que talvez o fato de você ter salvado a vida dele tenha algo a ver com ele ter concordado em trabalhar para você? Não o dinheiro.

“O dinheiro é a força suprema que faz o mundo girar. As pessoas podem não gostar dessa verdade, mas isso não a torna menos real.” Seu dedo está em meus lábios agora, traçando o formato do de baixo.

“Você está errado,” murmuro, cativada por seus olhos olhando nos meus.

“Eu não considerei você ingênua, vespetta. Mas você é jovem e ainda tem muito que aprender.”

O telefone de Rafael começa a tocar novamente. O toque em meus lábios desaparece quando ele pega o aparelho da mesa e o pressiona no ouvido.

“ *Guido? O que foi bem sucedido* ?”

Assim que Guido começa a falar do outro lado da linha, Rafael salta da cadeira. Comigo ainda sentada em seu colo, e ele segurando minha cintura como um torno, acabo pendurada meio pé acima do chão, minhas costas grudadas em seu peito.

"Rafael!" Eu puxo seu antebraço. "Você se importa?"

A pressão em torno da minha cintura afrouxa só um pouquinho. Apenas o suficiente para me deixar deslizar lentamente por seu corpo, permitindo-me sentir o roçar de cada centímetro daquela frente dura contra mim.

“ *Merda. Venti minuti* ”, ele grita ao telefone.

A mão ainda em meu quadril desaparece e, no momento seguinte, Rafael atravessa a sala em direção à porta que dá para o quarto. Ele ainda fala um italiano rápido e, embora eu não tenha a menor ideia do que ele está dizendo, o tom entrecortado de sua voz deixa claro que algo está errado. Com alguns passos longos, ele desliga a ligação e entra no “meu” quarto.

Corro atrás dele, meus saltos batendo no chão de madeira. Sem moletons ou calças largas disponíveis na Albini's, meu novo guarda-roupa consiste em jeans skinny, shorts e blusas lindas. Comprei alguns tênis de lona, mas eles ainda estão embalados e enfiados debaixo da cama porque tenho usado salto alto a maior parte do tempo.

Não consigo me lembrar da última vez que me vesti tão bem e não me senti mal por isso. Também não há diferença no comportamento de Rafael comigo: ele me trata exatamente da mesma forma que tratava enquanto eu andava por aí com suas camisas tamanho tenda. É um alívio tão foda. No entanto, ao mesmo tempo, tenho me sentido um pouco frustrado. Hoje coloquei uma blusa com decote particularmente baixo e ele nem sequer olhou para os meus seios. Não que eu queira que ele faça isso.

Bem, talvez um pouco.

Eca.

Este homem confunde todos os meus sentidos e eu nem sei mais o que

quero.

Alcanço Rafael enquanto ele entra no closet. Momentaneamente confuso sobre suas intenções, quase errei quando ele pressionou o polegar na pequena tela montada na parede atrás da fileira de seus ternos. Um clique quase inaudível soa e a parede traseira do armário começa a deslizar para o lado. No instante seguinte, Rafael desaparece em uma sala anteriormente escondida.

Tentando ficar o mais silenciosa possível, passo na ponta dos pés pelo espaço onde Rafael separou os paletós e me encontro em um quarto que tem cerca de metade do tamanho do closet. Um balcão percorre toda a parede oposta, o espaço abaixo dele é preenchido com dezenas de gavetas. Acima, quase até o teto, há cubículos, prateleiras e suportes, mas não são roupas que eles seguram. São armas. Facas. Dezenas de pistolas de vários calibres. Fuzis de longo alcance. Em um dos cantos, caixas de utilidades estão empilhadas quase na altura da cintura, e mais armas estão colocadas em porta-armas montados em ambos os lados da sala.

A última vez que vi tantas armas em um só lugar foi quando tio Sergei me mostrou seu arsenal (bem, pelo menos uma delas). Cometi o erro de contar ao papai e acabei de castigo por uma semana. Tio Sergei exibiu o lábio quebrado por dias depois. Se papai descobrir que meu tio me ensinou como usar a maioria das armas daquele arsenal (o outro contém explosivos e armas de assalto, e tio Sergei nunca me permitiu ver isso, infelizmente), ele ficaria totalmente louco.

Rafael abre uma das gavetas de cima abaixo do balcão e tira algumas caixinhas, colocando-as na bancada à sua frente. Munição. Ele tira o paletó preto e o joga no balcão também, revelando a camisa cinza escura que ele usa por baixo. Alcançando outra gaveta, ele seleciona uma alça de ombro e a coloca, ajustando as alças. Depois de pegar duas pistolas da prateleira à sua frente, ele verifica a munição e depois coloca as pistolas e os carregadores extras nos coldres.

"Rafael? O que está acontecendo?"

“Esta está sendo uma noite agitada. Tenho que resolver um mal-entendido no porto.” Ele se aproxima da parede lateral e pega um dos rifles montados, depois tira uma caixa com munição de outra gaveta próxima.

“Você costuma resolver mal-entendidos com um Remington?” Eu sufoco enquanto o pânico cresce em meu peito.

A cabeça de Rafael se levanta, seu olhar colide com o meu enquanto um canto de seus lábios se curva para cima. “É preocupação o que ouço em sua voz, Srta. Petrova?”

Meu corpo fica rígido. "Não. Acho que você confundiu isso com excitação.

Um olhar estranho se instala em seu rosto e, sem tirar os olhos dos meus, Rafael dá um passo em minha direção. Eu retiro um. Ele continua avançando, eu continuo recuando. Até que estou no closet novamente e minhas costas estão pressionadas contra o cabideiro de suas camisas. Rafael para na minha frente e se inclina até que nossos rostos se alinhem.

“Nunca conheci uma mulher que pudesse identificar uma marca específica de rifle tático”, diz ele, com espanto brilhando em seus olhos.

Respiro fundo e meus receptores olfativos incham com seu cheiro. Fresco. Sedutor. Meu olhar desce para seus lábios. Duas cicatrizes grossas cortam a inferior, tornando-a disforme, antes de continuar pelo queixo. Como seria ter aqueles lábios nos meus? Qual seria o gosto deles? Eu levanto a mão, pressionando a palma em seu peito. Esperançosamente, isso será suficiente para me impedir de me aprofundar ainda mais e tentar descobrir por mim mesmo.

Rafael estende a mão e passa os nós dos dedos pela minha bochecha. “Você pode manter o laptop para terminar o que começou, mas a atividade nesse dispositivo é monitorada. Se você se inspirar para entrar em contato com alguém on-line ou compartilhar coisas que sabe que não deveria, lembre-se de uma palavra minha e sua família perderá a vida em minutos.”

E assim, minha preocupação por ele se transforma em raiva.

Eu o empurro e saio correndo da sala e volto para o escritório para pegar a porra do laptop. Mal posso esperar para acabar com essa porcaria para poder voltar para casa. Achei que esse “trabalho” duraria apenas alguns dias, mas estou aqui há quase três semanas.

Nós dois entramos no quarto ao mesmo tempo. Estou indo em direção à cama com o laptop debaixo do braço, enquanto Rafael vai direto do corredor até a porta. À medida que passamos um pelo outro, nossas mãos se tocam levemente.

O toque dura menos que um batimento cardíaco, mas parece que as costas da minha mão estão chamuscadas. Subo na cama enorme e, cruzando as pernas sob a bunda, abro o laptop na minha frente.

“Durma bem, vespetta.” Sua voz rouca vem da entrada.

Não me preocupo em tirar os olhos da tela, simplesmente levanto a mão e mostro o dedo do meio para ele. Uma risada estrondosa preenche o espaço entre nós antes que a porta se feche atrás dele.

Uma hora depois, ainda posso ouvir o rugido na minha cabeça.

Rafael

Saio do carro. “Quem começou?”

“Rizzuto”, diz Aurelio, meu principal homem no porto de Catânia. “Um dos guindastes está fora de serviço desde sexta-feira, causando atrasos. Rizzuto tentou subornar o despachante para que fosse colocado no topo da fila da alfândega de importação e depois passasse pelas inspeções e saísse pelo portão. Ele ficou louco quando eles não quiseram fazer isso. A segurança portuária se

envolveu e houve um confronto. Rizzuto se escondeu nos escritórios administrativos, tomando os operadores do terminal como reféns, e ameaça começar a atirar, a menos que sua carga seja processada e liberada esta noite."

Olho para o terceiro andar do prédio que serve como torre de controle portuário. Rizzuto é um dos maiores contrabandistas de álcool da Sicília. Ele traz vinhos franceses e espanhóis de alta qualidade e paga subornos pesados para que os funcionários do porto e da alfândega atestem as autorizações necessárias. Eu não dou a mínima para o que ele está vendendo, desde que ele cumpra sua parte do nosso acordo e deposita meio milhão na minha conta bancária anualmente por deixá-lo usar o porto de Catânia. Atrasos não são incomuns, como Rizzuto bem sabe. E ele não tem um histórico de ser irracional.

"Alguém verificou seus contêineres?" Eu pergunto.

"Não. Eles ainda estão nas pilhas.

"Vamos dar uma olhada neles."

Mesmo a uma hora tão tardia, o porto fervilha de vida. Ordens gritadas enchem o ar enquanto a carga é carregada e descarregada dos navios por guindastes de pórtico. Empilhadeiras e tratores terminais circulam pelo pátio de armazenamento, empilhando os contêineres que passam pelas inspeções finais antes de serem liberados para expedição e carregados nos caminhões de distribuição. Não gosto dessa agitação toda, então só venho aqui quando for absolutamente necessário. Assassinar pessoas é muito mais fácil do que trabalhar com elas.

"Abra o primeiro", digo ao estivador que está ao lado dos três contêineres verdes na área de armazenamento temporário.

O homem se apressa para destrancar as pesadas portas giratórias e depois sai do caminho. Pego o pé de cabra de Aurélio e entro.

Caixas de madeira com o logotipo de uma conhecida vinícola francesa em Bordeaux estão cuidadosamente empilhadas umas sobre as outras, enchendo quase todo o recipiente de aço. Um leve odor amadeirado permeia o ar. Prendo a ponta do cinzel do pé-de-cabra entre as duas tábuas do caixote mais próximo e empurro. As tábuas quebram e lascam. Pó branco derrama da embalagem plástica que foi rasgada pela borda quebrada da moldura da caixa destruída e pinga no chão ao lado do meu sapato. Pego um pouco das partículas finas com os dedos e as levo à boca. Cocaína.

Cuspindo os traços amargos, jogo o pé de cabra de lado. "Encontre um local adequado e incinere toda a carga. Quero que isso seja feito até amanhã de manhã, Aurélio."

"Claro, chefe."

Concordo com a cabeça e volto para fora, enquanto a fúria assola dentro de mim. Só há uma pessoa na ilha que consegue deitar as mãos a uma cocaína tão pura.

Guido está descansando ao lado de seu carro esporte, conversando com um

dos motoristas da empilhadeira, mas quando me vê voltando para a torre de controle, vem em minha direção. “Aurélio me mandou uma mensagem. O que está acontecendo?"

“Calogero tentou contrabandear suas drogas na carga de Rizzuto.” Pego o rifle na traseira do meu SUV e bato a porta.

"Porra. Tem certeza de que é dele?

"Sim." Eu ergo o rifle e vou para a entrada principal da torre. “Vá ajudar Aurélio a organizar o incêndio daquela merda”, digo ao meu irmão por cima do ombro.

O nível inferior do edifício é um vasto armazém, utilizado para armazenar máquinas e cargas que ficaram retidas no porto por diversos motivos. Os andares acima estão repletos de escritórios administrativos. Meus passos fazem sons ocos enquanto subo as escadas de metal até o nível superior, onde estão localizados a sala de controle e o centro do operador portuário.

"Ele se acalmou?" — pergunto ao homem que monta guarda na porta.

"Um pouco. Ele ainda não deixa ninguém sair da sala, mas parou de brandir a arma depois que lhe dissemos que você estava aqui.

Concordo com a cabeça e entro na sala de controle.

Rizzuto está sentado em uma das cadeiras de frente para a parede de janelas com vista para o terminal de contêineres, sua arma está casualmente pendurada nas coxas. Quatro operadores estão reunidos no canto oposto, com os olhos frenéticos.

"Rafael!" Rizzuto sorri. “Estou tão feliz que você conseguiu vir. Esperamos que possamos resolver esse mal-entendido rapidamente para que minha carga possa ser processada e enviada conforme planejado.”

Seus olhos caem para o rifle em minha mão, e aquele sorriso desaparece de seu rosto imediatamente. “Hum. . . Me desculpe se exagerei, mas estou com uma agenda muito apertada.”

Puxo uma cadeira para mim, posicionando-a em frente a Rizzuto, e sento-me. “Por que a pressa?”

“Tenho um novo comprador. Esse não é um sujeito muito paciente. Ele tenta esconder seu nervosismo por trás de sua postura casual, mas vejo gotas de suor em sua têmpora.

“Hum-hmm. Diga-me, quanto Calogero lhe pagou para contrabandear sua cocaína através do meu porto?

O rosto de Rizzuto empalidece.

“É meu,” ele engasga enquanto segura a arma com mais força. “Você sabe que eu não ousaria trazer as drogas da Cosa Nostra para cá. Juro pelo túmulo da minha mãe, Rafael. EU-"

Pressiono o cano do meu rifle em sua testa e aperto o gatilho. O topo da cabeça de Rizzuto explode em uma confusão de ossos, sangue e massa cerebral,

com parte da carnificina sendo lançada através do vidro quebrado. Abaixando o rifle, levanto-me e saio da sala, passando pelo grupo de trabalhadores histéricos ao sair.

Do lado de fora do prédio, encontro Guido novamente ao lado do carro, olhando para o sangue e os pedaços de carne espalhados pelo para-brisa.

“Que merda, Rafael!” ele grunhe. “Você vai parar de encher meu carro com restos mortais de pessoas? Isso é nojento!"

"Desculpe. Esqueci que você estacionou logo abaixo. Jogo o rifle ensanguentado na traseira do meu veículo. “Certifique-se de que todos mantenham a boca fechada sobre o que aconteceu aqui esta noite. Vamos ver o que Calogero faz quando percebe que suas drogas nunca saíram do porto.”

“Ele provavelmente enviará seus homens para investigar.”

“Se ele fizer isso, você sabe o que precisa ser feito.” Deslizo para trás do volante e piso no acelerador.

Quando chego em casa, tomo um banho no quarto de hóspedes e entro no meu quarto. Minha pequena hacker está enrolada na minha cama, dormindo, ainda usando a mesma roupa que usava quando saí. Os dois primeiros botões da blusa de seda pêssego claro estão desabotoados, revelando um vislumbre do sutiã de renda branca por baixo. Meus olhos deslizam pelas pernas dela, vestidas com jeans skinny branco, até as sandálias de salto agulha marfim amarradas em seus pés delicados. Ela obviamente cochilou enquanto trabalhava, já que meu laptop está aberto ao lado dela na cama.

Eu me inclino e desafivelo cuidadosamente seus sapatos. Enquanto faço isso, meus olhos pousam na tela iluminada do laptop. Ele exibe o site da minha empresa de fachada. O URL e o nome corporativo estão corretos, mas em vez do cabeçalho azul marinho escuro e do texto prateado, a imagem principal é de dois sapos de desenho animado usando chapéus rosa. E os pequenos corvinas verdes estão piscando. Enquanto isso, os comentários de nossos clientes no controle deslizante foram alterados para uma fonte cursiva com corações pontilhando cada “i” minúsculo na página.

Colocando as sandálias de salto alto ao lado da cama, movo o laptop para a mesa de cabeceira e puxo o edredom até o queixo de Vasilisa. Meu pequeno malandro. Enfio a mão no bolso e tiro a caixa de joias que peguei no caminho para casa, depois a coloco ao lado do laptop. O dono da loja quase teve um derrame quando me encontrou na porta de sua casa, na quatro da manhã. O sangue em minha jaqueta e camisa não ajudou. Ele precisou de várias tentativas para cuspir as palavras de que a pulseira que encomendei chegaria amanhã. Tive que acalmar minha irritação comprando um par de brincos de rubi.

Eles não são requintados o suficiente. Dificilmente as peças excepcionais de que preciso, já que as pedras nada mais são do que um corte comum. Mas eram a coisa mais cara que ele tinha na loja. Se for o caso, estou preparado para comprar todas as joias exclusivas da Sicília para Vasilisa, na esperança de que ela esteja aberta a aceitar meus avanços. Talvez ela até considere sair para jantar

comigo.

Depois de passar levemente as pontas dos dedos pela bochecha de Vasilisa, vou até a poltrona reclinável perto da lareira. Ele tem uma visão direta do meu algoz adormecido, então fico confortável no que se tornou meu cobiçado lugar noturno. De qualquer forma, é tarde demais para dormir, e observar meu doce prisioneiro é muito mais agradável do que algumas horas de descanso.

Capítulo 10



“Isso é incrível”, murmuro enquanto coloco uma mistura de ovos mexidos, pimentões e algum tipo de coisa verde na boca. “Sério, Irma, você deveria abrir sua própria casa em vez de trabalhar para o Rafael. De qualquer forma, ninguém nesta casa come aqui, exceto eu, então é um desperdício total do seu talento. Na verdade, você deveria simplesmente desistir.

Irma lança um olhar para Guido, que toma café do outro lado da mesa de jantar, e ele traduz para ela. Quando ele termina, ela apenas pisca para ele, confusa, depois me lança um sorriso e se ocupa em colocar a louça na máquina de lavar louça.

Vozes masculinas passam pela janela aberta – os trabalhadores manuais ainda estão aqui. Eles terminaram de pintar todas as portas e janelas e agora começaram a colocar cascalho na entrada de automóveis. Por alguma razão, eles estão removendo a cobertura existente – que me pareceu mais do que decente como está e não parecia precisar ser substituída – e espalhando nova pedra britada.

Na cozinha, as duas empregadas parecem ocupadas. Uma está lavando novamente as panelas - à mão - depois de limpar (pela segunda vez esta semana) o interior dos armários, enquanto a outra está amaciando a carne na bancada da ilha. A testa de Guido se enruga e ele estremece levemente a cada golpe forte do martelo de carne. É muito engraçado de assistir.

Não tenho problemas com barulho doméstico. Comparado a casa, é quase como estar em uma biblioteca. Mesmo assim, está muito melhor do que era antes de Rafael ordenar o retorno dos empregados da casa.

“Por que sou o único que come nesta casa?” — pergunto a Guido entre mordidas. É estranho e um tanto triste fazer todas as refeições sozinho. “Você normalmente leva sua tigela de comida para pássaros em outro lugar, e nunca vi seu irmão comer nada aqui. Ele precisa de sustento ou apenas caça suas presas na vizinhança e bebe seu sangue?

“Guido é um introvertido que gosta de fazer as refeições em seu apartamento.” A voz aveludada ressoa atrás de mim. “E geralmente como no trabalho.”

Meus olhos acompanham Rafael enquanto ele vai até a máquina de café e se serve de uma xícara. Ele está usando um terno marrom de três peças hoje, combinado com uma camisa social preta. Os dois botões superiores estão desfeitos. Sem gravata. Marrom e preto juntos não parecem uma boa combinação de moda. Para ele, porém, definitivamente funciona. Mas ele parece

muito cansado e, infelizmente, ainda lindo de morrer, apesar das olheiras.

“Há mais alguma coisa que você gostaria de saber sobre meus hábitos?” ele continua. “Ou você estava simplesmente interessada em me convidar para almoçar com você, senhorita Petrova?”

“Almoçar na sua companhia seria o ponto baixo do meu dia”, digo e pego um copo de leite. “A propósito, você parece um lixo.”

O silêncio absoluto desce sobre a sala. A empregada que está guardando as panelas nos armários me olha boquiaberta. A outra está fazendo o mesmo, seu martelo congelado no ar como se ela tivesse sido atingida por um raio. Irma estava preocupada mexendo alguma coisa no fogão, mas agora ela apenas segura a colher com força e seus olhos arregalados estão fundido à parede próxima. O olhar de Guido, por outro lado, vai de mim para Rafael e vice-versa.

“Não há melhor maneira de começar o dia do que recebendo elogios”, diz Rafael e toma um gole de café.

“Você resolveu o *mal-entendido* ontem à noite?” Eu pergunto.

"Sim. Demorou um pouco mais do que o esperado.” Ele se aproxima da mesa com passos lentos e sem cerimônia se senta ao meu lado. “Amei o que você fez com nosso site.”

Eu engasgo com meu leite.

"Era ela?" Guido aparece do outro lado da mesa.

“Temos outro hacker com rancor de mim e que também tem acesso desenfreado aos nossos sistemas?”

“Mitch está tentando corrigir o problema nas últimas duas horas, mas há algum código malicioso implantado em nossos scripts do lado do servidor e qualquer alteração que ele fizer não funcionará.”

Rafael inclina a cabeça, me observando por cima da borda de sua xícara de café. “Ela vai consertar isso.”

"Ela vai?" Eu levanto minha sobrancelha.

"Sim. E ela irá jantar comigo como punição por seu mau comportamento.”

“Os jantares não faziam parte do nosso acordo.”

“Nenhum dos dois estava fodendo ainda mais com o meu negócio. E eu não estava perguntando, vespetta. É uma oportunidade perfeita para usar seus novos brincos.”

“Sim, pena que deixei todos eles em casa.” Pego uma fatia de torta de cereja, sentindo os olhos de Rafael perfurando minha cabeça o tempo todo. Fingindo inocência, dou uma mordida e encontro seu olhar. “Oh, você quer dizer aqueles que você deixou na minha mesa de cabeceira horas depois de me lembrar que você está segurando a vida de pessoas que amo em suas mãos?”

"Sim."

“Eles estão na gaveta da sua mesa. O segundo de cima.”

A mão de Rafael dispara, agarrando meu queixo entre os dedos. O silêncio na sala torna-se tão absoluto que uma pena poderia cair e o estrondo ecoaria nas paredes. Com os olhos semicerrados, Rafael se inclina para frente, ficando na altura do meu rosto.

“Vou buscá-la às seis”, ele diz entre dentes, depois me solta e sai furioso da cozinha.

Olho de volta para minha torta enquanto fico furiosa internamente com minha própria reação. Meu problema? Na verdade, estou animado para ir jantar com ele. *Droga* .

*** * ***

“Devíamos ter comprado aquele vestido no Albini's”, diz Rafael ao estacionar no estacionamento de um restaurante sofisticado com terraço situado na beira de uma colina, com vista para o mar.

“É um vestido de noite destinado a ser usado em galas ou outros eventos adequados. Não para jantar em um restaurante local.

“Então, acho que teríamos que encontrar um evento adequado”, diz Rafael enquanto dá ré e estaciona.

Na verdade, estou tentado a dizer que deveríamos. Esse vestido foi o mais lindo que eu já vi. Mas, a última vez que tive a chance de sair em algo semelhante, me arrependi imediatamente.

Naquela ocasião, participei de uma arrecadação de fundos para caridade com um cara que eu estava saindo na época. Ele era filho de um Chicago político, vários anos mais velho que eu, e pensei que ele seria mais maduro do que meus encontros anteriores. Perguntei sobre o trabalho que o pai dele estava fazendo, mas o cara ignorou completamente minhas perguntas, focado demais no meu decote. Ele também insinuava que seu apartamento ficava a apenas um quarteirão de distância. A porra da noite inteira.

É esperar muito de uma conversa normal e significativa de um encontro? Deve ser, porque quando comentei que concordei em sair para conhecê-lo um pouco melhor, ele me olhou todo confuso e perguntou: *Por que você se vestiria assim se não quer ser fodida?* Parei de me vestir naquele momento. Parou de sair também. Simplesmente não valeu a pena.

Concordar em experimentar aquele lindo vestido na Albini's foi um momento de fraqueza. Eu sentia falta de usar coisas bonitas, e aquele vestido era além de deslumbrante e impossível de resistir. Quando Rafael invadiu o camarim, fiquei momentaneamente preocupado com qual seria a reação dele ao me ver ali.

Ele nem piscou.

Meu olhar se volta para Rafael enquanto ele desliga a ignição. Ele deve ser o primeiro homem que não tentou me convencer a ir para sua cama uma hora

depois de me conhecer. Pelos olhares que ele tem me dado, tenho quase certeza de que ele me encontrou. . . intrigante? Provavelmente da mesma forma que um funcionário de laboratório fica fascinado por uma nova cepa de bactéria. Ele pode gostar de observá-lo, mas na verdade não fica tentado a beijar a coisa.

Isso me incomoda um pouco. Sua aparente imunidade para mim. E o fato de isso acontecer me incomoda bastante. Estou tão confuso sobre tudo. Por que estou tão atraída por Rafael? Por que meu coração bate mais forte toda vez que ele se aproxima? É apenas algum tipo de curiosidade maluca? Não tenho certeza se é isso.

Esta noite, escolhi um top revelador, de costas abertas, prateado brilhante, amarrado no pescoço. Junto com ele, coloquei calças pretas super justas e saltos cinza metálico de quinze centímetros. Eu tinha cem por cento de certeza que o queixo de Rafael cairia quando eu passasse pela entrada da frente da mansão até onde ele estava esperando ao lado do carro. A única coisa que ele disse? *Você pode ficar com frio nesse top, vespetta.* E então ele abriu a porta do passageiro para mim.

Ele está mesmo atraído por mim?

Às vezes acho que sim, mas outras vezes, como esta noite, acho que ele apenas se diverte comigo.

Observo Rafael enquanto ele sai do veículo, seu terno de grafite de três peças se ajustando ao seu grande corpo exatamente como deveria - feito sob medida especificamente para ele. Ele verifica todas as minhas caixas. Alto. Cabelos escuros. Fortemente musculoso. À moda. Não se transforma em um adolescente idiota quando está na minha companhia. Eu não me importo que seu rosto esteja tão cheio de cicatrizes que esteja basicamente deformado. Rafael é o homem mais gostoso que já vi.

Ele também é um idiota malvado que me sequestrou e ameaçou minha família. Isso faz com que ele seja instantaneamente desqualificado da minha lista.

Mas eu quero que ele me beije de qualquer maneira.

O manobrista abre minha porta e me oferece a mão. “ *Boa vida, signorina—* ”

Dedos fortes envolvem o pulso do homem, cortando o resto da frase do cara.

“ *Non toccarla* ”, Rafael diz entre dentes, olhando para o jovem que parece estar a um segundo de se mijar. “ *Leiè mia. Capitão?* ”

“ *Sim. Olá capitão, Signor De Santi. Mi dispiace molto,* ” o homem engasga e se afasta rapidamente.

"O que aconteceu?" — pergunto enquanto pego a mão estendida de Rafael.

“Ele queria consertar meu carro”, diz ele, me ajudando. “Agradeci e disse não.”

me pareceu um *agradecimento* . E ele é o manobrista. É seu trabalho

estacionar carros. Por que você não deixou?

Nossos olhares colidem. Estamos cara a cara agora. Ok, é mais cara a cara. Mesmo com saltos altíssimos, tenho que esticar um pouco o pescoço para poder olhar nos olhos de Rafael.

Ele abaixa a cabeça e uma das mechas de seu cabelo penteado para trás cai para frente, fazendo cócegas na minha testa. Com minha mão ainda na dele, ele acaricia suavemente os nós dos meus dedos com o polegar.

“Eu não permito que outras pessoas toquem no que é meu, Vasilisa.”

Um arrepio percorre minha espinha pela maneira como ele pronuncia meu nome, com um toque de cadência italiana. Parece a carícia mais suave.

“É só um carro,” eu sussurro.

Seus olhos se enrugam nos cantos e então ele move a mão para a parte inferior das minhas costas, me levando em direção à entrada do restaurante.

Há cerca de vinte mesas no interior e metade disso no terraço à beira do penhasco. As videiras subiram e se enrolaram em torno dos pilares e ao longo do corrimão que margeia a vista e subiram através do caramanchão branco, criando um belo dossel que deve proteger as mesas externas do calor do meio-dia. Neste momento, porém, enquanto atravessamos a varanda, pedaços do céu noturno e estrelas brilhantes brincam de esconde-esconde através das brechas na vegetação.

Excêntrico é a única maneira de descrever a visão ao meu redor, e sinto como se tivesse entrado em outra dimensão. Aquele que promete romance e uma noite encantada.

Se ao menos fosse verdade.

Mas o ambiente deste restaurante é de tirar o fôlego. Ao passarmos pelo interior, noto uma garota com um lindo vestido longo tocando harpa no canto, perto do bar. Os tons sutis das cordas misturam-se com a conversa tranquila das pessoas sentadas nas proximidades.

A anfitriã conduz-nos até à única mesa desocupada no outro lado do terraço e, quando chegamos ao nosso destino, as vozes dos outros clientes diminuem gradualmente, restando apenas a melodia distinta da harpa. Cada pessoa - tanto dentro quanto jantando ao ar livre - parece estar atentamente concentrada em sua refeição, com os olhos colados nos pratos colocados diante deles.

“Parece que você é bastante popular por aqui,” comento enquanto me sento na cadeira que Rafael deslizou para mim. "Eles estão esperando que você retire seu Remington e tire todos eles antes que os aperitivos cheguem?" Olho ao redor, onde as pessoas estão lentamente retomando suas conversas silenciosas.

"Eu nasci aqui. Este é um restaurante só para moradores locais e todos em Taormina me conhecem”, diz ele. “Quando voltei para a Sicília e assumi o controle da costa leste, as pessoas que viviam aqui tornaram-se minhas. Eles estão sob minha proteção.”

“Seus rostos não transmitem aquela vibração de 'ah, me sinto tão protegido'. Apavorado seria uma descrição muito mais precisa.

“Isso porque eles sabem o que eu fiz para assumir o controle.”

"Deixe-me adivinhar. Você 'aposentou' seu antecessor? Não pensei que fosse assim que a Cosa Nostra funcionasse.”

Rafael se senta à minha frente e se recosta na cadeira. “Não sou membro da Cosa Nostra. E eu ‘aposentei’ meu antecessor e todos os seus seguidores que não fugiram para Palermo quando voltei para casa.”

“Bem, não admira que a atmosfera aqui pareça estranha.”

Um garçom traz uma garrafa de vinho e entrega a Rafael, que acena em aprovação sem sequer olhar o rótulo. Seus olhos estão focados exclusivamente em mim.

“Você não parece incomodado com situações sociais desconfortáveis.”

"Por favor." Eu bufo. “Depois de passar mais de vinte anos com uma família como a minha, qualquer um poderia lidar com tudo o que o universo decidir vomitar. Especialmente durante reuniões sociais.

"Cuidado ao elaborar?"

Pego a taça de vinho que o garçom serviu para mim e tomo um longo gole. Não foi assim que pensei que esta noite seria. Não sei o que eu realmente esperava, mas certamente não foi uma sensação tão agradável só por estar na companhia de Rafael De Santi.

“Bem, há alguns meses, meu pai deu uma festa surpresa no aniversário da minha mãe. Havia cerca de quarenta pessoas à mesa e estávamos no meio de um brinde quando meu tio entrou, totalmente armado e coberto de sangue.”

“Isso deve ter sido desconfortável.”

"Na verdade." Eu dou de ombros. “O problema é que ele deixou manchas de sangue no tapete favorito da mamãe, então meu pai começou a gritar e atirou nele.”

“Roman o matou?”

"Claro que não. Tio Sergei chegou direto do trabalho e estava usando Kevlar, então apenas se esparramou no chão e ficou lá até recuperar o fôlego. Alguns dos convidados ficaram um pouco nervosos.”

"Notável. Ele se inclina para frente e apoia o cotovelo no apoio de braço, deixando o queixo cair na palma da mão. “Ainda acho difícil Acredito que Roman aceitou sua desculpa de 'eu precisava de um tempo' para desaparecer.”

“Como eu disse, não é a primeira vez que desapareço. E eu não chegaria ao ponto de dizer que ele 'aceitou', considerando a quantidade de gritos que ele dá toda vez que eu ligo. Talvez eu devesse ter contado a ele que fui pego hackeando a NASA e recrutado para trabalhar para o governo, em vez de ser colocado atrás das grades.

“Você hackeou a NASA?”

"Uma ou duas vezes." Levanto meu copo para esconder meu sorriso e esvazio seu conteúdo. “Eu poderia ter reclamado que o supervisor que me foi designado é um bastardo malvado.”

Uma risada profunda sai dele. Querido Deus, até suas risadas são sexy. Estou tão absorta em observá-lo que levo alguns momentos para registrar o silêncio absoluto que mais uma vez se abate sobre nós. É como esta manhã na cozinha. Todos pararam o que estavam fazendo, até o garçom que acabou de encher meu copo e está olhando para as costas de Rafael.

“Tenho certeza que você está infernizando ele.” Ele se inclina sobre a mesa e segura meu queixo entre os dedos, acariciando minha pele com o polegar enquanto seus olhos se fixam nos meus. “Você pode invadir qualquer sistema?”

Nossos rostos estão a poucos centímetros de distância, mas me inclino ainda mais em seu toque.

“Depende do sistema,” eu sussurro. “E sua segurança, é claro. Mas em teoria, sim.

Seu polegar desliza para acariciar meu lábio inferior e minha respiração acelera. O enxame de borboletas aninhadas em meu estômago desde o momento em que entrei em seu carro, levanta voo. Posso sentir suas asas batendo enquanto a excitação me domina. Rafael se aproxima, seus olhos brilhando. Ele vai me beijar? Meus lábios se abrem na expectativa desse primeiro contato.

“Você hackearia uma certa empresa de frete para mim, vespetta?”

Minha excitação despenca. "O que?"

“Gostaria que você alterasse os detalhes de envio de um determinado contêiner. Deve ser entregue em Gênova na próxima semana. Eu preferiria que isso terminasse em outro lugar. Talvez Xangai.”

Seu polegar ainda acariciando meus lábios está fodendo epicamente com meu cérebro. Posso sentir seu toque em todo o meu âmago, e isso evoca imagens de muito mais do que apenas um beijo. Então, enquanto estou pronto para entrar em combustão imediatamente, ele quer discutir alguns malditos detalhes do envio?

Pego meu copo e tomo um grande gole do vinho robusto. O servidor se aproxima, enchendo-o novamente. Bom.

"Não. Por que eu faria algo por você fora do nosso acordo?

"Porque eu pedi para você."

“E você sempre consegue o que quer?”

“Normalmente, sim. Mesmo que isso signifique jogar fora suas roupas largas para forçá-la a aceitar sua beleza.”

Respiro fundo, pego a taça de vinho e a esvazio novamente, com os olhos voltados para baixo. “Você nunca me chamou de linda antes.”

“Porque você provavelmente já ouviu essa frase dita um milhão de vezes por inúmeros homens superficiais. Porque você *deve* saber que é linda e que os homens não podem deixar de notar e cantar seus louvores. E estou disposto a apostar que você odeia ouvir isso. Ele coloca o dedo sob meu queixo, levantando meu olhar para encontrar o dele. “Não funciona, você sabe. Você pode se enrolar na porra de uma toalha de mesa, e os homens ainda cairão de joelhos diante de você, Vasilisa. Não há nada de errado com isso.”

Sim existe.

Quando eu era pequena, não importava se você era bonita ou não – as crianças só queriam brincar.

Estaria mentindo se dissesse que não gostei da atenção que comecei a receber quando fiquei mais velho, principalmente no ensino médio. Os meninos sempre se aproximavam de mim, diziam como eu era bonita, me convidavam para sair o tempo todo. Todos os caras queriam ficar comigo. E as meninas queriam ser eu. Eu gostei muito. Deus, eu era tão vaidoso naquela época. Ou simplesmente muito jovem. Mas, aos poucos, as coisas começaram a mudar. Mais precisamente, na verdade, *comecei* a mudar. E me lembro do dia exato em que foi o ponto de inflexão.

Nosso professor de música e teatro do décimo ano anunciou que eu havia sido escalado para o papel principal da peça da escola. Fiquei muito feliz e orgulhoso de mim mesmo por ter trabalhado duro para conseguir o papel – decorando todo o roteiro e passando horas praticando na frente do espelho. Até faltei à festa de aniversário da minha irmã para poder ensaiar um pouco mais antes da minha audição no dia seguinte. Mas depois do anúncio, ouvi outros estudantes cochichando: *Ah, todo mundo sabe que ela só conseguiu o papel porque é bonita.* Todo mundo ficava dizendo isso e, quando as aulas terminaram, até eu acreditei. Na manhã seguinte, disse ao meu professor que desisti. Aí fui para casa e chorei.

Depois disso, coisas semelhantes aconteceram com bastante frequência. Não foi o meu artigo sobre a fome no mundo que me fez ser escolhido para falar durante um evento escolar, mas sim porque *ela ficaria bem no cartaz* . E eu não terminei o ensino médio com nota 4,0 porque fiz cursos extras online, foi porque *ela ganhou créditos extras por mostrar os peitos para a reitora* .

“Sabe, tirei a nota mais alta na minha aula de criptografia no semestre passado. O melhor resultado da última década”, digo.

“Não estou surpreso.”

“Todo mundo dizia que era porque 'o professor queria me foder'. Não porque eu trabalhei duro estudando.”

“Por que você se importa com o que alguém pensa?”

Eu olho para cima e encontro o olhar de Rafael. O espaço entre minhas têmporas parece estranhamente leve e arejado. Eu provavelmente deveria reduzir o vinho. Especialmente porque minha língua se soltou. Por que é tão fácil falar com ele?

“As pessoas não são ilhas, Rafael. Não existimos sozinhos, desapegados de tudo. Você não pode simplesmente ignorar as opiniões dos outros.”

“Eu não concordo.”

A lanterna pendurada entre as folhas de parreira acima da nossa mesa balança na brisa suave, lançando um brilho intermitente sobre suas feições severas e tornando as linhas de seu rosto ainda mais pronunciadas na interação de luz e sombras. Seu polegar retoma sua carícia suave no meu queixo, enviando pulsos de prazer pela minha pele. Meus dedos coçam para fazer o mesmo com ele.

"Oh? E ainda assim, você passou dias se escondendo de mim. Por que?"

“As pessoas têm reações muito fortes quando veem meu rosto pela primeira vez. Especialmente mulheres. Eu não queria que você tivesse medo de mim.

“Tem muita coisa que me assusta, Rafael. Seu rosto não é um deles.

“Diga-me o que são e eu destruirei cada um deles.”

“Alturas. Criaturas aquáticas. Shoppings.”

"Shopping?"

"Sim. Eu não posso lidar com eles.” Eu mantenho seu olhar. “Mas meu pior medo. . . é dos meus entes queridos se machucando. Você poderia, por favor, puxar seus capangas cuja mira está voltada para minha família?

O músculo na mandíbula de Rafael treme. Ele não responde.

“Por favor,” eu sussurro. “Prometo que cumprirei nosso acordo e ficarei até meu trabalho terminar.”

Já não parece tão insuportável. Ficando aqui. Com ele. Se eu fosse brutalmente honesto comigo mesmo, admitiria que meu coração se contrai como se estivesse sendo apertado por um aperto sempre que penso em ir embora. Gosto bastante de nossas brigas diárias. Gosto de passar tempo com ele. Eu gosto . . . ele. Meu Deus, por que não poderíamos ter nos conhecido em circunstâncias diferentes? Não tenho dúvidas de que teria me apaixonado totalmente por Rafael naquela época. Mas talvez, independentemente da nossa situação, eu já tenha feito isso? Não. Absolutamente não. É simplesmente o vinho falando.

Rafael respira fundo, suas narinas dilatadas enquanto seus olhos fixam-se nos meus, depois se recosta na cadeira e pega o telefone. Meu coração bate tão rápido que poderia romper minhas costelas quando ele disca para alguém e coloca o telefone no ouvido.

“Guido, lembre-se da equipe dos Petrovs. . . Sim agora."

“Obrigada”, digo quando ele desliga.

A mão de Rafael dispara, agarrando minha nuca. Seu olhar trava com o meu, seus olhos verdes brilhando com ameaça. “Quebre sua palavra e você saberá o que vai acontecer. Você entende?"

“Eu não vou quebrar.”

"Bom. Vamos pedir." Ele gesticula para o garçom espontaneamente.



Os clientes das outras mesas continuam lançando olhares dissimulados em nossa direção durante toda a refeição. Eles não acham que estão sendo óbvios, mas eu capto cada olhar.

Pela manhã, todos que moram na região saberão que jantei com uma desconhecida. Taormina é uma cidade pequena e aqui sou o principal alvo de fofocas.

Existem dois tópicos populares de especulação. A primeira – o que aconteceu que me fez ficar assim. As teorias são infinitas, desde um acidente de carro nos EUA até ser torturado por Mancuso antes de escapar quando criança. A segunda gira em torno da minha vida amorosa. Guido me contou que toda vez que sou visto com um novo namorado, há apostas se será ela quem vai conquistar meu suposto coração.

Não tenho problemas com olhares indiscretos tentando nos vislumbrar. Mas eu tenho um problema com homens cobiçando minha mulher. Como o cara sentado à mesa à nossa direita. Ele está salivando pela minha princesa russa nos últimos minutos. Tudo começou com uma espiada sutil ocasional assim que entramos, mas seus olhares estão ficando mais ousados. Certificando-me de que Vasilisa ainda está ocupada escolhendo sua sobremesa, pego a faca da rústica tábua de frutas cítricas que acompanhava nosso prato de frango assado inteiro. É pequeno, mas extremamente nítido.

"Quem são esses?" — pergunta Vasilisa, examinando a seleção de doces que o garçom trouxe.

“Cannoli”, digo, testando a ponta da faca com o polegar. “Eles têm recheio cremoso de ricota doce, além de outras variações com baunilha, chocolate e pistache.”

Apertando a lâmina com a ponta dos dedos, avalio a distância, depois movimento o pulso e faço a faca voar em um leve arco. A gorjeta fica no tampo de madeira, bem entre o prato do filho da puta e a mão que segura um garfo. O homem fica tenso, olhando para mim boquiaberto. Aponto dois dedos para os olhos e aponto para a faca que se projeta a centímetros de sua carne, silenciosamente deixando-o saber que é o único lugar que ele pode olhar. O cara assente rapidamente, seus olhos se fixando na superfície da mesa.

"Porque você fez isso?" Vasilisa pergunta, seu olhar voltado para a faca. Eu esperava que ela não notasse.

“Havia uma barata. Pequenos insetos desagradáveis. Pego um dos cannoli da bandeja e levo-o até a boca dela. “Recheio tradicional delicioso. Tente."

Vasilisa pisca, seus olhos oscilando entre os meus e o doce, então lentamente se inclina para frente e dá uma pequena mordida na oferenda. Açúcar de confeiteiro e um pouco do creme acabam em seus lábios rosados, transmitindo flashes de sua boca pecaminosa enrolada em meu pau direto para meu cérebro.

Estive investigando a noite inteira – pequenos toques aqui e ali para obter a reação dela em relação a mim. Ela não recuou nenhuma vez. Fico tentado a concluir que aqueles brincos de rubi fizeram diferença, embora ela tenha devolvido o presente. Ainda assim, mesmo com o incentivo, o comportamento dela é diferente de tudo que eu esperava de uma mulher. Os olhos de Vasilisa permanecem fixos nos meus enquanto eu limpo os restos de seus lábios com o polegar e continuo acariciando a carne carnuda mesmo depois que o doce acaba.

O tempo para enquanto meu dedo traça sua boca, até que meu telefone vibra na mesa com uma mensagem recebida, quebrando o feitiço.

“Hum. . . obrigada”, ela murmura e se endireita rapidamente.

"A qualquer momento." Divertido com a expressão confusa em seu rosto, sorrio e pego meu telefone. A mensagem é de Guido, informando-me que vários homens de Calogero foram vistos em Catânia esta noite. “Receio que tenhamos que ir embora.”

“Sim, hum. . . claro”, ela gagueja em suas palavras. “Deixei um programa de diagnóstico em execução no servidor que consertei ontem. Isso deve estar pronto quando voltarmos, para que eu possa voltar a trabalhar.”

“Por mais que eu queira passar a noite vendo você trabalhar, terei que esperar até amanhã. Tenho que ir para Catânia assim que te deixar. Levanto-me e tiro o paletó, segurando-o na minha frente.

Vasilisa olha para a jaqueta que estou oferecendo e depois se volta para mim, arqueando a sobrancelha. "Vou bem obrigado."

“Há arrepios em todos os seus braços,” eu rosno. “Coloque-o ou vou forçá-lo a fazer isso. Agora por favor."

Resmungando alguma coisa em russo, ela se vira e desliza os braços pelas mangas. Quando ela me encara novamente, meus olhos a percorrem, maravilhados com a visão do meu pequeno malandro de paletó. Sou extremamente territorial quando se trata de minhas coisas pessoais, principalmente roupas. Permitir que alguém use algo meu é muito íntimo. E eu não faço intimidade. Mas ver Vasilisa diminuída por minha jaqueta enorme tem em mim o mesmo efeito que vê-la vestindo minhas camisas. Isso me deixa instantaneamente duro como granito.

Todo homem que colocar os olhos nela agora saberá que ela é minha. O pensamento faz meu pau inchar ainda mais, doendo dolorosamente atrás do zíper da minha calça. Talvez eu devesse jogar fora todas as roupas que comprei para ela e fazê-la andar por aí só com minhas camisas de novo?

“Sabe, esse nosso acordo seria concluído muito mais rápido se você me deixasse ficar com o laptop e trabalhar o dia todo”, diz ela enquanto tenta dobrar a manga e semicerrar os olhos.

"Exatamente." Eu gentilmente afasto a mão de Vasilisa e começo a enrolar a manga para ela. “Quanto você bebeu?”

“Apenas dois copos. Talvez três.” Ela tenta libertar o braço, tropeçando para trás no processo. Minha mão dispara instantaneamente, envolvendo sua cintura para mantê-la firme.

Eu a puxo contra meu peito enquanto olho para o vinho deixado na mesa. A garrafa está quase vazia e só bebi meio copo. Acho que ela começou a ficar bêbada para aguentar olhar para meu rosto deformado por algumas horas. Ela não é a primeira. Uma das minhas ligações anteriores sempre ficava bêbada antes de me encontrar.

Tiro minha mão da cintura de Vasilisa e dou um passo para trás. "Vamos."

Ela mal consegue dar dois passos completos sem balançar. Porra. Envolvo meu braço em volta dela novamente e deslizo o outro sob seus joelhos, levantando-a e embalando-a contra meu peito. Com o rosto dela a poucos centímetros do meu, não posso deixar de esperar que ela grite ou estremeça. Mas, assim como naquela noite no jardim de pedras, ela apenas pisca para mim com seus longos cílios. Seu olhar desfocado encontra o meu, e lembro que ela também estava bêbada. Talvez seja esse o motivo de sua falta de reação.

“Você pode fechar os olhos se isso facilitar”, eu digo.

Os cantos de seus lábios se inclinam para cima, um sorriso travesso ilumina suas profundezas escuras. Ela passa o braço em volta do meu pescoço e se inclina mais perto, tocando a ponta do nariz no meu. “Desculpe estourar sua bolha, Rafael, mas você não é *tão* alto. Meu medo de altura só aparece quando estou a seis metros do chão.”

Respiro fundo, lutando contra a vontade de agarrar aquela boca malcriada com a minha. Eu quero ela. Eu a quero mais do que jamais quis alguém antes. E eu não me contenho quando quero alguma coisa.

“Um milhão”, eu digo, olhando em seus olhos escuros.

A testa de Vasilisa se franze. "Um milhão?"

“A quantia que você receberá por esse beijo,” rosno e bato minha boca na dela.

Vasilisa

Eu não consigo pensar. Eu só posso sentir.

O gosto dele. O calor se espalhando pelo meu peito.

A chama mais sedutora me queimando de dentro para fora.

A boca de Rafael ataca a minha com tanta ferocidade que nem consigo respirar, mas quem diabos precisa de ar? Envolvo meus braços em volta do pescoço dele, apertando com todas as minhas forças enquanto o beijo de volta como se fosse o fim da porra do mundo.

Pode ser que seja. Meu de qualquer maneira. Mas estou pronto para queimar no fogo que ele acendeu.

O toque incessante de um telefone finalmente penetra meu torpor. Eu não tinha percebido o quão quieto tudo estava ao nosso redor até agora. O telefone de Rafael continua tocando em seu bolso, mas ele ignora completamente, continuando a me devastar com a boca.

O cheiro dele, o mesmo cheiro que agora é meu, está me deixando louca. Puxo seu lábio inferior com os dentes e chupo. Um grunhido baixo sai de sua garganta e então ele me morde. Beliscões em meus lábios formigantes. Meus dedos passam por seu cabelo, puxando, bagunçando-o. Ele sempre o mantém perfeitamente penteado para trás. Controla veementemente tudo sobre ele. Não mais.

É glorioso.

É selvagem.

Ele está desenfreado.

“Signor De Santi.” Uma voz masculina desconhecida rompe o transe que me cerca.

Os lábios de Rafael ficam imóveis, então lentamente liberam os meus, deixando-me respirar pela primeira vez no que parecem horas. Apesar do meu aperto em seus fios, ele inclina a cabeça e olha para o garçom. O homem, parado a poucos metros de distância, estremece e parece diminuir de estatura, mas estende um telefone para Rafael.

“ *Potrei ucciderti per questo* ”, Rafael grita para o garotinho que parece preferir estar em qualquer outro lugar, menos aqui.

“ *È Guido, Signor De Santi* ”, gagueja o pobre rapaz. “ *Diga que é urgente*. ”

“Sinto muito, vespetta. Eu tenho que atender isso,” Rafael diz enquanto me abaixa suavemente no chão, então pega o telefone da mão que me oferece e começa a gritar com quem ligou.

Durante seu discurso ameaçador — posso perceber pelo tom de sua voz — que dura pelo menos dois minutos, Rafael mantém o braço livre em volta da minha cintura, basicamente me esmagando de frente para ele. Coloquei minhas mãos em seu peito, sentindo as vibrações profundas dentro dele, enquanto tentava reunir meus sentidos.

Rafael De Santi me beijou.

E eu o beijei de volta.

Meu Deus, perdi a porra da cabeça.

Com um último latido, Rafael joga o telefone sobre a mesa e sua mão desliza para as minhas costas. Dando ao garçom outro olhar furioso, ele rapidamente me conduz em direção à saída.

Não digo uma palavra enquanto Rafael me ajuda a entrar no carro, completamente abalado com aquele beijo. Pela minha reação a isso, na verdade. Estou animado e chocado. Meu coração ainda não parou de correr a mil por hora quando ele chega ao volante.

"Então . . . problemas no paraíso dos assassinos? — pergunto tão casualmente quanto consigo. Talvez possamos fingir que aquele beijo devastador nunca aconteceu.

Rafael levanta uma sobrancelha para mim e liga o carro. "Não. É alguma coisa . . . digamos que seja pessoal."

"Esse assunto pessoal também exigirá uma Remington?"

"Talvez. Os homens de Calogero Fazzini raramente aprendem a lição sem ele."

Meus olhos se voltam para ele. "O chefe da máfia siciliana?"

"Sim." Ele concorda. "E também, meu padrinho."

Eu pisco em confusão. "Mas você disse que não é membro da Cosa Nostra."

"Nunca fui iniciado na Família. Quando eu tinha quatorze anos, fugi para os Estados Unidos com Guido."

"Por que?"

"Porque minha mãe quebrou a omertà."

Eu respiro fundo. Omertà é o código de silêncio da Cosa Nostra. O princípio básico é que se deve manter a boca fechada, especialmente quando se lida com autoridades legais ou estranhos. É uma forma extrema de lealdade – um código de honra e conduta – que dá importância à solidariedade contra o envolvimento do governo, mesmo que a defesa dos seus princípios inclua a morte de alguém. inimigo ou uma vingança pessoal. Dentro da Máfia, quebrar a omertà é punível com a morte.

"Cosa Nostra matou sua mãe?"

"O professor anterior, Mancuso, fez isso sozinho."

Um arrepio percorre minha espinha. "Por que você voltou para a Sicília?"

"Para que eu pudesse matar Mancuso." Um pequeno sorriso surge em seus lábios. "Meu padrinho assumiu o comando da Família menos de quarenta e oito horas depois que cortei a garganta de Mancuso. Fizemos um acordo então, Calogero e eu. Ele governa a costa oeste e eu controlo a leste. Mas parece que ele está tentando quebrar esse acordo agora." Rafael para em um sinal vermelho e se vira para mim. "E eu sempre me certifico de que as pessoas cumpram suas

promessas para mim, Vasilisa. Tenha isso em mente.”

Concordo com a cabeça e mudo meu olhar para a faixa de estrada à nossa frente. A temperatura no carro parece ter caído, ou talvez seja apenas o pavor provocado pelo aviso de Rafael. Enrolo-me mais em sua jaqueta e passo o resto da viagem olhando para a paisagem escura visível além do para-brisa.

Capítulo 11



25 anos atrás (Rafael, 14 anos)
Taormina, Sicília

“ O corpo de um homem que apareceu perto de Palermo foi identificado. . . ”

Coloco as sobras do jantar na geladeira e olho para a sala. Meu irmão está sentado no meio do sofá, os olhos grudados na tela da TV e no âncora que transmite a notícia. “Desligue isso, Guido.”

“Eles encontraram um homem morto!” meu irmão exclama com os olhos arregalados.

"Agora!" Eu lati. “Vá escovar os dentes e depois vá direto para a cama.”

"Não. Eu quero ver. Mamãe, por favor.

Nossa mãe levanta os olhos da louça que está lavando e aponta o dedo cheio de espuma para Guido. “Ouça seu irmão. Lá em cima. Rapidamente."

Meu irmão mais novo murmura um palavrão bastante desagradável e, jogando o controle remoto no sofá, corre pela sala.

"Meça suas palavras." Eu bato levemente na parte de trás de sua cabeça quando ele passa por mim. “Da próxima vez, lavarei sua boca com sabão.”

“Você diz isso o tempo todo!” ele joga por cima do ombro e corre pelo corredor até o nosso quarto.

Nossa casa está ficando pequena demais para nós três. Mamãe realmente quer que Guido tenha seu próprio espaço, uma cama adequada - não a cadeira-cama que ele usa atualmente. Ela também acha que eu mereço um pouco de privacidade e tentou ceder seu próprio quarto para mim. Certo. Como se eu tivesse deixado minha mãe dormir no sofá da sala. Só temos que aguentar um pouco mais e então poderemos nos mover. Quando tiver dezesseis anos, poderei finalmente ser iniciado na Cosa Nostra. Por enquanto, os pequenos trabalhos que eles me fazem de vez em quando trazem um pouco para ajudar a pagar nossas contas, mas quando eu for um membro oficial, é quando o dinheiro sério começará a entrar.

Balanço a cabeça e pego o controle remoto quando um estrondo soa atrás de mim. Girando, minha atenção pousa em minha mãe. Ela está completamente congelada no meio da cozinha, olhos arregalados e sobrancelhas franzidas de preocupação. Pedaços de um prato quebrado cobrem o chão a seus pés.

"Mãe?"

“Aumente o volume”, minha mãe engasga, seu olhar está em pânico e fixo na tela da TV.

"Você está bem? O que-"

Os cacos de porcelana se projetam e sibilam em várias bordas enquanto ela corre em minha direção, chutando os pedaços quebrados de um prato com os pés, e arranca o controle remoto da minha mão.

“ *. . . O detetive chefiava a força-tarefa responsável por uma operação bem-sucedida que viu meia tonelada de cocaína apreendida pela polícia no porto de Catânia na semana passada. Seu desaparecimento foi relatado há dois dias. . .* ”

O âncora do noticiário continua a falar e, a cada segundo que passa, o rosto da minha mãe fica mais pálido. Ela está com as mãos pressionadas contra a boca e todo o seu corpo começa a tremer. Não entendo por que a morte de algum policial a perturbaria muito. Não é tão incomum. De vez em quando, um deles aparece morto, especialmente se ousarem mexer com a máfia.

"Mãe?" Eu seguro seus ombros. A última vez que a vi tão perturbada foi quando os homens de Mancuso chegaram com a notícia da morte do meu pai. "O que está errado?"

Ela agarra meus braços com tanta força que suas unhas cravam na minha pele. O impacto de seu olhar alarmado quase me deixa cambaleando. “Temos que fugir, Rafael. Agora mesmo."

"Fugir? Por que iria...

“Eu conheço esse homem”, ela gagueja. “O detetive cujo corpo foi encontrado. EU . . . Tenho passado algumas informações para ele.

Um arrepio gelado percorre minha espinha. "O que?"

“Ele se aproximou de mim há algum tempo, oferecendo proteção se eu o ajudasse a derrubar a Cosa Nostra local.”

"Proteção?" Eu rugo. “Estamos *sob* proteção, mãe! Aquela mesma Cosa Nostra que você delatou estava nos mantendo seguros! Devo ser iniciado na Família daqui a pouco mais de um ano! O que você estava pensando?!”

"Que!" Ela grita e empurra meu peito com as mãos. “Não vou ver nenhum dos meus filhos ser enterrado num caixão. Calogero me prometeu que manteria você e Guido fora.

“O don nunca concordaria com isso, mãe. Todos nós sabemos que devo me juntar a eles no lugar do papai.”

Um gemido de dor deixa seus lábios. “E eu sei que Calogero já mandou você fazer algumas tarefas para a Família, mesmo sabendo que não é isso que eu quero para o seu futuro. Ele jurou que me amava e prometeu garantir que Mancuso concordasse em deixar você fora de perigo. E eu acreditei nele. Eu tentei salvar meus filhos de o destino de seu pai, percebendo tarde demais que passei anos aquecendo a cama de uma cobra mentirosa.”

Olho para minha mãe em estado de choque. "Eu pensei que você o amava."

"Eu fiz!" ela sussurra enquanto as lágrimas escorrem por seu rosto. “Até o momento em que ele me disse que não havia nada que pudesse fazer para afastar você das garras de Mancuso. Então resolvi resolver o problema com minhas próprias mãos. E eu falhei. Querido Deus, eles vão matar todos nós.

"Mãe." Eu pego suas mãos trêmulas nas minhas. “O que você disse à polícia?”

"Tudo. Contei-lhes tudo o que sabia. Incluindo sobre aquela remessa de drogas. Mas a polícia não deveria invadir o porto. Disseram-me que continuariam a vigilância porque ainda não tinham provas suficientes contra o próprio Mancuso. Aquele detetive me garantiu que nós três seríamos levados embora antes que acontecesse qualquer coisa que pudesse denunciar meu envolvimento. Ele disse que precisava me manter seguro como uma potencial testemunha-chave para a acusação.”

Meu estômago cai no chão, o pavor me consome. Dentro da minha cabeça, os alarmes começam a soar. Metade da força policial local está na folha de pagamento da Cosa Nostra. Um dos lacaios de Mancuso deve ter descoberto que o detetive estava conversando com alguém lá dentro e o mataram. Despejar cadáveres no mar é o MO padrão da Família.

“Nós vamos consertar isso,” eu falo. “Eles não sabem que foi você. Vamos-"

Parei ao ouvir o som de um veículo parando na frente da casa. Minha cabeça se volta para a janela que dá para o jardim da frente. Não um, mas dois carros pretos param na nossa garagem. O primeiro é um sedã de aparência normal, igual ao que Calogero dirige. Mas o segundo veículo é uma limusine elegante com vidros escuros. O carro do Don.

"Eles sabem." Palavras quase inaudíveis saem dos lábios de minha mãe.

Afastando-se de mim, ela corre até o armário da cozinha e começa a retirar histericamente os produtos de limpeza.

“Vá buscar o Guido”, ela diz. “Você pode sair pela janela. Deus sabe que você já fez isso muitas vezes.

Pego a arma que a guardo escondida na prateleira de cima, entre os potes de temperos. "Eu não estou indo a lugar nenhum."

Mamãe se aproxima de mim, seus olhos estão cheios de determinação inabalável enquanto ela coloca um saco plástico em minha mão livre. "Dinheiro. Há também uma nota com o número de contato de um homem em Messina que providenciará a viagem de vocês dois para a América.

O som de pés se aproximando. Vários deles. Chegando à nossa porta da frente.

"Mãe . . .” As palavras ficam presas na minha garganta.

“Minhas ações serão vistas como a traição definitiva, Rafael. Eles não vão me deixar viver. E eles vão matar você e Guido também, se você permanecer

aqui. Você sabe disso tão bem quanto eu. Ela gentilmente desembaraça meus dedos do cabo da arma, tirando-a. “Se você me ama, você irá pegar seu irmão e fugir.”

Minha mente está girando, tentando encontrar uma saída. Não há nenhum. Quebrar a omertà significa uma sentença de morte para toda a família. As crianças que são demasiado jovens e não sabem nada sobre os negócios da Cosa Nostra podem ser poupadas. Mas Mancuso não é um homem benevolente. Ele vai querer fazer de todos nós um exemplo. Já estou morto, isso é uma certeza. Guido tem apenas quatro anos, mas não tenho dúvidas de que Don escolherá matar meu irmão também.

Agarro a mão da minha mãe. “Você também vem.”

“Eles virão atrás de nós. Mas se eu... . . ficar . . . pode ser o suficiente. E isso pode significar que eles não irão persegui-lo.”

Não! Como posso fugir e simplesmente deixar minha mãe morrer?

O toque estridente da campainha reverbera por toda a casa, trovejando dentro do meu crânio como um bloco de TNT explodido. "Não posso."

“Pense no seu irmão, Rafael.” Mamãe puxa meu rosto para baixo e dá um beijo na minha testa. "Por favor. Não quebre o coração de sua mãe.”

Eu engulo em seco. Minha garganta mal funciona.

Envolvendo o saco plástico com os dedos, aperto-o com toda a força.

“Esse é meu garoto.” Ela assente. "Ir. E nunca mais volte aqui.

O desespero se choca com a raiva dentro do meu peito, me despedaçando. A mão da minha mãe cai da minha. Dou um passo para trás e corro pelo corredor. Pouco antes de entrar correndo no quarto, paro por um segundo para olhar para minha mãe uma última vez. Ela está parada perto da porta da frente, com a cabeça erguida, alcançando a maçaneta.

“Estou voltando”, sussurro enquanto fecho a porta do quarto atrás de mim. “Estou voltando e vou matar todos eles.”

Repito essa promessa inúmeras vezes enquanto aninho meu irmão adormecido contra meu peito. Ele murmura algo sobre os brinquedos do seu carro enquanto eu abro a vidraça. Com ele em meus braços, deslizo pela abertura e corro em direção à linha de árvores que margeiam a parte de trás da propriedade.

E continuo repetindo minha promessa como um mantra, escondida atrás de um arbusto perene, meus olhos fixos na janela da nossa sala.

Observar o chefe da Cosa Nostra siciliana pressionar o cano da arma contra a cabeça da minha mãe e depois puxar o gatilho.

Capítulo 12



Dias de hoje

Quando chegamos à mansão, há quatro veículos pretos estacionados na garagem. Um homem com uma arma semiautomática está parado na porta da frente.

“Espere aqui”, diz Rafael enquanto desliga a ignição e sai do carro. Não há vestígios daquele homem risonho com quem jantei há menos de uma hora.

Subindo, ele troca algumas frases com o recém-chegado, depois volta e abre a porta do meu carro.

“Vou levá-la para o seu quarto”, diz ele, com o rosto tenso. “Seria melhor se você permanecesse lá pelo resto da noite.”

"OK."

Rafael assente e passa os braços por baixo das minhas pernas, levantando-me do assento. Abro a boca para protestar, mas então meus olhos caem sobre a grande mancha escura que mancha o cascalho aos pés de Rafael. Parece um derramamento de óleo de motor na garagem. O homem com o rifle mantém a porta da frente aberta para que Rafael possa me carregar para dentro. Espero que ele me coloque no chão a qualquer momento até notar mais manchas no chão do hall de entrada. Agora, porém, posso ver que não são pretos como pensei, mas sim de um vermelho escuro.

Sangue.

Aperto ainda mais o pescoço de Rafael, olhando por cima de seu ombro enquanto ele sobe as escadas. O rasto de sangue curva-se ao longo de um caminho que vai da entrada até ao portal que dá acesso à adega, onde desaparece de vista. Não sou um estranho ao sangue. Os homens do meu pai muitas vezes precisam ser costurados em nossa casa, geralmente na cozinha. Mas nunca testemunhei tanto desse fluido corporal vital em um só lugar.

“O que aconteceu lá embaixo?” Eu sussurro enquanto Rafael me carrega para dentro do quarto.

"Nada ainda. Eles estão esperando que eu comece.”

A luz da lua entra na sala escura através da porta aberta da varanda, banhando o interior com um brilho azulado. É tranquilo, o barulho distante das ondas na costa e o ritmo da nossa respiração são os únicos sons. O brilho dos céus reflete nos olhos de Rafael. Eles são a única coisa que consigo ver

claramente com seu rosto parcialmente obscurecido pela escuridão.

Mas mesmo sob a luz escassa, a confusão de cicatrizes grossas e irregulares em suas feições é imperdível. Uma linha em particular se destaca. Quase sete centímetros de comprimento e indo do queixo, passando pelos lábios, e desviando ligeiramente na lateral do nariz, criando uma fenda na parte inferior do rosto, coberta por barba por fazer. Há outro, quase tão proeminente, começando logo acima da orelha e cruzando a bochecha esquerda até a boca. Ele puxa o canto dos lábios para baixo, dando-lhe uma aparência carrancuda permanente.

Rafael parece que alguém tentou consertá-lo, mas fez um péssimo trabalho. Além do tecido saliente principal, há pequenas cicatrizes transversais que lembram trilhos de trem. É como se cicatrizes adicionais se formassem ao redor das áreas onde as suturas foram aplicadas, e agora sua pele tem a aparência confusa e acidentada de uma almofada tufada de botões. Estando tão perto dele, eu posso entender por que as pessoas o acham assustador. Eu não, no entanto. Mas a maneira como ele me faz sentir? Isso me apavora pra caralho.

Coloco a ponta do dedo na borda de seus lábios, exatamente onde começa outra crista de carne saliente, e sigo a linha irregular em direção à maçã do rosto. Rafael não se move, apenas fica parado em silêncio, permitindo-me explorar o resto das cicatrizes que marcam seu rosto.

“Isso é de um acidente de carro?” Eu sussurro.

“Você foi o primeiro que se atreveu a perguntar abertamente”, diz ele. "Não. Apenas uma operação que deu errado.

"Quando?"

“Cerca de vinte anos atrás.”

Deslizo a ponta do dedo de volta aos lábios dele, traçando o formato do de baixo. Uma boca tão dura e sinistra.

“Por favor, tome cuidado,” eu digo enquanto observo a luz perseguindo sombras no rosto de Rafael.

"Eu sempre faço." Sua voz profunda ressoa na escuridão e, no momento seguinte, ele agarra meus lábios com os seus.

O beijo é outro terremoto. Um evento sísmico catastrófico que me abala até os alicerces da minha alma, destruindo tudo em seu caminho. A lógica e a razão evaporam, eliminadas pelo seu toque. A preocupação de me deixar aproximar de alguém de quem eu deveria me ressentir voa pela janela do segundo andar. O medo de estar me apaixonando por um homem que é meu captor se desintegra. Seus fragmentos são levados para o mar. Não consigo pensar em nada além de desejar mais de Rafael. Agarrando seu pescoço, respondo a cada beijo. Cada mordida. Nada mais importa.

Rafael puxa meu lábio inferior entre os dentes, dando-lhe uma última mordidinha, depois me abaixa lentamente até o chão.

“Mantenha a porta fechada, para que os gritos não te acordem”, ele sussurra

perto do meu ouvido.

Na próxima respiração, ele se foi.

* * *

A porta fechada só ajuda até certo ponto. Gritos abafados ainda chegam até mim pela varanda. As janelas do porão deviam ter sido deixadas abertas. Puxo meu cardigã macio com mais força e volto a morder a unha do polegar.

A tortura como forma de obter informações ou aplicar uma punição não é incomum no mundo do crime. Nunca testemunhei isso, mas não preciso estar lá para saber o que está acontecendo no nível subterrâneo neste momento. Será que Rafael alivia a agonia sozinho ou manda alguém fazer isso por ele enquanto ele observa? Mesmo conhecendo sua reputação, acho difícil imaginá-lo fazendo isso. O homem que me deixa desenhos em post-its não estaria massacrando pessoas em sua casa, certo? Talvez as histórias que ouvi sobre o temido siciliano sejam exageradas. Ou ele é exatamente como as pessoas o pintam: um assassino cruel e de sangue frio?

Abro a porta do quarto e dou uma espiada lá fora. Não há ninguém por perto. Andando na ponta dos pés pelo corredor, tento o meu melhor para manter meus passos leves para que as tábuas do piso não rangem, me denunciando. O eco fraco de gemidos e gritos abafados parece infiltrar-se pelas paredes.

No meio da escada, um dos degraus de madeira range sob meu pé descalço. Eu me assusto, olhando em volta, com medo de que alguém tenha ouvido. Mas o hall de entrada está deserto.

Exceto pelas arandelas vintage nas paredes, todas as luzes estão apagadas, tornando o espaço ameaçador. O rastro de sangue no chão desapareceu, exceto por algumas manchas vermelhas aqui e ali. Evitando os restos, atravesso rapidamente o corredor e viro à esquerda em direção à escada que leva à adega.

Paro diante da porta grossa do porão e olho para a maçaneta. Isto é um erro. Não tenho nenhum interesse em testemunhar uma sessão de tortura. Mas meus dedos estão ansiosos para girar essa manivela. Empurre a porta. Para vê -*lo* . O verdadeiro ele.

A vontade de ter um vislumbre desse outro lado dele está percorrendo meu corpo. O lado que ele nunca me mostrou. Quero saber tudo sobre Rafael. *Precisar* . Preciso saber toda a verdade sobre o homem que invadiu meus pensamentos desde o momento em que o conheci. Talvez vê-lo em sua forma mais bestial acabe com essa minha atração boba. Talvez ver sangue em suas mãos me faça recuar diante de seu toque da próxima vez, e não me deleitar com isso. Talvez, apenas talvez, essa atração ridícula que sinto por ele finalmente se desfaça.

Os gritos vindos de além da barreira diminuíram. Envolvo minha mão na maçaneta. Está gelado sob meus dedos, congelando minha pele. Prendendo a respiração, abro a porta.

Um único feixe de luz brilha do antigo lustre de ferro forjado, iluminando uma figura reclinada em uma cadeira de madeira frágil no meio da sala escura. Ele está de costas para a porta, mas sei que é Rafael. Não há mais ninguém aqui. Exceto por . . . os corpos.

Cinco homens, com as roupas rasgadas e ensanguentadas, estão caídos no chão por toda a sala. O fedor de sangue e fluidos corporais se mistura com o cheiro de fumaça, me fazendo engasgar.

“Eu não esperava ver você aqui, vespetta.” A voz de Rafael quebra o silêncio. Ele ainda está de costas para mim.

"Como você sabia que era eu?" Eu engasgo.

“Você é o único que ousaria se intrometer na minha reunião.”

Ele dá uma longa tragada no cigarro e depois o joga no rosto de um homem morto, onde ele cai com um chiado perturbador e abafado. Então, num movimento fluido de piscar de olhos, ele bate a mão contra a perna dianteira da cadeira, deixando uma faca alojada na madeira. Bem ao lado de uma jarra de vidro cheia de pedaços sangrentos de. . . algo. Algo que parece. . . línguas humanas cortadas.

Rafael se levanta lentamente da cadeira e se vira para mim. A frente da camisa e as mangas estão saturadas de tanto sangue que o tecido gruda em seu corpo.

“Eu não sabia que você fumava,” murmuro, ainda boquiaberta com as manchas vermelhas em sua camisa. É a única coisa que vem à minha mente atordoada para dizer.

“Um velho hábito desagradável que ainda pratico de vez em quando.” Ele cobre a distância entre nós com algumas passadas longas e para bem na minha frente. "Por quê você está aqui?"

"EU . . . Eu não tenho certeza." Eu engulo e encontro seu olhar. “Você não vai gritar comigo por ter descido?”

"Por que eu deveria?"

"Porque . . . Não sei. Você não queria que eu visse isso? Se eu tivesse flagrado meu pai fazendo algo assim, ele teria curtido minha pele.”

“Proteger alguém de quem você gosta do mal é uma coisa.” Ele apoia a mão no batente da porta e se curva até que nossos rostos fiquem no mesmo nível. Também há manchas de sangue na bochecha esquerda. “Protegê-los da realidade é uma coisa completamente diferente. Porque, em nosso mundo, isso pode levar à morte.”

Concordo com a cabeça, meus olhos vagando para um dos cadáveres. "Quem são eles?"

"Cosa Nostra. Eles vieram para Catânia para descobrir o que aconteceu com as drogas que tentaram contrabandear através do meu porto.”

“Você teve que matá-los?”

“O que a Bratva faria se encontrasse membros de uma organização rival negociando em seu território?”

Exatamente a mesma coisa. Meus olhos encontram os de Rafael novamente. — Algum desse sangue é seu?

“Você se incomodaria se fosse?”

"Talvez." Minha voz é apenas um sussurro, como se eu achasse essa compreensão difícil de processar.

O canto dos lábios de Rafael se curva para cima. Lentamente, seus dedos ensanguentados apertam meu queixo, inclinando minha cabeça para cima. “Nada disso é meu, Vasilisa.”

Sua boca agarra a minha em um instante. Não há suavidade em seu beijo. Apenas reivindicações ferozes. Consigo respirar fundo enquanto pego um punhado de sua camisa para me apoiar e o beijo de volta. Eu não deveria. Eu sei que não deveria, mas não posso lutar contra sua atração fascinante. Mordo seu lábio inferior, sugando-o em minha boca. Ele rosna e sua língua me invade também.

O tecido sob meu toque está molhado e pegajoso, mas não consigo me importar. Minha mente está vagando, incapaz de processar qualquer coisa além do gosto dele. Seu perfume. Seu calor. O único contato pele a pele são nossos lábios, mas meu corpo inteiro vibra como um fio elétrico. Nenhum outro homem jamais me fez sentir assim.

Quando ele finalmente solta minha boca, o ar passa pelos meus pulmões em rajadas curtas e rápidas. Como se meus órgãos respiratórios de repente se lembrassem de como funcionar. Eu olho nos duros olhos verdes de Rafael. Eles brilham com desejo oculto enquanto ele se eleva eu, tão grande e de aparência sinistra, com manchas de sangue e cadáveres como pano de fundo. Como se ele fosse o governante sombrio do inferno.

“Seus lindos lábios têm gosto da pura essência do pecado.” Ele passa o polegar pela minha boca. “Eu me pergunto se sua boceta ficará tão deliciosa quando eu a devorar.”

Um tremor percorre minha espinha, veemente pelo tom de sua voz, me sacudindo até o âmago. Não parece uma pergunta, mas uma promessa. Um que eu ficaria feliz em vê-lo cumprir.

Virando-me, subo as escadas correndo. Fugir de Rafael De Santi e dos sentimentos traiçoeiros que ele desperta dentro de mim.

Capítulo 13



“O senhor De Santi me pediu para lhe passar uma mensagem, senhorita”, diz uma das criadas da soleira do terraço. “Ele está esperando por você no carro dele. Você deve trazer o laptop com você.”

“Você pode dizer ao Signor De Santi para gentilmente ir se foder,” eu jogo por cima do ombro e olho para o horizonte.

Idiota. Já faz horas que encontrei o último “presente” do Rafael e ainda não consegui me acalmar.

Mal dormi ontem à noite, muito abalada pelos beijos de Rafael e pelos sentimentos confusos que eles evocavam. Emoção e prazer, junto com desprezo por mim mesmo porque gostei da experiência. Eu não saio por aí deixando homens aleatórios me beijarem sem sentido. Principalmente os homens que me mantêm em cativeiro! Fiquei revirando por horas, tentando erradicar as imagens mentais de Rafael fazendo muito mais comigo do que apenas beijar.

E então, quando acordei, ainda mais confuso do que na noite anterior, encontrei outra caixa de veludo.

Eu nem precisei ver o presente para saber que ele estava no quarto enquanto eu dormia. Eu pude detectar os traços dele flutuando no ar. Não é que o cheiro dele seja forte, mas parece que minhas narinas estão sintonizadas com ele, capazes de perceber até o mais leve cheiro.

Uma linda pulseira de corda estava na caixa, os três fios trançados de ouro e diamantes embutidos brilhavam na luz da manhã. Ao lado da caixa de joias havia um luxuoso vaso de cristal repleto de vários caules de orquídeas brancas. Embaixo havia um cheque com meu nome, no valor de três milhões de dólares. Um para cada beijo que compartilhamos. Não me lembro da última vez que me senti tão miserável e usado, como uma espécie de prostituta. Eu beijei aquele idiota porque gosto dele. Gosto dele muito mais do que estou disposto a admitir. E ele me deixou um maldito cheque!

“Você recebeu minha mensagem, Vasilisa?”

Um arrepio inapropriado, mas agradável, percorre-me apenas pelo timbre de sua voz. Cerro os dentes e mantenho os olhos focados em um ponto distante diante de mim. "Sim. Mandei um de volta, mas a empregada provavelmente estava com muito medo de repassá-lo para você.

Passos pesados soam atrás de mim, me aproximando. Posso sentir cada batida reverberando em meu peito enquanto cada impulso nervoso zumbe dentro do meu corpo. Rafael para bem na minha frente, bloqueando minha visão do mar

azul profundo.

“E você viu o presente que deixei para você?” ele pergunta.

Eu semicerro os olhos para ele, observando sua forma enorme pairando sobre mim. Ele está vestindo calça cáqui e uma camisa branca com as mangas arregaçadas até os cotovelos, revelando a tinta preta cobrindo seus antebraços. Os primeiros botões da camisa estão desabotoados e posso ver fragmentos de outra tatuagem em seu peito.

“Sim”, digo o mais calmamente que posso. “Rasguei o cheque e joguei os pedaços no vaso sanitário.”

“As flores também?”

"Não. Esses estão na lata de lixo da cozinha. Não queria entupir as linhas de esgoto. Muito grande. E você pode encontrar a pulseira na sua gaveta de gravatas.”

Rafael inclina a cabeça para o lado, olhando para mim atentamente. Óculos escuros de aviador escondem seus olhos, tornando difícil decifrar sua expressão exata, mas não sinto falta de como sua mandíbula endurece.

“Tenho os detalhes daquele contêiner que preciso que você redirecione. Modifique os formulários de envio de carga para que ela acabe no Porto de Xangai.”

“O contêiner não fazia parte do nosso acordo. Sinta-se à vontade para brincar com sua maldita caixa de aço.”

“Você trabalha para mim. Isso significa que você fará tudo o que eu precisar. Ele tira os óculos escuros e me fixa com o olhar. “Estamos operando em outro local hoje. Você tem cinco minutos para pegar o laptop e ir até o carro.

“E se eu não fizer isso?”

“Eu não acho que você queira jogar esse jogo comigo.” Ele coloca os óculos de volta e se afasta. "Cinco minutos."

Cerro os punhos com toda a força e espero até que o som de seus passos desapareça, depois subo as escadas para pegar o maldito computador.

Quando saio correndo da mansão cinco minutos depois, Rafael está parado ao lado do SUV, segurando a porta do passageiro entreaberta, como se nunca tivesse dúvidas de que eu estava chegando. Eu acho que, se você tem o poder da vida ou da morte na ponta dos dedos, e a vida da família de alguém está em jogo, você esperaria que alguém dançasse conforme sua música. Maldito seja.

Jogo o laptop no banco de trás e pressiono a têmpora na janela do passageiro, criando a maior distância possível entre nós.

A tensão dentro do veículo pode ser cortada com uma faca. Dirigimos em silêncio absoluto por quase uma hora, sinuosos nosso caminho por estradas estreitas, em sua maioria desertas, ladeadas por olivais e vastos campos agrícolas. Lentamente, algumas casas de campo surgem entre as sempre presentes colinas e vales da bela paisagem rural. Rafael entra numa estrada que

segue ao longo da costa, descendo até uma pitoresca aldeia. Deslizo pela janela, olhando boquiaberta para pequenas casas antigas espremidas uma ao lado da outra. As varandas voltadas para a rua estão repletas de uma infinidade de flores coloridas, algumas caindo em cascata sobre as grades e quase até o chão. O perfume no ar é atraente. Perto das portas de muitas casas, mulheres idosas – às vezes sozinhas, às vezes em grupos – sentam-se em cadeiras frágeis ou em poltronas reclináveis de aspecto antigo. Aproveitando a vida? Ou mantendo os olhos nos arredores?

Estamos passando por um cruzamento quando Rafael freia tão repentinamente que o cinto de segurança quase me reorganiza por dentro. Ainda estou recuperando o juízo enquanto Rafael enfia a cabeça pela janela aberta e começa a gritar. Ele fala tão alto que preciso pressionar as mãos sobre os ouvidos para evitar que fique surdo. Isso não ajuda muito.

“ *Ma che fai, stronzo?!* — ruge Rafael, apontando a caminhonete que está parada no meio do cruzamento, bloqueando nosso caminho. “ *Vaffanculo! Você sabe? Madona Papai Noel!* ”

O motorista do outro veículo também colocou a cabeça para fora e grita de volta, enquanto o homem ao meu lado continua servindo o que tenho certeza que são palavrões. Meu olhar desliza de volta para Rafael, observando-o com admiração. Ele não se parece em nada com o assassino de sangue frio que testemunhei ontem à noite. Agora, ele está agindo como um cara normal. Bem . . . um cara normal muito zangado, agravado por uma confusão no trânsito. Isso é . . . além de fofo. E sexy como o inferno.

“ *Coglione! Mangia merda e morte, porca puttana!* — ele rosna enquanto bate no volante com a palma da mão, depois pisa no acelerador e atravessa o cruzamento, errando por pouco o caminhão.

“ *Testa di cazzo* ”, ele murmura balançando a cabeça, depois olha para mim. “ *Tudo bem?* ”

Fico boquiaberta para ele e depois começo a rir. “Não tenho ideia do que você disse nos últimos cinco minutos, mas pareceu doloroso.”

Um pequeno sorriso surge em seus lábios.

“Bem, eu disse àquele idiota para se foder de uma forma muito dolorosa. Mandei-o para o inferno porque o cérebro dele está nos testículos. Chamou-o de idiota e idiota, e convidou a porca puta a comer merda e morrer. Então perguntei se você estava bem. Ele estica a mão e roça meu queixo com o polegar. “ Você *está* bem, vespetta?”

“Sim,” eu respiro.

Rafael vira o carro para a esquerda e para em frente a uma antiga casa térrea. Um enorme arbusto, ou talvez uma pequena árvore, com flores roxas vibrantes sobe pelas paredes da estrutura, suas vinhas se torcendo para criar uma cobertura natural sobre a porta da frente. À sua sombra, enrolado como uma bola sobre um capacho, dorme um grande gato malhado. Uma mulher com uma longa trança grisalha, que parece ter mais de oitenta anos, está tricotando no banco

próximo. No momento em que nos nota, ela abandona o trabalho e olha para Rafael enquanto ele sai do SUV e joga os óculos escuros no painel.

“Já volto”, ele diz e fecha a porta.

A brisa suave bagunça o cabelo de seu rosto, jogando alguns fios escuros em seus olhos enquanto ele se aproxima da casa com passos longos e confiantes. Sua camisa acentua suas costas largas, o tecido esticando seus bíceps e ombros.

Rafael traz à mente a imagem de um deus romano vingativo, mas que viajou no tempo até o presente. A ideia é reforçada pela arma que ele enfiou na cintura, nas costas. A cena da noite passada – ele coberto de sangue – se forma diante dos meus olhos, e minha frequência cardíaca dispara em alarme.

Ele vai matar a pobre velha?

Agarro a maçaneta da porta e a abro. Eu não dou a mínima para o problema que ele possa ter com ela, não vou sentar e assistir enquanto ele mata a avó de alguém.

Estou fora do SUV e pronto para correr até lá para detê-lo quando Rafael se agacha diante da mulher. Ela não parece nem um pouco alarmada com a presença dele. Um pequeno sorriso ilumina seu rosto enquanto ela se inclina para frente e começa a sussurrar em seu ouvido.

Dura quase cinco minutos. A mulher fala e Rafael escuta, balançando a cabeça de vez em quando. Assim que ela termina, Rafael se endireita e se vira para sair. A mulher de repente agarra sua mão. Eu fico olhando, sem palavras, enquanto ela dá um beijo nos nós dos dedos dele.

Quando ela solta a mão de Rafael, seu olhar encontra o meu. Com as sobrancelhas franzidas, ela me observa em silêncio por um ou dois segundos, depois diz alguma coisa e gesticula para a esquerda. Rafael balança a cabeça. Palavras mais sérias seguem em italiano rápido, deixando seus lábios enquanto ela aponta para o vaso de flores perto da porta da frente. Uma planta extensa com flores vermelhas brilhantes. Suspirando, Rafael olha para o céu, depois se aproxima da plantadeira e colhe uma única flor do lote.

Meu coração bate forte no peito quando ele diminui a distância entre nós e levanta a flor em minha direção.

“É um gerânio. Considerado quase como uma erva daninha por aqui”, diz ele. “Eu sei que vai cair no vaso sanitário, mas ela insistiu.”

“E por que você presumiria isso?”

“Bem, esse foi o destino das orquídeas. Por que uma erva daninha seria melhor?

Pego a flor da mão dele. “Pense um pouco sobre isso e a resposta chegará até você.”

Levando a flor ao nariz, inalo o aroma suave e doce e volto para o meu lugar.

"Então, ela é sua família?" — pergunto quando Rafael chega ao volante.

“Um associado seria mais preciso. Se você quer saber o que está acontecendo por aqui, nada supera a rede de vigilância da vovó.”

“Hmm, parecia mais do que isso para mim. Todos os seus associados beijam sua mão?

“É um sinal de respeito. E agradecimento pela ajuda que forneci.”

"Que tipo de ajuda?"

“Não falta corrupção em toda a Sicília. Com dinheiro suficiente, pode-se conseguir muitas coisas”, diz ele. “Há alguns anos, chegou um magnata dos negócios com a intenção de arrasar a aldeia e transformar a área numa vinha. Ele tentou comprar as propriedades e os terrenos circundantes, subornando as autoridades locais a torto e a direito para obter as licenças e autorizações necessárias.”

"Mas nada disso aconteceu?"

"Claro que não. Desde que separei o bastardo da cabeça dele.” Ele liga o veículo e olha para a videira roxa que sobe na velha parede coberta de tinta descascada. “Cadáveres são um fertilizante incrível para plantas.”

De boca aberta, sigo o olhar de Rafael até o arbusto florido, depois olho para a vovó, que voltou a tricotar com um sorriso sereno no rosto. “Você enterrou um corpo perto da porta da frente dela? A pobre mulher sabe disso?

"Claro. Ela até escolheu o local.

O motor ruge e ganha vida, e pedrinhas rangem sob os enormes pneus enquanto Rafael dá ré, assustando o gato que dorme no capacho. A bola de pelos salta do local onde dormia diretamente para o arbusto florido. Freneticamente, ele sobe na trepadeira grossa e se espreme entre os galhos logo acima da porta.

"Parar!" Estendo a mão, colocando minha mão sobre a de Rafael no volante. “Você assustou o gato. Subiu até o arbusto da lápide.”

O barulho do veículo morre. Viro a cabeça e nossos olhares se chocam, fazendo-me esquecer da chita gordinha. Os olhos de Rafael estão queimando os meus, mantendo-os cativos, e me vejo inclinando-me em direção a ele. Posso sentir as cicatrizes em sua mão sob minha palma, cruzando sua pele como um padrão bizarro de treliça art déco.

“Arbusto lápide?” O olhar de Rafael desce, caindo em minha boca, e eu tardiamente percebo que posso ter chamado sua atenção ao morder meu lábio inferior.

Ele está pensando nos beijos que trocamos ontem à noite? Aqueles pelos quais ele me “pagou”?

Meu Deus, mesmo depois daquele fiasco, ainda quero beijá-lo novamente. Tão ruim.

"Um sim." Eu rapidamente solto sua mão e olho para o gato. “Você acha que vai cair sozinho?”

"Sim."

“Não parece assim para mim.” O gato parece aterrorizado, testando o galho à sua frente com uma pata, mas recuando rapidamente. "Você pode ajudar?"

“Ele irá saltar no momento em que partirmos, Vasilisa.”

Meu batimento cardíaco dispara como sempre acontece quando ele me chama pelo meu nome. Respiro fundo e olho para ele. "Por favor?"

Rafael levanta a mão e roça levemente minha bochecha com os nós dos dedos cheios de cicatrizes. O ar fica preso em meus pulmões.

“ *La mia principessa russa* ”, ele sussurra.

Outra carícia em meu queixo antes de ele sair do carro e seguir em direção à casa onde o gato perturbado ainda está enfiado entre galhos cheios de flores roxas.

Hipnotizada, observo Rafael sacudir os galhos do arbusto e as flores, tentando colocar as mãos no gato assustado. A chita pode parecer ansiosa para descer, mas Rafael está demorando mais de cinco minutos para agarrá-la porque a coisinha fica se contorcendo nos galhos e na folhagem. Quando ele finalmente consegue se segurar e começa a puxar a bola de pelos entre as trepadeiras emaranhadas, o gato sai das mãos de Rafael e salta de volta para o arbusto. Então, usando um dos galhos mais grossos, ele cai habilmente no chão e foge.

O riso borbulha dentro de mim, e quando Rafael entra no banco do motorista, estou rindo tanto que lágrimas escorrem pelo meu rosto.

"Acho que você estava certo." Eu bufo e depois caio em outro ataque de risadas. “Coisinha sorrateira.”

“Claro que eu estava certo.” Há um pequeno sorriso em seus lábios quando ele liga o SUV.

Rafael pega seus óculos escuros no painel e, enquanto os coloca, noto leves marcas vermelhas nas costas de sua mão. A pele ao redor está ficando vermelha como um incêndio.

“Oh meu Deus, o malandro arranhou você!”

“Não foi o gato. Isso é um arbusto de buganvílias.” Ele encontra meu olhar. “Seus espinhos são tóxicos.”

Eu fico olhando para ele – esse homem perigoso e sem escrúpulos, que há poucos minutos revelou que enterrou um cadáver sob o mesmo arbusto. E então, sem protestar, ele foi “resgatar” o gato porque eu pedi, sabendo que ele se machucaria no processo.

O calor aumenta dentro do meu peito, derretendo uma das muitas camadas de proteção que venho tentando construir ao redor do meu coração. Uma das minhas salvaguardas restantes de Rafael De Santi.

*** * ***

"O que você está fazendo aqui?" — pergunto enquanto descemos a doca de

madeira.

No outro extremo, dois iates brancos balançam levemente nas ondas suaves. O primeiro é uma enorme monstruosidade com dois níveis acima do convés principal e parece mais um hotel estranho do que um navio marítimo, enquanto o outro é significativamente menor, mas ainda grande o suficiente para fazer parecer um monte de lanchas rápidas que vi voando ao redor do Lago. Michigan, em Chicago. Um cara vestindo shorts brancos e camiseta listrada está desenrolando cordas dos ganchos de metal presos ao cais.

“Estaremos trabalhando no meu iate hoje.”

Paro repentinamente. "Por que?"

“Achei que você gostaria de passar um dia fora de casa.” Rafael coloca a palma da mão nas minhas costas, me conduzindo para frente. “E esses trabalhadores estão me irritando com todo o barulho que estão fazendo.”

“Você quer dizer os caras que envernizaram as estantes pela segunda vez esta semana? Bem, eu não me importo com eles. Talvez devêssemos voltar.

Rafael para e coloca a mão sob meu queixo, inclinando minha cabeça para cima. "O que está errado?"

"Nada."

“Vasilisa. O que está errado?"

Dou uma olhada no barco atrás dele. Yulia e eu conversamos sobre fazer um cruzeiro em um verão, mas nunca tive coragem de realmente ir.

“E se afundar?” Eu deixo escapar.

“Por que afundaria?”

“É um barco. Eles afundam o tempo todo.”

“Ao contrário do que se vê nos filmes, afundar uma embarcação deste tamanho é bastante difícil. A menos que o iate bata em rochas ou colida com outra embarcação, isso não vai acontecer de forma alguma.” Ele se curva para que nossos rostos fiquem quase nivelados. "Não se preocupe. Você estará seguro.

“E as criaturas aquáticas? Como tubarões!”

“Bem, estaremos a bordo. Vários metros acima da linha d’água.” Seus lábios se abrem em um pequeno sorriso. “E no caso de entrarmos em um cenário *de Sharknado* e peixes mortais começarem a chover do céu, tenho algumas armas de grande calibre escondidas abaixo do convés.”

Meus olhos se transformam em fendas enquanto olho para ele. “Esse filme foi além de estúpido.”

“Eu não concordo. O *Sharknado* original é um clássico de todos os tempos.” Rafael roça meu queixo com o polegar e depois se afasta.

Sigo atrás dele até a estreita rampa de embarque que está conectada ao iate menor, olhando para a coisa com suspeita. Rafael pisa primeiro, depois se vira e estende a mão para mim. Lentamente, coloco minha palma na dele. Seus dedos

envolvem os meus, sua mão enorme engolindo completamente a minha. Com as mangas arregaçadas e o sol do meio-dia brilhando, posso ver que não são apenas as mãos que apresentam uma infinidade de cicatrizes irregulares e variadas. Há muitos em seus antebraços também. Um particularmente longo começa na parte interna do pulso, divide a imagem de aparência realista de uma cobra verde cheia de dentes enrolada em duas adagas pretas cruzadas e continua até o cotovelo.

"Cuidado onde pisa."

Eu olho para cima e encontro seu olhar. “Não solte.”

Algo perigoso brilha em seus olhos enquanto ele aperta minha mão com mais força. "Nunca."

*** * ***

O vento sopra meu cabelo no rosto enquanto analiso o conhecimento de embarque do contêiner que Rafael quer que eu redirecione. Levei quase uma hora para entrar no sistema da empresa de frete e encontrar o navio de carga exato no qual o contêiner em questão foi carregado. Não deveria ter levado mais de vinte minutos, mas continuei olhando furtivamente para Rafael enquanto ele estava no leme do iate, navegando.

Inicialmente montei minha “estação de trabalho” no convés principal, dentro do que parecia ser uma sala de estar aconchegante e luxuosa, mas me senti enjoado depois de dez minutos e subi ao convés superior, plantando-me na espreguiçadeira curva de couro marrom atrás do banco do motorista. Ou . . . pelo menos, essa é a desculpa para me estabelecer aqui que escolho acreditar. Enjôo parece muito mais aceitável do que vir a este salão só para poder estar mais perto do homem que não consigo ignorar.

“Por que estamos enviando este pobre contêiner em uma viagem ao redor do mundo?” Pergunto enquanto continuo modificando os registros.

Rafael olha para mim por cima do ombro e depois olha de volta para o horizonte. “Porque o carregamento de drogas de Calogero está lá dentro.”

“Bem, ele não ficará feliz quando encontrar isso em Xangai.”

Paramos e Rafael desliga os motores. Em meio ao som das ondas batendo no casco do iate, o barulho revelador da âncora baixando vem da proa do barco.

“Estou contando com isso.”

Tenho certeza de que ele poderia ter contratado um de seus técnicos para fazer isso por ele, mas o fato de ele ter me pedido em vez disso me deixa tonto de excitação. Não há muitas opções para mulheres dentro da Bratva. Não é como se eu pudesse sair por aí espancando pessoas que nos devem dinheiro ou fornecer proteção para remessas de drogas. Uma das razões pelas quais escolhi ciência da computação como especialização é que queria ajudar minha família de alguma forma com meu conhecimento de TI.

Vovô Felix está velho demais para acompanhar tudo o que é jogado contra

ele e a velocidade relâmpago com que a tecnologia está evoluindo, e eu esperava que papai me permitisse assumir as tarefas cibernéticas. Em vez disso, ele quase teve um ataque cardíaco quando compartilhei minha ideia com ele. Depois de quase uma hora de discurso sobre como eu nunca iria meter um dedo no negócio da Bratva, meu pai prometeu que me encontraria um “emprego bom e seguro” em algum lugar. instituição financeira. Um lugar onde eu possa encontrar um “contador legal e seguro” com quem eu possa namorar.

Apertei *Enter* , salvando as alterações que fiz, e dou uma olhada no Rafael. Ele está recostado no console do leme, com as mãos nos bolsos, me observando. O vento bagunçou seu cabelo e vários fios de suas madeixas escuras caíram em sua testa, fazendo-o parecer menos severo de alguma forma. Não posso acreditar que um homem que me perseguiu, me sequestrou e depois voou meio mundo para que ele mesmo pudesse me destruir por ousar invadir seu domínio, valorize minhas habilidades mais do que meu próprio pai.

"O que sua irmã disse?"

“Ela perguntou por que eu estava ligando às seis da manhã.” Esqueci completamente da diferença de fuso horário quando liguei para ela mais cedo. “Então, ela disse que papai enviou uma versão mafiosa de um alerta sobre mim.”

"Oh? Como isso funciona?"

“Acho que ele ligou para todos os sindicatos criminosos do país e ameaçou aniquilar qualquer um que me mantivesse como refém. Ou qualquer pessoa que tenha informações sobre meu paradeiro, mas não as tenha compartilhado.”

“Então ele ainda acredita que você está em algum lugar no território continental dos EUA?”

"Sim. Geralmente sou mais cuidadoso quando falo com papai, sempre tendo em mente a diferença de horário.”

"Interessante." Rafael sorri. “Alguém pode imaginar que você está realmente gostando da sua estadia na Sicília.”

Eu pisco, então rapidamente desvio o olhar quando a compreensão me atinge – *eu estou* gostando daqui. Estar com ele.

“Não seja ridículo”, murmuro, fingindo trabalhar novamente. “Você pode ligar para Mitch e perguntar se as novas credenciais de login do banco de dados do cliente estão funcionando do lado dele?”

"Não."

Minha cabeça se levanta. "Por que não?"

“Porque deveríamos nadar primeiro.”

Eu respiro fundo. Imagens de Rafael sem roupa inundam minha mente, provocando uma sensação de formigamento em meu âmago. Errado. Tão errado. Não posso me apaixonar por um homem que me deixou um cheque como pagamento pelos beijos que trocamos. Quem não me permite voltar para casa.

Limpar minha maldita mente é inútil. Esses pensamentos me invadem

novamente, ainda mais intensos e eróticos. Nós dois, nus, enquanto ele cobre meu corpo com o dele. Palmas ásperas acariciando minha pele enquanto seus penetrantes olhos verdes queimam através de mim. Os olhos do assassino. Estou excitado e pronto para entrar em combustão, apesar de ele ser um assassino a sangue frio. Ou talvez . . . talvez sejam aquelas vibrações sinistras que ele emite que o tornam mais atraente.

“Hum. . . Eu vou pular isso. Há algumas coisas que preciso resolver. Eu rapidamente olho de volta para o laptop.

“Como quiser.”

Sua mão roça meu braço enquanto ele passa por mim, indo para o convés principal. Mantenho meus olhos grudados na tela, mas, eventualmente, minha curiosidade leva a melhor sobre mim. Tentado por uma força mais forte que minha força de vontade, olho por cima do ombro para a plataforma de natação na parte traseira do barco. Mas eu não o vejo. Levantando-me um pouco do assento, avisto Rafael na parte da frente do iate, desabotoando a camisa. Todo o ar sai dos meus pulmões enquanto o vejo tirar a roupa, revelando suas costas largas perfeitamente definidas.

Suas calças são as próximas.

Ainda estou tonta, surpresa com o quão lindo ele é, quando ele enfia os dedos no cós da calcinha. *Oh meu Deus, ele não faria isso!* A cueca desliza para baixo, me dando uma breve olhada em sua incrível bunda dura antes de ele mergulhar no mar. Seu corpo voa em linha reta por uma fração de segundo e, um segundo depois, um barulho na água soa abaixo.

Minhas palmas estão pressionadas em minhas bochechas em chamas. Não acredito que ele fez isso. E ele estará nu quando voltar para o iate, o que significa que poderei ver tudo o que perdi naquele vislumbre rápido como um raio. Todos os dois metros e meio de corpo masculino nu, molhado e magnífico.

Como vou fingir indiferença a isso?

Saio da espreguiçadeira, com a intenção de me esconder em algum lugar no convés principal até que Rafael esteja vestido novamente, mas a vontade irresistível de vê-lo me atinge novamente. Talvez eu pudesse dar uma olhada rápida sem que ele percebesse?

Agachando-me no convés, vou até a frente do posto de comando e espio pela lateral, tentando ver além da proa do barco. As águas de um azul profundo estão calmas, exceto pelas suaves ondulações na superfície. Nenhum assassino despido em qualquer lugar à vista. Corro para a parte de trás do flybridge, mas é a mesma coisa. Apenas a calma vastidão do Mediterrâneo.

"Rafael?" Eu chamo.

Nada.

Onde diabos ele está? Quanto tempo uma pessoa pode ficar debaixo d’água? Já se passaram pelo menos dois minutos. Volto para a cabine aberta e desço a escada de metal até a parte traseira do barco e depois os degraus até a linha

d'água.

"Rafael!" — grito da plataforma de natação, examinando as profundezas em vão. “Isso não é engraçado!”

Ele se afogou? E se algo o comeu? Porra. Porra. *Porra!* Eu abaixo meu short e tiro minha blusa, permanecendo apenas com um conjunto combinando de sutiã e calcinha de renda branca. Meu coração está batendo forte no peito, e a preocupação por Rafael está me pressionando, mas não consigo sair daquela plataforma para o mar. Desde que assisti *Tubarão* , tenho um medo profundamente enraizado de tubarões. Posso nadar bem, mas apenas em piscinas.

" *Rafael!* — eu grito desta vez, pronunciando seu nome. Não há resposta.

Um gemido histérico sai dos meus lábios enquanto me abaixo até a beira do convés e mergulho os pés na água. Se um monstro marinho comeu Rafael, deve ser enorme para poder engoli-lo inteiro. Se vier atrás de mim, provavelmente mal vou registrar quando ele abrir a boca. Morte rápida e indolor.

“Foda-se, Rafael,” eu bufo e deslizo da plataforma para as profundezas aterrorizantes no momento em que uma grande forma distorcida pela água surge de baixo.

Eu grito e fecho os olhos. A água espirra ao meu redor enquanto agito os braços, tentando fugir, e minhas costas colidem com a escada de natação estendida abaixo da superfície. Algo grande e grosso envolve minha cintura. Eu grito de novo, chutando minhas pernas para bater—

“ *Ma che cazzo!* Vasilisa!”

Eu congelo. Abra um olho. Depois o outro. Rafael está na água na minha frente, com o braço direito em volta da minha cintura, enquanto segura a escada atrás de mim com a mão esquerda.

“Eu pensei que você fosse o maldito Kraken,” eu deixo escapar enquanto luto para respirar fundo.

Ele inclina a cabeça, o movimento desalojando algumas gotas de água de seu cabelo diretamente em meus seios. "O Kraken?"

"Sim!"

Seus lábios estão pressionados firmemente e suas sobrancelhas franzidas. Acho que posso tê-lo irritado. Um som profundo e estrondoso vem de seu peito e, no momento seguinte, ele cai na gargalhada.

"Não é engraçado!" Eu envolvo meus braços em volta de seu pescoço, segurando-o para salvar sua vida. “Achei que você tivesse se afogado, seu idiota! Você tem ideia de como tenho medo de nadar no mar? Quase tive um ataque cardíaco enquanto pensava em como nadar mais que os tubarões, os polvos, as baleias e... . . e . . . tartarugas gigantes para que eu pudesse chegar até você!”

Os olhos de Rafael escurecem de repente. Ele não está mais rindo. Seu domínio sobre minha cintura aumenta, me esmagando contra seu peito. Fico

muito *quieta* , hiperconsciente de seu corpo basicamente grudado em mim. Seu olhar captura o meu e o mantém com a mesma ferocidade com que seu braço segura meu corpo. E seu pau duro como pedra pressiona meu núcleo.

“Há apenas um monstro à espreita nestas águas agora, meu ardente lírio do vale.” Ele inclina a cabeça, dando um beijo no meu ombro. “Mas acho que você sabe que ele nunca lhe fará mal algum.”

Um arrepio emocionante percorre minha espinha, seguido por outro quando ele beija meu pescoço. Meu queixo. O canto da minha boca. Sinto que sou um canal de energia de alta tensão, mas não há saída para toda essa energia bruta. Estou preso em seu campo elétrico, e cada vez que seus lábios tocam minha pele, acontece um colapso total do sistema. Finalmente, sua boca agarra a minha. Mordendo. Tirando. Reivindicando. eu beijo devolvê-lo, mesmo sabendo que não deveria. Não deveria deixar isso acontecer. Mas qualquer habilidade cognitiva que eu possuísse foi frita. Em curto-circuito. Queimado até ficar crocante.

Eu o aperto com mais força, me apertando mais contra seu peito, enquanto ele devasta meus lábios. Isto está errado. Eu sei que é, mas não consigo me importar. Todo o senso de realidade está se perdendo em meio à miríade de emoções que giram dentro de mim. Excitação. Exaltação. Felicidade. É tão bom estar em seus braços, com seu corpo envolvendo o meu. Seu corpo nu. Posso sentir seu pau duro roçando meu núcleo, o tecido rendado da minha calcinha é a única barreira. Quero mais, e todo o meu ser vibra com essa necessidade. Mais sobre esse homem manipulador e complicado que tem atormentado meus pensamentos desde o segundo em que nos conhecemos.

Puxo seu lábio inferior entre os dentes e o mordo. Duro. “Não acredito que você me deixou um cheque pelo nosso beijo, seu idiota.”

“E não posso acreditar que você jogou meus milhões no ralo.” Ele me morde de volta. “Eu vou te foder agora, Vasilisa. Vou foder sua boceta até o esquecimento, da mesma forma que você fodeu minha maldita mente por semanas, transformando-a em uma bagunça inútil. Você pode imaginar a força de vontade que tive para resistir a tomá-la em meus braços e torná-la minha, para não simplesmente dizer: *Dane-se tudo, eu a quero* ?

“Sim,” eu ofego. Sabendo o quanto tenho lutado para manter meu autocontrole, tenho uma boa ideia. Minhas fantasias tomam conta da minha mente noite e dia – como seria esquecer quem ele é. . . o que ele fez. . . e simplesmente deixar ir? Acho que vou descobrir porque meu cérebro verificou o momento em que nossos lábios se tocaram. O desejo e a necessidade primordiais estão agora no comando. Não posso mais lutar comigo mesmo. "Por favor, me foda até o esquecimento."

Seu aperto em volta da minha cintura aperta como um torno. Ele solta meu lábio que está preso entre seus dentes e rosna em minha boca.

"Apertar."

Não questiono sua ordem, apenas faça o que ele disse. Minhas mãos

deslizam em seu cabelo, ancorando meu aperto em seu pescoço. Instantaneamente, seu braço em volta da minha cintura muda, sua palma desliza para empurrar minha calcinha para baixo. Como se triunfasse ao superar aquela barreira, a água do mar incha contra minha boceta enquanto a delicada renda desliza pelas minhas pernas e desaparece nas profundezas.

Rafael acaricia minha bunda com a palma da mão, depois desce, entre as nádegas, direto para o meu núcleo. Dedos hábeis escovam minhas dobras. E com os seus movimentos, as águas quentes do Mediterrâneo salpicam delicadamente a minha abertura, inundando até o interior. Rafael ataca meus lábios no mesmo ritmo que seus dedos acariciam minha carne sensível. É pura loucura.

Todo o meu corpo parece estar queimando por dentro, o calor subindo pela água. Escaldante. Fumegante. O próprio ar ao nosso redor parece espesso como neblina. Envolvendo minhas pernas em volta de sua cintura, pressiono minha boceta na ponta de seu pau e fecho os olhos.

Os lábios de Rafael continuam nos meus. "Olhe para mim."

Abro os olhos, mais uma vez lutando para respirar. O rosto de Rafael tem linhas duras, a mandíbula cerrada, tornando as cicatrizes em seu rosto mais distintas.

“Não se atreva a fechar os olhos.” Um grunhido baixo e perigoso escapa de sua garganta enquanto ele desliza a cabeça de seu pênis dentro de mim.

“Ok,” eu sussurro.

"Bom."

Ele empurra um pouco mais fundo. Ele é muito grande. Eu não consigo respirar. Um gemido trêmulo me deixa. Eu me agarro a ele com todas as minhas forças, meus olhos perfurando os dele.

“Eu não vou devagar, vespetta. Mas para você, vou tentar.

Mais um centímetro. Tê-lo dentro de mim parece intrínseco. Intenso. Nunca fiz sexo na água e a sensação é incomparável a tudo que já experimentei antes. Ou talvez seja só ele. Seu dedo ainda está acariciando minha carne, aquele ponto entre meu núcleo e o centro rico em nervos da minha bunda, aplicando pressão constante. Esse toque por si só quase me leva ao limite. E o pau dele não está nem na metade de mim.

De alguma forma, ele ainda está segurando a escada com a mão esquerda. Sem quebrar nosso contato visual, agarro seu bíceps e aperto minhas pernas em volta de sua cintura. Levando mais dele para dentro. Todo o meu corpo treme enquanto ele lentamente me preenche. Mais. E mais. Nós dois ofegantes. Com apenas o sol a brilhar e o mar tranquilo à nossa volta, estamos no nosso próprio mundo selvagem.

Se fosse qualquer outra pessoa flutuando nessas águas comigo, há muito tempo eu estaria em pânico total, lançado nas profundezas mais frias. Mas parece que minha mente acredita completamente que Rafael De Santi é realmente a maior ameaça nesta vastidão azul. E tudo que posso sentir é ele.

Justamente quando penso que não aguento mais, minhas paredes se esticam ainda mais. Meu corpo se ajusta ao tamanho dele.

Quando ele finalmente parece estar completamente dentro de mim, mal consigo respirar fundo. O menor movimento dele provavelmente me fará quebrar. Mas Rafael permanece completamente imóvel.

"Diga-me . . . Você realmente pulou na água porque pensou que algo aconteceu comigo?

O ar sai dos meus pulmões em rajadas superficiais enquanto procuro seus orbes verdes. Sua íris esquerda é um pouco mais clara que a direita. Eu nunca percebi isso antes.

"Você fez?" ele insiste e, inacreditavelmente, vai mais fundo.

Quase gozei.

Deslizando a palma da mão por seu pescoço, agarro os fios escuros e molhados e aperto. O pau de Rafael se contorce dentro de mim. Seu corpo está tão tenso, cada músculo tenso. Meu Deus, ele é lindo assim.

"Sim." Inclino meu queixo, mordiscando seu lábio inferior. “Como eu teria voltado para a mansão se você se afogasse?”

Outro grunhido sai de sua boca, áspero e selvagem. Ele recua e então bate em mim com tanta força que minha mente fica totalmente vazia. Sua boca captura a minha novamente. Mordendo. Tirando. Meu núcleo treme com uma sensação de prazer beirando a dor enquanto ele me bate com estocadas rápidas e profundas. Sua mão agarra minha bunda, me mantendo firme, enquanto me destrói da maneira mais visceral. Não sobrou uma gota de seu autocontrole anterior, como se minha mentira descarada tivesse desencadeado a fera.

“Meu,” ele rosna, mordendo meu lábio inferior. “Desde o momento em que você balançou aquela garrafa quebrada para mim, eu sabia que você seria meu.”

“Eu não sou sua,” eu sufoco, lutando para respirar enquanto o beijo de volta.

Ele passa os lábios pelo meu queixo e depois enterra o rosto na curva do meu pescoço. "Você cheira como eu." Seus dentes roçam a pele sensível abaixo da minha orelha. “Tem gosto de uma sobremesa de dar água na boca, criada sob medida para saciar todos os impulsos de desejo do meu DNA. Seu sabor me deixa louco.

Rafael desliza para fora e me empala com seu pau novamente.

“Sua doce boceta treme tão lindamente com meu pau dentro de você, pedindo mais. Você quer mais, Vasilisa?”

"Sim . . .”

Um impulso profundo e poderoso de seus quadris faz a água ao nosso redor ondular. Minhas mãos trêmulas escorregam de seus ombros molhados e duros devido às vibrações daquele impacto. Coloco meu braço em volta de seu pescoço e encontro seu olhar feroz. *Você são meu,* diz. Assim como suas palavras fizeram. Assim como o calor revelador em minha barriga que ameaça

me consumir completamente. Assim como meu coração traiçoeiro que anseia por responder, *eu estou seu* . Como se este fosse o lugar onde eu sempre quis estar.

Querido Deus, estou apaixonada por ele. Não sei como ou quando isso aconteceu, mas já tenho esses sentimentos há algum tempo. Foram os post-its que me mataram? Ou aqueles figos roubados que ele fica deixando para mim? Não, não acho que tenha sido um ato único. É o jeito que ele me faz sentir todos os dias – como se eu finalmente tivesse me encontrado.

Rafael está batendo incansavelmente em mim novamente. Um grito cresce em meu peito, querendo sair. Cerro os dentes o máximo que posso para evitar que ele escape. Com muito medo de confessar o êxtase que sinto, mesmo com meros vocais cheios de luxúria. Onda após onda de prazer surge sobre mim, empurrando-me para o topo. Agarro-me trêmula a Rafael, nossos olhares se entrelaçam, quando chego ali mesmo, nos braços de meu captor, cercado pela extensão cintilante do mar quente e reluzente.

“É isso, vespetta. Eu disse que você é meu. Com um último mergulho, Rafael se enterra ao máximo e explode dentro de mim.

Fecho os olhos, saboreando a sensação dele. Mas também me sinto culpada por desfrutar do prazer mais intenso que já experimentei.

"Olhar. No. Meu." Palavras atrevidas e rosnadas.

Eu balanço minha cabeça. Meu Deus, o que eu fiz?

“Agora, Vasilisa.”

Este homem. Um bruto implacável. Alguém que ameaçou matar minha família. Meus pais. Meu irmãozinho e minha irmã. Não tenho dúvidas de que ele também poderia fazer isso, e muito provavelmente, sem piscar um olho. Eu sei isso. Assim como sei que nenhum outro homem jamais me fará sentir o mesmo. Do jeito que ele faz. Como se eu estivesse surfando nas correntes mais suaves e, ao mesmo tempo, caindo no abismo mais profundo.

Eu não consigo olhar para ele.

Não estou pronto para enfrentar a realidade. Aceitar a verdade irrevogável: que estou apaixonado por Rafael De Santi.

Uma torrente de italiano falado rapidamente irrompe dele. Pelo tom de sua voz, xingamentos, tenho certeza. A água bate ao meu redor enquanto Rafael sobe a escada, me carregando a bordo, sustentado por apenas um de seus braços.

“Tem toalhas no banheiro,” ele grunhe, me colocando em algo macio.

Quando abro os olhos, me vejo sentado no sofá do salão do convés principal. Rafael está diante de mim, seu peito subindo e descendo com a respiração difícil enquanto ele olha para mim.

Sem outra palavra, ele se vira e sai. Um momento depois, ouço seus passos enquanto ele sobe a escada até o flybridge e, pouco depois, os motores do iate ganham vida.



O aro de couro do volante do iate range com a força do meu aperto. Nos últimos vinte minutos, mal consegui controlar meu temperamento, mal me impedi de atacar. até o convés principal – onde Vasilisa esteve escondida esse tempo todo – e exigindo uma explicação.

A lista de coisas que preciso que ela explique é bastante longa. Começando com por que diabos ela agiu como um pequeno guppy assustado momentos depois de se despedaçar tão lindamente em meus braços. Eu não esperava abraços, mas eu queria que ela olhasse para mim. Ela não teve nenhum problema em olhar para meu rosto antes. Fazer sexo comigo a enojava? Por causa da minha aparência? Eu não ficaria surpreso se uma beleza como ela só tivesse garotos bonitos como amantes.

Uma névoa vermelha cobre meus olhos com a ideia de outros homens que estiveram perto o suficiente dela para tocá-la. Quem a *tocou* . Cerro os dentes e aperto o volante com mais força. Vou destruir qualquer homem que já tenha colocado as mãos nela no passado e qualquer filho da puta que possa pensar que tem uma chance de fazer isso no futuro. Vasilisa Petrova é minha. *Meu!* E farei o que for preciso para garantir que ela queira ficar comigo.

Estou conduzindo o iate de volta à marina quando percebo um movimento com o canto do olho. Uma lancha, ancorada junto ao mar, na entrada de uma enseada, logo acima da costa daqui. O Mediterrâneo pode ser do domínio público, mas todos nesta parte da Sicília sabem que estas águas são minhas. Então são turistas estúpidos ou os homens do meu padrinho. Ninguém mais seria louco o suficiente para vagar por aqui.

Eu piloto o iate até o cais e vou para estibordo para jogar a corda para o garoto da marina.

“Não amarre,” eu lati. “Estou saindo de novo imediatamente.”

O leve bater de pequenos pés descalços soa atrás de mim. Eu me viro e encontro Vasilisa parada com a bolsa do laptop nas mãos, olhando para o deck.

“Liguei para o Guido. Ele vem te levar para casa.

Ela olha para cima, seus olhos finalmente encontrando os meus. "E você?"

Eu não respondo. Passando meu braço em volta de sua cintura, eu a pego e, segurando-a ao meu lado, salto para o cais.

“Coloque um pouco de loção pós-sol no rosto quando voltar. Você está com um pouco de queimadura de sol. Eu a abaixo no chão e pulo de volta no iate.

O garoto da marina joga a corda para mim. Enrolo-o com cuidado e, sem me preocupar em olhar para Vasilisa, subo até o flybridge e ligo o barco, fazendo-o andar de ré. Duro cerca de trinta segundos antes de desligar os motores e voltar

os olhos para a marina.

Vasilisa ainda está no cais, com os cabelos esvoaçando ao vento. Não consigo ver os olhos dela desta distância, mas ela está olhando em minha direção. Parado a vários metros de distância, o garoto marina está olhando para ela. Eu estalo. Pegando o telefone do bolso, ligo para o merdinha salivante.

“Signor De Santi?”

"Continue olhando para minha mulher por mais um segundo", eu rosno, "e eu voltarei para arrancar seus olhos da sua cabeça estúpida!"

“Claro, Signor De Santi”, ele resmunga.

Desliguei a ligação e cruzei os braços sobre o peito, observando meu pequeno hacker. Ela gostou de ser fodida por mim. Não havia dúvidas sobre os pequenos sons doces – os gemidos e choramingos – que ela fazia, ou como seu corpo tremia sob meu toque. A maneira como ela se agarrou a mim enquanto eu bombeava nela. Como ela se desfez lindamente em meus braços. O problema surgiu apenas quando terminamos. Depois que ela percebeu, ela deixou o monstro levá-la.

Bem, não posso mudar minha aparência, mas encontrarei uma maneira de fazê-la ver além da minha aparência.

Ela jogou meu cheque no vaso sanitário. Joguei minhas flores fora. Ela até recusou as joias que comprei para ela. Talvez não fosse opulento o suficiente? Eu deveria ter pensado melhor e comprado algo mais caro para ela. Um erro que não vou repetir. Não importa o quão bonito seja, nenhum homem pode competir com meu poder e vontade. E ninguém pode sustentá-la como eu. Preciso fazê-la entender isso.

Sua atenção é atraída por um veículo que se aproxima. Guido estaciona seu carro esportivo próximo ao caminho que leva ao cais. Mantenho meus olhos em Vasilisa enquanto ela lança um último olhar em minha direção, depois caminha até Guido e sua carona. Só depois que ela estiver segura dentro do orgulho e da alegria do meu irmão eu ligo os motores e dirijo o iate de volta para a enseada onde vi aquele barco suspeito.

Vasilisa

Não há estrelas esta noite. Apenas um pequeno raio de luar que atravessava as nuvens, nem o suficiente para iluminar o jardim abaixo da varanda. Mal consigo distinguir as formas de algumas oliveiras ao longe e do arbusto de loendro ao lado da antiga bomba d’água na beira do gramado. Todo o resto é obscuro, assim como meus sentimentos. Aperto ainda mais a enorme toalha de banho enrolada em mim enquanto passo a escova no cabelo ainda molhado e suspiro.

O que vou fazer quando Rafael chegar em casa? Ele ainda não voltou do que o levou a sair furioso em seu iate esta tarde, e estou em estado de alerta há horas. Posso fingir que nada aconteceu entre nós? Eu não acho que posso. Cada vez que fecho os olhos, estou de volta naquela água, revivendo cada segundo. Me censurando por gostar demais. Por querer *ele* .

“Você vai pegar um resfriado, Vasilisa.”

Eu fico tenso.

Passos. Lento e determinado, aproximando-se. Calor nas minhas costas enquanto Rafael para logo atrás de mim. Tecido farfalhando, e então ele coloca o paletó sobre meus ombros.

“Você colocou alguma coisa naquela queimadura de sol?”

“Sim,” eu sussurro, olhando para o terreno abaixo. “Onde você foi em seu barco mais cedo?”

“Pensei ter visto invasores. Mas eram apenas turistas idiotas.” Suas mãos descansam no corrimão da varanda, uma de cada lado de mim. “Depois, tive que passar por Messina para resolver uma confusão com uma gangue de traficantes local.”

“Eu não sabia que você lidava com drogas.”

"Eu não. É isso que a Cosa Nostra faz na sua parte da Sicília. Aqui, na costa leste, existem alguns pequenos grupos que traficam drogas e, desde que sigam as minhas regras, eu os deixo em paz.”

“E se não o fizerem?”

Ele solta o corrimão e suas mãos envolvem minha cintura. Prendo a respiração, totalmente sintonizada com seu toque enquanto sua palma desliza para baixo, sob a borda da toalha e entre minhas pernas.

“Se não o fizerem, eu pessoalmente executo toda a gangue. Exatamente como tive que fazer esta noite.

E aí está – uma das principais razões pelas quais sou tão loucamente atraída por ele. Sem cobertura de açúcar. Sem pretensão. Mesmo me mantendo aqui contra a minha vontade, ele me trata como igual. Estou bem ciente de como as escalas metafóricas se interpõem entre nós – ele é mais forte, mais cruel e segura a vida dos meus entes queridos em suas mãos cheias de cicatrizes. E, no entanto, nunca me senti dominada por ele. Ele nunca me fez sentir inferior de forma alguma.

“Precisamos conversar”, sufoco enquanto ele desliza o dedo entre minhas dobras.

"Sobre?" sua voz áspera provoca perto do meu ouvido. Então, ele empurra o dedo dentro de mim.

"Sobre Hoje." Agarro-me ao corrimão para me apoiar e alargo as pernas. "Sobre isso."

Um beijo cai na lateral do meu pescoço. "Sou todo ouvidos."

Ele puxa o dedo apenas para empurrá-lo de volta para dentro, mais fundo. Sua outra mão desliza para a parte interna da minha coxa e sobe mais alto. Tremores percorrem minha espinha, chegando ao meu âmago, no momento em que seu polegar encontra meu clitóris. Minha respiração acelera. Ofegante, aperto a toalha contra os seios e me encosto em seu peito.

“O que você queria discutir, vespetta?” ele pergunta, aumentando o ritmo.

Sim, o que eu queria discutir? Que o que aconteceu hoje no iate nunca mais poderá acontecer, enquanto eu gemo de prazer com o dedo dele enterrado dentro de mim?

“Nada,” eu sufoco enquanto minha umidade encharca sua mão. “Eu não quero falar sobre isso. Ou hoje cedo. Eu só quero . . .” Um pequeno gemido me escapa. O que diabos eu quero?

Ele enrola o dedo e pressiona um ponto que me faz ver estrelas. "Você só quer que eu te foda?"

Uma supernova explode em meu corpo, destruindo todas as nuvens do céu.

"Sim."



Deslizo minha mão da boceta trêmula de Vasilisa e a levo à boca.

“Tudo bem”, eu digo, lambendo o suco doce do meu dedo. Então, eu a pego em meus braços e a carrego para a cama. A luminária de leitura fixada na parede acima da cabeceira está acesa, seu brilho banha a pele leitosa de Vasilisa. “Você pode apagar a luz se quiser.” Agarrando as laterais da minha camisa, eu as separo, fazendo com que uma infinidade de botões caiam no chão.

Vasilisa apenas fica boquiaberta para mim, seus olhos colados em meus dedos enquanto eu lentamente abro o zíper da minha calça. Meu pau está tão duro que até andar era difícil. Nenhuma mulher jamais me deixou tão excitado que eu realmente tive que me controlar e lutar para não explodir antes mesmo de estar dentro dela. Ela quer que eu transe com ela sem discutir o assunto? Multar. Podemos começar com isso.

No momento em que tiro a roupa, subo na cama e cubro o corpo dela com o meu. Ela é tão pequena. Apoio meu peso nos antebraços, temendo esmagá-la debaixo de mim. Sua personalidade sarcástica é tão avassaladora que muitas vezes esqueço o quão pequena ela realmente é. E com tanta agressão reprimida dentro de mim neste momento, não acho que posso me conter e ir devagar como fiz hoje cedo.

Capturo seus lábios com os meus em um beijo raivoso, depois mudo para a pequena depressão entre suas clavículas. Minhas palmas deslizam por suas

costelas enquanto beijo seus seios. Seu estômago. O ponto logo abaixo do umbigo. A toalha se solta e se enrosca embaixo dela, me dando acesso irrestrito ao seu corpo, que estremece sob meu toque. à medida que me desço, até à rata dela. Ainda está molhado. Ela abre mais as pernas e eu enterro meu rosto em seu delicioso centro.

Pequenos gemidos saem dos lábios de Vasilisa enquanto eu lambo sua linda fenda rosa, mantendo meus movimentos lentos no início, depois gradualmente aumentando o ritmo, focado em cada som que ela faz. Vou aprender cada segredo do corpo dela. Explore cada centímetro de sua pele. Cada ponto sensual. Vou aprender a tocá-la como o instrumento mais delicado, fazê-la desejar o meu toque e o de mais ninguém. Quando deslizo minha língua dentro dela, ela arqueia as costas com tanta força que, por um momento, temo que ela se machuque.

"Fácil." Movo minha palma ao longo de sua coluna, sentindo seu corpo vibrar como uma corda de violino em minha mão. "Só mais um pouquinho."

Mais duas lambidas, desta vez tão lânguidas, antes de fechar meus lábios em torno de seu clitóris e chupá-lo em minha boca.

Os sons baixos e delirantes de Vasilisa enchem a sala, transformando-se em gritos reverentes quando dou uma mordida em seu doce broto. Seus dedos apertam meu cabelo enquanto seu corpo começa a tremer incontrolavelmente. Ela está pronta. Com uma última lambida em sua boceta encharcada, subo por seu corpo, deixando beijos ao longo de sua pele macia. Marcando cada centímetro dele como meu.

Eu não fui o primeiro e ela pode ainda não perceber isso, mas serei o último. A alternativa não é uma opção.

“Você já teve um homem te adorando, Vasilisa?” Inclino minha cabeça até que nossas testas se toquem e deslizo a ponta do meu pau entre suas dobras. “Não apenas seu lindo rosto e seu corpo lindo, mas cada coisa que faz você... *você* ?”

Seus lindos olhos se arregalam. Seus lábios se abrem, mas nenhuma palavra sai.

“Você sabe o quanto me excita ver você morder aquele maldito lápis todas as noites enquanto conserta a bagunça dentro dos sistemas da minha empresa? Ver como sua mente genial funciona é uma maldito afrodisíaco, vespetta. Toda vez que terminamos uma ‘sessão de trabalho’, eu tinha que correr para o banheiro para me masturbar, tudo para evitar que meu pau explodisse.”

O ar sai de seus lábios em baforadas rápidas e afiadas. Bato minha boca na dela, misturando nossas respirações, e empurro com meus quadris apenas o suficiente para colocar meu pau até a metade para dentro. Ela puxa meu cabelo e se abre ainda mais para mim. Minha restrição está pendurada por um fiozinho, então quando ela inclina a pélvis para cima em convite, ela se rompe completamente. Eu empurrei nela, me enterrando em seu calor sedoso.

“Sua boceta foi feita para mim.” Mordiscando sua pele brilhante, movo

meus lábios ao longo de sua mandíbula. "Você gosta de como meu pau te enche até a borda?"

"Sim." Um gemido gutural próximo ao meu ouvido.

"Bom. Porque é o único pau que você terá dentro de você a partir de agora. Eu recuo e deslizo para dentro dela novamente. “Você vai ficar na Sicília, Vasilisa. Para sempre."

"Não, eu não sou."

Agarro seu queixo com os dedos e a fixo com meu olhar. Seu rosto está vermelho e seus lábios tremem, mas o olhar em seus olhos é feroz e determinado.

“Você me deu sua palavra”, ela continua. “Quando terminar de consertar seus sistemas, estarei livre para ir.”

Eu perco minha merda de sempre amorosa.

Agarrando sua nuca, mergulho nela. Minha sanidade se foi. Meu senso de realidade – inexistente. Eu destruo seus lábios inchados pelo beijo enquanto bato nela como um louco. As únicas coisas que consigo imaginar são a respiração ofegante de Vasilisa, a sensação de suas pernas segurando minha cintura e o cheiro de seu xampu. Meu xampu. Eu nunca vou deixá-la usar qualquer outro. Ela é minha.

Meus olhos estão colados em seu rosto, absorvendo cada detalhe sobre ela. A forma como seus lábios se abrem quando ela inspira cada vez que eu empurro dentro dela. Os fios de seu cabelo grudados em seu rosto corado. A vibração de seus longos cílios negros enquanto ela aproveita o prazer que lhe dou. Não há visão mais bonita nesta terra.

A cama range e protesta sob o nosso peso. A respiração irregular de Vasilisa se transforma em gritos ardentes quando ela se aproxima do limite. Posso sentir suas paredes se apertando ao meu redor, mas me forço a me conter. É a tortura mais magnífica. À medida que seu clímax se aproxima, mudo meu ritmo e continuo a me mover dentro dela com uma lentidão deliberada, prolongando a deliciosa tensão entre nós. Finalmente, seu corpo começa a tremer novamente, e um grito alto escapa de seus lábios quando ela atinge o pico do êxtase. Eu a deixei desfrutar dessa felicidade por apenas um momento, então empurrei com força, até as bolas profundamente em sua boceta apertada, provocando mais um orgasmo antes que ela aliviasse o último.

Uma explosão de branco preenche minha visão e sou dominada por espasmos enquanto meu esperma pinta o interior de Vasilisa. Meus pulmões estão lutando para absorver oxigênio suficiente e o calor se instala em meu peito. Nunca me senti assim. Muito do meu sangue foi redirecionado para o meu pau?

Ou talvez seja assim que é fazer amor com alguém por quem você está apaixonado.

Capítulo 14



Acordo com o som das ondas quebrando competindo com vozes discutindo vindo de algum lugar lá embaixo. E leves traços de um perfume familiar. Abro os olhos, meu olhar pousa na caixa de veludo vermelho que está na mesa de cabeceira.

Já faz uma semana que Rafael me levou em seu iate. Sete dias desde que mergulhei em águas desconhecidas. Em vez de emergir e me encontrar perto de uma costa sólida, estou mais à deriva do que nunca.

Ainda temos nossas noites de “trabalho” no escritório do Rafael. Continuo tentando consertar os problemas bizarros nos sistemas de sua empresa que continuam surgindo, não importa o que eu faça para resolvê-los. Rafael continua espreitando em seu canto escuro, bebendo seu vinho até declarar que terminamos a noite.

Mas há uma grande diferença neste “novo” normal. Quando vou para o quarto, Rafael me segue.

E nós fodemos.

Em quase completo silêncio. Além de nossos gemidos e grunhidos e ofegantes constantes. Nós apenas fazemos sexo.

Muito e muito sexo alucinante e desequilibrado.

Ele me deixa tão exausta que não consigo acordar antes do meio-dia do dia seguinte. Quando finalmente me levanto, Rafael já se foi, e a única prova de que passamos a noite juntos é minha boceta dolorida e o cheiro de cipreste e laranja no ar.

E todos os dias há uma nova caixa de veludo na mesa de cabeceira ao lado da minha cama.

O primeiro presente foi um lindo colar de ouro com um pingente de diamante em forma de lágrima. Fiquei tentado. . . tão tentado a explodir a coisa no mar. Consegui me conter. Em vez disso, joguei a caixa na cabeça de Rafael naquela noite, antes de me sentar à mesa. Ele nem comentou sobre isso. Apenas peguei o colar e guardei no bolso.

Na manhã seguinte – uma nova caixa de veludo. Um pouco maior, contendo um conjunto correspondente de brincos de safira e uma pulseira. Deixei-o ao lado de sua taça de vinho antes de passar pela porta do escritório. Nosso sexo estava com raiva, mas não dissemos uma palavra.

Terceiro dia – outro colar. Desta vez, ouro rosa, com um enorme solitário de

diamante redondo. Um visual lindo e clássico. Enfiei-o na mão dele para garantir. Ele aceitou sem reclamar. Bolso da calça e estava fora de vista.

Um relógio de pulso no quarto dia. Ouro maciço e coberto de diamantes. No quinto dia, um conjunto de designer "casa cheia" – brincos, colar, pulseira e até um broche, tudo em um estojo de joias coberto de diamantes. No sexto dia, uma maldita tiara!

Todas as noites, eu devolvia o presente dele sem agradecer. E a cada vez, Rafael simplesmente guardava. Nenhuma palavra. Não é um som indignado. Apenas um conjunto de instruções sobre minha próxima tarefa.

E então, sexo.

Épico. Cru. Sexo.

Sobre o qual nenhum de nós fala.

Afasto as cobertas e sento na cama. O que será hoje? Outro relógio? Outro colar? Um que representa metade do meu peso em ouro e pedras preciosas?

Suspirando, levanto a tampa da caixa de presente.

E olhar para o conteúdo, sem conseguir respirar.

Uma delicada corrente de ouro branco – um design bastante simples – com um pequeno pingente em forma de lírio do vale. Hastes polidas suspendem os diamantes de corte brilhante nas gotas das flores e pedras preciosas marquise revestem as folhas.

Cuidadosamente, acaricio a forma brilhante com a ponta do dedo, enquanto o calor se espalha pelo meu peito. Parece delicado e caro, mas nem de longe os outros presentes extravagantes.

É o único que fala diretamente *comigo* . É o único que *nos reconhece.* Não sua riqueza.

Quando tiro a corrente da caixa, um post-it amarelo cai da parte de baixo da almofada de cetim. Ele cai no chão e cai de bruços. Curvando-me, pego o bilhete, virando-o para ver o que é.

Um desenho meu. Nu. Meu cabelo solto em volta do rosto. Em volta do meu pescoço, o colar de lírio do vale.

Olho para o bilhete em minha mão e depois olho para o colar na outra. Depois de observar aquele pingente elegante por muito, muito tempo, solto a corrente e coloco-a no pescoço.

*** * ***

O barulho e o barulho dos talheres ecoam pela cozinha silenciosa. Ignoro os olhares de preocupação que as empregadas lançam em minha direção e abro outra gaveta para adicionar seu conteúdo à pilha crescente de utensílios já sobre o balcão.

Vou precisar de pelo menos meia hora para resolver tudo. Talvez até uma hora, se eu for devagar. Depois que terminar, terei que encontrar algo outra coisa para ocupar meu tempo ou vou pirar tentando lidar com um emaranhado de emoções que me prendem.

Estou envolto em uma espessa névoa de incerteza onde apenas formas borradas e distorcidas são visíveis. A culpa é sufocante. Sinto-me uma hipócrita por dormir com meu sequestrador e adorar cada segundo disso. Por aproveitar cada momento que passo com ele e sentir falta dele quando ele não está aqui. Estou tão confuso com tudo. Os sentimentos dele. Meu próprio. Estou realmente apaixonado por Rafael ou é apenas síndrome de Estocolmo? Eu sentiria o mesmo se ele não estivesse me forçando a ficar? Inferno, se eu sei. Não consigo confiar no meu coração, não consigo entender os meus pensamentos, não consigo ser positivo em relação às minhas emoções até sair desta névoa. Rafael é a mortalha que me consome.

E ele? Ele tem sentimentos verdadeiros por mim ou é simplesmente uma necessidade distorcida de possuir uma presa indescritível que não sucumbiria cegamente à gaiola dourada que ele ofereceu? Todas aquelas malditas jóias. . . Não tenho intenção de explicar isso para ele, deixando-o saber que não preciso de suas bugigangas sofisticadas. Ele é um homem inteligente e, se realmente se importa comigo, deveria perceber isso por conta própria: não quero seus presentes caros. Eu quero liberdade. E quero que ele nunca mais agite a ameaça à minha família como uma maldita bandeira na minha cara.

Eu olho para baixo, os olhos se concentrando no lírio do vale pendurado em meu pescoço. Talvez ele esteja finalmente recuperando o juízo.

"Perder?" Uma das criadas toca meu ombro. “Otto está aqui. Ele tem um pacote para você.

Ergo os olhos da linha de garfos que estou fazendo, classificando-os por tamanho. “Que tipo de pacote?”

“É do chefe”, diz Otto enquanto se aproxima da ilha da cozinha e coloca uma grande caixa retangular sobre o balcão. O logotipo dourado *do Albini* é exibido com destaque na parte superior.

Abro a tampa e movo o lenço de papel branco, revelando uma abundância de seda dourada e renda.

O vestido que experimentei quando Rafael me levou às compras.

“Boss disse que virá buscá-lo por volta das oito”, acrescenta Otto.

"Me pega?"

“Para coquetéis.”

Levanto uma sobrancelha. “E se eu não estiver interessado em tomar coquetéis com ele?”

“Ele mencionou que você pode se sentir assim. E me instruiu a lhe dizer que, se você recusar, ele não permitirá que você faça mais ligações.

Mordendo o lado da minha bochecha, fecho a tampa e afasto a caixa. Tenho garfos para resolver em vez de lidar com esse absurdo.

Voltando a si, minha bunda.

Como é possível gostar do homem e ao mesmo tempo querer estrangulá-lo?



“Porra”, gemo enquanto tiro minha camisa para inspecionar o corte. Raso, mas bastante longo, é um corte diagonal nas costelas do lado esquerdo do meu torso. Ainda sangrando. Precisando de limpeza e um bom curativo. Procurando o kit de primeiros socorros, abro o armário de remédios acima da pia.

Uma briga de rua. Não acredito que entrei numa briga de rua por causa de uma mulher. Era apenas um grupo aleatório de estúpidos punks bêbados jogando garrafas na parede de um beco. Eu poderia simplesmente ter passado por eles, mas não. Parei o carro e entrei em uma briga sem sentido com quatro jovens idiotas só para aliviar um pouco a minha frustração.

O motivo da minha frustração? Uma pequena princesa russa que finge que não há nada acontecendo entre nós. Aceitei o pedido dela para não discutir o que estava acontecendo no meu quarto porque pensei que transar com ela seria o suficiente. Não é. Eu não quero que ela seja simplesmente minha foda noturna. Eu quero nossa brincadeira. A provocação. Esses rabiscos horríveis. Eu quero tudo isso e muito mais. Mas ela ainda insiste em consertar meus sistemas de TI o mais rápido possível. Então ela pode ir embora.

Quando termino de limpar o sangue e desinfetar o corte, uso algumas Steri-Strips para unir a pele e coloco um curativo sobre ela. Terminando de bancar a enfermeira para mim mesma, vou até o armário no canto do quarto de hóspedes. A maioria das minhas roupas está no meu quarto, mas algumas peças foram deixadas penduradas aqui também.

Escolho uma camisa cinza metalizada e uma jaqueta preta, saio do quarto e caminho pelo corredor até a porta de Vasilisa.

Bater. Bater.

Um minuto se passa.

Bato novamente, mas nada acontece.

“Vasilisa.” Bato a palma da mão na superfície de madeira. Uma dor aguda sobe pelo meu lado com o impacto.

O silêncio reina por mais alguns momentos, mas então o barulho dos saltos se aproxima. A porta se abre.

Eu perco o fôlego.

E olhe.

Foda-me.

“Não se preocupe, seu cachorro está pronto, Sr. De Santi.”

Meu cérebro deu certo, porque continuo olhando como um filho da puta.

Vasilisa coloca as mãos nos quadris e levanta o queixo para mim. “Então, vamos ou não?”

“Sim”, eu digo.

Uma maldita sílaba. Essa é a única coisa que a minha massa cinzenta consegue inventar. Estou muito pasmo com a visão diante de mim. Não importa o que Vasilisa use, sua beleza é sobrenatural. Mas vê-la agora – não consigo respirar, porra.

Meus olhos percorrem sua perna esbelta que aparece entre as dobras da seda dourada, sobre sua cintura fina e a renda intrincada que envolve seus seios e braços e, finalmente, param em seu rosto. Ela não tem nenhuma maquiagem além dos olhos. Usando delineador e sombra preta, ela criou um look esfumaçado que faz com que suas profundezas ônix pareçam maiores e mais expressivas. Seu cabelo negro está preso em um coque baixo na nuca, mas ela deixou algumas mechas soltas, emoldurando naturalmente seu rosto. O efeito geral é simplesmente impressionante.

“Você não é meu cachorro”, consigo dizer de alguma forma.

"Oh? Então posso dizer *não* a sair para tomar os malditos coquetéis que você me pediu para preparar, e não haverá quaisquer consequências?

Eu cerro os dentes. “Você pode dizer não.”

"Incrível. *Não!* — ela late e bate a porta na minha cara.

Cerro os punhos, tentando me acalmar, depois bato na porta novamente. Ele abre um momento depois.

Vasilisa está na soleira, com os braços cruzados sobre o peito. Seus olhos estão brilhando com fúria não escondida.

“Você gostaria de vir comigo para uma festa esta noite? Desta vez não é uma ordem, Vespetta. Apenas um convite.

“Então você ficará bem se eu recusar?”

“Você pode recusar, e eu me virarei e irei embora. Eu não vou forçar você. Mas eu gostaria muito que você me acompanhasse. Estendo a mão e acaricio seu queixo teimoso com a ponta do dedo. Já faz muito tempo que não tive que trabalhar para convencer uma mulher a sair comigo. "Por favor?"

Vasilisa me estuda, com os olhos arregalados enquanto morde o lábio inferior. Não é a primeira vez que me perco em seu olhar magnético e sombrio por um piscar de olhos, puxado em sua direção por uma força inexplicável. Movo meu dedo ao longo de sua mandíbula, depois desço por seu pescoço e paro na depressão entre suas clavículas. “Você não gostou do colar?”

"Eu fiz."

“Mas você não está usando”, lamento, acariciando a pele macia abaixo de seus ossos delicados, onde imaginei que o colar ficaria. "Por que?"

“Essa manobra com todas as malditas joias, Rafael. . . Isso me faz sentir barato. Você sabe? Como se você estivesse me pagando por sexo.

Meu corpo fica imóvel. Eu nunca quis que ela se sentisse assim. Eu acabei de . . . queria fazê-la gostar de mim. Para fazê-la querer ficar.

“Essa não era minha intenção. E peço desculpas se isso aconteceu dessa forma. Eu olho para cima, encontrando aqueles olhos escuros e perolados. “Mas eu realmente gostaria de ver esse colar em você.”

“E por que *isso é* tão importante? Você não teve problemas comigo devolvendo as outras coisas para você.

“Ao contrário dos meus presentes anteriores, não tive nenhum motivo para comprá-lo, a não ser querer que você o usasse.”

“Que outra razão poderia haver?”

“Para fazer você gostar de mim.”

“Brincadeiras caras nunca me farão parecer com o homem que ameaça matar minha família se eu não dançar conforme sua música.”

“Isso é lamentável.” Passo minhas mãos pela fenda de sua saia e agarro suas nádegas, puxando-a contra mim. "Mas você gosta bastante do meu pau." Levanto-a, eu a levo para o quarto e coloco sua doce bunda cor de pêssego na cômoda antiga. Essa garota. Ela me mata. Eu me inclino para frente, deixando nossos narizes se tocarem. “Não é, Vasilisa?”

“Você tem uma opinião elevada sobre si mesmo. É incrível." Ela zomba entre os dentes, então. . . choraminga enquanto deslizo minhas mãos sob sua calcinha.

Pressiono meu polegar em seu clitóris, esfregando-o em círculos lentos e apertados. Por algumas respirações, eu apenas absorvo seus gemidos suaves e, em seguida, prendo meus dedos na corda frágil.

“Devo lembrá-lo de como seu corpo treme enquanto eu como sua boceta? Ou como você me implora por mais todas as noites? Levante sua bunda linda, querido. Ela pode estar me olhando com desdém, mas faz o que peço. Deslizo a calcinha rendada pelas pernas dela e desfaço o botão da minha calça. "Ou, talvez, eu deva ajudá-lo a se lembrar de seus gritos exultantes enquanto eu te fodo até perder os sentidos?"

“Apenas reações físicas normais. Nada mais."

“Senti falta de você me respondendo. Isso me excita pra caralho. Agarro seus quadris e me enterro até a metade dentro dela.

Vasilisa engasga e envolve minha nuca com as mãos, enfiando os dedos em meu cabelo. Respirações suaves e silenciosas Deixo seus lábios entreabertos enquanto balanço minha pélvis, estimulando meu pau mais fundo. Meu lado

cortado está gritando de dor, cada movimento para frente rasgando a amarração. Teria sido mais fácil se eu tivesse entrado na sua rata apertada de uma só vez, mas tenho medo de a magoar.

Tenho pesadelos de que vou esmagá-la enquanto dormimos. Ela é tão delicada. No entanto, tão feroz ao mesmo tempo. Dizem que as substâncias mais mortíferas vêm nas embalagens mais pequenas. É verdade. Meu lírio do vale é minha marca pessoal de veneno e não há antídoto para isso. Não para mim. Ela está correndo em minhas veias, e nada nesta terra poderá purificá-la.

Deslizo dentro dela mais um centímetro. Um gemido alto sai dos lábios de Vasilisa. Ela ofega, ajustando-se ao meu tamanho, suas paredes apertando meu pau com tanta força que quase estrago minha carga. Movendo a minha mão para a rata dela, começo a massajar novamente o seu clitóris. Eu *preciso* dela ali comigo.

Vasilisa olha nos meus olhos, os dela tão devastadoramente lindos em sua escuridão. Não entendo por que estou tão enfeitiçado por eles. É o desejo bruto que posso ver claramente nessas profundezas? Não há pretensão. Ela não está fingindo, porra. Ela não fecha os olhos, bloqueando a visão. Não tenta esquecer a fera do homem que está lhe trazendo prazer. Não é o dinheiro ou os presentes caros que a fazem desmoronar ao meu toque. Apenas o êxtase que ela encontra em meus braços. Meu. Apenas eu. Acostumei-me tanto a pagar por tudo que quero que esqueci como é ter algo dado gratuitamente.

Mas ela ainda quer ir embora.

Seguro seu queixo com a mão, inclinando seu rosto para encontrar o meu. “Agora, você vai ser uma boa menina e respirar fundo.”

"Por que?" ela ofega.

“Para que eu possa lhe dar outra 'reação física normal', Vasilisa. Respiração profunda. Agora."

Ela passa os dedos pelo meu cabelo e inala. Eu empurrei dentro dela até o punho. Seus olhos reviram enquanto ela treme, seu corpo tremendo em meu abraço. Gemidos abafados escapam dela enquanto eu recuo, mas então eles se transformam em gemidos fervorosos quando eu me aproximo dela novamente.

Meu lado queima enquanto eu bato em sua boceta encharcada, cada vez mais rápido. Quando ela goza, os gemidos de Vasilisa se transformam em gritos extasiados, reverberando nas paredes do quarto. Fico maravilhado com cada nota, cada respiração irregular, cada sussurro choramingado. Eu engulo todos os seus suspiros. Afaste cada tremor de seu corpo. Imprima tudo na minha memória.

Minha linda princesa russa.

Mantenho meus olhos fixos nos dela enquanto explodo em seu calor acolhedor, derramando minha semente, mas mantendo meus segredos.

“ *Não ti lascerò mai andare, Vasilisa* .”

* * *

Um quarteto de cordas se apresenta em um pequeno palco montado à esquerda da entrada principal. Em vez de uma peça clássica, no entanto, são uma versão intermediária de uma trilha sonora de um filme popular. Envoltas em panos pretos, mesas altas estão espalhadas por todo o lobby principal, com tealights dentro de pequenos aquários que compõem as peças centrais. Os hóspedes são quem é quem, tanto dos habitantes locais como dos visitantes frequentes. Vestidos com esmero, eles se misturam e ficam perto das mesas, seus copos de coquetel nunca vazios refletindo o brilho das velas.

Dezenas de olhos nos seguem à medida que avançamos no espaço. Nada incomum nisso. Minha reputação sempre me precede e meu rosto nunca deixa de atrair olhares curiosos. Mas esta noite, todos os olhares parecem estar reservados para a mulher que caminha ao meu lado.

Eu deveria ter esperado isso. Os seres humanos são naturalmente atraídos por coisas maravilhosas. E ela é tão excepcionalmente linda que, uma vez que os olhos tentados se voltam para ela, eles lutam para desviar o olhar. As partes primitivas do nosso cérebro simplesmente não conseguem processar que algo tão incrivelmente belo possa ser real. Isso torna os olhares inevitáveis.

Mesmo assim, não consigo lidar com essa merda. Estou perfeitamente consciente de cada homem olhando para Vasilisa, e meus dedos coçam para sacar minha arma e começar a atirar nos filhos da puta. Todo. Cada. Um. Bem entre os olhos.

“Muita gente aqui”, comenta Vasilisa ao meu lado. “Você não está preocupado que alguém possa me reconhecer e mandar uma mensagem para a Bratva?”

"Não particularmente. As pessoas por aqui sabem que não devem meter o nariz nos meus negócios, a menos, é claro, que estejam dispostas a enfrentar as consequências.

“Tenho a sensação distinta de que as referidas consequências não incluiriam o trabalho em seus firewalls.”

“Seria difícil realizar tal tarefa sem as mãos” – olho para meu pequeno hacker – “ou cabeças”.

"Rafael!" uma voz masculina ressoa acima da conversa das pessoas.

Eu aperto ainda mais a cintura de Vasilisa e olho para a fonte. Nazario Biaggi, filho do subchefe de Calogero, está se espremendo entre uma parede de convidados, vindo em nossa direção. Estudamos juntos e, antes de eu deixar a Sicília, éramos melhores amigos. Nazário nunca foi iniciado na Família, escolhendo uma carreira de construção em vez da vida na Máfia. É a única razão pela qual ele pode pisar no meu território.

“Estou feliz em ver você esta noite,” ele diz com um sorriso bajulador enquanto se aproxima. “Especialmente em uma companhia tão adorável.”

O olhar de Nazario se fixa em Vasilisa, seus olhos a devorando. Raiva e ciúme, como rocha derretida fervendo logo abaixo da superfície, explodem dentro do meu peito enquanto eu o vejo estender a mão para ela.

“Toque nela e eu quebrarei seu pescoço”, digo em italiano, depois puxo Vasilisa para mais perto de mim e mudo para o inglês. “Este é Nazário Biaggi. Um dos meus parceiros de negócios.

Os olhos de Nazario brilham de surpresa, mas ele rapidamente esconde e abre um de seus sorrisos sedutores. “É sempre um prazer conhecer um dos Rafael. . . delícias cristalizadas. A senhora tem nome?

O sangue colore minha visão enquanto tento controlar um impulso avassalador de dar um soco na cara dele por ousar sorrir para minha mulher. Nazario sempre foi um namorador, mas eu nunca me importei quando ele olhou para minhas conexões antes ou quando ele mostrou seu sorriso para elas. Ele pode ser rico, um magnata da indústria da construção, mas sua riqueza não chega nem perto da minha. Eu poderia comprar tudo o que ele possui num piscar de olhos. Nenhuma mulher jamais me deixaria por ele. Exceto *ela* . Porque, aparentemente, meu dinheiro não lhe interessa nem um pouco.

“Estou feliz em conhecê-lo, Sr. Biaggi,” Vasilisa gorjeia, seu tom açucarado cortando meu coração.

Ela gosta dele. Claro que ela quer. As mulheres sempre se apaixonam por Nazario, e isso aconteceria mesmo que ele não tivesse um centavo em seu nome. O pau-lápis é muito bonito, suponho. A inveja me agarra com suas garras, destruindo minhas entranhas em pedaços.

“O nome da senhora é Gummy Bear, mas eu sou do tipo azedo”, continua Vasilisa com um sorriso. "E eu apreciaria muito se você parasse de olhar para meus seios."

Minha cabeça se levanta. "Você estava cobiçando o decote da minha mulher?" Eu rosno, voltando para o italiano.

"Não, de jeito nenhum." Nazario dá um passo para trás e pigarreia. “Meu pai queria que eu passasse uma mensagem. Há cerca de uma semana, vários homens da Cosa Nostra foram encontrados mortos em Palermo, sem a língua. Papai estava preocupado que você pudesse ter algo a ver com isso.

"Oh? Ele compartilhou suas preocupações com o don?

"Sim. Calogero garantiu-lhe que uma gangue de Trapani os matou.” Ele inclina a cabeça, me olhando com desconfiança. “Então, afinal, não foi obra sua?”

“Eu só mataria os homens do meu padrinho se ele quebrasse os termos do nosso acordo. Mas o don nunca iria contra a sua palavra, não é?

"Claro que não." Ele acena com a cabeça e sua voz fica mais baixa. “Mas se algo dessa natureza acontecer, meu pai gostaria de ser o primeiro a saber.”

"Bem, avise ao subchefe que vou manter isso em mente." Aperto ainda mais a cintura de Vasilisa e movo-me em direção ao bar. “Vamos tomar uma bebida.”



“Urso de goma?” Rafael pergunta enquanto caminhamos até o bar.

“Parecia um nome adequado para um colírio para os olhos.” Eu dou de ombros. “Sobre o que foi essa discussão? Parecia muito sério.

“Nazario me informou sutilmente que meu padrinho parece estar perdendo o apoio de alguns membros da Cosa Nostra.”

“Eles vão tirá-lo do poder?”

“Se ele estragar tudo, sim.” Ele me passa a bebida que o barman lhe entregou.

“Nunca falta drama no mundo da Cosa Nostra.” Tomo um gole da minha bebida. "Suco de uva? Realmente?"

“Percebi que o álcool não combina com você.” Ele coloca a mão nas minhas costas e nos conduz de volta para a multidão que se mistura.

Este coquetel será realizado no saguão de um prédio antigo. O grande foyer apresenta um teto abobadado, decorado com intrincadas cenas pintadas à mão representando exuberantes jardins do paraíso. Os detalhes elaborados estão por toda parte – paredes, colunas, mármore colorido incrustado.

Meus olhos deslizam pelo chão de ladrilhos com seu incrível mosaico floral, depois pelas janelas ornamentadas do chão ao teto, e se fixam na decoração em estuque e nas enormes pinturas antigas.

“Acho que nunca estive dentro de um prédio tão bonito”, sussurro.

“Era a mansão de verão de um nobre do século XVII que enriqueceu com o comércio da seda”, diz Rafael. “Ele perdeu em um jogo de cartas, e a propriedade mudou de mãos algumas vezes durante os quatrocentos anos seguintes. Quando foi colocado à venda há dois anos, era basicamente uma ruína. A restauração completa levou quase um ano e meio.”

“Não acredito que eles mantiveram tudo igual. Até as pinturas nas paredes?

“Esses são chamados de afrescos. E sim, eles também foram restaurados.”

Meus olhos deslizam de volta para ele. “Você conhece o novo dono?”

“Muito bem, na verdade. Um filho da puta sem escrúpulos esse. Mas ele tem uma queda por relíquias culturais ” _ Rafael estende a mão e roça minha bochecha com os nós dos dedos _ “ herança. . . e . . . um pequeno hacker mal-humorado que continua rejeitando seus presentes.”

Os músicos mudam para uma melodia mais lenta, uma peça altamente emocional com um violino na liderança. Todos estão se divertindo muito, mas estou apenas parcialmente consciente das pessoas que se movimentam ao nosso redor. Estou completamente sintonizada com Rafael, enredada nos raios verdes

gêmeos que parecem brilhar através de mim.

“Devo considerar isso um elogio? Ser chamado de fraqueza não parece muito — eu sussurro.

“Depende da sua visão sobre essas coisas.” Sua mão se move ao longo do meu queixo. “Digamos que alguém abra fogo agora. Há uma grande probabilidade de isso acontecer, considerando a quantidade de inimigos que tenho. Se eu estivesse sozinho, simplesmente pegaria minha arma e neutralizaria a ameaça. Se eu tivesse que persegui-lo, eu o faria. Não haveria nada aqui que me distraísse de atingir esse objetivo.

“Mas, já que você me acompanhou aqui esta noite, eu lidaria com esse cenário de forma diferente. Sua segurança está em primeiro lugar. A eliminação dos agressores é fundamental, mas apenas para garantir o seu bem-estar. Ir atrás deles, se isso significar deixá-lo para trás, é menos importante. Ou seja, Vasilisa, você é minha maior prioridade, mas também uma responsabilidade inegável.”

“Então por que você me trouxe, se eu sou um risco tão grande?” Eu engasgo.

Os olhos de Rafael se enrugam nos cantos enquanto um pequeno sorriso surge em seus lábios. Ele se inclina para frente e passa o braço em volta da minha cintura, lentamente me levantando contra ele. Agarro seus ombros para me apoiar, alarmada pelo fato de que ele está suportando todo o meu peso com apenas um braço. Mas Rafael não parece nem um pouco incomodado com isso. Seus olhos nunca se desviam dos meus enquanto ele levanta o copo na outra mão e toma um gole casualmente.

“Porque, acredite ou não”, ele diz enquanto coloca o copo agora vazio na mesa ao lado dele, “eu gosto demais da sua companhia. E senti falta das nossas conversas.

Respiro fundo, incapaz de desviar o olhar de seus olhos. Nossos rostos estão tão próximos que seu hálito quente roça minha pele. Meus lábios. "Você correria o risco de levar um tiro, tudo para poder falar comigo em algum lugar onde eu não pudesse simplesmente ignorar você?"

“Qualquer dia,” Rafael rosna antes de sua boca pousar na minha.

O gosto dele me invade. O fogo se espalha pelas minhas veias, a chama mais consumidora me queimando por dentro. Deus, eu também senti falta dele.

Tentei me distanciar dos pensamentos sobre ele, esperando que fazer tarefas mundanas ajudasse de alguma forma a diminuir os sentimentos perigosos e confusos que vinha desenvolvendo por Rafael. Na última semana, reorganizei seu walk-in doze vezes, simplesmente porque tocar em suas coisas me trouxe conforto. Além do sexo, não nos tocamos em nada. Nada de beijos fora do quarto. Tentei dizer a mim mesma que essa atração que sinto por ele nada mais é do que uma atração sexual. Não é.

E esse beijo prova isso. Quando eu o beijo de volta, a sensação prevalece sobre todo o resto. Senso comum. Autopreservação. Culpa sufocante. Nada importa, exceto ele.

Quando seus lábios deixam os meus, nossos olhos permanecem travados e, de repente, não consigo respirar o suficiente.

“Beijar em público é considerado falta de educação na Sicília?” — pergunto enquanto ele me abaixa de volta ao chão. Um silêncio inesperado desceu sobre a sala. Ninguém está falando. Eles estão todos boquiabertos para nós. “Por que todo mundo está olhando?”

“Eles estão olhando desde o momento em que você entrou na sala. Foi curiosidade e surpresa no início. Agora, tenho quase certeza de que eles simplesmente estão com medo de você.”

Não tenho a chance de perguntar o que diabos ele quer dizer sobre as pessoas terem medo de mim porque meus olhos se fixam na mancha carmesim escura que se espalha pela camisa de Rafael.

"Rafael . . .” Pego a lateral de sua jaqueta e a afasto. Uma grande área do lado esquerdo está encharcada de sangue. "Querido Deus. O que aconteceu?"

“Um pequeno deslize na minha avaliação. Concluí erroneamente que isso não precisará de pontos.” Ele arruma a jaqueta e abotoa-a como se não houvesse nenhum problema. “Guido cuidará de mim quando voltarmos.” Seu tom permanece calmo, mas agora há algo mais girando em suas profundezas verdes. “Em breve deve aparecer um cantor para fazer uma pequena apresentação, e os garçons vão trazer o bolo de cassata. Acho que você vai gostar.

“Não estamos esperando por um maldito bolo enquanto você está sangrando por todo lado!” Eu sussurro-grito.

“É uma especialidade siciliana. Você tem que tentar.

Eu olho para ele em estado de choque. “Você precisa de um médico.”

“Guido pode lidar com isso. Não seria a primeira vez.”

“Eu quis dizer para sua cabeça, *придурок* !”

Os lábios de Rafael se curvam em um sorriso malicioso. “Esse é um apelido russo, vespetta?”

“Significa 'idiota'!” Eu sorrio com desdém, agarro seu braço e o puxo em direção à saída.

Rostos chocados nos encaram enquanto as pessoas se afastam para nos deixar passar. Rafael não parece incomodado pelo fato de eu basicamente estar arrastando ele pelo lobby do hotel. Na verdade, há um leve sorriso em suas feições.

“Acho que isso significa que não vamos ficar para comer bolo?” ele pergunta enquanto saímos.

"Você adivinhou certo."

“Hum-hmm. Acho que você talvez goste de mim, Vasilisa, só um pouquinho. Pular a sobremesa por minha causa? Eu me sinto bastante especial.”

Eca. Este homem . Eu o observo de perto, lançando olhares frequentes para

ele enquanto atravessamos o estacionamento até o SUV de Rafael, procurando por sinais de angústia. Ele parece bem. Isso é normal? Quanto sangue ele já perdeu?

Assim que chegamos ao Maserati de aparência perversa, puxo a lapela de seu paletó. “Curve-se, por favor. Preciso verificar suas pupilas.

Rafael apoia a mão no teto do carro e se inclina para frente até seu rosto pairar bem na frente do meu. Seguro seu queixo com as palmas das mãos e inclino sua cabeça levemente para o lado, em direção à luz do lampião. Meu Deus, os olhos dele são tão lindos. Há um brilho neles que me lembra o vidro marinho que encontrei na costa. Opalescente. E descaradamente focado em mim. E quando ele me olha como estou agora, tenho a impressão de que quer me engolir inteiro. Toda vez, isso me deixa com os joelhos fracos.

“Por que você está verificando minhas pupilas, Vasilisa?” ele pergunta, sua voz rouca.

"Eu não tenho certeza. Os médicos fazem isso nos filmes o tempo todo.” Tiro uma mecha de cabelo de sua testa.

“Um teste de pupila é feito para verificar se há lesão cerebral. Não tem nada a ver com sangramento.

“Bem, estou verificando-os de qualquer maneira. Ficar parado."

Seus olhos parecem normais para mim. Mas sua pele está quente. Toco sua têmpora com a ponta dos dedos e depois sua bochecha com as costas da mão. Porra, não consigo entender. Ficando na ponta dos pés, pressiono meus lábios em sua testa.

Rafael fica rígido como uma tábua, todos os seus músculos rígidos de tensão.

"O que você está fazendo?" ele pergunta. O tom de sua voz é estranho. Posso dizer que ele está desconfortável, mas não tenho ideia do porquê.

“Verificando se há febre.” Reposiciono meus lábios em sua têmpora. Depois, de volta à testa. Não, a temperatura dele parece boa. Por agora. Passo os nós dos dedos por sua bochecha. "Nós deveríamos nos apressar. Você precisa tomar antibióticos.”

Rafael inclina a cabeça para o lado e se abaixa, seus olhos cravados nos meus. “Eu já peguei alguns. Mas se isso deixar você menos preocupado, eu os levarei novamente.”

“Eu não acho que é assim que os remédios funcionam,” eu sufoco, hipnotizada pelo brilho perigoso em seus olhos.

“E eu não esperava que você se preocupasse com meu bem-estar.”

“Claro que estou preocupado! Estamos praticamente no meio do nada. É pelo menos meia hora de viagem de volta à propriedade. Como você vai dirigir nessas condições?

"Qual condição?"

“A condição de você estar sangrando por todo lugar!” Eu grito enquanto as lágrimas se acumulam nos cantos dos meus olhos.

“Meus vasos sanguíneos não estão dirigindo, vespetta.”

Um gemido frustrado sai dos meus lábios. Enxugo as lágrimas com as costas da mão e agarro seu braço, sacudindo-o.

“Como você pode ser tão sereno? Você está ferido! E se você entrar em choque? Ou sangrar? Não sei primeiros socorros, Rafael! E se eu precisar levá-lo ao pronto-socorro e você não responder? Eu nem sei o seu tipo sanguíneo! Ou se você tem alguma alergia a medicamentos. E se-"

A boca de Rafael esmaga a minha. Como sempre, quando ele me beija, esqueço completamente tudo, menos ele.

“Você pode dirigir,” ele murmura em meus lábios. “Ou podemos simplesmente entrar no carro e você pode montar meu pau. Certifique-se de que meu sangue seja redirecionado para outro lugar.”

Mordo seu lábio inferior. Duro. Então, me forço a quebrar o beijo. "Chaves."

Os olhos de Rafael se estreitam em fendas sorridentes enquanto ele tira as chaves do bolso e as coloca na palma da minha mão estendida. Eu me sento no banco do motorista, pegando o volante. Mas ele e os pedais podem estar em um fuso horário diferente.

“Hum. . . Onde está... — começo a perguntar, mas já estou deslizando para frente.

“Aqui,” Rafael diz enquanto segura o botão na borda externa da base do assento. “Não tenho almofadas extras”, continua ele enquanto pressiona outro controle para levantar o assento, “mas vou me certificar de que haja uma no veículo a partir de agora”.

“Almofadas?”

"Sim." Ele dá a volta no carro e entra no lado do passageiro. “Será mais fácil ver por cima do volante com acolchoamento adicional.”

Eu balanço minha cabeça. O Siciliano acabou de me provocar?

“Você tem GPS?” — pergunto enquanto ligo o motor. “Não consigo me orientar nessas malditas estradas de terra sinuosas.”

“Gosto das estradas de terra sinuosas. Uma das principais razões pelas quais adoro a região de Taormina é porque não há muitas rodovias por aqui.”

“O que há de errado com rodovias sólidas e bonitas?”

“Eles estragam a paisagem.”

Eu olho para ele com o canto do olho. "Como você está se sentindo?"

"Estranho."

Os alarmes disparam instantaneamente na minha cabeça. "O que está errado?"

“Nunca deixei ninguém dirigir meu carro antes.”

"Por que não?"

“Como já te disse, não gosto que mexam nas minhas coisas. Isso inclui meus veículos. As minhas roupas." Ele liga o GPS e então encontra meu olhar. “Minha cama.”

Mordendo o lábio inferior, olho rapidamente para a estrada à nossa frente. Estou usando as roupas do Rafael desde que cheguei aqui. Na verdade, ele fez de tudo para que eu não usasse nada *além de* suas roupas durante dias após minha chegada. E eu tenho dormido na cama dele esse tempo todo.

"Por que?" Eu pergunto.

“Porque, há muito tempo, perdi tudo o que tinha e não sobrou nada que fosse meu. Lutei com sangue e suor para possuir cada coisa que tenho agora, mas desisti de uma grande parte da minha alma para fazer isso. A cadência fácil de suas palavras muda e seu tom muda, assumindo um tom agressivo. “Eu não compartilho coisas pelas quais tive que trocar minha alma, Vasilisa.”

“Mas você os compartilhou comigo.”

"Eu fiz." Pés de galinha irradiam dos cantos de seus olhos brincalhões. “Porque você também é meu.”

Essa é uma linha tão chauvinista. Mas em vez de me irritar, sua possessividade envia um calor agradável por todo o meu peito. Suas palavras me deixam derretendo. Deus me ajude. Estou a poucos minutos de me enrolar ao seu lado e ronronar como um gatinho feliz.

“Eu não sou seu,” murmuro e viro para a estrada principal. “A perda de sangue está deixando você delirando.”

"Então, você será." Rafael abre o porta-luvas e tira um maço de cigarros.

"O que diabos há de errado com você?" Eu fico boquiaberta para ele.

"O que?"

“Fumar pode aumentar a chance de você sangrar e também afetar a cicatrização da ferida, é isso.” Arranco o pacote da mão dele e jogo-o pela janela aberta.

“Você percebe que se eu morrer, você estará livre para voltar para casa, não é?” Ele coloca a palma da mão quente na minha coxa, bem sobre a carne exposta pela fenda do meu vestido. “Sabe, posso imaginar vividamente sua linda promessa de onde os cachorros vão me mastigar e cagar meus restos mortais. É provavelmente a ameaça de morte mais intrigante que já recebi.”

Meus dedos apertam o volante e mantenho os olhos firmemente grudados no trecho da estrada além do para-brisa. Ele tem razão. Com ele fora de cena, eu poderia ficar livre. A possibilidade nunca passou pela minha cabeça. Na verdade, a mera noção de algo ruim acontecendo com ele provoca uma sensação de queda na boca do estômago.

Piso mais forte no pedal do acelerador.

Sua mão desliza para a parte interna da minha coxa e depois sobe. “Hum. . . Eu não tinha ideia de que havia tantas vantagens em ser passageiro.”

As pontas dos seus dedos roçam levemente minha boceta coberta de calcinha.

"Rafael." Respiro fundo e estremecendo. "Estou dirigindo."

“E você está fazendo um ótimo trabalho.” Com outro golpe suave, a força de seus dedos se intensifica. “O que você acha do SUV?”

Um tremor percorre minha espinha e quase saio da estrada, chegando perto demais da barreira à beira da estrada. “É como dirigir um tanque. Prefiro carros mais baixos.”

"OK. Vou pedir um conversível esportivo para você.”

“Eu não quero que você me compre um carro! Por favor, retire sua mão.

"Não. Eu não acho que vou.”

Seu toque está ficando mais ousado, a pressão mais firme. Apesar da renda frágil manter o contato pele a pele sob controle, seus dedos hábeis acariciam minhas dobras. A abrasividade do tecido na minha pele sensibilizada só aumenta a minha reação. A tela de navegação mostra que estamos a menos de cinco minutos da propriedade. Mas não vou ficar lúcido por tanto tempo se ele continuar com seus cuidados.

“Vou parar o carro”, ofego.

“E me deixar sangrar até a morte? Estou me sentindo bastante tonto de repente.” Com um movimento rápido, ele empurra a virilha da calcinha para o lado e desliza o dedo dentro de mim. “Você está encharcado, Vasilisa.”

Engasgo com a respiração, quase perdendo o controle do maldito veículo novamente. Seu polegar circunda meu clitóris, o doce tormento me fazendo choramingar. Minhas unhas afundam no couro do volante enquanto eu aperto com mais força. Raios de corrente elétrica percorrem minhas vias nervosas enquanto Rafael continua provocando persistentemente minha carne macia. Um golpe lento para dentro e para fora, seguido de outro mais vigoroso. E então, ele muda o ângulo do pulso e empurra o dedo mais fundo.

“Nós vamos bater.” Meus músculos internos sofrem espasmos. Vou enlouquecer se ele não parar o que está fazendo. Ou talvez se ele fizer isso.

A propriedade aparece no final da estrada. Eu reúno os restos da minha sanidade e compostura, concentrando toda a minha concentração no acessório de ferro enquanto ele desliza muito lentamente para fora do caminho. Nós vamos acertar a coisa estúpida. Toquei a buzina como o lunático que aparentemente sou no momento.

O Maserati passa pela abertura, errando por poucos centímetros tanto a estrutura quanto o chocado guarda de segurança que mantém o portão aberto. Meu núcleo chora com a mais doce agonia enquanto Rafael continua seus golpes implacáveis, puxando o dedo quase completamente para fora, apenas para

empurrá-lo ainda mais para dentro.

Quando chegamos em casa, estou tão fora de mim que mal percebo que pisei no freio. A parada brusca impulsiona meu corpo para frente, me empalando no dedo de Rafael. Estrelas brancas explodem diante dos meus olhos enquanto gozo em sua mão.

O ar escapa dos meus pulmões em baforadas ofegantes. Tudo o que posso fazer é manter o controle do volante enquanto Rafael finalmente libera minha boceta e começa a desabotoar as calças.

“Suas habilidades de direção são excepcionais, vespetta”, diz ele e solta nossos cintos de segurança. “Vamos ver como você se sai com a pilotagem.”

Mãos enormes agarram minha cintura e, num piscar de olhos, me encontro montada nele, com um pau duro provocando minha entrada.

“Você é louco,” eu sufoco enquanto afundo, levando-o para dentro. “Se você sangrar, será tudo culpa sua.”

Olhos cheios de luxúria se estreitam de alegria quando Rafael mergulha em mim por baixo. “Você vai ser a minha morte, Vasilisa. De uma forma ou de outra."

Eu mantenho o pescoço de Rafael enquanto o monto, inclinando meus quadris para que eu possa absorver mais dele. Meu núcleo está tremendo, já estou à beira de gozar novamente. Sua mão esquerda segura meu rosto enquanto ele provoca minha boceta com a outra, aplicando pressão com o polegar no local onde minhas dobras se encontram. Isso está me deixando louco, maluco. Os sons da minha respiração ofegante preenchem o SUV enquanto me perco nos olhos de Rafael. Insanidade. Esta é uma doce loucura da qual nunca quero me recuperar.

O peito de Rafael sobe e desce conforme sua respiração acelera, ficando mais irregular. Vê-lo se desfazendo é uma euforia erótica por si só, mas quando ele me puxa para frente, esmagando sua boca na minha em um beijo selvagem e possessivo, eu me perco completamente. A felicidade orgástica me consome, queimando as últimas partículas das paredes que ergui ao redor do meu coração em uma tentativa fútil de impedir Rafael De Santi de reivindicá-lo.

Capítulo 15



“Por que você está fazendo isso, Vasya, querido?” A voz da minha mãe soa triste e preocupada do outro lado da linha. “Já se passaram quase dois meses. Por favor, volte para casa e resolveremos o problema. Nós sentimos muito sua falta."

Fecho os olhos e me encosto no peito nu de Rafael. Tentamos trabalhar em seu repositório de dados duas vezes esta tarde, mas acabamos na cama nas duas vezes. “Eu também sinto falta de vocês, mãe. Eu estarei em casa em breve."

“Você diz isso toda vez e... Não! Romano! Devolva-me o telefone!

“Vasilisa.” O rosnado baixo e estrondoso do meu pai praticamente explode no alto-falante. “No instante em que eu descobrir onde você está, vou arrastá-la de volta para casa e trancá-la em seu quarto. Para sempre!"

“Claro, pai.” Eu suspiro. “Você pode colocar Yulia no telefone, por favor.”

Ele resmunga alguma coisa em russo e, alguns momentos depois, minha irmã canta. “Ei, Vasya. Como vai você?"

"Estou bem. Como-"

“Papai pediu para Felix rastrear suas ligações”, ela sussurra com urgência. “Ele está fazendo isso há semanas, mas não consegue identificar sua localização. Ouvi vovô dizer ao papai que ele mudará para outro software de rastreamento e...

Eu imediatamente cortei a linha. Quanto tempo conversamos? Rafael disse que seu telefone não pode ser rastreado, mas mesmo assim. . . O pânico toma conta do meu peito e de repente fica difícil respirar.

“Vespetta?” Rafael dá um beijo em meu ombro nu. "Algo está errado?"

Eles fixaram minha localização? A bile sobe pela minha garganta. Meu pai pode estar fora de casa e a caminho da Sicília neste exato momento.

Eu me viro e estou montada no peito de Rafael. Meus olhos encontram e fixam-se em seu olhar enquanto a tempestade que se forma dentro de mim se torna um furacão. Era exatamente isso que eu queria, não é? Para meu pai me encontrar e me levar para casa. Mas a questão é que não quero mais isso.

Eu não quero ir para casa.

Mas também não posso ficar com o homem que não me deixa escolher entre ficar ou ir embora.

“Vasilisa?” Rafael passa as mãos pelos meus cabelos, me puxando para um beijo. "Você pode me dizer o que está acontecendo nessa sua linda cabeça?"

“Meu pai está rastreando as ligações”, murmuro em seus lábios.

“Claro que ele é. Mas ele não será capaz de descobrir onde você está. Ninguém irá."

“E você não vai me deixar sair até eu terminar de consertar seu sistema?”

Ele pega meu lábio inferior entre os dentes e o morde. "Isso mesmo."

Seguro seu rosto com as palmas das mãos e me afasto, quebrando o beijo. — Então pare de instruir seus homens a sabotar o trabalho para o qual você me arrastou até aqui.

Os olhos de Rafael brilham perigosamente. Ele não poderia ter acreditado seriamente que eu não descobriria o que ele estava fazendo. As “interrupções” do sistema que continuam surgindo não podem ser resultado de uma fonte externa. Percebi isso há duas semanas, mas continuei com a farsa porque não queria ir embora. Não queria deixá -*lo* .

“Eu quero que você fique,” ele rosna enquanto passa a mão para minha boceta, me provocando com o dedo.

Eu suspiro. Tudo ainda está macio, mas seu toque é tão bom. Quando ele começa a acariciar meu clitóris com o polegar, sinto que estou ficando molhada instantaneamente. Mordendo o lábio inferior, alargo as pernas para lhe dar mais acesso.

“Você quer que eu fique,” eu sussurro, sustentando seu olhar, “ou você *quer* que eu queira ficar? Essas são duas coisas muito diferentes."

A outra mão de Rafael desliza para a minha nuca, juntando um punhado do meu cabelo enquanto ele empurra outro dedo dentro do meu núcleo trêmulo.

“Ninguém pode lhe oferecer o que eu posso, Vasilisa.” O aperto no meu cabelo aumenta ligeiramente. “Nomeie o que quiser e eu darei a você. Dinheiro. Jóias. Um iate, se você quiser. Tenho dois, mas posso comprar um novo para você. Se você não gosta da Sicília, escolha um lugar e eu arrumo uma casa para você lá. Estará em seu nome. Ele aperta meu clitóris, me fazendo gritar. “Qualquer maldita coisa que você desejar, eu entregarei.”

“Então, qualquer coisa, exceto a liberdade de decidir se quero ficar com você?”

“Você vai querer ficar comigo,” ele rosna enquanto move as mãos sob minha bunda. “Vou me certificar disso.”

Com essas palavras, ele me puxa para frente até que meus quadris pairem logo acima de seu rosto. Seu hálito quente percorre minhas dobras molhadas antes que sua língua deslize entre elas. Um arrepio percorre minha espinha, me fazendo arquear as costas e gemer de prazer. Com os dedos cavando e massageando minhas bochechas arredondadas, Rafael lambe lentamente toda a extensão da minha fenda. Eu seguro a cabeceira da cama como uma tábua de salvação enquanto ele continua a se deliciar com minha boceta. Os sons de grilos e vozes distantes lá fora desaparecem enquanto me perco na sensação de sua boca quente em minhas partes mais íntimas. Nada mais existe exceto Rafael.

Nada mais, neste momento, importa.

Sua língua habilidosa mergulha habilmente, explorando cada curva e fenda, me devastando com precisão magistral e ondas poderosas de prazer que eu não quero que acabem. A sala se torna um borrão nebuloso e meu corpo derrete no esquecimento divino. Cada suspiro meu, cada suspiro se mistura em harmonia com gemidos abafados e lânguidos *mmms* , acompanhados pelo som de seus lábios e pelo giro suave de sua língua.

O roçar de seus dentes em meu feixe de nervos latejante envia um choque por todas as células do meu corpo. A cabeceira da cama balança com meu aperto furioso enquanto eu luto para respirar enquanto ele sela sua boca no meu clitóris e o suga. Meu corpo treme com a intensidade do prazer que ele está me dando, e um grito alto sai de mim quando eu chego ao clímax. , explodindo em um milhão de pequenas partículas.

O ar sai dos meus pulmões em rajadas curtas e trêmulas enquanto tento me recompor. Rafael lambe minha boceta mais uma vez, depois beija minha parte interna da coxa e me abaixa suavemente para sentar em seu peito.

“Vou adorar cada parte do seu corpo assim, Vasilisa. Diariamente. Todas as noites”, ele diz enquanto desliza as mãos pelas minhas costelas e pelos meus seios para envolvê-los em volta do meu pescoço. Com os polegares no meu queixo, ele acaricia meus lábios. “Você vai se tornar tão viciado em meu toque, que apenas a ideia de estar longe de mim se manifestará como dor física.

Ofego enquanto procuro seus olhos, encontrando uma determinação de aço refletida em mim nas rochas verdes e duras. Ele está errado, no entanto. Já estou viciado. E assim como todo viciado, quero mais.

Apenas mais um. Esse se tornou meu mantra. *Só mais um dia com ele e então porei um fim nesse trem maluco. Só mais uma noite em seus braços e então encontrarei uma maneira de ir embora. Só mais um beijo de derreter os ossos. . . Apenas mais um toque abrasador da alma. . . Só mais um momento no céu.*

E lentamente, cada um desses “uns” tornou-se um dois. Então, três. Então, dez. Então, um anseio para sempre.

Mas chegou a hora e este jogo de contagem chegou a um ponto em que não pode mais continuar.

“Vou tomar um banho e depois retomarei meu trabalho.”

“Nós dois sabemos que não há mais necessidade de você trabalhar para mim”, ele late.

“Claro que existe. Terminarei as alterações na configuração hoje e espero que você providencie para que eu volte para casa. Não serei mais mantido prisioneiro aqui.”

“Eu não vejo você acorrentada, Vasilisa.”

“Porque as algemas com as quais você me acorrentou não são tangíveis.”

Os olhos de Rafael escurecem, a agitação gira em suas profundezas. Ele agarra meu queixo, me puxando para mais perto de seu rosto de linhas duras.

“Estou apaixonado por você, Vasilisa.”

Meu coração para de bater. Por um momento fugaz, cada molécula do meu corpo fica completamente imóvel enquanto processo as palavras que ansiava ouvir. Mas não há alegria em ouvir sua declaração. Essa sensação de voar através das nuvens desapareceu completamente porque não consigo acreditar que o que ele disse seja verdade. Ele pode ter uma maneira estranha de demonstrar isso, mas acho que sente algo por mim. Só tenho medo que não seja amor.

O amor é a mais pura das emoções. Não é egoísmo. Não propriedade. O que ele sente é uma obsessão por alguém que não caiu facilmente em suas mãos. Vai passar, será substituído por algo novo. E no final, isso nem importará. Nada vai mudar para mim. Exceto pela presença de um medo paralisante. Eu me apaixonei por um homem que não é capaz de me amar de volta? Um homem que fará qualquer coisa para me manter com ele. Qualquer coisa, exceto me deixar ir.

“Não posso mais fazer isso, Rafael.” Pressiono minhas palmas trêmulas em seu rosto e me inclino para acariciar meus lábios sobre os dele. "Nós tinhamos um acordo. Se você não cumprir sua parte do acordo, reterei a minha e encontrarei uma maneira de ir embora.



O medo explode dentro de mim. O pânico surge no meu peito, espalhando-se por todo o meu corpo. Não sei o que devo fazer para que ela queira ficar. Eu nunca machucaria seus pais ou irmãos, mas a ameaça às suas vidas é a única vantagem que tenho. E se ela conseguir encontrar uma maneira de fugir? Envolvo meus braços em volta da cintura dela e nos rolo até ficar por cima.

“Eu juro que vou matá-los,” eu rosno, vendo seus olhos se arregalarem em alarme. “Se você se atrever a fugir de mim, Vasilisa, vou destruir sua família e farei você assistir.”

Uma sombra passa por seu rosto, transformando sua expressão chocada em angústia.

“Mova-se”, ela sussurra.

"Não."

“Tire suas mãos de mim!” Ela envolve os dedos em volta da minha garganta, apertando. “Ou vou te sufocar até a morte.”

Instantaneamente, meu pau se assemelha a uma barra de aço. Sempre me excita quando ela fica selvagem. "Eu te amo! Você não consegue entender

isso?!”

“E ainda assim, você continua me machucando todos os dias, me fazendo escolher entre você e minha família.”

Cerro os dentes com tanta força que meus músculos faciais fodidos doem. “Você vai ficar. E se você vai me odiar, que assim seja.”

Vasilisa empurra meus peitorais com as palmas das mãos. Eu a deixo sair debaixo de mim e a sigo com os olhos enquanto ela sai da cama. Enxugando os olhos com as costas da mão, ela caminha até o banheiro, mas para na soleira.

“Você não me ama, Rafael. Você nem sabe o significado da palavra.” Sua voz é apenas um sussurro, mas cada partícula sonora perfura meu peito como uma lâmina em chamas. “A única coisa que você sabe é como comprar coisas. E quando o seu dinheiro não tem poder, você simplesmente pega.”

Um clique suave ressoa quando ela entra no banheiro. Sento-me imóvel na cama com o cheiro do nosso amor no ar, envolvendo-me em seu abraço enquanto tudo que posso fazer é olhar para a porta fechada. Uma fungada silenciosa vem do outro lado. Eu fiz a mulher que amo chorar. Essa constatação me esmaga como um bloco de concreto de dez toneladas. O desespero toma conta de mim enquanto atravesso a sala e pressiono a testa na superfície de madeira.

Eu nunca faria isso. Nunca prejudicaria sua família, mesmo que de alguma forma ela encontrasse uma maneira de fugir, quebrando nosso acordo. O amor dela por eles devia ser ilimitado se ela estivesse disposta a passar todo esse tempo com um monstro como eu para garantir a segurança deles. Como seria se ela *me amasse* assim? Para ela *querer* ficar comigo? Não porque isso manteria sua família segura. Não porque eu possa fazê-la derreter de prazer com o meu toque. Eu quero que ela fique por *minha causa* . Quero que ela me ame por causa de quem eu sou. Não pelo que posso dar a ela. E o que eu fiz? Coagiu-a e tentou comprar-lhe o amor.

Meu lírio do vale está certo.

Eu preciso deixá-la ir. Devolva-a para onde ela pertence.

De volta a todos aqueles homens bonitos e perfeitos que fazem parte do mundo dela.

Recolhendo minhas roupas espalhadas pelo chão, saio do quarto. No final do corredor, uma das empregadas está tirando o pó de uma luminária e cantarolando uma melodia baixinho. Quando ela me vê me aproximando, um grito estrangulado sai de seus lábios. Suas bochechas ficam vermelhas e ela se esforça para olhar para qualquer lugar que não seja meu corpo nu.

Continuo pelo corredor, provocando mais alguns gritos de espanto de outros funcionários que me veem passar em meu estupor recém-descoberto.

“Raff?” A voz de Guido vem da escada. “Que diabos—”

"Agora não." Entro no quarto de hóspedes, indo para o banheiro.

“Imagino que o momento pode não ser o melhor, mas é urgente.”

"Eu disse, agora não!" Bato a porta do banheiro.

Ajustando a água para um calor escaldante, entro no chuveiro e pressiono as palmas das mãos na parede de azulejos.

“Acabei de descobrir que Calogero comprou várias propriedades a sudoeste de Messina”, a voz abafada de Guido entra pela porta.

Respiro fundo e fecho os olhos. Água escaldante bate na minha cabeça e nas costas, mas não tira a raiva e a miséria que apodrecem dentro de mim.

“Raff?” Batidas fortes na porta. "Você ouviu o que eu disse?"

"Sim."

Inclino a cabeça para cima, deixando o spray atingir meu rosto. Maldito Calogero. Não consigo me importar com o que aquele filho da puta está fazendo. Agora não. Ele pode comprar cada centímetro de terra na Sicília, pelo que me importa.

"E? O que você irá fazer sobre isso?"

Fechando a torneira, saio do chuveiro e agarro a borda da pia. Já era hora de lidar com a questão de Calogero, mas eu não estava disposto a arriscar um confronto aberto com Vasilisa em minha casa. Acho que não preciso mais me preocupar com isso desde que ela está indo embora. A menos que . . . a menos que ela decida voltar.

O espelho acima da pia está completamente embaçado, borrando meu reflexo. Limpo a condensação com a palma da mão e olho para o rosto monstruoso olhando para mim. Sim, como se uma beleza como Vasilisa escolhesse passar a vida com uma fera como eu.

Colocando todas as minhas forças nisso, bati no espelho com o punho. Ele se quebra em pedaços irregulares. O sangue jorra dos nós dos meus dedos rachados, o vermelho pingando nos fragmentos reflexivos, escorrendo nas rachaduras e bordas dos restos abaixo. Isso me lembra de mim mesmo, aquele maldito espelho quebrado. Uma infinidade de fragmentos bagunçados, assim como minha alma atualmente estilhaçada. E todo aquele vermelho – as lágrimas do meu coração sangrando.

Tiro a toalha do cabide e abro a porta do banheiro.

“Reúna vinte homens”, digo enquanto enrolo a toalha na cintura. “Quero todos armados e prontos para partir em trinta minutos.”

"Ir aonde?"

“Para queimar cada maldito prédio que aquele bastardo comprou.”

"Agora? No meio do dia? Por que não esperar até o anoitecer?

“Porque se eu não destruir alguma coisa agora mesmo, vou matar o primeiro idiota que cruzar meu caminho!” Eu rosno. “Isso é motivo suficiente para você?”

“Bastante sólido. Eu irei reunir nossos homens.”

* * *

Acendo um cigarro e aceno para Otto, que está orientando os homens com galões de gasolina. “Fique longe das árvores, não quero que elas sejam danificadas.”

“Claro, chefe.” Ele retribui o aceno e segue em direção ao topo de uma colina onde a moderna villa térrea é cercada por um pomar muito mais antigo, mas bem cuidado, com árvores carregadas de frutas.

“Acho que você deveria reconsiderar”, diz Guido ao meu lado. “Queimar as propriedades de Calogero em nosso território é uma coisa, mas esta é uma questão completamente diferente.”

"Eu sei." Dou uma longa tragada no cigarro e olho para a luxuosa mansão. É o refúgio favorito do meu padrinho. Ele gosta de trazer seus parceiros de negócios para que possam desfrutar das belas paisagens da parte ocidental da Sicília enquanto tomam bebidas no espaçoso terraço sombreado.

Foi também onde ele fez seus votos quando se tornou don. Hoje cedo, quando incendiei os dois armazéns que ele comprou nos arredores de Messina, isso foi uma afirmação simples. Mas isso? Esta é uma declaração de guerra.

“Não há como voltar atrás depois disso, Rafael. Você sabe disso, certo?

"Sim."

“E o que vamos fazer com os homens dele?”

Olho para os quatro homens ajoelhados perto da estufa, com as mãos amarradas nas costas. Os bastardos conseguiram atirar em um dos meus homens enquanto invadimos o lugar. Enfio a mão na jaqueta, tiro a arma e miro no primeiro idiota da fila. O som da minha 9mm divide o ar.

Os outros três homens olham para o corpo estendido diante deles e depois começam a se mexer, tentando ficar de pé. Eu mando mais duas balas voando. Um atinge o alvo na cabeça, o outro no pescoço. O último dos homens de Calogero conseguiu ficar de pé, cambaleando, mas agora ele está ali parado, olhando para seus companheiros mortos.

Guardo minha arma no coldre e atravesso o gramado. Com minha visão periférica, vejo Otto na frente da casa principal, fazendo sinal para meus homens saírem. Ele está segurando um coquetel molotov na mão. Paro na frente do capanga sobrevivente de Calogero e o fixo com o olhar. "Inversão de marcha."

O homem engole e segue a ordem. Suas mãos amarradas tremem nas costas.

“Você vai entregar uma mensagem ao seu don.” Cortei o zíper em seus pulsos.

Por alguns instantes, ele permanece enraizado no lugar, de costas para mim, e então dá uma olhada por cima do ombro. “Qual é a mensagem?”

“Todo mundo limpo!” A voz de Otto troveja na entrada, seguida pelo som de vidro quebrando.

Chamas alaranjadas rapidamente engolfam o interior da casa, subindo pelas paredes para o exterior e lambendo os postes do terraço. A fumaça escura sobe ao céu, assustando um bando de pássaros no pomar. Em massa, eles levantam voo, seus gritos frenéticos se misturam ao som da madeira crepitando.

“Essa é a mensagem.” Aceno com a cabeça em direção ao prédio em chamas, depois me viro e vou em direção ao meu SUV, onde Guido está encostado na churrasqueira, observando o fogo intenso.

"O que agora?" ele pergunta quando eu me aproximo.

“Revogue todas as equipes de nossas bases europeias. Precisaremos de mão de obra.

"Já fiz. Eles estarão aqui pela manhã.

"Bom. Mande-os para todos os lugares onde Calogero possa nos atacar. Ele precisará de alguns dias para se reagrupar antes de agir, então temos um breve período de tempo para nos prepararmos.” Eu fico atrás do volante e pego meu telefone. “E aumente a segurança da casa. Tenho que passar por Catânia e levarei algumas horas até chegar em casa.

"Deixe-me adivinhar. Outra visita àquele joalheiro?

"Talvez."

“Você acabou de começar a maldita guerra, mas em vez de me ajudar a coordenar nossos homens e fazer planos, você está indo comprar bugigangas para sua princesa russa?”

"Exatamente." Acelerei.

*** * ***

Todas as luzes, exceto duas luminárias no patamar, estão apagadas, envolvendo o corredor na escuridão enquanto caminho em direção ao meu quarto. Paro em frente à porta e escuto, mas não consigo ouvir nada. Sem fazer barulho, viro a maçaneta e deslizo para dentro.

A luminária de leitura acima da cabeceira está acesa, iluminando a cama. A cama bem arrumada e vazia. Vasilisa está no sofá perto da lareira. Dormindo.

Deixo a bolsa dourada na mesa de cabeceira e me agacho ao lado da minha bela adormecida, observando o rosto de Vasilisa. Seus olhos estão um pouco inchados e há alguns lenços de papel amassados no chão. Ela está chorando. Um nó se forma no meu estômago. Estendendo a mão, passo os nós dos dedos ao longo de sua bochecha macia, depois deslizo meus braços por baixo dela e a carrego para a cama.

Depois de colocá-la para dormir, vou até o closet e começo a recolher as roupas de Vasilisa. Ela ficará furiosa comigo pela manhã, mas isso não importa. Quero vê-la vestindo apenas minha camisa novamente.

Provavelmente será a última vez.

Capítulo 16



Ele esteve aqui ontem à noite. Eu sei disso no instante em que abro os olhos e me encontro na cama, em vez de no sofá.

Eu não conseguia dormir na mesma cama onde ele me dava o mais magnífico prazer, apenas para depois me esmagar com suas ameaças. O outro lado da cama está vazio, mas quando me viro e enterro o nariz no travesseiro, o cheiro dele está presente. O impulso de abraçar aquele travesseiro contra o peito é forte, mas, ao mesmo tempo, quero despedaçar aquela maldita coisa.

"Vou trancar a porta hoje à noite", murmuro com uma suavidade suave, depois salto da cama e começo a puxar loucamente os lençóis e as fronhas. Depois que tudo que contém seu cheiro for removido, vou para o banheiro para tomar um banho. Um pé acima da soleira, paro bruscamente. Os produtos bem alinhados – xampu, gel de banho, desodorante – zombam de mim na prateleira ao lado da banheira. Todos eles são dele. Quer eu queira ou não, estarei coberto pelo cheiro dele.

Bem, não está acontecendo.

Pego o sabonete em barra do prato ao lado da pia na penteadeira e entro na banheira. É o único limpador que não contribui para seu perfume viril, então acabo lavando todo o corpo, inclusive o cabelo, com ele.

Vinte minutos depois, quando saio do banheiro cheirando a talco de bebê e com o cabelo bagunçado (lavar com sabonete não foi uma boa ideia), noto o saco de papel dourado de aparência requintada colocado na mesa de centro. Com passos lentos, me aproximo do sofá e me sento, olhando para a oferenda, sentindo-me derrotada. Ele me comprou um presente. De novo.

Puxo a bolsa em minha direção e tiro duas caixas de veludo. O maior contém uma pulseira de tênis em ouro branco adornada com dezenas de diamantes tão perfeitamente transparentes que refletem a luz como pequenos espelhos. Um pequeno pingente incrustado de diamantes está pendurado no deslumbrante conjunto alternado de pedras preciosas da deslumbrante faixa. A forma é do lírio do vale. Olho para o meu peito, onde o pingente idêntico repousa sobre meu decote. É o único presente do Rafael que guardei e uso.

Meus olhos ardem. Pressiono meus dedos na ponta do nariz e respiro fundo antes de abrir a segunda caixa. Contém um conjunto de brincos combinando. Esta não é uma compra aleatória, mas um símbolo atencioso que um homem daria a uma mulher que ama. Eu me esforço para engolir o nó que está alojado na minha garganta. Como ele pode? Você não ameaça matar a família de alguém que você ama. E você não mantém seu ente querido em cativeiro.

Com cuidado, coloco as joias de volta na bolsa, enxugo as lágrimas dos olhos e vou até o closet. As luzes do teto se acendem quando deslizo a porta, iluminando as fileiras de prateleiras vazias na parede esquerda onde minhas roupas estavam. Faço um movimento de três e sessenta, olhando em volta, confuso. Os ternos, camisas e tudo mais de Rafael ainda estão lá. Mas, além da calcinha e das meias, e do cardigã branco fofo, todo o resto meu se foi!

“Aquele idiota,” eu respondo e pego sua camisa. Mas então, mudo de ideia.

Ele quer jogar sujo?

Comece o jogo.

*** * ***

“Que manhã linda”, digo enquanto entro na cozinha, indo direto para o fogão onde Irma está cozinhando ovos mexidos. “Posso comer um pouco daquele queijo de cabra como acompanhamento também?”

"Sim . . . é claro”, ela murmura, com os olhos arregalados enquanto observa minha roupa.

"Obrigado." Sorrio e me sento em frente a Guido na mesa de café da manhã na altura do balcão. Suas sobrancelhas estão na altura do cabelo enquanto ele olha para mim e faz uma ótima imitação de um peixe lutando para respirar.

“Estamos implementando um novo código de vestimenta por aqui?” ele pergunta.

"Não tão longe quanto o que sei." Pego a jarra de café e me sirvo de uma xícara. "Por que você pergunta?"

“Ontem me deparei com o Rafael invadindo a casa com seu terno de aniversário. Ele traumatizou todas as funcionárias. E agora . . . você." Ele aponta sua xícara em minha direção.

“Seu irmão confiscou minhas roupas. De novo." Dou de ombros e tomo um longo gole. “Tive que trabalhar com o que tinha disponível. Não é como se eu estivesse nu.”

"Eu peço desculpa mas não concordo." Ele balança a cabeça. “Vou dizer a Irma para fechar as cortinas.”

"Por que?"

“Porque os jardineiros estão olhando para você boquiabertos e salivando. Eles podem acabar cortando os dedos em vez dos galhos da roseira.”

“Eu prefiro luz natural.”

Guido coloca o café na mesa e se levanta. "Estou fora. Não quero estar por perto quando Rafael te ver e perder a cabeça.

“E por que Rafael perderia a cabeça?” Uma voz profunda vem de algum lugar atrás de mim.

“Porra”, Guido murmura.

Pego uma faca e começo a espalhar manteiga no bagel que peguei na travessa sobre a mesa.

“Bom dia, Rafael,” eu digo como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo e lentamente giro na minha cadeira.

Ele fica parado na porta da cozinha, absolutamente imóvel, por um momento dolorosamente prolongado. A única parte dele que não está imóvel são os olhos. Eles estão examinando meu corpo, parando no sutiã rendado transparente que não esconde basicamente nada, depois continuam descendo pela minha barriga exposta até o pequeno triângulo da calcinha branca combinando. Coloquei meu cardigã fofo, mas optei por deixá-lo totalmente desabotoado.

"Todo mundo. Fora,” Rafael diz em um tom abafado enquanto seus olhos voltam para meus seios. "CERTO. A PORRA. AGORA!" ele ruge com sua próxima respiração.

“Mas ainda não terminei meu café da manhã.” Eu pisco para ele inocentemente.

Seu rosto é uma máscara de pura raiva quando ele atravessa a distância e para bem na minha frente.

“Guido”, ele rosna entre dentes, mas seu olhar furioso está focado em mim. “Se sobrar um único homem nesta casa nos próximos dez segundos, vou estripá-lo imediatamente. Isso inclui você. SAIA DA PORRA!”

Dou uma mordida no meu bagel e vejo Irma e Guido passarem correndo por Rafael. Eles fecham apressadamente a porta lateral da cozinha seguindo sua saída, mas não suprime os gritos frenéticos e sons de comoção em outras partes da casa.

Rafael se inclina para frente e agarra a mesa de cada lado de mim, prendendo-me com seu corpo e braços enormes. Ele parece tão chateado que eu não ficaria surpreso em ver fogo saindo de suas narinas a qualquer momento. "O que. Que merda. Você esta fazendo?"

“Isso foi tudo o que restou do meu lado do armário. E não vou usar suas roupas novamente.”

"Você irá." Ele fica na minha cara. "Mesmo que eu tenha que carregar você para cima e colocar uma de minhas camisas em você à força."

Levanto minha mão e pressiono a ponta da faca sob seu queixo. “Sinta-se à vontade para tentar. E veja o que acontece.

Inspirando profundamente e com esforço óbvio, Rafael estreita os olhos para mim, depois agarra minha nuca e bate sua boca na minha. Mal tenho tempo de largar a faca, e ela cai no chão de madeira com um barulho retumbante.

“Eu poderia ter cortado você, seu idiota,” murmuro em seus lábios enquanto retribuo o beijo com igual vigor.

“Não seria a primeira vez.”

Envolvo meus braços em volta de seu pescoço, puxando-o com mais força contra mim, e coloco meus pés atrás de suas costas. Sua dureza pressiona meu núcleo e a umidade encharca minha calcinha fina. Meu Deus, estou com tanta raiva desse homem, mas ainda anseio veementemente por ele dentro de mim. Ele pode ser um idiota cruel, mas sou completamente louca por ele.

Eu desenho seu lábio inferior entre os dentes, mordendo-o. Ele me morde de volta. Sua mão direita flexiona minha nuca enquanto a esquerda desliza ao longo da parte interna da minha coxa até a renda que cobre minha boceta.

“Você está encharcado, Vasilisa,” Rafael rosna, empurrando a renda para o lado e arrastando o dedo pelas minhas dobras.

Tremores atormentam meu corpo pela necessidade crua que ouço em seu tom.

“Vou lamber até a última gota do seu doce néctar.” Ele me agarra pela bunda e me deposita em cima da mesa. "Certo, porra agora."

Estou tremendo quando me inclino para trás e me deito na superfície fria onde os pratos e xícaras ainda estão espalhados. Estendo a mão para a borda, mas minha mão prende em alguma coisa, e o item infeliz cai no chão. Rafael levanta meu pé direito e pressiona os lábios na parte interna do meu tornozelo, depois lentamente trilha beijos pela minha perna. Quando sua boca alcança minha boceta, ele pressiona seu rosto contra ela e inala.

“Porra do céu,” ele murmura enquanto respira meu cheiro mais uma vez.

Envolvendo os dedos em volta do meu tornozelo, ele coloca meu pé em seu ombro e depois muda sua atenção para a outra perna.

Tornozelo.

Parte interna da coxa.

Bichano.

Ele cobre cada centímetro da minha pele com beijos lentos e fortes antes de colocar meu pé sobre seu ombro. Com um grunhido baixo e gutural, ele rasga minha calcinha ao meio e a renda delicada cai.

Já estou meio morta quando ele enterra o rosto entre minhas pernas. Meus lábios se abrem enquanto eu me esforço para respirar mais, tremendo a cada golpe de sua língua.

Lânguido. Metódico. Ele *tem* a intenção de lamber até a última gota. Meu núcleo está tremendo com a necessidade de mais. Agarro seu cabelo, puxando sua cabeça para mim enquanto subo a crescente onda de prazer. Seus lábios se fecham em volta do meu clitóris, sugando-o em sua boca. Eu grito. Minha liberação é iminente, posso sentir, mas o toque de Rafael desaparece de repente.

"Mais!" Eu choro.

“Vou te dar mais, vespetta.” Uma carícia quase imperceptível com dedos quentes na entrada do meu núcleo latejante. “Mas só se você prometer vestir

minha camisa depois.”

Abro os olhos para encontrar Rafael parado entre minhas pernas enquanto ele continua provocando minha boceta, com um sorriso de satisfação no rosto.

“Não,” eu ofego.

"Você tem certeza?" Ele leva a mão à boca e lambe meus sucos brilhantes de seus dedos enquanto olha descaradamente nos meus olhos.

Meu núcleo se aperta com uma dor desesperada por ele, mas mantenho minha boca fechada.

“Não acho que levaria mais de dez segundos para você gozar neste ponto.” Como que para consolidar essa afirmação, ele coloca o polegar sobre meu clitóris, aplicando a menor pressão.

Arqueio as costas e estremeço em resposta.

"Ver?" Ele desliza apenas a ponta do dedo dentro de mim, me fazendo choramingar.

O sorriso em seu rosto se torna diabólico. Com movimentos deliberadamente lentos, ele abre o zíper da calça e libera seu enorme pau.

“Venha aqui,” ele diz enquanto desliza as mãos sob minha bunda e me puxa em sua direção.

Envolvo meus braços em volta de seu pescoço e olho em seus olhos. Eles estão presos nos meus como ímãs enquanto ele dá um passo para a esquerda e encosta minhas costas na geladeira. A cabeça de seu pau roça minha boceta chorosa, aumentando ainda mais minha frustração. Estou perdendo minha sanidade por causa desse homem.

Ele desliza seu pau em meu canal, não mais do que um centímetro, e para. “Então, temos um acordo?”

“Maldito seja,” eu gemo. "Sim, vou usar a porra da sua camisa."

Seu pau mergulha dentro de mim com tanta força que eu engasgo com a respiração e me despedaço em infinitos pedacinhos.

*** * ***

O vapor satura o ar ao subir da enorme banheira, embaçando o espelho do banheiro e a janela. Fecho os olhos e apoio o queixo nos joelhos enquanto Rafael acaricia minhas costas, desenhando padrões aleatórios ao longo da minha coluna.

“Você tem migalhas de pão no cabelo.”

"Hmm, deve ser porque você escolheu me deitar na mesa como uma pasta de café da manhã enquanto fodia minha boceta com a boca."

“Não me lembro de você reclamando na época.” Ele pega uma das minhas madeixas emaranhadas entre os dedos. “Por que seu cabelo cheira a talco de bebê?”

“É o sabonete. Eu não queria cheirar como você.

Seus braços envolvem minha cintura, me puxando para seu peito. No momento seguinte, ele se inclina para trás, submergindo-nos completamente.

Cuspo a água da boca depois que ele nos permite subir à superfície e murmurar: — Acho que isso significa que você não é fã da minha nova fragrância.

"Você está certo."

Atrás de mim, ouço o som distinto de um frasco sendo aberto, e então suas mãos estão em meu cabelo, massageando meu couro cabeludo, enquanto o cheiro de seu xampu me envolve.

“Isso não muda nada entre nós, Rafael”, sussurro.

"Eu sei."

Ele liga o chuveiro e começa a enxaguar meu cabelo. Inclino a cabeça e fecho os olhos enquanto ele passa os dedos pelos meus fios, seus cuidados são incrivelmente gentis. Apreciando. Macio. A dor no meu peito é insuportável. Não posso deixar esse homem ter meu coração. Mesmo que eu queira. Eu quero tanto. Mas temo que ele esmague tão terrivelmente aquele músculo frágil que no final não sobrará nada dele.

“Você venceu, vespetta.”

“Ganhar o quê?”

Um beijo pousa em meu ombro. "Você está indo para casa."

O ar fica preso na minha garganta. Lentamente, me viro e encontro seu olhar. “Você vai me levar para Chicago?”

"Sim." Ele inclina a cabeça para o lado. “Achei que você ficaria em êxtase.”

"Eu sou. É apenas . . .” Eu olho para ele confusa. “Ontem à noite, você ameaçou exterminar minha família. Este é mais um dos seus jogos?

"Não. Você estará em casa dentro de quarenta e oito horas.

Eu rio e pulo nele, espalhando água por todo o banheiro.

“Precisamos inventar alguma história para meu pai”, digo em seus lábios entre beijos. “Não acho que ele ficaria feliz por eu ter sido sequestrado.”

“Tenho certeza que ele não estará.”

“Vamos pensar em algo. Mal posso esperar para você conhecer minha irmã. Yulia é a única pessoa normal da nossa família.” Eu beijo seu queixo. “Deus, espero que Sergei não esteja lá quando chegarmos. Não quero chocar você imediatamente.

“Poucas coisas podem me chocar, Vasilisa. E eu já conheci seu tio.

Eu me inclino para trás. "O que? Quando?"

“Estamos no mesmo ramo de negócios, então nossos caminhos se cruzaram mais de uma vez. Ele realmente é outra coisa.”

"Ele é." Eu sorrio. “A maioria das pessoas não entende o tio Sergei, mas a verdade é que ele é apenas um grande golden retriever.”

“Um golden retriever treinado militarmente, com gatilho e seriamente perturbado.”

“Acho que isso o resume muito bem.” Deslizo a palma da mão pelo peito de Rafael e envolvo meus dedos em torno de seu pênis. É duro como uma rocha. Arqueio uma sobrancelha. "De novo? Acabamos de fazer sexo. Duas vezes."

“Você está deitado em cima de mim, nu. O que você espera? Ele pega minha cintura e me desliza para baixo em seu comprimento rígido.

Estar na água torna surreal a sensação dele deslizando para dentro de mim. Assim como na primeira vez que fizemos amor.

“Gostaria que tivéssemos tempo para sair no seu barco novamente. Para aquele lugar do Kraken,” eu ofego enquanto monto nele.

Os cantos dos lábios de Rafael se inclinam para cima, mas o sorriso não chega aos olhos. Eles parecem . . . triste, por algum motivo. “Você ainda não está preocupado com as criaturas aquáticas?”

Envolvo meus braços em volta de seu pescoço e bato minha boca na dele. "Bem, sim. Mas você me salvaria, não é?

"Sempre. De qualquer coisa — Rafael murmura enquanto se choca contra mim por baixo. “Eu incluído.”

Não tenho chance de perguntar o que ele quer dizer com isso porque, de repente, ele está se chocando contra mim como se algo o tivesse possuído. Normalmente, seus movimentos iniciais são lentos e suaves até que eu me ajuste ao seu tamanho, mas não agora. Eu gosto disso.

Ele vai mais fundo a cada impulso, me enchendo completamente, me fazendo ofegar pela próxima respiração. Seus músculos estão duros sob minhas palmas, tensos de tensão. Ele é tão maior que eu que me faz sentir protegida, mesmo sem qualquer tipo de ameaça por perto.

Mesmo que eu não precise de sua proteção.

Estranho como nunca me senti ameaçada por ele. Nem mesmo no começo.

Agarro-me ao pescoço de Rafael enquanto ele bombeia em mim, olhando em seus olhos sensuais.

“Hoje, você não vai usar nada além da minha camisa,” ele grunhe enquanto continua batendo em mim incansavelmente, me trazendo mais perto do limite cada vez que ele atinge meu ponto G.

Apesar da banheira ser enorme, não creio que fosse para ser usada assim. Ele oscila para a esquerda e para a direita devido ao nosso ritmo frenético, a água transbordando da borda e inundando os ladrilhos.

“Você entende, Vasilisa?”

"Sim!"

O ar me escapa em bufos curtos e trêmulos enquanto minha boceta tem espasmos ao redor de seu pau. Minha mente está toda piegas. Perdido. Inexistente. Outro golpe poderoso e estou destruído. Jogando a cabeça para trás, grito de prazer, no momento em que o rugido de Rafael troveja pela sala e nós dois mergulhamos em êxtase.

*** * ***

“Cinza ou preto?” Levanto dois cabides na minha frente.

"Cinza." Rafael aponta para a camisa em minha mão esquerda. É o que usei quando ele me levou para fazer compras no Albini's. Seu favorito.

“Posso usar roupa íntima por baixo? Você disse apenas camisa.

“Você pode ficar sem. Bani todos os homens para além dos muros da casa.” Ele abre a gaveta da mesinha de cabeceira e começa a tirar as caixas de joias de veludo. Um minuto depois, ele se aproxima, segurando o colar de diamantes cinza e ouro. "Você vai usar isso para mim hoje?"

Eu sorrio e me viro em direção ao espelho.

Rafael vem por trás de mim e afasta meu cabelo. "Como você conseguiu isso?" Ele pergunta enquanto coloca o colar em volta do meu pescoço.

"O que?"

“Esta pequena cicatriz aqui.” Seu dedo roça a pele abaixo da minha omoplata.

Demoro alguns momentos para perceber do que ele está falando. “Na verdade não me lembro. Eu só sei o que mamãe me contou.

"O que aconteceu?"

“Eu estava em um shopping com ela e papai. Mamãe ia comprar um vestido para algum evento. Aparentemente, me afastei deles e corri em direção à joalheria porque gostava de olhar as rosas de cristal e outras coisas brilhantes na vitrine.”

O dedo de Rafael ainda está nas minhas costas.

“Houve algum tipo de explosão. Dentro da loja”, continuo. “Um cara me agarrou pouco antes de acontecer. Ele salvou minha vida."

"Quantos anos você tinha?" Rafael pergunta enquanto volta a acariciar minha pele. Sua voz soa estranha. Tenso de alguma forma.

“Eu tinha três anos. E nunca descobrimos o que aconteceu ao homem que me salvou. Papai disse que tentou encontrá-lo quando as coisas se acalmou, mas não teve sorte. O cara foi levado para um hospital diferente daquele onde fomos parar e depois simplesmente desapareceu. A única coisa que papai sabia sobre o homem era que ele era albanês.”

"Oh?" Rafael pressiona os lábios logo acima da marca e continua

acariciando minha cicatriz.

“Sim, ele tinha uma tatuagem albanesa. Papai reconheceu isso. Eu me viro para encará-lo. O cabelo de Rafael está molhado e algumas mechas escuras caíram para frente. Estendo a mão para movê-los de volta, mas meus dedos gravitam em seu rosto, traçando os contornos rígidos de suas feições. “Eu gostaria de saber quem ele era, você sabe,” eu digo em um sussurro.

Os olhos de Rafael se enrugam levemente nos cantos. "Por que?"

“Eu devo minha vida a ele. De onde eu venho, é a dívida final.” Eu sorrio. “Você, entre todas as pessoas, deveria entender a importância das dívidas, Rafael.”

Ele se inclina e passa os nós dos dedos no meu queixo.

“Foi apenas um destino. Tempo certo. Lugar certo. Seu albanês provavelmente se esqueceu disso há muito tempo. Você não está em dívida com ele. Seus dedos agarram meu queixo, inclinando minha cabeça para um beijo. “Você se machucou em outro lugar?”

"Não. Só aquele corte. Todo mundo disse que foi um milagre.”

"Bom." Ele balança a cabeça e me puxa para mais perto. “Que tal eu trabalhar para gerar outra ‘reação física normal’ em você agora?”



“São duas da manhã, porra”, Guido resmunga enquanto se senta na cadeira ao lado da minha. “Achei que você estava lá em cima.”

“Não consigo dormir.” Meus olhos estão fixos no horizonte escuro enquanto tomo um gole de meu vinho.

“Bem, você deveria tentar, porque podemos não ter a chance nos próximos dias. Recebi a notícia de que Calogero está mobilizando secretamente seus homens. Inclinando-se para frente, ele apoia os cotovelos nos joelhos e solta um suspiro pesado. “Eu esperava que não chegasse a esse ponto.”

“Sabíamos que Calogero retaliaria depois que destruímos seus investimentos. Ele tentará nos atingir sem que o resto da Família descubra. Dez homens, quinze no máximo, que manterão a boca fechada.

"Você vai matá-lo?"

"Sim."

“Outros membros da Cosa Nostra vão executar você, Rafael. Você não pode matar a porra de um don e sair impune!

“Tenho quase certeza de que já fiz isso.”

“Isso foi diferente! Ninguém além de Calogero sabia que foi você quem executou Mancuso.

“Lealdade e respeito são os pilares fundamentais do credo da Cosa Nostra, Guido. Se um membro vai contra sua palavra, ele perde prestígio e, com isso, o respeito que possui. Mas se for o Don quem quebrar a sua palavra, isso afetará toda a Família. O dano à sua reputação é absoluto. Entrei em contato com o velho Biaggi anteriormente e expressei minha profunda preocupação sobre como a Família pode ver seu líder depois de descobrir que ele quebrou a palavra que me deu. Chegámos à conclusão de que seria benéfico para todos – para mim e para a Cosa Nostra siciliana – evitar que essa vergonha chegasse à luz do dia.”

"O que isso significa?"

“Isso significa que se eu decidir aliviar a existência do Don, a Família irá olhar para o outro lado. Então, veja, qualquer problema pode ser resolvido, se você souber quais botões apertar.”

“Ele é nosso padrinho, Rafael.”

“E essa é a única razão pela qual o deixei viver tanto tempo”, respondo e bebo o resto do meu vinho. “Mas ele usou todo o seu crédito.”

"Rafael-"

"Eu o chamei. Mais ou menos um mês depois de chegarmos aos Estados Unidos. Liguei para o nosso querido cumpari e implorei-lhe que o colocasse sob sua proteção. Encontro o olhar chocado de Guido. "Ele recusou."

"Porque você fez isso?"

"Porque eu estava com medo de que você morresse de fome se ficasse comigo."

“Eu não sabia que era tão ruim.”

"Era. Mas consegui encontrar uma maneira de nos tirar dessa situação.”

“Jurando fidelidade ao clã albanês. Você fez isso por minha causa.

Coloco o copo sobre a mesa e olho para o par de adagas cruzadas com uma cobra enrolada nas lâminas pintadas na parte interna do meu antebraço esquerdo. Mais imagens cercam a tatuagem, então ela não é tão proeminente como antes. Ainda assim, alguém que percorreu os caminhos mais sombrios da vida saberá o que isso representa.

“Por que você não o removeu?” — pergunta Guido, olhando para a marca da gangue albanesa em meu braço.

“Agora está no passado”, digo, examinando o desenho pintado. Eu poderia ter encoberto tudo, mas não tenho vergonha de nada que fiz para poder alimentar meu irmão.

Recosto-me na cadeira e fixo o olhar nos distantes barcos de pesca espalhados pelo mar. “Vou ligar para Roman Petrov e dizer que estou com a filha dele.”

"O que?!" Guido salta da cadeira. — Você está maluco?

"Não. Vou mandar Vasilisa de volta aos Estados Unidos."

"Por que? Não me entenda mal, fui contra essa sua ideia maluca desde o início, mas...

"Estou apaixonado por ela, Guido."

Ele fica boquiaberto para mim. "E você está deixando ela ir? Isso não faz sentido."

"Você sabe . . . quando eu era criança, adorava brincar atrás da casa da mamãe, tentando pegar borboletas. Havia um almirante branco do sul que estava sempre esvoaçando em torno das rosas. Tentei capturá-lo durante dias, absolutamente fixado naquela coitada porque queria tê-lo para mim. Passei horas ao lado de um arbusto de flores espinhosas, fazendo o que pude para prender a criatura, mas ela sempre escapava. Até que um dia finalmente peguei. Coloquei em um pote de marmelada e coloquei no meu quarto, ao lado da cama."

"Um filho da puta determinado, mesmo assim." Guido bufa.

"Ele morreu no dia seguinte. Talvez eu tenha apertado demais quando o peguei, ou ele simplesmente não conseguia viver na porra de uma jarra. Quando fui atrás da casa procurar outro, não havia nenhum. Nunca mais vi outro almirante lá." Inclino minha cabeça para o céu e fecho os olhos. "Vasilisa me lembra aquela borboleta. Não posso forçá-la a ficar comigo. Achei que poderia, mas não seria certo. Ela vai voltar para Chicago amanhã à noite.

"Amanhã?"

"Com Calogero planejando retaliação neste momento, não posso arriscar colocar sua vida em perigo. Quase a matei uma vez. Não haverá uma segunda vez."

"Que diabos você está falando?"

"Você acredita em destino, Guido?"

"Destino? Como uma merda que estava destinada a acontecer? Ele levanta uma sobrancelha. "Claro que não. É apenas bobagem para idiotas supersticiosos."

"Talvez. Talvez não. Lembra-se do meu último trabalho para os albaneses?

"Como se eu pudesse esquecer. Eles me disseram que você provavelmente não sobreviveria. Aquele açougueiro para onde te levaram mal conseguiu te costurar. Espero que aquele garoto tenha sobrevivido, porque você quase morreu bancando o herói."

"Ela sobreviveu." Eu concordo. "Ela está dormindo lá em cima na minha cama."

O rosto do meu irmão empalidece. Ele cai na espreguiçadeira, olhando para mim em estado de choque. "Isso é . . . não é possivel."

"Sim. O destino tem um estranho senso de humor."

“Vasilisa sabe?”

"Não."

“Você deveria contar a ela. Você salvou a vida dela. Quase morri por causa dela. Use todos os meios à sua disposição para mantê-la. Mesmo Petrov não se oporia ao seu relacionamento. Você sabe como os russos levam a sério uma dívida vitalícia.”

“E ela está ligada a mim por causa de algum senso de obrigação?”

“Por que isso importaria? Você a ama. E você quer que ela fique com você.

“Achei que você não gostasse do meu pequeno hacker.”

Guido desvia o olhar. “A maneira como você tem agido desde que ela chegou aqui. . . Fazer com que ela use suas roupas, contratar o pessoal, deixar malditos bilhetes de amor para ela por toda a casa...

“Desenhos”, aponto. “Não são notas de amor.”

"Por favor. Não me lembro de ter visto você segurando a porra de uma caneta na última década. E você teve seu assistente reservando 'encontros' com seus encontros por mais tempo do que isso.

Eu sorrio. “Talvez sejam bilhetes de amor, afinal.”

"E essa!" Ele aponta o dedo para mim. “Esse sorriso idiota. Você anda usando um há semanas. Nossos homens ficaram assustados, pensando Deus sabe o quê.

"Por que?"

“Porque você tem exatamente duas expressões faciais, Rafael: agitado e furioso. Você nunca sorri.

"Pessoas mudam."

"Sim." Ele suspira e olha para o horizonte. “Sempre fomos só você e eu contra o mundo. Fiquei chateado com ela porque tinha medo que ela te matasse. Eu ainda estou. Petrov vai ficar louco se você contar a ele que está mantendo a filha dele como refém.

"Provavelmente. Tenho certeza de que ele enviará alguém para colocar uma bala entre meus olhos assim que descobrir. Só espero que não seja Belov.”

"Sim. Vasilisa nunca perdoaria você por matar seu precioso tio lunático.

"Eu sei."

“Não a deixe ir, Rafael. Faça ela ficar. Ofereça-lhe algo em troca.

“Infelizmente, algumas coisas só podem ser alcançadas de graça.” Eu me levanto e olho para meu irmão. “Estou deixando ela ir porque ela precisa fazer sua própria escolha. Talvez ela decida voltar para mim. Talvez não. Mas mesmo que ela não volte, ela sempre será minha e de mais ninguém. Eu vou me certificar disso.”

Capítulo 17



“Eu simplesmente *amei* como isso deixa o sabor do limão menos azedo”, digo antes de lamber o sal da minha mão e tomar a dose de tequila, em seguida, levo a fatia de frutas cítricas à boca e chupo.

O brilho da luz azul no centro da mesa reflete nos olhos de Rafael enquanto ele encara os meus, fazendo parecer que suas íris estão pegando fogo. Ele levanta o copo de uísque e toma um pequeno gole. Ele ainda está trabalhando em sua primeira bebida, enquanto eu já bebi pelo menos quatro. Ou talvez fossem cinco?

Rafael disse que o avião para Chicago está programado para partir em algumas horas, então não sei por que ele insistiu para irmos a este clube esta noite. Mas não estou reclamando. A música é incrível e as bebidas são ainda mais incríveis. Fiquei muito nervoso o dia todo, quebrando a cabeça em busca de possíveis histórias que poderíamos contar ao meu pai sobre minha ausência. A tequila me permitiu pensar em opções que eu não havia considerado antes, e isso me faz pensar que definitivamente podemos conseguir isso.

Também está me fazendo desejar que todas essas pessoas ao nosso redor não estivessem aqui. Eu me inclino e sinto o cheiro profundo de Rafael. Deus, ele é tão gostoso.

“Você deveria experimentar com uma laranja”, diz ele, chamando um garçom com a mão. “Isso traz um sabor ligeiramente diferente.”

"Você sabe . . . se eu não soubesse, pensaria que você está tentando me embebedar. Eu sorrio e agarro um punhado de sua camisa sobre o peito porque a sala começou a girar. Os clubes podem girar?

“E por que eu faria isso, vespetta?” O braço de Rafael envolve minhas costas, me puxando para mais perto.

Ele abaixa a cabeça e olha diretamente nos meus olhos enquanto fala em italiano com o garçom que nos abordou. Me sentindo mais firme, solto a camisa de Rafael, mas coloco as palmas das mãos em seu peito. Ainda preciso desse contato para me ancorar. O calor de seu corpo penetra através do tecido macio de sua camisa cinza grafite, e me parece que ele não está usando seu colete e paletó habituais por cima. Com os dois primeiros botões da camisa desabotoados e sem gravata, este é o homem mais casualmente vestido que já o vi em público.

"Eu não faço ideia. Mas acho que você é. Um bufo me escapa. “Você está planejando que eu faça um ato obscuro por você novamente e precisa de mim intoxicado para que isso aconteça?”

"Talvez."

“Eu faria isso, você sabe. Mesmo sóbrio, eu faria. Eu enviaria todos os malditos contêineres de todos os navios-tanque do mundo para a China se você me pedisse. Isso criaria um desastre marítimo internacional, mas eu faria isso. Para você."

Rafael apenas fica me observando. Por que seus olhos estão tristes de novo? Ele está preocupado com o que meu pai poderá fazer com ele quando chegarmos a Chicago? Ele não deveria estar. Não vou contar a verdade ao papai. Diremos a ele que Rafael e eu nos conhecemos por acaso. E depois que eu admitir para o papai que estou apaixonada, ele vai entender.

O garçom retorna e coloca uma nova dose de tequila com uma fatia de laranja em nossa mesa. Olhando fixamente nos olhos de Rafael, pego o copo e tomo de volta o líquido que queima a garganta.

“Você esqueceu a laranja”, diz ele, levando a fatia de frutas cítricas à minha boca.

Meus lábios se fecham no pedaço de laranja e sugam o suco picante da casca. “Você estava certo. Tem um gosto melhor.

Os olhos de Rafael brilham. A fruta desaparece da minha boca, sendo substituída por seus lábios e língua duros. Eles pegam. Marca. Consuma-me.

Ficando na ponta dos pés, enterro as mãos em seu cabelo, puxando os fios escuros. Uma mistura de sabores explode em minhas papilas gustativas. Sal. Ele. Seu uísque. Ele. Laranja. Ele. Ele. Ele.

Sinto um leve aperto na minha cintura quando ele me levanta e me deposita na banqueta, tudo isso sem quebrar o nosso beijo. Sua palma áspera desliza ao longo da parte interna da minha coxa, rumo a lugares mais altos. Eu engancho minha perna atrás da dele. Minha cabeça parece confusa, como se eu estivesse flutuando, mas não tenho certeza se é por causa do álcool correndo solto em minhas veias ou porque os dedos de Rafael estão deslizando sob minha calcinha.

“Você é minha, Vasilisa,” ele rosna em minha boca. “Você sempre será meu, não importa o que você decida.”

Decidir? Decidir o quê? A capacidade de formar um pensamento coerente desaparece quando seus dedos empurram dentro de mim, fazendo aqueles truques diabólicos que me fazem esquecer que o mundo exterior existe. Seu polegar se move sobre meu clitóris em círculos lentos e constantes, enquanto dois de seus dedos acariciam minhas paredes em espasmo. Dentro e fora. Gentil. Pressão enlouquecedoramente suave.

Meu corpo treme, os tremores se intensificando a cada golpe, me empurrando para mais perto do esquecimento. Sua outra mão segura suavemente meu queixo, apertando levemente de vez em quando enquanto ele destrói meus lábios. A miríade de sensações é avassaladora. Eu gemo enquanto me perco em êxtase.

Mais. Afundo minhas unhas na pele de sua nuca. Eu preciso de mais. E ele

parece saber disso. Rafael pressiona o polegar no meu clitóris e enrola os dedos para cima, dentro do meu canal. E eu . . . explodir. Vindo por toda a sua mão magistral.

“Vou sentir falta disso, vespetta.” A voz rouca perto do meu ouvido parece distante de alguma forma.

Tudo parece estar girando ao meu redor. Envolvo meus braços em volta do pescoço de Rafael, deixando meu corpo cair sobre o dele. Uma bela sensação de leveza me envolve enquanto ele me pega e me carrega. Para onde vamos, não sei. Eu não ligo. Contanto que eu esteja com ele. Mas as luzes machucam meus olhos, então enterro meu rosto na curva de seu pescoço. Música e vozes ficando distantes.

“ *Sei pronto?* ”A voz de Guido. Eu não sabia que ele estava aqui.

“ *Sim. Iniziamo* ”, responde Rafael, depois abaixa a cabeça até que sua boca roça minha orelha. “Tenho que assinar alguns documentos enquanto estamos aqui. Não vai demorar muito.”

“Tudo bem”, murmuro.

Passos no chão de madeira ecoam ao nosso redor enquanto Rafael se dirige para a porta no final do corredor estreito. Guido mantém-na aberta, permitindo-nos passar. A sala em que entramos cheira a papel velho e cigarro. Vários homens já estão lá dentro, parados com expressões no rosto que não consigo entender. No meio da sala há uma escrivaninha, e um homem mais velho, de terno marrom, está sentado atrás dela, com um enorme e grosso livro vermelho aberto à sua frente.

Ainda comigo em seus braços, Rafael se senta em uma das cadeiras vazias diante da mesa, certificando-se de que estou confortavelmente sentada em seu colo. A sala fica em silêncio e então o velho à nossa frente começa a falar. Sua voz suave e as melódicas palavras italianas me acalmam naquele vazio tranquilo onde a realidade e a terra dos sonhos se misturam, fazendo-me sentir como se estivesse flutuando em correntes de ar quente.

Caramba, eu deveria ter parado depois daquela segunda dose de tequila. Vou desmaiar no meio da reunião do Rafael. E se eu babar? O homem continua falando, mas agora parece estar à deriva, muito, muito longe. Estou tão fora de mim que, por um momento, pensei que ele tivesse dito meu nome. Isso não faz sentido, no entanto. Eu não o conheço. Eu me aconchego mais perto de Rafael, acariciando seu pescoço e inalando seu cheiro.

“Vespetta.” A respiração de Rafael sopra em meus ouvidos. “Eu preciso que você diga *sim* .”

“Sim”, murmuro.

Minhas pálpebras estão tão pesadas. A fala continua. Depois, ouve-se um barulho e um farfalhar conforme as pessoas se aproximam da mesa. Eles parecem estar assinando alguma coisa. Deve ser um contrato muito importante, já que há muitos deles aqui. Rafael me segura com mais força quando ele pega a caneta de Guido e se inclina para frente, rabiscando algo no grosso livro

vermelho.

“Preciso da sua assinatura aqui.” Rafael coloca a caneta na minha mão, mas ela escorrega dos meus dedos e cai no chão.

“Você quer que eu assine?” Abro os olhos para uma sala embaçada. "Por que?"

“Para confirmar que você esteve presente na assinatura do contrato. É tradição.” Ele me entrega a caneta novamente e puxa o livro para mais perto. "Apenas aqui."

“Você tem tradições estranhas.” Dou uma risadinha e, colocando a esferográfica na linha no final da página onde Rafael aponta o dedo, assino meu nome. “Vou receber uma parte de qualquer acordo que você acabou de fazer?”

"Sim." Seus lábios estão nos meus agora. Degustação. Reivindicando.

Deixo-me encantar por sua boca enquanto minha consciência se esvai. A última coisa que ouço são as palavras italianas mais vigorosas do velho. Ele provavelmente está nos repreendendo por nos beijarmos no meio de uma reunião de negócios.

“ *Vi dichiaro marito e moglie.* ”



Luzes brilhantes flanqueiam a pista. Meu avião está pronto para decolar, aguardando a chegada dos passageiros. Guido para o carro a poucos metros do jato e desliga a ignição.

“Raff. Estava aqui."

Eu varro o cabelo que caiu sobre o rosto de Vasilisa, acariciando levemente sua bochecha macia com os nós dos dedos no processo. Ela parece tão jovem quando dorme. "Eu estou ciente."

“Quando você vai voltar?”

“Eu não vou com ela, Guido.”

"Mas eu pensei . . . Por que?"

“Eu disse a ela que a amo, mas ela não acreditou em mim. Ela disse que não sei o que realmente significa amar alguém. E ela estava certa. Tentei fazer com que ela ficasse comigo comprando presentes para ela. E emitindo ameaças. Vou deixá-la ir, para que ela possa decidir por si mesma.” Abro a porta do carro e saio com Vasilisa seguramente embalada em meus braços. “Tire sua bolsa do porta-malas e se apresse.”

"Minha bolsa?"

“Com uma muda de roupa. Você está entrando naquele avião para garantir que minha esposa chegue em segurança à casa da família dela.

"Eu não estou indo a lugar nenhum. Calogero retaliará nas próximas vinte e quatro horas. Você precisa de mim."

"Eu sei. E eu cuidarei dele. Sozinho."

“Que porra você vai! Ele tem mais de dez homens em sua equipe de segurança pessoal!”

"Fechar. Seu. Boca. Porque se você acordar Vasilisa, eu vou estrangulá-la,” eu zombo entre dentes. “O acordo que fiz com Biaggi inclui uma garantia de ausência de testemunhas. Eu mesmo vou derrubar Calogero.”

“Raff—”

“Esta discussão acabou.”

Parada ao pé da escada, a comissária de bordo aperta as laterais do blazer contra o peito enquanto me observa me aproximar. Subo os degraus, Guido me segue logo atrás. Dentro da cabine, coloco cuidadosamente minha preciosa carga no sofá de couro bege. Vasilisa se mexe, seus olhos brilhando um pouco.

“Estamos em casa?”

Eu me agacho ao lado dela e passo as costas da mão em seu queixo. "Breve."

“Tudo bem”, ela murmura.

Seus olhos se fecham. Nunca imaginei que abrir mão de algo pudesse doer tanto.

Garras afiadas estão cortando meu peito, tentando arrancar a porra do meu coração. Enfio a mão no bolso e tiro o anel que coloquei lá antes. É um dos meus. Apenas uma faixa sólida de prata simples, que não vale praticamente nada. Pedi ao joalheiro que redimensionasse para caber em seu dedo delicado. Ele tentou me convencer de que seria muito pequeno, como se eu não conhecesse cada centímetro da minha esposa. Pegando sua mão direita na minha, deslizo a pulseira em seu dedo anelar. Os russos tradicionalmente usam alianças de casamento na mão direita e quero honrar esse costume. O anel é um ajuste perfeito.

“ *Farei qualsiasi cosa per te, vespetta* ”, sussurro enquanto me inclino em direção a ela e beijo seus lábios entreabertos. “ *Perfino lasciarti andare* .”

Os lábios de Vasilisa se abrem em um sorriso leve e sonolento antes de ela se virar, enfiando o rosto nas almofadas macias do sofá. Tiro minha jaqueta e a cubro com ela. Depois de uma última olhada, me endireito e corro em direção à saída da aeronave, sentindo como se cada passo estivesse destruindo meu interior.

*** * ***

A janela da videoconferência aparece na tela do meu laptop, mostrando Roman Petrov sentado à mesa de seu escritório.

"Rafael. Faz algum tempo. A que devo o prazer da sua ligação?

“Meu avião pousará em um campo de aviação particular nos arredores de Chicago em dez horas. Vou te enviar a localização exata. Você quer estar lá quando chegar.

"Por que é que?"

“Sua filha está a bordo.”

Petrov salta da cadeira, seu rosto chocado se aproximando da câmera. “O que minha filhinha está fazendo no seu avião?!” ele rosna.

"Ela está bem. Não se preocupe."

" *Você* a levou." Um rosnado baixo vem de Roman.

"Sim. Eu fiz. Suas habilidades em TI são extraordinárias. Mandei trazê-la para a Sicília para concluir um trabalho para mim. Está tudo resolvido, então mandei-a de volta para casa.”

“Se você tocou em um único fio de cabelo da cabeça dela, Rafael,” ele diz com uma voz rouca, “eu vou arrasar aquela maldita ilha inteira dentro de vinte e quatro horas! Nunca, porra, nunca se atreva a olhar a foto dela, seu filho da puta.

Eu sorrio. “Vejo de onde Vasilisa tira sua veia poética.”

"Fazer. Não. Use o nome da minha filha, filho da puta!” Ele agarra a tela, sacudindo-a. “Você é um homem morto!” ele brada.

Eu o vejo levantar uma arma em direção à câmera. Uma fração de segundo depois, o estrondo de um tiro explode e o vídeo fica preto. Um sinal inequívoco de que nossa reunião terminou: Roman atirou no laptop, mirando na minha cabeça.

Agarrando a borda da minha mesa, olho para o fundo branco da minha tela. Faz menos de uma hora desde que coloquei Vasilisa naquele avião e já estou me sentindo parcialmente morto por dentro. O que acontecerá amanhã, quando ela voltar a Chicago com a família?

Ela vai se esquecer de mim? Será que ela esquecerá o homem tolo que a ama o suficiente para deixá-la ir, sabendo que isso provavelmente o matará? Saber que a chance dela voltar para ele é nula?

Um rugido estridente sai da minha garganta. Deslizo meu braço pela mesa, fazendo meu laptop e outras coisas voarem. Isso não alivia a desesperança e a miséria que estão me sufocando.

Quanto tempo vai demorar até que ela me ligue para dizer que nunca mais vai voltar?

Uma semana?

Um mês?

Eu vou morrer neste maldito limbo de não saber.

Pegando meu telefone, mando uma mensagem para Guido e, em seguida, outra mensagem com instruções adicionais para meu piloto.



O estrondo baixo penetra minha consciência, aumentando a dor em minha cabeça. Minha garganta está seca como se eu tivesse engolido bolas de algodão. O cheiro de couro invade meus sentidos, e tem mais. Cipreste, com um toque de raspas de laranja.

"Rafael?" Eu murmuro. "Que horas são?"

“Quase cinco da manhã”, responde a voz de Guido.

Sento-me lentamente, abrindo os olhos, e observo o interior do avião. "O que está acontecendo?"

“Você deveria colocar o cinto de segurança. Estaremos pousando em breve.”

"Pousar?" Fixo os olhos em Guido, que está sentado no sofá à minha frente. "Onde?"

"Chicago."

A confusão me atinge e depois se transforma em excitação. Vou ver minha família novamente! Felicidade. Alívio.

“Onde está Rafael?” Eu pergunto, olhando em volta.

“Ele ficou na Sicília.”

Pop.

Minha alegria explode e caio direto em um poço de pavor. "Por que?"

“Você ficava pedindo a ele para mandar você para casa. Então ele fez isso. Não era isso que você queria? Ele coloca minha mochila velha no meu colo. “Suas identidades e outras coisas pessoais estão lá dentro. Programei os números do Rafael e dos meus no seu telefone. Agora, aperte o cinto de segurança. Estamos descendo.”

Minhas mãos tremem quando pego a mochila e a movo para o lugar ao meu lado. Parece muito mais pesado do que eu me lembro. Olho pela ampla janela elíptica para as luzes da cidade brilhando lindamente e aumentando a cada segundo que passa. Mais perto de casa. Mais longe de Rafael.

Estou voltando. Sozinho.

Ele me mandou de volta.

Nenhuma explicação. Não, adeus. Acabou de me largar no avião dele, como se eu fosse um pacote indesejado.

Enxugo os olhos enquanto uma risada histérica me escapa. Há poucos meses eu chorei assim porque ele não me deixou ir para casa. E agora . . . Agora estou chorando porque ele fez isso.

Quando pousamos, minhas lágrimas secaram, mas ainda estou destruído por dentro. Pego minha mochila do assento (é definitivamente mais pesada do que deveria) e sigo pelo corredor em direção à saída. Meus pés parecem feitos de chumbo, cada passo mais lento que o anterior.

“Cuidado com o pé, senhorita”, diz a comissária de bordo quando chego à porta.

Três pessoas estão paradas na beira da pista, suas formas iluminadas pelas luzes de solo. Reconheço imediatamente a forma formidável do meu pai. Meu irmão, apenas alguns centímetros mais baixo, está à esquerda. E minha mãe, parada entre eles. Ela parece bastante engraçada, ladeada por duas montanhas humanas quase rebocadas para os lados dela. Desço correndo as escadas e atravesso a pista, caindo em seus braços.

"Mãe!" Eu grito e envolvo meus braços em volta do pescoço dela, apertando-a contra mim.

“Vasya, querido.” Meu pai tira o cabelo do meu rosto. "Você está bem? O que aquele bastardo fez com você?

"Estou bem." Solto mamãe e, um segundo depois, acabo enrolada no abraço de urso de papai. "Eu senti tanto sua falta."

*** * ***

"Aqui." Papai coloca um tablet na minha frente na ilha da cozinha. A tela exibe um mapa. “Aponte para a localização do covil daquele filho da puta.”

"Por que?"

"Porque eu disse. Agora, Vasilisa.”

"Romano." Minha mãe lhe lança um olhar de advertência enquanto me passa uma xícara de chá. "Agora não."

“Aquele bastardo manteve nossa filha prisioneira por dois meses, malysh! Não vou esperar mais um segundo. Onde ele está, Vasilisa?”

Pressiono as palmas das mãos sobre os olhos. Não deveria ter acontecido assim. O plano era eu e o Rafael enfrentarmos minha família juntos. Com uma história de capa feliz de como nos conhecemos. Não esperava que Rafael contasse ao meu pai que me sequestrou. Com meu pai pensando o pior, como posso explicar para ele que estou apaixonada por Rafael? Papai nunca acreditaria em mim. E isso só tornaria toda a situação muito pior.

“Eu te disse, eu não era um prisioneiro”, digo. "Nós tinhamos um acordo. Fiz o trabalho para o qual ele me contratou e ele me mandou de volta quando terminei.”

"Realmente? Que tipo de trabalho aquele idiota precisava que você fizesse?

“Isso dizia respeito à empresa dele. Não posso divulgar os detalhes.”

“Por que você mentiu para mim então, hmm? E por que você não me conta a localização dele?

“Porque eu conheço você, pai. Não se atreva a mandar ninguém fazer algo com Rafael.”

"Por que? Rafael De Santi é um assassino de primeira linha, Vasilisa.”

"Eu sei."

Ele se inclina para frente, seu rosto ficando no mesmo nível do meu. “Ele tocou em você? Aquele filho da puta colocou as patas sujas na minha garotinha? Sua voz é pouco mais que um sussurro. Eu conheço esse tom. Isso significa que ele está furioso.

Eu engulo e me forço a manter seu olhar. Contar a verdade a ele agora está fora de questão. Conheço meu pai muito bem. Se ele suspeitar que houve algo entre mim e Rafael, ele vai matá-lo.

“Ele era um cavalheiro perfeito.” Coloco as palmas das mãos na bancada. Imediatamente, minha mente é inundada com imagens de Rafael comendo vorazmente minha boceta em uma ilha de cozinha de aparência semelhante.

“De quem você está vestindo a jaqueta, Vasilisa?” a voz do meu irmão ressoa do outro lado da cozinha.

Olho por cima do ombro e encontro Alexei encostado na geladeira, com os braços cruzados sobre o peito. Ele está fora dessa conversa, então esqueci completamente que ele está aqui. O pânico sobe na boca do meu estômago. Antes de ele ir para a faculdade, éramos inseparáveis. Mas com visitas muito curtas durante o verão e as férias, sem mencionar as exigências do meu pai sobre o tempo do meu irmão quando ele está aqui, nós meio que nos distanciamos. Alexei, no entanto, sempre foi a pessoa mais perspicaz que conheço. E ele sabe todas as minhas informações.

“É do Rafael,” eu sufoco.

“Hum-hmm.” Ele se afasta da geladeira e se aproxima de mim com passos lentos e deliberados. “Vou subir e pegar um suéter para você. Você pode tirar isso. Vou jogar no lixo.”

"Não!" Eu estalo e puxo a jaqueta mais apertada em volta de mim. “Não se atreva a tocá-lo!”

Os olhos de Alexei se estreitam e ele olha para nosso pai. "Ela está mentindo."

"Eu não estou mentindo! Estou cansado e só quero dormir. Podemos continuar este interrogatório mais tarde, por favor?

Meu pai segura a borda do balcão, flexionando os dedos repetidamente. Então, ele respira fundo. E outro.

"Claro Baby." Ele me puxa para ele e beija o topo da minha cabeça. "Tudo vai ficar bem. Descanse um pouco."

Com um toque suave na minha bochecha, ele se vira e sai da cozinha, sua bengala estalando no chão de ladrilhos. Alexei segue atrás dele.

“Vou fazer algo para você comer”, diz mamãe enquanto tira um prato do armário. “Vou levar para cima.”

“Obrigado,” murmuro.

Saindo da cozinha, noto a luz no final do longo corredor – a porta do escritório do meu pai foi deixada entreaberta. Ele está falando com alguém em voz baixa. O que quer que ele esteja dizendo está em russo, e não consigo entender muita coisa por causa de suas palavras rápidas. Não sou muito bom com a linguagem do papai. Eu me saio bem, mas apenas em conversas em que os interlocutores não falam muito rápido. E neste momento, o meu pai não está a controlar-se para meu benefício.

“Vou para a cama”, digo, parando na entrada dos domínios de papai.

Ele balança a cabeça, o telefone ainda pressionado no ouvido. "OK, bebê."

"Você vai ficar acordado?"

"Poderia muito bem. Eu tenho alguns . . . negócios para discutir com Sergei.”

“Diga a ele que passarei por aqui em breve.”

"Claro. Durma bem." Seu tom de voz quando fala comigo é caloroso, mas no instante em que viro as costas e papai volta à conversa com seu irmão, suas palavras são duras e misturadas com raiva. Tio Sergei deve ter feito merda. De novo. Muito ruim desta vez, pelo que parece.

No andar de cima, entro no quarto de Yulia e vou na ponta dos pés até a cabeceira dela. Depois de beijar sua bochecha, vou para o meu quarto, que fica ao lado do da minha irmã, e me jogo na beira da cama. Meus olhos vagam pelas paredes e móveis familiares, mas tudo parece surreal. Olho para a janela que dá para o quintal. Os primeiros raios do sol estão rompendo as nuvens. Se eu estivesse na Sicília agora, estaria ouvindo os grilos aperfeiçoando seu canto. E eu estaria deitada ao lado de Rafael, com o rosto enterrado em seu pescoço. Mergulho a cabeça, pressionando o nariz na lapela do paletó dele. Ainda cheira a ele.

Tirando minha mochila do ombro, coloco-a na cama ao meu lado e abro o zíper do compartimento principal. Mais de uma dúzia de caixas de veludo de vários tamanhos estão dentro. Lágrimas se acumulam nos cantos dos meus olhos enquanto retiro os pacotes, um por um. Não admira que a maldita mochila fosse tão pesada. Rafael me mandou para casa com vários quilos de joias. E . . . Minha mão envolve um objeto liso em forma de sino no fundo da bolsa. Um único figo.

Eu o retiro com cuidado, mas não posso salvá-lo. Quase totalmente esmagado por todas aquelas caixas de joias que ele empilhou em cima. Meu telefone antigo também está embaixo do saque, totalmente carregado.

Desbloqueio a tela e encontro o nome de Rafael na lista de contatos. Meu dedo treme um pouco enquanto paira sobre o botão de chamada. Deslizo para a direita e pressiono o telefone no ouvido.

“Vespetta”, sua voz rouca responde imediatamente. "Está tudo bem?"

"Sim. Aterrissamos há algumas horas.

"Eu sei. Guido me contou.

Respiro fundo e encosto a nuca na parede atrás de mim. “Por que você não estava no avião comigo?”

“Eu nunca disse que seria. Você fez essa suposição sozinho”, diz ele. “Você gostou do anel?”

Meus olhos se dirigem para a faixa simples e grossa. Uma grande mudança estética em relação aos presentes anteriores. “Um presente de despedida?”

“Bem, isso depende de você.” Segue-se uma pequena pausa. “É um dos meus”, ele continua depois de respirar. “Se você não gostar, eu devolvo e compro algo mais bonito para você. Se você decidir voltar.

"Bem desse jeito? Você me largou no avião, enquanto eu estava inconsciente! Você me mandou para casa sem nem mesmo um adeus. E se eu decidir ficar aqui? E então? Por que você fez isso?"

Nada além de silêncio do outro lado da linha.

“Por que, Rafael?”

“Porque, se eu tivesse esperado você acordar, se eu tivesse segurado você em meus braços nem por mais um segundo, eu nunca teria deixado você ir embora, Vasilisa! Eu teria encontrado uma maneira de manter você comigo. Eu teria mentido e vomitado ameaças vazias contra sua família! É a única coisa que já influenciou você.”

“Nunca lhe ocorreu que eu poderia querer ficar com você? Que você não precisava das malditas ameaças? Enterro meu rosto na mão. “Meu Deus, Rafael.”

“Não me diga 'Jesus, Rafael', Vasilisa. Eu não estou delirando. Por que diabos você iria querer estar com alguém como eu? Eu esperava que comprar coisas bonitas para você ajudasse de alguma forma a diminuir a feiúra a que você estava exposto enquanto estava ao meu lado. Para de alguma forma diminuir a horribilidade de acordar com uma maldita fera em sua cama todas as manhãs. Era a única maneira de superar todos os outros homens perfeitos que tirariam você de mim. Então sim, você está certo. Eu pressionei você para ficar porque tinha medo de que, se pudesse escolher, você nunca me escolheria.

Um estrondo alto, algo grande e pesado, soa pelo alto-falante do meu telefone.

“Então eu fiz isso. Mantive você enjaulado. Você – a coisa mais preciosa do meu mundo. E não importava nem um pouco que fosse tudo porque estou apaixonado por você. Eu te machuquei, manipulei tudo para fazer você ficar.

Vou ter que conviver com isso. Terei que continuar empurrando o ar através dos meus pulmões enquanto a verdade me dá um soco no estômago todos os dias. Porque eu te amo, quer você acredite em mim ou não, e percebi que prefiro deixar você ir do que forçá-lo a ficar comigo quando não é o que você quer.

Mais sons de estrondo passam pela linha, como se ele estivesse demolindo tudo ao seu redor.

“Você disse que quer liberdade para tomar sua decisão, vespetta. Eu simplesmente concedi isso a você. Então escolha”, ele rosna. “Meu avião ainda está no mesmo campo de aviação onde pousou. Esperando Por Você. Você tem até as sete da noite de amanhã para tomar sua decisão. Se você não estiver a bordo até lá, ele partirá sem você. E vou considerar isso como sua resposta.”

Ele desliga a ligação.

Minha visão fica embaçada com lágrimas não derramadas. Jogo o telefone na cama e corro para o banheiro para não acordar Yulia. Sentado na tampa fechada do vaso sanitário, pressiono a mão sobre a boca para evitar que os gemidos escapem. Deus! Achei que todas aquelas malditas joias que ele estava me dando não passavam de uma maneira de exibir sua riqueza. Uma tática para mostrar o quanto ele é “melhor” que todos os outros. Nunca me ocorreu que ele realmente se considerasse deficiente. Como se ele não fosse bom o suficiente. Como pude ser tão cego e não perceber isso?

Engulo a bile que ameaça me sufocar e me entrego às lágrimas feias. Eles queimam como ácido em meu rosto enquanto meu coração parece estar sendo espremido dentro do meu peito.

Ele me ama.

Ele me quer.

Por que não vi sua dor?

Eu nunca o vi como outra coisa senão lindo de morrer. Essa é minha única justificativa para estar tão alheio às inseguranças dele. E ele desligou na minha cara antes que eu tivesse a chance de dizer isso a ele. Para dizer a ele que também estou apaixonada por ele.

E que estou voltando.

“Vasya?” A voz da minha mãe vem de dentro do meu quarto. "Onde você está? Eu pensei que você...” Suas palavras são interrompidas assim que ela abre a porta do banheiro. "O que está errado?"

"Nada." Limpo o nariz na manga e sorrio. “Estou voltando para a Sicília.”

Minha mãe fica estranhamente imóvel. "O que?"

“Estou apaixonada por ele, mãe. Estou apaixonada pelo Rafael.”

Mamãe corre até mim e se agacha perto do vaso sanitário, envolvendo os braços em volta de mim. "Silêncio. Você está apenas confuso, querido. Isso vai passar.”

“Não estou confuso, mãe. Esta é a primeira vez em meses que estou

pensando com clareza.” Eu aperto o braço dela. “Vou voltar para ele.”

Ela recua e agarra meus ombros. "O que? Não. Não vou permitir isso.

“Não preciso da sua permissão, mãe.” Enxugo as lágrimas do rosto e encontro o olhar frenético de minha mãe. “Você, entre todas as pessoas, deveria entender que quando seu coração escolhe alguém, não há como voltar atrás.”

“Você não pode se apaixonar por alguém em dois meses, Vasilisa!”

"Oh? Quanto tempo você demorou para se apaixonar pelo papai?

“Isso foi diferente.”

"Sim. Ele chantageou você para se casar com ele! Duas vezes, devo acrescentar. Eu bufo. “Ele diz que você se apaixonou por ele em um dia.”

"Absolutamente não! Levei pelo menos um mês.”

Uma risada sai de mim. "Ai está."

O rosto da minha mãe desaba, preocupação estampada nele. "Tem certeza de que sente algo por aquele homem?"

"Sim."

"Quantos anos tem ele?"

"Trinta e nove. O que isso tem a ver com o que sinto?”

"Estou apenas dizendo. Ele é muito mais velho. Com experiência. Eu entendo como alguém como ele pode fazer uma jovem se apaixonar por ele. É apenas uma paixão e vai *passar* .”

Pego a mão dela e pressiono a palma dela no meio do meu peito. “Há um buraco dentro de mim, bem aqui. Formou-se no momento em que acordei naquele avião e percebi que Rafael não estava lá comigo. Só de pensar na possibilidade de nunca estar com ele novamente faz aquele buraco se espalhar. Eu me sinto vazia sem ele. Eu voltei. Mas meu coração permaneceu na Sicília. Com ele. E ninguém pode viver sem o coração, mãe.”

"Mas . . . Você não pode simplesmente decolar. Seu pai vai perder o controle, Vasya. Ele nunca permitiria que você fosse embora.

"Eu sei. Então, gostaria que você explicasse a ele que não sou mais uma garotinha que ele precisa proteger dos monstros. Não é mais isso que preciso dele. Quero que ele entenda que, embora eu o ame e sempre o ame, é hora de começar a viver minha própria vida.”

“Você sabe o quão maniacamente protetor seu pai é em relação a você e Yulia.”

"Sim. Mas não preciso da proteção dele, mãe. Preciso do apoio dele.”

“Ok,” ela engasga. “Sabe, tem hora que seu pai ainda acorda suado por causa de um sonho com aquela explosão no shopping. Também tenho pesadelos com isso. Deus, estou tão grato por você ser tão pequeno naquela época que não se lembra disso.

“Isso foi há muito tempo.”

“Não importa. Coisas assim ficam gravadas em sua mente e, não importa quanto tempo passe, você não consegue esquecê-las. Você nem imagina o quão aterrorizante foi, Vasilisa.” Ela aperta minha mão e estremece. “Tanto sangue. Roman chegou até você primeiro e basicamente teve que libertá-lo daquele homem que o salvou. Ele estava segurando você contra o peito - com tanta força - praticamente envolvendo você com todo o corpo. Cacos de vidro estavam incrustados em suas mãos e braços. E seu rosto. . . Jesus Cristo. Vou me lembrar de seu rosto desfiado enquanto eu viver.”

As mãos dele . . . A cara dele . . . O chão cai debaixo dos meus pés. Minha mãe continua falando, algo sobre as ambulâncias chegando, mas as palavras não penetram. *Mãos e rosto . Trincado . Não, não pode ser ele.*

Minha mente se volta para a tarde que passamos juntos no banho. Rafael, me perguntando sobre a cicatriz nas minhas costas. Ele disse alguma coisa. . . Algo sobre o Kismet.

Destino.

"Como ele era?" Eu sussurro. “O homem que me salvou?”

"EU . . . Não sei. Ele estava coberto de sangue. Eu penso . . . Ele tinha cabelos escuros. E ele era alto. Largo. Lembro-me de ter pensado: o fato de ele ser tão grande foi provavelmente a razão pela qual ele conseguiu proteger você de todo aquele vidro. Roman tentou localizá-lo. Depois. Ele procurou Endri Dushku, o líder do cartel albanês, por causa da tatuagem que seu pai viu no braço do jovem. Mas Dushku disse a ele que nenhum de seus membros se machucou naquele dia.”

"E . . .” Eu engulo. “Como é a marca da gangue albanesa?”

“Hum. . . Eu não tenho certeza. Eu acho que são duas adagas com uma cobra verde...”

“Enrolados em torno deles”, interrompo, enquanto as lágrimas mais uma vez ameaçam escorrer dos meus olhos.

"Sim. Como você sabe disso?"

“Eu já vi isso.”

Ele sabia. Ele sabia e não disse uma palavra. Ele deve ter descoberto quando falávamos sobre minha cicatriz. Mas ele não deixou transparecer ganhar vantagem. Sem pechinchas. Sem acordos. Não pague a dívida para me fazer ficar.

Você não está em dívida com ele, ele disse.

Envolvo meu braço nas costas de minha mãe e dou um beijo em sua bochecha. "Yulia vai ficar brava porque vocês não a trouxeram para o aeroporto com vocês."

“Ela não tem se sentido bem nos últimos dias, então a deixamos dormir. E não tínhamos certeza do que esperar, Vasilisa. Não sabíamos em que estado você

estaria. Aquele homem manteve você por meses e... . .”

Um sorriso triste surge em meus lábios. “Deixe-me garantir uma coisa, mãe. Os braços *daquele homem* são o lugar mais seguro onde eu poderia estar.”

"O que você quer dizer?"

“Porque foi ele,” eu sussurro. “O homem que salvou minha vida há tantos anos. Foi Rafael.”

Capítulo 18



“Vocês não podem, em hipótese alguma, deixar passar um único homem”, digo aos homens reunidos ao meu redor e verifico o carregador do meu rifle semiautomático. “Uma bala perdida e toda esta área atrás de nós explodirá.”

“Chefe, estou com seu irmão na linha.”

Pego o telefone da mão do meu homem e pressiono-o no ouvido. “Você pegou o voo de volta?”

"Sim. Apenas indo em direção ao portão. Aeroportos regulares são uma merda, e estou com medo de ter que pegar um vôo comercial. Mas prefiro lidar com isso do que ficar sentado pelas próximas trinta e seis horas esperando que sua esposa se decida. Você é meu irmão, Raff, e não sou mais uma criança indefesa. Não vou hesitar, deixando você lidar com esse idiota sozinho novamente. O que está acontecendo aí? Tive que ligar para Onofredo porque não consegui falar com você. Que história é essa de você deixar uma pequena equipe na propriedade e levar o resto dos nossos homens para Messina?

“Calogero decidiu que, em vez de me enfrentar de frente, seria uma boa ideia enviar as suas forças para atacar a minha refinaria de petróleo. Soube que ele estava planejando fazer com que parecesse um acidente industrial. Montamos uma emboscada naquele posto de gasolina a oeste de Messina que ainda está em construção e estamos esperando para interceptá-los.”

“Jesus, porra. Como você descobriu os planos deles?

“Nazario Biaggi me ligou esta manhã. O pai dele deve estar impaciente para roubar a posição do Don por ter vazado isso. Eu ergo meu rifle. “Como estava minha pequena vespa?”

“Feliz em ver a família dela. Eles estavam esperando por ela no campo de aviação. Parece que estão todos muito unidos. O que você fará se ela decidir que quer ficar com você, mas insistir em morar nos Estados Unidos? Quero dizer, eu sei que você nunca faria isso.

“Para ela, eu faria. Se ela decidir voltar para mim e não conseguir lidar com a separação da família, eu nos mudaria para a porra de Chicago.

"Mas . . . você lutou metade da sua vida para poder voltar aqui. Você ama a Sicília.

"Eu faço. Mas eu a amo mais.

“Porra, Raff. Você é um caso perdido para aquela mulher.

"Sim eu sou. Eu tenho que ir. Minhas informações dizem que os caras de

Calogero estão a poucos minutos de distância.

“Biaggi de novo?”

“Rede da vovó.” Cortei a linha e me posicionei na esquina do prédio.

Exatamente quatro minutos depois, um comboio de carros pretos emerge da curva da estrada, seguindo rapidamente em direção à refinaria.

“Espere,” eu instruo um homem agachado à minha direita. Ele está controlando a barreira remota de espinhos que colocamos do outro lado da estrada.

Os veículos se aproximam. Meia dúzia deles. Porra. Eu esperava três ou quatro. Quando o carro da frente está a cerca de trinta metros do posto de gasolina, dou um tapinha no ombro do meu homem. "Agora."

As lâminas de aço do mata-pneus, meio escondidas sob a terra, levantam-se quase instantaneamente. Um batimento cardíaco depois, o inconfundível estalos e chiados dos pneus furados irrompem. O carro começa a desviar para a esquerda e para a direita. Desviando todo o caminho, o motorista tenta manter o controle, mas falha rapidamente. Os próximos dois carros que se seguem sofrem um destino semelhante. Passando muito perto da cauda do líder, o segundo bate na traseira do primeiro carro, fazendo os dois veículos derraparem para fora da estrada. O terceiro carro sobre a faixa de espigões para serviços pesados continua por uma curta distância antes de terminar em uma vala rasa ao lado da estrada.

“Primeiro os pneus, depois os pilotos!” Eu lati para o microfone. “Não posso arriscar que algum dos veículos passe.”

O som de tiros preenche a luz do dia.

Balas zuniam no alto enquanto dois dos meus atiradores no telhado do posto de gasolina matavam os capangas de Calogero quando eles saíam dos veículos. Muito em breve, o barulho é acompanhado pelo barulho de armas quando nossos alvos respondem ao fogo. Está ficando mais difícil ver e mirar com toda a poeira que foi levantada no ar. Consigo acertar o idiota que corre em minha direção, mas tenho que recuar quando várias balas atingem a parede bem perto da minha cabeça. Pelo meu palpite, havia pelo menos vinte homens dentro daqueles veículos, mas o número de corpos mortos ou feridos no chão é menos da metade disso. O restante se escondeu atrás das portas abertas dos carros e está atirando nos meus rapazes. Esses veículos devem ser blindados.

Corro até o carro que caiu na vala. Com a queda do terreno, sei que os alvos ficarão fora da vista dos atiradores. A porta do motorista está aberta e a cabeça ensanguentada do homem está caída no volante. Dois outros caras estão agachados ao lado do veículo, atirando em meus homens que ainda usam o prédio inacabado do posto de gasolina como cobertura. Dou a volta no carro quebrado, aproximando-me por trás, e borrifo neles o que sobrou da minha revista.

Em meio à comoção, um motor ganha vida. Minha cabeça se levanta, os olhos se voltando para os carros do comboio que conseguiram parar mais ou

menos ilesos – exceto pelos pneus estourados – logo após cruzar a faixa de pontas de aço. O homem de Calogero está ao volante e, apesar dos pneus furados e dos aros danificados, desvia dos outros veículos e dos cadáveres, tentando se afastar.

Estou sem munição no meu rifle, então o largo e pego minha arma. Os primeiros tiros ricocheteiam no para-brisa ou quase não fazem a menor diferença. Continuo atirando, mirando na cabeça do motorista enquanto o carro avança lentamente em minha direção. A porra do vidro à prova de balas finalmente quebra e uma teia de aranha aparece em sua superfície, mas o pára-brisa permanece praticamente intacto. Minha última bala finalmente o penetra, quebrando as fibras, mas errando o condutor.

O carro está quase passando pelos obstáculos dos cadáveres. A qualquer momento, o bastardo chegará à estrada aberta. Porra! Corro em direção ao veículo, meus olhos fixos no idiota abrindo caminho.

A poeira levantada fica suspensa no ar, espessa como uma sopa. Parece que estou preso em uma maldita tempestade no deserto. O toque de tiros está por toda parte. Gritos vêm de todos os lados. Gritos de dor em meio ao barulho ensurdecedor. Todos esses sons se misturam com o barulho dos pneus raspando no corpo de outro capanga caído enquanto eu salto para o capô do carro em movimento.

Por uma fração de segundo, o motorista congela. Abrindo o buraco no para-brisa, agarro um punhado de seu cabelo. Nossos olhares se encontram. Com um aperto firme, eu o puxo para frente e bato seu rosto nas bordas irregulares do vidro que se projetam da moldura do para-brisa.

"Chefe!" alguém grita. “Abaixe-se!”

Eu rolo para fora do capô no momento em que uma bala passa zunindo acima da minha cabeça.

O tiroteio continua entre minha equipe e a força restante do meu padrinho. Espio pela frente do veículo e vejo Allard caído de bunda, com as costas apoiadas em outro carro. Sua perna esquerda está encharcada de sangue, mas em vez de tentar se proteger, ele ainda está atirando. Mantendo-me abaixado, corro em direção a ele.

“Quer sangrar até a morte?” Eu rosno enquanto agarro seu Kevlar e começo a arrastá-lo em direção ao prédio do posto de gasolina.

“Adorei a manobra de surf que você fez lá atrás, chefe.” O maníaco ri enquanto troca de revista e depois retoma as filmagens. “Isso significa que você estará de volta a uma equipe ativa a partir de agora?”

Eu o apoio contra a parede e me agacho para verificar sua perna. A bala apenas o atingiu, felizmente.

“Estou aposentado, Allard. É por isso que tenho você: para fazer todo o trabalho sujo.” Pego sua mão e pressiono sobre a ferida. “Mantenha pressão sobre isso.”

“Odeio estourar sua bolha, chefe, mas você não parece tão impecável no momento.”

Balançando a cabeça, pego sua arma e viro em direção à estrada. O tiroteio finalmente cessou e a poeira está lentamente assentando sobre os corpos dos homens de Calogero. Ligo o telefone e ligo para Onofredo.

“Eu preciso de uma equipe de limpeza. Estado."

“Já estão a caminho”, ele responde.

“Autoridades?”

“Duas patrulhas foram enviadas quando alguém relatou ter ouvido tiros. Fiz algumas ligações. Eles não vão incomodar você.

"Bom."

Desligo a ligação e guardo o telefone. Calogero terá que ser tratado imediatamente. Não quero nenhuma ameaça pairando sobre minha cabeça caso minha vespetta decida retornar.



“Você já decidiu o que vai fazer?” Yulia pergunta enquanto passa a escova no meu cabelo. “Ou você vai passar o dia inteiro apenas olhando para a parede?”

Eu dou de ombros. "Sim. Vou voltar para a Sicília.”

Três horas atrás, Yulia invadiu meu quarto e pulou na minha cama enquanto eu cochilava, me assustando pra caramba. Nós rimos. Nós choramos. Aí ela gritou comigo por não ter acordado ela quando cheguei em casa. Passamos a manhã enfurnados no meu quarto, comendo os rolinhos de canela parcialmente queimados de Igor, enquanto eu contava a ela como fui parar na Sicília.

“E se a mamãe contar ao papai?” ela pergunta enquanto divide minhas madeixas ao meio e começa a tecer a primeira trança.

“Ela prometeu que não vai. Acho que ela acredita que estou confuso e que eventualmente vou sair dessa.”

“E você é? Confuso?"

"Não."

“Hum-hmm. Papai vai ficar muito bravo. Ele tem investido bastante na estratégia do ‘bom contador’.”

"Eu sei. É por isso que *você* não pode dizer nada. Não para mamãe ou papai. Vou ligar para eles e explicar tudo quando chegar na casa do Rafael.”

"Quando você vai embora?"

“Amanhã, o mais tardar.”

"O que? Mas você acabou de chegar! ela grita, puxando meu cabelo no processo.

“Ai! Sim. Rafael tem um avião de prontidão para mim. Ele parte amanhã à noite e estou planejando estar nele quando isso acontecer. Só preciso de uma pequena janela de tempo para poder sair de casa sem que ninguém perceba.”

“Você pode ficar em casa por um tempo e pegar um voo comercial mais tarde, Vasilisa.”

"Eu sei. Mas Rafael espera minha resposta amanhã.”

“Existem dispositivos chamados telefones, caso você tenha esquecido.”

“Não posso dizer meu primeiro 'eu te amo' ao homem que amo pelo telefone”, sussurro. “Ele me disse que me ama dias atrás, mas eu nunca respondi. Eu não tinha certeza então. Ou talvez eu simplesmente estivesse com medo de admitir isso para ele porque estava com medo de que seus sentimentos não fossem verdadeiros.”

“Não posso culpar você por acreditar nisso. O homem é um mestre manipulador que ameaçou nos matar se você não ficasse com ele. Quem no mundo faz isso com alguém que ama?”

“Alguém que tem medo de que o amor seja apenas superficial.” Olho para o anel no meu dedo. “Ele continuou me dando presentes, cada item novo mais escandalosamente caro que o anterior, tentando comprar meu amor. Demorou muito para ele perceber que as coisas mais valiosas da vida são gratuitas.”

“Você acredita que ele finalmente entendeu isso? Para ser honesto, no seu lugar, não tenho certeza se faria isso. As pessoas raramente mudam. E se, no futuro, ele encontrar outra coisa que possa usar como moeda de troca contra você?

Uma dor aperta meu coração, mas eu sorrio. “Ele já tem um. E ele optou por não usá-lo.”

Capítulo 19

O seguindo dia

Sicília: +7 horas de Chicago



Propriedade privada, a 32 quilômetros de Palermo

Três horas antes da partida programada do voo de Chicago

O sangue corre pela minha mão fechada, os riachos caem no chão e se dissipam no solo já encharcado sob meus sapatos. Um gorgolejo gutural sai da garganta do segurança enquanto giro a faca que enterrei até o cabo em seu pescoço. Seu corpo se contorce algumas vezes, depois gradualmente fica imóvel. Solto o morto, deixando seu corpo cair aos meus pés, onde cai com um baque forte. Com a chuva caindo nas últimas horas, a maioria dos guardas se abrigou sob as árvores ou dentro da guarita, tornando o trabalho de matá-los menos complicado.

Mantendo-me nas sombras e na cobertura da folhagem, circulo a casa que foi a residência principal do don siciliano da Cosa Nostra até avistar outro de seus homens. O cara está encostado na esquina do prédio, escondido sob uma pequena saliência, com o rifle casualmente pendurado nas costas. Um pedaço de fio branco se estende do telefone em sua mão até um fone de ouvido preso em sua orelha direita. Eu balanço minha cabeça. Moron está ouvindo música enquanto está de guarda.

A grama molhada abafa meus passos quando me aproximo dele por trás e puxo a corda. Ele se assusta, virando-se, mas eu já tenho o fio dos fones de ouvido enrolado em seu pescoço. Quando ele começa a se debater, estendendo as mãos para libertar sua traqueia, empurro seu rosto contra a parede e aperto ainda mais a corda. Ele consegue dar alguns gemidos fracos antes de ir ao encontro de seu criador.

Não há detectores de movimento ou vigilância por vídeo em qualquer lugar da propriedade. Apenas mão de obra e um alarme bastante básico na porta da frente. Como todos os homens narcisistas e excessivamente autoconfiantes que chegaram ao poder sem muito esforço, meu padrinho acredita que é intocável. Ele descobrirá muito em breve quão completamente errada é essa convicção.

Demoro pouco mais de meia hora para eliminar os doze guardas restantes. Depois, dou um passeio casual pelo prédio até encontrar uma janela destrancada que servirá como ponto de entrada. Infiltrar-se na localização de um alvo é significativamente mais fácil quando você pode primeiro eliminar os detalhes de

segurança. Tirando aquele duplo toque na Alemanha há alguns meses, o último assassinato que eu mesmo liderei foi há mais de uma década, e levei quase quatro horas para entrar na casa vigiada. Tive que passar furtivamente por vinte dos meus próprios homens para atingir minha marca. Não é uma tarefa fácil, considerando que treinei todos eles em primeiro lugar. Até hoje, Allard ainda menciona ocasionalmente aquele trabalho em Boston, amaldiçoando o filho da puta que conseguiu contornar sua equipe e fornecer cianeto à força para o cara que estava detido no porão.

Em comparação, entrar furtivamente na casa de Calogero é moleza. Já faz muito tempo que não entro nesta casa, mas ainda me lembro do layout. Subo as escadas e vou em direção ao quarto principal. Quando chego à penúltima porta do lado esquerdo do corredor, tiro o silenciador da arma e coloco-o no bolso. Não adianta guardar nada quieto, já que não há mais ninguém vivo no local além de mim e meu cumpari .

A porta se abre sem fazer barulho. A TV montada na parede do quarto está passando algum tipo de documentário, com o volume mudo, mas a tela ilumina bastante a cama onde meu padrinho ronca. Apoio o ombro no batente e ergo a arma.

Os olhos de Calogero se abrem.

“Buonasera, Cumpari.”

Por algumas respirações, ele apenas olha para mim e depois se levanta. Sua mão se estende em direção à mesa de cabeceira. Aponto para a gaveta e puxo o gatilho. Pedaços de madeira se quebram e o suporte frágil tomba e cai no chão, alguns dos detritos acabam no canto.

"O que você quer?" Calogero murmura enquanto gotas de suor se acumulam em sua linha do cabelo. "Como você chegou aqui?"

“Através da janela do estudo. Aquele que você sempre esquece de trancar. E quanto ao que eu quero. . . Tenho certeza que você já sabe disso.

“Mesmo você não pode ser tão ousado. O que sua mãe diria se pudesse ver você agora? Como você pode matar o homem que o manteve no altar diante de Deus para batizá-lo? Quem ajudou a transformá-lo no homem que você é hoje?

“Não se atreva a falar dela!” Eu rosno.

“Ela conhecia as regras, Rafael. Quebrar o código do silêncio significa morte! Não havia nada que eu pudesse fazer. Ela entendeu. E ela me perdoou. Eu vi isso nos olhos dela.”

Eu o considero, esse homem que uma vez reverenciei, esperando até mesmo um pingo de arrependimento pelo que estou prestes a fazer. Isso nunca se materializa. O homem que levou eu e Guido para pescar quando éramos crianças, que me mostrou como trocar o pneu da bicicleta, que deu me conselhos sobre meninas. . . ele já está morto. Para mim, ele morreu no momento em que viu Mancuzo apontar a arma para a cabeça da minha mãe e puxar o gatilho, e não fez nada. Aquele homem que escolheu a Cosa Nostra em vez da mulher que uma vez jurou amar.

"Tenho certeza que ela fez." Eu levanto minha arma. “Mas eu nunca irei.”

O tiro soa como tiro de canhão no silêncio da sala. A cabeça de Calogero volta para trás. Ele cai na cama, com os olhos arregalados e vidrados, enquanto uma onda vermelha surge do buraco no meio de sua testa.



Chicago

Uma hora antes da partida programada do voo

Estaciono meu carro em frente à casa recém-pintada de dois andares do tio Sergei e saio. Perdi três horas escondida em meu quarto enquanto esperava que papai finalmente ficasse atolado em seu escritório, dando-me a chance de sair de casa sem ser notada. Se quero pegar o avião de Rafael – e quero – não posso perder mais de dez minutos nesta visita.

Latidos estrondosos explodem à direita quando dois enormes cães pretos dobram a esquina e correm em minha direção. Respiro fundo e me preparo para o impacto. Um segundo depois, sou atacado por patas e línguas quentes e úmidas.

"Jesus. Esqueci o quão grandes vocês são”, gemo. “Tio Sergei! Preciso de ajuda aqui.

"Bem, bem, bem. Esse não é meu priminho problemático favorito?” uma voz masculina diz da varanda.

Olho para cima e encontro Sasha, filho do tio Sergei, encostado no batente da porta. Ele está vestido apenas com calça de moletom cinza, com o peito nu parcialmente tatuado à vista.

“Sou um ano mais velho que você, seu idiota!” Eu rio enquanto tento evitar que os cachorros me entreguem. "Ajuda por favor?"

“Bambi! Flora!" ele brada. "Abaixo. Agora!"

Os cães recuam imediatamente e plantam as bundas no chão, com os olhos fixos em Sasha.

“Você precisa proibir o tio Sergei de dar nomes aos seus cães.” Eu rio e subo correndo os degraus até seus braços. “Senti falta da sua caneca feia.”

“Nós também sentimos sua falta. Entre. Temos algumas sobras. Mamãe fez seu famoso frango com arroz mexicano. Além disso, se você ficar aqui, precisarei pegar minha espingarda para afastar a horda de homens salivantes que logo começarão a se reunir.”

Eu sorrio. Estou usando algumas das roupas bonitas de Yulia, que ela me

emprestou, e não meus habituais jeans largos e camisas disformes. Mal posso esperar para ver a expressão no rosto do Rafael quando me ver descendo as escadas do avião. Ele ficará surpreso. Eu não disse a ele que vou voltar.

“Não posso ficar”, digo. “Achei que você tivesse se mudado.”

"Eu fiz. Mas você sabe como minha mãe fica nervosa toda vez que meu pai sai para o campo. Então vim fazer companhia a ela.

“E ganhar comida de graça?”

“Sim, isso também.” Ele pisca. “Papai voltará amanhã. Você pode aparecer então.

"Eu sou . . . na verdade, saindo imediatamente. Estou a caminho do aeroporto. Dou uma olhada no meu relógio. “Tenho menos de uma hora ou o avião partirá sem mim.”

"Saindo? Mas você acabou de voltar. Para onde você está indo agora?

“Sicília.” Não consigo reprimir meu sorriso.

"Oh. Que coincidência. Papai está lá agora.

Eu paro no meio do caminho. “Tio Sergei está na Sicília?”

"Sim. Roman precisava dele para matar algum idiota ali. Ele saiu ontem.

Minhas pernas quase dobram sob mim. O pânico toma conta de mim e o horror me toma da cabeça aos pés. Praticamente posso sentir o aperto da mão do destino em meu pescoço. Apertando. Apertando. Eu não consigo respirar.

“Vasya? Você está bem?"

Eu me viro e saio correndo de casa, direto para o meu carro. Ignorando as ligações de Sasha atrás de mim, pego meu telefone enquanto ligo o motor e disco o número de Rafael. Toca. E anéis. Tento mais duas vezes, mas ele não responde.

"Merda!" Entro na estrada que leva à rodovia que eventualmente me levará ao aeródromo particular e continuo ligando para Rafael. Nenhuma resposta.

Em seguida, ligo para o número do meu pai. A chamada vai diretamente para o correio de voz.

“Oh, Deus”, eu sufoco, depois ligo novamente. Correio de voz novamente.

Meus olhos disparam entre meu telefone e a estrada à minha frente. Não posso entrar naquele avião sem conseguir entrar em contato com Rafael e avisá-lo. Ou fazer meu pai desligar o tio Sergei. Porra. Porra. *Porra!* Viro o volante bruscamente para a esquerda, fazendo meia-volta, e piso no acelerador, indo em direção a casa, em vez do avião que me espera.

Os minutos passam. Cinco. Dez. Meia hora. Continuo discando, alternando entre os números de Rafael e de papai. Nenhuma resposta. Correio de voz. Nenhuma resposta. Correio de voz. Abro a lista de contatos e procuro pelo Guido, mas não consigo encontrar!

"Porra!" Grito e reinicio minha busca do topo da lista. Quando finalmente

encontro o nome dele, aperto o botão de discagem e ligo o viva-voz.

Por favor . Por favor, pegue!

“Vasilisa?”

“Meu pai mandou um assassino atrás de Rafael!” Eu choro. “Você precisa avisá-lo!”

Silêncio. Um segundo parece uma vida inteira. “Quem ele enviou?”

"Meu tio. Sergei Belov.”

“Merda”, sussurra Guido.

A linha fica muda.

“Guido? Porra." Ligo novamente para Rafael. Nada.

Em seguida, liguei para o número da minha mãe. Ela atende no primeiro toque.

“Ele enviou o tio Sergei para matar Rafael!” Eu grito ao telefone.

"O que? Quem?"

"Pai! Estou ligando para Rafael, mas não consigo falar com ele. E a linha do papai vai direto para o correio de voz.”

“Ele está em seu escritório. Estou indo para lá. Posso ouvir a batida da porta e os passos apressados de pés correndo. “Você deveria ter contado a Roman, Vasilisa. Se você tivesse contado a verdade, ele nunca teria enviado Sergei. Seu pai acredita que aquele homem estava mantendo você contra sua vontade e que ele te machucou. E como você não deu nenhum detalhe ao seu pai, ele presumiu o pior.

“Eu não queria contar a ele porque tinha medo que ele fizesse exatamente isso!”

“Ligue para Sergei”, ela diz sobre sua respiração rápida e superficial. “Diga a ele para ficar parado.”

“Você sabe que ele não vai,” eu choramingo. Meu tio só recebe ordens do pakhan. Eu poderia chorar e implorar, e ele ainda seguiria o que lhe foi ordenado a fazer. Ele não desistirá a menos que meu pai rescinda a ordem. “Estou a dez minutos de distância. Por favor, mãe! Convença papai a cancelar o tio Sergei!

“Eu vou, querido. Não se preocupe."



“O que você quer dizer com ele cancelou a remessa?” Rosno ao telefone.

“Estou falando com bastante clareza, não estou?” Nikolai responde.

Levei anos para encontrar alguém que pudesse substituir adequadamente Anton como *brigadeiro* , supervisionando as fileiras de nossos homens. Gerenciar os soldados de infantaria da Bratva é o mesmo que controlar as rédeas de um rebanho de hienas maníacas. Eles não aceitam ordens de qualquer um. Mas mesmo quando o fazem, muitos muitas vezes sentem-se à vontade para fazer a sua própria interpretação sobre como as ordens devem ser executadas. Para manter todos na linha e não enlouquecer no processo, o responsável deve possuir um comportamento extremamente calmo e ser metódico no exercício de sua autoridade, ou ser alguém basicamente maluco. Nikolai Levin é o último tipo. Na maioria dos dias, não tenho certeza se devo promover o filho da puta desrespeitoso ou simplesmente quebrar seu pescoço. O lunático levou um tiro por minha causa há dois anos, então acho que tenho uma queda por ele.

“Cuidado com a boca,” eu lati. “E explique.”

“Chegamos à fronteira conforme planejado, apenas para um dos homens de Ramirez nos transmitir uma mensagem de que o viado traidor encontrou outro comprador. Tentei falar com Belov, mas ele não atende o telefone.

“Meu irmão está lidando com outro problema no momento. Você ainda está com o cara de Ramirez?

"Sim."

“Quebre as pernas dele,” eu cuspo. “Faça-o falar. Quero saber quem ficou com o que deveria ser meu.

"Já fiz. Foi Artem Voloshyn. Ele ofereceu a Ramirez uma redução de quarenta por cento.

Malditos ucranianos. Achei que já tinha acabado de lidar com aqueles idiotas há duas décadas.

“Há mais”, continua Nikolai. “Um dos meus rapazes pegou o traficante de Artem em West Town na semana passada.”

“E você está me contando isso agora?”

A porta do meu escritório se abre de repente e minha esposa entra, corada e respirando pesadamente, como se tivesse corrido até aqui em uma velocidade vertiginosa.

"O que é que você fez?" ela engasga, os olhos perturbados e ardentes.

"Eu vou chamá-lo de volta." Jogo o telefone na minha mesa e levanto as mãos em defesa. “Seja o que for, não fui eu. Eu juro, malysh.

Não tenho ideia do que poderia tê-la angustiado tanto, mas sei que não pode ser nada que eu tenha feito. Prefiro cortar minhas próprias mãos. E pernas. Cortar minha própria garganta. Terei que considerar uma ordem adequada, mas o sentimento permanece o mesmo.

“Você enviou Sergei para matar o siciliano de Vasya!”

Oh. Bem, acho que *fui* eu. “Essa porcaria não é *dela* . De Santi é um assassino que sequestrou e manteve nossa filha como refém por mais de dois

meses. Você realmente não esperava que eu deixasse isso passar?

Nina corre pela sala. “Por favor, romano. Você precisa ligar para Sergei e dizer-lhe para abortar.”

"Absolutamente não."

“Vasilisa está apaixonada por ele, kotik.” Agarrando um punhado da minha camisa, ela praticamente enfia o nariz no meu. “Você está dispensando Sergei. Agora!"

"O que? Não, ela não pode estar apaixonada por ele.

“Ela está planejando voltar para a Sicília!” Nina grita na minha cara enquanto me sacode. “Tentei convencê-la a contar a verdade, mas ela estava com medo de *que isso* fosse exatamente o que você faria!”

Olho para minha esposa enquanto uma tempestade de fogo assola dentro de mim. Minha garotinha não pode estar apaixonada por um maldito De Santi, pode? Já combinei o jantar, convidei meu contador e mandei ele trazer o filho. O menino trabalha no departamento de gerenciamento de registros de uma casa de repouso. Um cara legal e seguro. Alguém que tem a mesma idade de Vasilisa. Não é um maldito assassino de aluguel que vive em outro continente.

"Nina, querido, ela está apenas confusa."

“Ela não está confusa, porra! Ela ama ele!" Minha doce esposa está rugindo tão alto que temo que as janelas possam quebrar. “Você não pode fazer isso! O pai dela não pode matar o homem que ela ama! Isso irá destruí-la, Roman! E isso vai destruir você!

“Vasya merece alguém legal. Alguém que irá mantê-la segura.

“Você não entende? Ela não quer algo legal. Ela o quer. E ele a manteve segura o tempo todo. Mesmo quando você não podia.”

Franzo as sobrancelhas. "O que você está falando?"

"O Shopping. A explosão há vinte anos. Rafael De Santi é o homem que salvou a vida da nossa filha!”

Isso é . . . isso não é possível. Mas . . . *Ah, merda.* Por mais que eu queira negar as palavras de Nina, de alguma forma sei que é verdade. Desde o momento em que conheci De Santi, há mais de uma década, sempre me perguntei o que aconteceu com ele. Nunca fiz a ligação.

Vasya.

Pulo da cadeira e pego o telefone.



A agulha do velocímetro está pairando sobre a marca de cem milhas por hora. Piso no acelerador com mais força, desviando dos outros veículos na estrada. São sete e cinco minutos. O avião do Rafael acabou de decolar. Sem mim. Não importa, pegarei o primeiro vôo comercial que puder, assim que souber que o homem que amo está seguro. Ainda há tempo. Meu tio prefere trabalhar à noite. Respiro fundo para me acalmar, mas o ar de repente fica preso em meus pulmões e quase bato no carro à minha frente.

A diferença horária. Esqueci-me da maldita diferença horária! A Sicília está sete horas à frente de Chicago. São duas da manhã lá agora. Não não *não!*

A luz da rua na minha frente muda para vermelho. Pisei no acelerador com mais força. Uma caminhonete se aproxima pela estrada lateral e quase não a perco enquanto voo pelo cruzamento. Nosso bairro fica a apenas 1,6 km de distância. Ligo novamente para Rafael. E de novo.

Nenhuma resposta.

Pisando no freio em nossa garagem, estou tremendo tanto que mal consigo abrir a porta do carro. Não me preocupo em fechá-la, apenas saio correndo, subindo os degraus de pedra até a porta da frente, dois de cada vez.

A porta do escritório do papai está entreaberta. Tropeço para dentro e olho para meu pai. As palavras estão presas na minha garganta fechada. Papai está parado ao lado de sua mesa, o telefone pressionado no ouvido. Mamãe está na frente dele, segurando sua camisa.

“Sergei.” A voz profunda do meu pai quebra o silêncio. "Abortar."

Um som sufocado de alívio deixa meus lábios. Eu me encosto na parede porque minhas pernas estão ameaçando ceder. Meus olhos fixam-se intensamente nos do meu pai. Ele ainda está segurando o telefone no ouvido. Os músculos de sua mandíbula estão tensos e suas sobrancelhas franzidas.

“ *Мне он нужен живым, Сергей. Qual é o problema?* ele late e abaixa o telefone.

Nem respiro enquanto espero que o grande Roman Petrov diga alguma coisa.

"Pai?" Eu choramingo.

Meu pai respira fundo, com os olhos baixos. Evitando olhar para mim.



15 minutos antes

Meu telefone toca assim que o ligo novamente e quando estou chegando à porta da frente. O nome do piloto ilumina a tela. Dou uma olhada no meu relógio

de pulso. Cinco minutos depois das duas.

“Estamos prontos para a decolagem, chefe.”

"Tudo bem." Concordo com a cabeça, mesmo que ele não possa me ver, então espero. Não consigo pedir confirmação do que já sei.

“Ela não veio. Sinto muito, chefe.”

Colocando o telefone de volta nas calças, vou para a cozinha. Meus passos soam ocos no espaço enorme, ecoando nas paredes, o som estranho na escuridão da casa. Não me preocupo em acender as lâmpadas enquanto atravesso a sala. Há luar suficiente iluminando meu caminho até a geladeira.

Algumas pessoas dizem que é um sacrilégio beber vinho tinto frio e não em temperatura ambiente. Sempre achei que o gosto é bastante insípido assim. Pegando um copo de pé e depois uma garrafa da geladeira, ando pela sala e paro na entrada do terraço. Quantas vezes fiz com que aqueles trabalhadores pintassem essas portas francesas? Quatro? Cinco? Os caras certamente fizeram muito barulho enquanto faziam isso. Assim como eu ordenei que fizessem. Tudo para que minha vespetta se sentisse mais em casa.

É engraçado como passei mais de vinte anos ganhando muito dinheiro, construindo meu império. O tempo todo estive convencido de que isso me traria felicidade. Tarde demais percebi que tudo disso não havia nada além de poeira ao vento. Toda a minha riqueza não poderia me ajudar a alcançar aquilo que mais desejo. O amor de Vasilisa. Assim como nenhuma das joias caras que dei a ela conseguiu um sorriso no rosto, ao contrário dos rabiscos bobos que esbocei para ela. E aqui estou, no auge do meu sucesso, possuindo tantas coisas. . . No entanto, não possuindo nada de valor.

O vento quente sopra em meu rosto quando saio para o terraço e me sento na espreguiçadeira do outro lado. As pequenas luzes dos barcos de pesca distantes estão espalhadas pela extensão escura do mar, brilhando enquanto navegam nas ondas. Sirvo-me de uma taça de vinho e observo-os.

“Ficando imprudente na velhice, De Santi?” uma voz de homem diz das sombras à minha esquerda.

“Parece que sim.” Eu me inclino para trás e tomo um gole do meu vinho. "Faz muito tempo. Como vai a vida, Belov?

“Foi muito bom, na verdade. Até que algum filho da puta decidiu sequestrar minha sobrinha.” Ele sai da escuridão e apoia as costas no corrimão, cruzando os braços sobre o peito. O brilho da lua reflete na arma que ele está segurando.

“Então, o pakhan ordenou que você cuidasse desse problema para ele, não foi?”

“Eu teria feito isso, mesmo que ele não tivesse feito isso”, ele retruca. “Que porra é essa, Rafael? Temos negócios há anos. Foi algum tipo de vingança? E se sim, para quê?”

“Não foi.”

"Então o que? Alguém te contratou para fazer isso? A que preço? Merda. Se você tivesse ligado para Roman quando conseguiu o contrato, ele teria pago o dobro só para mandá-la de volta imediatamente.

“Disseram-me que nem todas as coisas têm um preço. Agora estou convencido de que isso é verdade.” Aceno em direção à arma em sua mão. “Sinta-se à vontade para fazer o que você veio fazer aqui.”

"O quê, você vai ficar aí sentado e me deixar matar você?"

"Esse é o plano."

"Por que?"

“Porque o resultado alternativo desta reunião é eu matar você, Belov. E, infelizmente, não posso fazer isso.”

Meu olhar desliza pela rota que Vasilisa e eu percorremos quando passamos o dia em meu iate, sentindo o olhar do russo sobre mim o tempo todo. Ele provavelmente pensa que estou blefando e espera que eu saque a arma a qualquer momento. Se fosse outra pessoa em seu lugar, o vingador de Petrov já estaria morto. Mas Vasilisa adora o tio. E eu nunca poderia matar alguém que ela ama.

“Você vai passar a noite inteira apenas olhando para mim?” Eu pergunto.

Belov ri. “Sabe, eu poderia jurar que você era um dos mais sensatos.”

“A loucura adquirida é um dos piores tipos, infelizmente. Quando você pega, não há cura.” Encontro seu olhar e jogo fora o que sobrou do meu vinho. “Cuide bem dela.”

Ele levanta a arma, mirando no meu peito. "Eu vou."

Um tiro explode na noite.

A bala corta minha carne; ondas de choque irradiam por todo o meu corpo. A dor destrói meu interior, incendiando cada terminação nervosa. Se alguém enterrasse uma haste superaquecida em meu esterno, torcendo-a no processo, imagino que seria assim.

Notas de uma música familiar soam de repente em algum lugar próximo. Quase rio quando reconheço “Gangsta's Paradise”. A música fica mais alta quando Belov enfia a mão no bolso e tira o telefone, pressionando-o contra o ouvido. Imperturbável com a interrupção, ele levanta a arma, mirando na minha cabeça.

Posso ver os lábios de Belov se movendo enquanto ele fala com quem quer que esteja ligando para ele, mas todo o som fica silenciado agora, apenas um murmúrio baixo permanece. Está ficando mais difícil respirar. A luz dos barcos está muito mais embaçada. Fecho os olhos e deixo a escuridão me levar. Mas à beira, um pensamento fugaz invade minha mente.

Eu deveria ter enfiado uma das minhas camisas na mochila dela .

Capítulo 20



“Não me toque,” eu sufoco e puxo minha mão do aperto de meu pai.

Ele esteve pairando sobre mim durante todo o voo de dez horas. Se houvesse pára-quedas a bordo, eu o teria forçado a usar um e o expulsaria do maldito avião.

“Vasya, querido. . . Ele vai sobreviver.” Ele tenta pegar minha mão novamente, mas eu a afasto com um tapa.

“Você enviou o tio Sergei para matar o homem que eu amo”, respondo, mal conseguindo evitar que as lágrimas transbordassem. “Em sua necessidade doentia e maníaca de me proteger, você me infligiu a pior dor possível. Te odeio. Deus, eu te odeio tanto.

“Por favor, Vasya. . .”

“Roman,” minha mãe diz do assento ao meu lado. “Vá sentar no fundo.”

"Mas . . .”

“Agora, kotik,” ela rosna e passa o braço em volta de mim. “O que o irmão de Rafael disse?”

“Ele ainda está em cirurgia. Seu segundo. Os cirurgiões tiveram que voltar para estancar o sangramento interno. Isso não é nem o pior.” Respirando fundo, tento pronunciar as próximas palavras. “Ele morreu ao chegar e eles tiveram que ressuscitá-lo.” Pressiono as palmas das mãos sobre os olhos.

Já se passaram horas desde que consegui respirar fundo. Inspirações rápidas e superficiais de ar são tudo que consigo para superar o nó que se formou em minha garganta. A taxa de sobrevivência de um ferimento de bala no peito é baixa, especialmente causado por uma arma de alta potência e de perto. E conhecendo meu tio, ele provavelmente usou uma de suas armas grandes.

Mamãe aperta minha mão. “Ele vai ficar bem, Vasilisa. Eu prometo. Ele vai ficar bem.

O avião inclina. Meus ouvidos estão zumbindo, mas não porque estamos pousando. Há um grito crescendo dentro de mim, pressionando meus pulmões e minha mente, pronto para explodir. Quero desabafar, mas tenho medo de não conseguir parar.

Há um leve solavanco quando as rodas atingem o solo. Saí do meu lugar e corro para a porta antes mesmo de pararmos de nos mover. Demorou horas para encontrar um jato que pudesse nos levar para a Sicília em pouco tempo, e não vou perder nem mais um minuto para chegar até meu homem.

A comissária de bordo corre na minha frente, bloqueando meu caminho até a porta. Protestos, provavelmente, saem de sua boca, mas parecem nada mais do que resmungos para mim.

"Mover!" Eu rosno e tento passar por ela, mas dois braços fortes me envolvem por trás.

“Vasilisa. . .” A voz do meu pai perto do meu ouvido. "Por favor."

"Me deixar ir." Tento me libertar. “Nunca me toque, porra! Eu não suporto nem ver você!

Ele continua falando, palavras que pretendem me acalmar, mas nada penetra meu cérebro. Todo o meu foco está na porta da aeronave a poucos metros de distância. Os minutos que o avião leva para taxiar até a pista parecem anos da minha vida. Quando a porta finalmente se abre, corro por ela e desço as escadas.

Tio Sergei está parado ao lado de um carro estacionado, parado na beira da pista. Ele ainda está vestido com seu traje tático normal, seu traje habitual quando está caçando alguém para a Bratva. Também não suporto olhar para ele.

“Leve-me até ele”, digo enquanto passo por meu tio, indo em direção à porta do passageiro.

“Vamos esperar por—”

“Leve-me até ele!” Eu rugo. "Agora!"

Tio Sergei lança um olhar por cima do ombro, em direção ao avião onde minha mãe e meu pai estão descendo as escadas. Eu realmente não espero que ele saia de seu lugar, já que sua lealdade é apenas para com o pakhan, mas ele balança a cabeça e se senta ao volante.

O carro avança. Cruzo as mãos no colo, girando freneticamente o anel de prata simples em volta do dedo.

*** * ***

"Peço desculpas." A enfermeira no balcão de informações balança a cabeça. “Mas, como já lhe disse, não posso divulgar informações de pacientes a ninguém além de familiares imediatos.”

“Por favor”, imploro, apertando o balcão branco diante de mim. “Apenas me diga se ele está vivo.”

"Não posso. Desculpe."

Pressiono as mãos na boca. Aquele grito na minha garganta está prestes a explodir, a pressão é tão grande que lateja nas minhas têmporas. Meus pulmões devem ter encolhido porque não consigo respirar o suficiente.

Eu me viro, olhando para a multidão de corredores e portas fechadas. Rafael está vivo. Não aceitarei nenhuma outra possibilidade. Ele está em algum lugar por aí, e vou encontrá-lo, mesmo que tenha que lutar para passar por todos os malditos membros da equipe de segurança do hospital.

Meus olhos recaem sobre a figura de um homem de jeans e camiseta amarela brilhante, sentado curvado em uma cadeira no meio do corredor, à esquerda. É o Guido. Corro em direção a ele em uma velocidade vertiginosa. O bastardo não atendeu nenhuma das minhas ligações durante a última hora, e eu liguei para ele pelo menos cinquenta vezes.

"Como ele está?" Eu sussurro. “A equipe não me diz nada.”

A mandíbula de Guido endurece. “Ainda em cirurgia.”

Um gemido estrangulado sai dos meus lábios. "Que ruim?"

“É ruim”, ele murmura, com o olhar colado no chão. “Eu sabia, sabe? No momento em que você me disse que seu pai enviou Belov, eu soube.

“Sabia o quê?”

Ele olha para cima, com os olhos vermelhos. “Rafael é mercenário há quase duas décadas. Quantas vezes você acha que meu irmão levou um tiro em todos esses anos?

"Não sei."

“Nem uma vez. Mas aqui está ele, com uma equipe de cinco cirurgiões tentando curá-lo após uma bala à queima-roupa no peito.” Ele aponta um dedo para mim. “Rafael apenas ficou sentado lá e deixou Belov atirar nele. Por causa de você!"

As palavras furiosas de Guido me atingiram como uma marreta no peito. Cambaleio para trás, esbarrando na parede do corredor. "Não."

"Sim!" Ele salta da cadeira e diminui a distância entre nós. Seu rosto é uma máscara de fúria e dor enquanto ele se inclina para frente, ficando na altura dos meus olhos. “Ele está tão apaixonado por você que ele prefere morrer a matar alguém de quem você gosta. Espero que agora você tenha a porra da prova do quanto ele te ama.

Minha visão está completamente obliterada pelas lágrimas, e não noto os papéis que Guido deve ter tirado do bolso até que ele os bate contra meu peito. “Você vai precisar disso se quiser vê-lo. Se ele conseguir, claro.

Enxugo os olhos e olho para o documento em minha mão. A primeira folha é um certificado de aparência oficial com um carimbo na parte superior. A data é de três dias atrás. O texto está em italiano, mas noto o nome de Rafael. E logo abaixo dele, o meu. Meus olhos voltam para o cabeçalho do documento. Posso não falar nem ler italiano, mas reconheço a palavra *matrimonio* e sei o que significa.

Casado.

"O que . . .” A palavra sai da minha boca. "Como?"

“Meu irmão pode ser um idiota cego pelo amor, mas ainda é um idiota intrigante que sempre encontra uma maneira de conseguir o que quer.” Guido se vira para seguir pelo corredor, mas para. “Ele deixou tudo para você. Se ele não sobreviver, você receberá quase setenta milhões em dinheiro e dez vezes esse

valor em investimentos. É tudo seu, Sra. De Santi.

“Eu não quero o dinheiro dele!” Eu grito.

“Bem, como eu disse”, ele retruca enquanto se afasta, “Rafael sempre consegue o que quer. No fim."

* * *

Eu olho para os dois médicos diante de mim. “O que você quer dizer com ‘ele não está acordando’?”

O mais velho, um homem baixo, de quase cinquenta anos, suspira e se vira para Guido, que está ao meu lado. Não tenho ideia do que o cirurgião diz em italiano, então me concentro em seu rosto, tentando avaliar algo em sua expressão. Não há nada além de um olhar estóico. Seu colega de trabalho muito mais jovem, no entanto, está segurando uma pasta contra o peito e não diz uma palavra, mas fica boquiaberto para mim como um idiota estupefato.

“Você poderia me dizer o que está acontecendo?” — pergunto, rezando a Deus para que o inglês do jovem seja melhor que o do médico mais velho, porque estou enlouquecendo. O pânico corre em minhas veias. Estou prestes a perdê-lo.

“Hum, bem, seu marido é...” . . Ele é realmente seu marido?

"Sim!"

"Oh . . . Achei que tinha entendido mal. É apenas . . .” Seus olhos me examinam do topo da minha cabeça, por cima do meu vestido curto e justo, até a ponta dos meus calcanhares. “Hum. . . ele está tendo um despertar tardio, uma incapacidade de recuperar a consciência após a anestesia geral. Já se passaram mais de trinta minutos, mas ele ainda não responde. Por enquanto, ele está respirando sozinho. No entanto, se ele não acordar na próxima meia hora, talvez precisemos considerar a administração de drogas mais potentes e, potencialmente...

“Ele vai acordar,” eu o interrompo. “Vou garantir que meu marido acorde. Deixe-me vê-lo."

“Senhora, não acho que você possa ajudar.”

Agarro sua manga, torcendo o tecido em minha mão enquanto lágrimas brotam de meus olhos. "Ele. Vai. Acordar. Acima."

O jovem médico olha para o colega e eles trocam algumas frases em italiano antes de olharem para mim.

“Cinco minutos”, ele diz e caminha rapidamente em direção à sala de recuperação.

Todo o meu corpo treme enquanto corro atrás do médico pelo corredor e atravesso a sala de espera onde meus pais e meu tio estão sentados.

“Vásia.” Mamãe salta da cadeira quando passo por eles. "O que é-"

Enxugando os olhos, continuo andando sem diminuir a velocidade. Vários conjuntos de passos seguem atrás de mim, junto com um clique característico da bengala do meu pai contra o chão de ladrilhos. Não posso falar com eles agora. Não antes de olhar para Rafael e ver com meus próprios olhos que ele está bem. Guido pode informá-los sobre o que está acontecendo.

Outro longo corredor, e então o médico para em frente a uma porta de aparência robusta.

“Senhora, você precisa entender isso...”

Agarro a maçaneta e entro no quarto.

O bipe constante de um monitor cardíaco rompe o silêncio absoluto. Coloquei a mão sobre a boca, mas um gemido de dor ainda consegue escapar dos meus lábios. A maçaneta de metal da porta crava nas minhas costas enquanto fico enraizada no chão e apenas olho para a forma imóvel de Rafael.

Dou um passo hesitante. Então outro. Quando finalmente chego à cama, estou chorando de novo. Segurando a bochecha de Rafael com a mão, eu me inclino para que minha boca fique perto de sua orelha.

“Vou queimar tudo”, sufoco. “Aquela linda casa que você me deixou. O hotel. Seus carros. Não restará nada deles.”

Pressiono meus lábios em sua têmpora.

“Aqueles dois iates que você tanto ama? Vou afundar os dois e vê-los afundar no mar.” Eu beijo sua sobrancelha. “Sua empresa de segurança privada? Pode esquecer isso, Rafael. Vou destruí-lo tão completamente que, em um mês, ninguém vai lembrar que ele existiu.”

Sua pele está tão fria e úmida. Movo minha mão para seu pescoço, colocando-a sobre o ponto de pulsação. O monitor ao lado da cama está apitando, mas preciso de uma prova mais tangível de que ele está vivo. Somente quando sinto a batida constante sob meus dedos é que me permito relaxar um pouquinho.

"O dinheiro? Eu vou entregar tudo. Encontrarei alguma instituição de caridade estúpida, Uma vida melhor para cabras ou algo igualmente idiota, e transferirei todos os seus milhões para eles. Eles podem usar toda essa riqueza para criar a porra de uma Goatland. Um paraíso onde podem cuidar das cabras, banhá-las com leite de burra e fazer massagens no pescoço dos animais durante todo o dia.”

Por que ele não está acordando? Continuo enchendo seu rosto de beijos, sentindo as saliências e vales da infinidade de cicatrizes sob meus lábios. Na maioria das vezes, esqueço que eles estão lá. Não vejo o trecho de carne mal costurada que sarou torto e torceu sua bochecha. Ou aquele que puxa o lábio superior, deixando-o disforme. Ou aqueles em seu queixo que desaparecem na barba curta em sua mandíbula. Acabei de vê-lo.

Rafael.

Saber que, por causa dessas cicatrizes, ele acreditava que precisava comprar

meu amor com joias e outros presentes me deixa extremamente irritada. E me devasta completamente. Ele conseguiu essas cicatrizes ao me salvar. E ele nunca pretendeu revelar essa verdade.

Seu rosto é uma máscara inexpressiva, mas seus lábios estão ligeiramente entreabertos. Eu puxo o de baixo entre os dentes e mordo.

“Eu juro, Rafael. Se você não voltar para mim, farei da minha vida a missão de destruir todo o seu império”, sussurro em sua boca.

Ele não se mexe. Nem um pouco. Não há outros sons além da minha fungadela e dos bipes rítmicos da máquina de frequência cardíaca. Pressiono minha bochecha na dele e enterro meu nariz em seu pescoço.

“Por favor,” eu sufoco, inalando seu cheiro. "Eu te amo muito."

Mesmo com todos os cheiros do hospital ao redor, ele ainda cheira o mesmo. Como cipreste e laranja. Ar salgado e o mar. Perigo controlado, mas minha segurança inegável. Assim como o Lar.

Eu não posso perdê-lo.

Um leve toque pousa na parte de trás da minha cabeça e, em seguida, uma respiração rouca bem perto da minha orelha. "Você esqueceu . . . o jato.”

Um grito de alívio passa pelos meus lábios. Fecho os olhos com força e enfio o rosto mais fundo em seu pescoço. Minha garganta está completamente em carne viva e, mesmo com as pálpebras fechadas, as lágrimas ainda escorrem pelo meu rosto.

“Eu não tenho.” Mal consigo formar as palavras. “Vou usá-lo para enviar as cabras nas férias anuais em algum lugar do Caribe.”

Seus dedos passam pelo meu cabelo, me acariciando suavemente. "Você voltou."

“Claro que voltei.”

“Você não estava no avião. O piloto me ligou. Disse que você não veio.

Lentamente, levanto a cabeça e o observo. Sua pele ainda está horrivelmente pálida e há olheiras sob seus olhos.

"Desculpe. Eu estava preocupado em tentar encontrar uma maneira de deter o assassino que meu pai enviou para matar você, mas não percebi. Eu acaricio sua bochecha. “Receio que seu sogro não seja seu maior fã.”

“Então, Guido te contou?”

"Que você me deixou bêbado e depois nos casou, sem me deixar nem um pouco sabendo?" Pressiono meus lábios nos dele. "Sim, ele me contou."

"Você está com raiva de mim?"

“Eu não posso ficar bravo com você quando você está em uma cama de hospital com tubos e merda saindo do seu corpo.”

“Isso vai sair. Eventualmente." Seu peito sobe com uma respiração profunda. “Talvez você pense em cortar minha garganta quando isso acontecer.”

Ele pega minha mão e a leva até sua virilha. "Ver? Só de pensar nisso me deixa duro.

“Meu Deus, Rafael.” Eu bufo em meio às lágrimas.

“Por favor, não chore, vespetta.”

“Você quase morreu por minha causa. De novo." Passo a palma da mão por seu antebraço, bem acima das adagas e da tatuagem de cobra. “Por que você não me disse que era você?”

A raiva passa pelo rosto de Rafael. Ele agarra meu pulso, olhando para mim. “Foi por isso que você voltou?” Sua voz é baixa, o tom impregnado de ameaça. “Porque se for, você pode sair agora mesmo.”

Eu me inclino até que a ponta do meu nariz toque o dele. "Não. Voltei porque estou apaixonado por você.

"Por que? Como você pode estar apaixonado por um filho da puta manipulador como eu?

“Você é um idiota manipulador. E eu te amo apesar dessa qualidade. Ou, talvez, por causa disso. Porque você se importa. Mesmo quando você diz que não. Você se preocupa profundamente com as pessoas em sua vida. Seus homens. Seu irmão. Meu. Adoro a proteção feroz que praticamente irradia de você, mesmo quando você tenta mascará-la como outra coisa. Você está disposto a atravessar um mar de cadáveres para proteger as pessoas de quem você gosta.”

Estendo a mão e afasto alguns fios que caíram sobre seu rosto. Rafael me observa sem piscar, com olhos penetrantes e avaliadores.

“A pura força de sua vontade e determinação implacável que fizeram de você quem você é me deixa pasmo”, continuo. “E sua teimosia. . . É uma entidade própria. Acho que nunca conheci um homem tão teimoso quanto você. É bastante sexy, sabe?

Inclinando a cabeça, encosto meu nariz no dele. “Estou apaixonado por você porque ninguém mais me faz sentir como você. Querido. Amado. Especial. E não tem nada a ver com as bugigangas luxuosas que você me deu. Em vez disso, são os desenhos de post-its que você me deixou. Os figos roubados. Os arranhões do arbusto venenoso, tudo porque eu pedi para você salvar aquele gato estúpido.”

“Você foi extremamente persistente”, diz ele com uma voz crua e rouca.

"Sim, essa é a *única* razão pela qual você fez isso." Eu sorrio. “Você me faz sentir digno. E competente. Só quando estou com você, Rafael, não preciso me provar. Durante toda a minha vida ouvi como sou bonita, como se fosse um móvel caro. Agradável à vista, mas facilmente esquecido quando os espectadores passam para a próxima sala. Apenas uma vez você me chamou de linda e, ainda assim, você me faz *sentir* como sou, todos os dias. Não por fora, mas por dentro.”

Rafael segura meu queixo entre os dedos. O canto de seus lábios se curva em um sorriso quase imperceptível. “Você está procurando elogios agora,

Vasilisa?”

"Talvez?" Eu fungo.

“Você é tão linda, que toda vez que estou com você, tenho vontade de me beliscar para provar que você é real.” Ele puxa meu rosto para mais perto do dele. “E você é bonita por fora também.”

Algo entre uma risada e um gemido me escapa. Colocando as palmas das mãos em seu rosto, bato minha boca na dele. “Eu nunca vou te perdoar por se deixar levar um tiro. E nunca vou perdoar meu pai.”

“Não seja tão duro com ele. Eu teria feito o mesmo no lugar de Roman.” Ele morde meu lábio. “Ele sabe que somos casados?”

"Não."

“Tenho certeza que ele ficará muito emocionado.”

“Ele vai resmungar um pouco, mas...”

"O QUE?!" Um grito masculino alto explode do lado de fora da sala. “Isso *fez* minha filhinha casar com ele?”

A porta se abre com tanta força que bate na parede adjacente, e meu pai entra. Irado nem chega perto de descrever a expressão em seu rosto. Raiva desenfreada. Indignação selvagem. Sua respiração é profunda e lenta. Um som semelhante ao bufo de um touro sai de seu peito a cada expiração. A imagem fica mais perfeita pela forma como suas narinas se dilatam a cada suspiro.

"Você!" ele ruge. “Você está planejando” - inspira - “mentindo” - inspira - “roubando. . . filho da puta.”

"Romano!" O grito da minha mãe irrompe em algum lugar atrás dele e, um segundo depois, ela se espreme entre o corpo do meu pai e o batente da porta. Então, ela pressiona as palmas das mãos no peito dele. “Deixe-os em paz!”

“Eu vou matá-lo!” Papai grita enquanto mamãe tenta empurrá-lo para fora da sala. “Vou esfolá-lo vivo e pendurar sua pele na janela do meu escritório como cortina!”

“Não ligue para ele”, minha mãe canta, sorrindo para nós por cima do ombro. “Ele está muito animado com a notícia e não consegue encontrar palavras para expressar sua felicidade. Não é, gato?

“Não vou usar faca, ah, não”, o pakhan continua rugindo enquanto mamãe o manobra para trás. “Vou usar a porra de um descascador de batatas. Você vai fazer cortinas de estopa incríveis, De Santi! E toda vez que seus restos farfalharem com a brisa, eu me lembrarei de seus gritos de agonia!”

“Voltaremos mais tarde,” mamãe sussurra com um olhar um pouco cômico e irritado e bate a porta atrás deles.

Olho para Rafael.

Ele tem um sorriso muito presunçoso no rosto. "Bem . . . Não acho que sairemos para pescar juntos tão cedo.”

Eu rio e o beijo.

Epílogo

Um mês depois



A moderna casa branca de dois andares surge diante de nós, banhada pelo brilho suave do pôr do sol. A casa do meu sogro. Estaciono o carro no lugar vazio ao lado do canteiro de flores e desligo o motor.

“Lembre-se do que combinamos”, diz Vasilisa enquanto verifica a maquiagem no espelho do quebra-sol. “Você não vai irritar meu pai. Ele ainda está bravo com você por 'roubar' o dia *do meu* casamento. Este será o nosso primeiro. . . hum, reunião normal com minha família, então vamos manter isso civilizado.”

"Claro." Pego o tubo de rímel da mão dela e jogo no banco atrás de mim.

"Ei! O que-"

“Eu vou me comportar. Mas acho que preciso de algum incentivo.” Empurro meu assento para trás, em seguida, envolvo minhas mãos em torno de sua cintura fina e a levanto sobre o console e coloco-a no meu colo.

“Rafael, não vamos fazer sexo na entrada da casa do meu pai.”

"Não?" Desabotoo o primeiro botão de sua blusa de seda. “Caso você tenha esquecido, meu médico disse que ainda estou me recuperando. Nenhuma situação estressante é permitida. E uma parte da minha anatomia parece bastante estressada no momento.” Afasto as laterais de sua blusa e belisco seu seio.

“Podemos trabalhar para acalmar seu pau depois do jantar”, murmura Vasilisa.

Minha mão desce por sua caixa torácica, depois desce, para segurar sua boceta exposta. Sua calcinha de cetim foi descartada em algum lugar do meu avião. Guiando meu polegar entre suas dobras lisas, encontro seu doce botão e começo a circular. Algumas pinceladas leves no início, depois aplico um pouco mais de pressão antes de deslizar meu dedo dentro de seu calor.

"Mudou sua mente?" Continuo provocando seu clitóris com meu polegar enquanto ouço seus suaves gemidos de prazer.

“Sim,” Vasilisa engasga, montando meu dedo e abrindo o zíper de minhas calças.

Estou duro como uma pedra, a ponto de doer. Quase gozo quando ela envolve meu pau com a mão para retirá-lo. O grau em que estou obcecado pela minha esposa é incomparável. Ela só precisa me tocar – ou simplesmente

ameaçar cortar minha garganta – e eu estou perdido.

Deslizando minhas mãos sob sua bunda, eu a posiciono acima do meu pau e começo a abaixar lentamente essa mulher incrível em meus braços. Meu cérebro está frito antes mesmo de eu estar na metade do caminho dentro dela.

Dois olhos escuros perfuraram os meus por entre os longos fios pretos que cobriam seu rosto. Perfurante. Um pouco selvagem. Meu.

Ainda é um tanto irreal que eu consiga tê-la como minha.

“Não tenho certeza se algum dia poderei mostrar o quanto eu te amo, Vasilisa.”

“Você já fez isso, seu lunático”, ela sussurra, levando mais de mim para dentro. “Tente fazer outra façanha como essa e juro que vou estrangular você até a morte.”

Meu pau se contorce violentamente dentro de sua boceta, e mal consigo conter meu orgasmo iminente. Eu empurrei nela por baixo, preenchendo-a completamente e capturando seus lábios com os meus ao mesmo tempo.

“Eu te amo”, seus lábios dizem nos meus. "Assim tanto."

Meu coração incha e se expande, parecendo que de repente ficou grande demais para meu peito. Seguro o rosto de Vasilisa com a palma da mão, absorvendo a visão dela, corada e ofegante, enquanto ela me cavalga, perseguindo seu prazer com abandono selvagem.

Este êxtase é tudo que preciso para saber que as velhas sombras se foram. Aqueles pensamentos sombrios que costumavam me atormentar quando eu era muito mais jovem. Houve momentos sombrios ao longo dos anos em que refleti sobre aquele momento no shopping. Naquele minuto pouco antes da explosão.

Tenho vergonha de admitir, até para mim mesmo, mas mais de uma vez me perguntei o que teria acontecido se eu não estivesse lá. Como teria sido minha vida? E se eu tivesse saído antes de ver a garota correndo alegremente pelo corredor? Ou se sim, mas optei por permanecer naquela escada. Esses pensamentos me fizeram sentir mal do estômago, com nojo de mim mesmo. E ainda assim, eles apareciam de vez em quando. Em momentos de fraqueza. Em momentos de dor.

Agora? Agora estou me culpando por causa daquela cicatriz nas costas de Vasilisa. Um maldito fragmento que conseguiu passar por mim. Isso a machucou. Isso deixou uma marca permanente. Eu deveria tê-la protegido melhor. Esse corte deveria ter acabado comigo também. Nunca ela.

Sempre odiei meu reflexo no espelho. Isso até que percebi que a garota que salvei era Vasilisa. Agora, ao me ver, a única sensação que tenho é de alívio. Porque fui eu quem ficou ferido, não ela.

Foi o destino que eu estava lá para salvá-la? Nosso destino foi selado pela minha escolha? Ou será que o inflexível kismet a guiou habilmente até mim todos esses anos depois?

Vasilisa puxa meu cabelo enquanto arqueia as costas, desfazendo-se em meus braços. Finalmente soltei-a, enchendo-a com o meu esperma. Nossas respirações difíceis ecoam pelo espaço ao nosso redor. Eu gentilmente acaricio o rosto da minha esposa. Minha beleza. Nos braços de uma fera.

“Afinal, acho que contos de fadas existem, vespetta. E eu acredito que lhe devo um presente.

“Do que você está falando,” ela ofega. “Que presente?”

Eu sorrio. "Uma biblioteca."



"Estava aqui!" Anuncio e, apertando a mão de Rafael na minha, entro no hall de entrada.

Meu pai se aproxima de nós, com o rosto sombrio, parando de repente a apenas um braço de distância. Seus olhos deslizam pelo meu rosto – e não posso deixar de me perguntar se minha maquiagem está borrada – e depois caem para minha blusa. Olho para baixo e me encolho. Parece que perdi um dos botões. E minha saia está torta. Merda. Ajusto rapidamente a bainha, mas não há nada que possa fazer em relação à camisa. Vou ter que manter a calma e torcer para que este jantar não acabe em derramamento de sangue.

“Hum. . . Oi, pai,” eu digo, sorrindo amplamente.

Um estranho rosnado irrompe da garganta de Roman Petrov, e não tenho dúvidas de que acabamos de cair na berlinda. As narinas de papai se dilatam e ele volta seu olhar ameaçador para meu marido. “Você deseja morrer, De Santi?”

Fecho os olhos e respiro calmamente. Se eles começarem a brandir suas armas e a se esmurrar, eu vou embora.

“Vejo que você ainda está tão dramático como sempre. . . Pai”, Rafael fica inexpressivo.

Oh Deus . . .

A expressão no rosto do meu pai se torna homicida. Ele dá um passo à frente, quase esbarrando no peito de Rafael. “Você não me chama de 'pai', seu filho da puta ladrão! Eu juro, eu vou...”

"Sim, eu sei. Você vai me matar de uma forma muito desagradável.” Rafael passa por meu pai, batendo em seu ombro enquanto passamos. "Vamos comer. Estou morrendo de fome."

“Você prometeu que se comportaria,” murmuro enquanto nos dirigimos para a sala de jantar.

"Desculpe."

"Não, você não é."

Os lábios de Rafael se curvam em um sorriso diabólico. "Não. Nem um pouco."

“Ele ainda está aceitando tudo. Talvez se você... Rafael! Eu grito, rapidamente afastando sua mão. Ele apenas apertou minha bunda enquanto meu pai assistia!

"O que?"

“Por favor, podemos todos nos esforçar um pouco, para que esta noite não se transforme em um desastre e realmente nos divirtamos?”

Rafael lança um olhar por cima do ombro. Sigo seu olhar e estremeço. Meu pai ainda está parado na porta da frente, com os olhos arregalados como os de um maníaco enquanto olha para meu marido.

“Já estou me divertindo muito.” Rafael passa o braço em volta da minha cintura e me levanta contra seu peito. “E isso só vai melhorar.”

Sua boca bate contra a minha com tanta força que eu grito. Todo o resto se torna insignificante, como sempre, quando meu marido me beija. Envolvo minhas pernas em volta de sua cintura e aperto seu pescoço, beijando-o de volta como se não houvesse amanhã. Rafael mantém a mão no meu queixo, mantendo minha cabeça firme enquanto arrebata meus lábios com os dele.

“Oh, aí estão vocês, pombinhos”, minha mãe canta atrás de mim. “A comida está esfriando.”

Rapidamente quebro o beijo e praticamente deslizo pelo corpo de Rafael.

“Hum, ei, mãe. Sim, estamos indo. Mas talvez você precise comprar um tranquilizante para o papai. Pego a mão de Rafael e o arrasto para a sala de jantar.

Yulia já está sentada à mesa, mexendo no telefone. Tia Angelina está sentada à sua frente.

“Onde estão todos os outros?” — pergunto, olhando para os assentos vazios.

“Sergei virá em breve.” Angelina sorri. “Ele teve que deixar uma muda de roupa para Alexei e Sasha. Eles foram presos.”

"O que?!"

“A polícia os pegou correndo na rua ontem à noite. Eles estavam dirigindo muito acima do limite de velocidade. Roman decidiu deixá-los fervendo nas celas da delegacia hoje, para que pudessem aprender a lição. Ele enviará o advogado amanhã para providenciar a fiança.

"Ótimo." Suspiro e me sento ao lado de Yulia enquanto Rafael ocupa a cadeira à minha direita.

Mamãe entra dançando na sala de jantar com meu pai logo atrás. Seu rosto ainda é uma máscara de raiva quando ele se senta à cabeceira da mesa.

"Você ouviu as notícias?" Yulia me empurra com o cotovelo. “Papai

concordou que eu me mudasse. Encontrei um estúdio incrível no Hyde Park e...

“Esqueça aquele estúdio”, papai a interrompe. “Comece a procurar um apartamento de dois quartos.”

"O que?" ela grita. “Mas eu já fiz o depósito. E por que eu precisaria de dois quartos?

“A máfia ucraniana está a tentar invadir o nosso território. Estamos em alerta máximo, então você terá um guarda-costas até novo aviso.”

“Não está acontecendo!”

A porta da sala de jantar se abre, batendo na parede.

“Você não vai acreditar no que Luca me deu”, berra tio Sergei enquanto entra na sala e coloca um enorme rifle semiautomático sobre a mesa, ao lado da travessa de costeletas de porco. "O que? Não há cordeiro hoje?

“Tire essa coisa da comida!” Mamãe estala.

“Essa *coisa* é um KR-101X. Um rifle AK premium, legal para civis. É o mais novo Kalashnikov, pessoal”, exclama, visivelmente ofendido. “Um lançamento de pré-produção exclusivo e limitado, com coronha sintética dobrável lateralmente, um cano de dezesseis vírgula cinco polegadas e leva cartuchos alimentados por carregador com calibre sete e seis por trinta e nove.”

“É uma OTAN cinco-cinco-seis”, comenta Rafael enquanto pega a tigela de purê de batatas.

"Não, não é." Sergei se inclina e pega o rifle, mexendo no carregador. “Foda-me. Isso é."

“Jesus, porra, Cristo!” Meu pai bate a palma da mão na mesa, fazendo os copos e os talheres chacoalharem. “Guarde essa maldita coisa, Sergei! Estamos comendo!

“Sempre um desmancha-prazeres.” Meu tio revira os olhos. “Pelo menos Rafael aqui pode apreciar armas de fogo de alta qualidade. De Santi, você teve a chance de experimentar um?

“Na verdade, eu fiz.”

Oh não. Coloco a mão na coxa de Rafael embaixo da mesa e aperto. “Rafael, não!”

“Uma remessa para o Ministério da Defesa foi de alguma forma extraviada e acabou no porto de Catânia na semana passada”, continua Rafael. “E magicamente, meu nome estava nos documentos de remessa. Algo deve ter dado errado no servidor deles.” Ele olha para mim, orgulho estampado em seu rosto. “Trabalho incrível, querido.”

“Você invadiu o maldito Ministério da Defesa italiano para ele?” Papai rosna, saltando da cadeira.

“Não se atreva a levantar a voz para minha esposa, Petrov!” Rafael ruge de volta.

Eca. Coloquei os cotovelos sobre a mesa e enterrei as mãos no cabelo. A gritaria continua com meu pai e meu marido trocando maldições e ameaças de morte. Acima do barulho, ouço minha mãe instruindo minha tia a tirar as facas da mesa. Tio Sergei está ao telefone com alguém — provavelmente o vovô Felix — perguntando sobre o próximo carregamento de armas para o DOD dos EUA e a probabilidade de ele ser interceptado.

“Será que sempre será assim?” Eu murmuro.

"Provavelmente." Yulia dá de ombros e pega a salada. “Definitivamente vou me casar com um dentista.”

Um grande estrondo vem da cozinha. Todos param de gritar, virando a cabeça em direção à fonte.

"O que é que foi isso?" alguém pergunta, mas a pergunta se perde em uma cacofonia de gritos e clamores que explode além da porta adjacente.

“Hum. . . Igor escapou da casa de repouso.” Minha mãe sorri timidamente enquanto esconde a faca nas costas. “Ele está experimentando uma receita de camarão flambado com bourbon, kotik.”

A fumaça e o cheiro de algo queimando permeiam lentamente a sala. O alarme de incêndio atualizado que papai instalou depois do incidente do micro-ondas começa a tocar e, um segundo depois, a água jorra dos sprinklers suspensos, encharcando a comida e todos os que estão sentados à mesa.

Tiro os fios molhados de cabelo do rosto e olho para meu marido. “Bem-vindo à família, querido.”

O fim

Caro leitor,

Muito obrigado por ler a história de Rafael e Vasilisa!

Eu ficaria eternamente grato se você dedicasse alguns minutos do seu tempo para deixar uma crítica, contando aos outros leitores o que você achou de Beautiful Beast.

Seus comentários são sempre apreciados **. Mesmo que seja apenas uma frase curta, faz uma tremenda diferença para o autor.** Quanto mais resenhas um livro reunir, maior será sua exposição na loja online de sua preferência. E algumas palavras do seu feedback honesto podem ajudar a próxima pessoa a decidir se deve dar uma chance a Rafael e Vasilisa.

Deixe um comentário sobre Beautiful Beast (clique aqui)

*

Como alguns de vocês já devem saber, este é o primeiro livro de ***Mafia Legacy*** , uma série spinoff ambientada no mundo **Perfectly Imperfect** , que contará com a participação dos filhos dos principais casais dos livros originais. O próximo livro da série Mafia Legacy contará com a irmã de Vasilisa, Yulia. O título é ***Dearest Traitor*** e como você provavelmente presumiu – é um romance de guarda-costas :D Data de lançamento prevista – meados de 2025.

*

No entanto, se esta é a sua introdução ao meu trabalho, e se você gostou deste mundo, você pode conferir outros livros de **Neva Altaj** . Cada história da série **Perfectly Imperfect** pode ser lida de forma independente.

Conheça a série Perfeitamente Imperfeito (clique aqui)

*

O próximo livro da série principal é ***Sweet Prison*** e contará com Massimo e Zara. É um romance proibido (ou seja, meio-irmãos) com diferença de idade. Você pode conferir a sinopse e encomendá-la aqui:

Doce Prisão (Massimo e Zara, Livro #10) (clique aqui)

Agradecimentos

Dar vida a um livro não é fácil. Embora haja apenas o nome do autor na capa, há muitas pessoas por trás da linha de frente, sem cujo envolvimento o produto final não seria possível.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a vocês, meus leitores, pelo apoio contínuo e pelo amor que demonstram pelos meus livros. A principal razão pela qual este livro surgiu é porque você está pedindo a série de 2ª geração. Estou muito feliz que você tenha gostado tanto da série Perfectly Imperfect que está querendo ler as histórias sobre os filhos dos personagens principais dos livros originais. Espero que você ame Rafael e Vasilisa tanto quanto eu.

Ao melhor editor do mundo – obrigado, Andie. Sua dedicação e profissionalismo me surpreendem a cada projeto. Obrigado por seus insights incríveis e conselhos valiosos que ajudam meus livros a serem os melhores possíveis. Trabalhamos juntos desde que comecei a escrever e, embora tenhamos começado como colegas de trabalho, sinto que nos tornamos amigos rapidamente. Te amo muito.

Um agradecimento especial a Wesley (marido de Andie), que nos permitiu escolher seu cérebro para todas as coisas relacionadas a TI e forneceu sugestões para melhorar esses elementos da história. E um grande obrigado também ao meu amigo Pedja, que teve a gentileza de compartilhar sua vasta experiência no mundo do hacking que ajudou a fazer a história encontrar seu rumo.

E à minha assistente pessoal, Caitlen, obrigado por seu apoio contínuo, sua determinação feroz em lidar com tudo o que aparece em seu caminho e sua incrível proficiência. Como sempre digo, eu estaria absolutamente perdido sem você.

E, claro, um grande obrigado aos meus leitores beta – Anka, Shaima, Milica, Jennifer, Tina e Teodora – pelos seus comentários e ideias que melhoraram o fluxo da história. E a minha sincera gratidão a Chiara por toda a sua ajuda com palavras e frases em italiano.

Este livro teria sido impossível de ser realizado sem seu apoio e dedicação.

Amo todos vocês,

Neve

Sobre o autor

Neva Altaj escreve um romance fumegante sobre a máfia contemporânea sobre anti-heróis danificados e heroínas fortes que se apaixonam por eles. Ela tem uma queda por alfas possessivos e ciumentos loucos que estão dispostos a queimar o mundo por sua mulher. Suas histórias são cheias de calor e reviravoltas inesperadas, e um feliz para sempre é garantido sempre.

Neva adora ouvir seus leitores, então fique à vontade para entrar em contato:

Site: www.neva-altaj.com
Página do Facebook: https://www.facebook.com/neva.altaj
TikTok: www.tiktok.com/@author_neva_altaj
Instagram: www.instagram.com/neva_altaj
Página do autor da Amazon: www.amazon.com/Neva-Altaj
Goodreads: www.goodreads.com/Neva_Altaj

* * *

Grupo de leitores do FB “Leitores perfeitamente imperfeitos de Neva Altaj” (clique aqui)
Assine minha newsletter (clique aqui).
Cenas bônus (clique aqui)
Arte do livro (clique aqui)

Ordem de leitura e tropos perfeitamente imperfeitos

(Link da série Amazon – clique aqui)

1 **. *Cicatrizes Pintadas*** (Nina e Roman)

Tropos: herói deficiente, casamento falso, diferença de idade, opostos se atraem, herói possessivo/ciumento

2. ***Sussurros quebrados*** (Bianca e Mikhail)

Tropos: herói com cicatrizes/deficientes, heroína muda, casamento arranjado, diferença de idade, A Bela e a Fera, herói possessivo/ciumento OTT

3. ***Verdades Ocultas*** (Angelina e Sergei)

Tropos: diferença de idade, herói quebrado, só ela pode acalmá-lo, quem fez isso com você

4. ***Segredos arruinados*** (Isabella e Luca)

Tropos: casamento arranjado, diferença de idade, herói possessivo/ciumento OTT, amnésia

5. ***Toques roubados*** (Milene e Salvatore)

Tropos: casamento arranjado, herói deficiente, diferença de idade, herói sem emoção, herói possessivo/ciumento OTT

6. ***Almas Fraturadas*** (Asya e Pavel)

Tropos: ele a ajuda a se curar, diferença de idade, quem fez isso com você, herói possessivo/ciumento, ele acha que não é bom o suficiente para ela

7. ***Sonhos Queimados*** (Ravenna e Alessandro)

Tropos: guarda-costas, amor proibido, vingança, inimigos dos amantes, diferença de idade, quem fez isso com você, herói possessivo/ciumento

8. ***Mentiras silenciosas*** (Sienna e Drago)

Tropos: herói surdo, casamento arranjado, diferença de idade, raio de sol rabugento, opostos se atraem, herói super possessivo/ciumento OTT

9. ***Pecados mais sombrios*** (Nera e Kai)

Tropos: raio de sol mal-humorado, opostos se atraem, diferença de idade, herói perseguidor, só ela pode acalmá-lo, ele odeia todos menos ela, toque nela e morra

10. ***Doce Prisão*** (Zahara e Massimo)

Tropos: diferença de idade, romance proibido, só ela pode acalmá-lo, os opostos se atraem, ele odeia todos menos ela, toca-a e morre, herói possessivo/ciumento OTT

Ordem de leitura e tropos do legado da máfia

(Link da série Amazon – clique aqui)

1 **.** ***Bela Fera*** (Vasilisa e Rafael)

Tropos: recontagem da Bela e da Fera, herói com cicatrizes, diferença de idade, opostos se atraem, herói possessivo/ciumento, sequestro

2. ***Querido traidor*** (Yulia e Nikolai)

Tropos: romance de guarda-costas, diferença de idade, herói possessivo / ciumento OTT, toque nela e morra